JONATHAN KELLERMAN

A CLÍNICA

SÉRIE ALEX DELAWARE # 11



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.us*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

JONATHAN KELLERMAN

1949

A CLÍNICA

Título original americano

THE CLINIC

Tradução

A. B. PINHEIRO DE LEMOS

Mandarim, 1999

SÃO PAULO

Sinopse

"Os escritores de mistério costumam ser conhecidos por criar ou tramas sensacionais ou personagens verossímeis. Kellerman se destaca por fazer as duas coisas. E de maneira magistral."

(USA Today)

Em uma rua tranquila e arborizada de um dos bairros mais seguros de Los Angeles, a poucos metros de sua casa, uma famosa escritora é encontrada morta, esfaqueada.

Hope Devane era uma mulher bem-sucedida. Professora de psicologia com um Currículo acadêmico admirável, ganhou fama com a publicação de um best-seller feminista que causou controvérsia, por sua crítica aos homens. Três Meses depois de sua morte, a polícia sequer se aproxima de uma solução. Recém-encarregado do caso, o detetive Milo Sturgis também não encontra pistas e pede ajuda a um velho amigo, o psicoterapeuta Alex Delaware. Para os dois homens, a maneira fria e calculista como Hope Devane foi assassinada sugere uma premeditação estimulada pelo ódio... uma execução. O motivo eles procuram abrindo um a um os compartimentos mais íntimos da vida da psicóloga: seu casamento, o trabalho escuso para uma clínica em Beverly Hills, o Comitê de Conduta que presidia com mão de ferro na universidade e sua desconcertante ligação com outra vítima de assassinato. Mas é quando mergulha na infância de Devane que Alex Delaware começa a compreender a mulher formidável que ela foi... e os laços que emaranharam sua vida até o terrível ato de traição que a encerrou.

Depois de onze livros na lista dos mais vendidos do New York Times, Jonathan Kellerman mostra mais uma vez seu talento para o suspense psicológico. A tensão crescente leva a um clímax emocionante, em uma trama envolvente e perturbadora como as manchetes de hoje.

Jonathan Kellerman, o mais destacado autor de thrillers psicológicos dos Estados Unidos, abandonou uma carreira bem-sucedida como psicólogo infantil para tornar-se escritor em tempo integral. Sua obra inclui dez best-sellers com o psicólogo-detetive Alex Delaware — entre eles Legítima defesa e Amor fatal, já editados no Brasil pela Mandarim —, além de O teatro do carniceiro, dois volumes de psicologia e dois livros infantis. Ele e a esposa, a romancista Faye Kellerman, têm quatro filhos.

A Clínica
Tradução A. B. Pinheiro de Lemos Editora Mandarim
Título original: The clinic ©1996 by Jonathan Kellerman
Coordenação: Roger Trimer
Preparação: Patrícia Carla Rodrigues
Diagramação: Ricardo Brito

Revisão: Ana Maria Alvares
Impressão e acabamento: São Paulo
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)
Kellerman, Jonathan A clínica / Jonathan Kelierman;
tradução: A. B. Pinheiro de Lemos.
— São Paulo : Mandarim, 1997.
ISBN 85-354-0062-1
1. Romance norte-americano I. Título.
97-4410
CDD-813.5
índices para catálogo sistemático: 1. Romances : Século 20 : Literatura norte-americana 813.5
2. Século 20 : Romances : Literatura norte-americana 813.5
1a reimpressão, fevereiro de 1999

Direitos exclusivos para o Brasil cedidos à Siciliano S.A.
Editora Mandarim
Av. Raimundo Pereira de Magalhães, 3305
CEP 05145-200 — São Paulo — Brasil

Para Beverly Lewis

Agradecimentos especiais ao dr. Michael Austerlitz

1

Poucas ruas onde ocorrem homicídios são agradáveis. Aquela era.

Sombreada por olmos, descrevendo uma curva suave até a universidade, com generosas haciendas e mansões coloniais cercadas por gramados impecáveis como o feltro de uma mesa de bilhar.

Olmos gigantescos. Hope Devane sangrara até a morte sob um deles, a um quarteirão de sua casa, na esquina sudoeste.

Tornei a olhar para o local, mal revelado por uma lua relutante. O silêncio da noite era rompido apenas pelos grilos e ocasionalmente pelo ronco macio de um carro último tipo.

Os moradores voltando para casa. A curiosidade esgotara-se há meses.

Milo acendeu uma cigarrilha e soprou a fumaça pela janela.

Baixei um pouco o vidro e continuei a olhar para o olmo.

Um tronco retorcido, grosso como um pilar de viaduto, sustentava vinte metros de folhagem opaca. Os galhos fortes, extensos, pareciam congelados ao luar, alguns tão carregados que quase roçavam o chão.

Cinco anos haviam transcorrido desde que a prefeitura podara as árvores das ruas pela última vez. Cortes no orçamento. A teoria era que o assassino se escondera sob o dossel, embora jamais se encontrasse nenhum outro indício de sua presença além das marcas de bicicleta, a alguns passos de distância.

Três meses depois, a teoria era tudo o que restava.

Além do Ford sem identificação de Milo, só havia no quarteirão mais dois carros, ambos Mercedes, ambos com autorização de estacionamento no para-brisa.

Depois do assassinato, a prefeitura prometera podar os olmos. Não foi além da promessa.

Milo me falara a respeito com alguma amargura, criticando os políticos, mas na verdade irritado com o caso não-solucionado.

— Algumas reportagens e mais nada.

— Os acontecimentos hoje são como fast-food — eu comentara. — Rápidos, gordurosos e esquecíveis.

— Como estamos cínicos...

— Treinamento profissional: procurar sempre uma harmonia com o paciente.

Isso lhe arrancara uma risada. Milo franziu as sobrancelhas, afastou o cabelo da testa e soprou tênues anéis de fumaça. Deu partida no carro, avançou pelo quarteirão, tornou a parar.

— Essa é a casa.

Milo apontou para uma das mansões coloniais, relativamente pequena, mas bem — cuidada.

Fachada branca, quatro colunas, janelas escuras, fechadura lustrosa numa porta lustrosa. Da calçada, três degraus levavam ao caminho de pedras que atravessava o gramado. Um portão de madeira fechava a entrada de carros.

Havia uma claridade âmbar por trás das cortinas claras de duas janelas do andar superior.

— Há alguém na casa, Milo?

— E o Volvo dele que está parado ali. Uma station wagon clara.

— Ele está sempre em casa-acrescentou. — Depois que chega, não sai mais.

— Ainda de luto? Milo deu de ombros.

— Ela tinha um pequeno Mustang vermelho. Era muito mais nova do que ele.

— Quantos anos mais nova?

— Quinze.

— O que há nele que tanto o interessa?

— A maneira como se comporta quando falo com ele.

— Nervoso?

— Não coopera. Paz e Fellows acharam a mesma coisa. Não que isso conte muito.

Milo não tinha em alta conta os primeiros detetives encarregados do caso, e era bem provável que ter de lidar com eles o incomodasse bastante.

— O marido não é sempre o primeiro suspeito, Milo? Embora esfaqueá-la na rua não pareça típico.

— É verdade. — Milo esfregou os olhos. — Estourar os miolos dela na cama seria muito mais conjugal. Mas acontece. — Ele girou a cigarrilha entre os dedos. — Viva o bastante e veja de tudo.

— Onde estavam exatamente as marcas de bicicleta?

— Um pouco ao norte do corpo, mas acho que não devemos dar muita importância a isso. Os peritos dizem que podem ter sido feitas num período de um a dez dias. Talvez por um garoto da vizinhança, um estudante, um esportista, qualquer um. E nenhuma das pessoas com quem falei na área notou um ciclista estranho durante toda aquela semana.

— O que é um ciclista estranho?

— Alguém que não se ajustasse.

— Alguém que não fosse branco?

— Qualquer coisa.

— Num bairro sossegado como este — observei —, é surpreendente que ninguém tenha visto ou ouvido nada às onze da noite.

— O legista diz que é possível que ela não tenha gritado. Não há ferimentos de defesa, nem golpes falhados, o que indica que ela não ofereceu muita resistência.

— Tem razão.

Eu já tinha lido o laudo da autópsia. Lera todo o dossiê, começando com o relatório inicial de Paz e Fellows, terminando com o ditado monótono do patologista e o maço de fotos do corpo. Quantas fotos assim eu já vira ao longo dos anos? Nunca se tornava mais fácil.

— Não houve gritos por que foi atingida no coração? — indaguei.

— O legista disse que isso pode ter causado um colapso cardíaco, deixando-a em choque.

Milo estalou suavemente os dedos grossos, depois passou a mão pelo rosto, como se o lavasse. O que eu podia ver de seu perfil era sólido como o de uma morsa, bexiguento e fatigado.

Ele deu mais algumas tragadas. Pensei de novo no corpo de Hope Devane antes da autópsia, branco e gelado, na mesa de metal, sob as luzes fortes.

Nos ferimentos arroxeados em close: no peito, na virilha, um pouco acima do rim esquerdo.

Segundo a perícia, ela fora atacada de surpresa e liquidada rapidamente pelo golpe que arrasara seu coração, esfaqueada uma segunda vez, acima da vagina, e por fim deitada na calçada, de bruços, e atingida nas costas.

— Um marido fazer isso, Milo... Sei que você já viu casos piores, mas parece premeditado demais.

— Este marido é um intelectual, certo? Um pensador. — A fumaça saía do carro em filetes, dissolvendo-se no instante seguinte, em contato com o ar noturno. — A verdade, Alex, é que espero que seja Seacrest por razões egoístas. Porque se não for ele, vira um pesadelo logístico.

— Suspeitos demais.

— Ah, sim — disse Milo, quase cantando. — Muita gente poderia odiá-la.

Um livro de autoajuda mudou a vida de Hope Devane.

Lobos e ovelhas não foi o primeiro trabalho que ela publicou: uma monografia de psicologia e três dúzias de artigos em publicações especializadas lhe valeram uma cátedra aos trinta e oito anos, dois antes de sua morte. A cátedra lhe proporcionou segurança no emprego e a liberdade para se expor na mídia com um livro que a comissão acadêmica não teria apreciado.

Lobos apareceu na lista dos mais vendidos por um mês, o que lhe valeu o picadeiro central no circo da mídia e lhe deu mais dinheiro do que poderia ter juntado em dez anos como professora.

Era uma pessoa que se ajustava à mídia, com o tipo de aparência elegante e

loura que se destacava na tela pequena. Isso e uma voz suave e modulada que chegava pelo rádio confiante e sensata fizeram com que não tivesse dificuldade para promover o livro. E ela tirava o máximo proveito de seus atributos. Pois, apesar do sub título de Lobos — Por que os homens inevitavelmente magoam as mulheres e o que as mulheres podem fazer para evitar isso — e de seu tom denunciador, a personalidade pública da autora era a de uma mulher inteligente, articulada, ponderada e simpática, entrando na arena pública com alguma relutância, mas excelente desempenho.

Eu sabia de tudo isso, mas tinha pouca noção da pessoa que ela tinha sido.

Milo me deixara três caixas com material de investigação da polícia de Los Angeles: o currículo de Hope, fitas de áudio e vídeo, alguns recortes de jornal, o livro.

Tudo fora entregue por Paz e Fellows, que nunca haviam examinado nada daquilo.

Ele me contara que herdara o caso, na noite anterior, sentado em frente a mim e Robin, à mesa de um restaurante de frutos do mar em Santa Monica. O bar estava lotado, mas metade dos reservados permanecia vazia. Sentamos num canto, longe das competições esportivas no telão e das pessoas medrosas que tentavam relacionar-se com estranhos. Durante a refeição, Robin foi ao banheiro e Milo aproveitou para dizer: — Adivinhe o que ganhei de Natal?

— Ainda faltam meses para o Natal.

— Talvez por isso não seja um presente. Um caso frio, antigo de três meses. Hope Devane.

— Por que agora.?

— Porque está quase esquecido.

— O novo tenente?

Milo mergulhou o camarão no molho e colocou-o inteiro na boca. Enquanto ele mastigava, seu queixo mexia de um lado para o outro. Continuou a correr os olhos pela sala, embora não houvesse nada para ver.

Um novo tenente... a mesma velha história.

Ele era o único detetive assumidamente gay em todo o Departamento de Polícia de Los Angeles e nunca seria plenamente aceito. Sua escalada de vinte anos para detetive fora marcada por humilhação, sabotagem, períodos de simples negligência ou de quase violência. Seu índice de solução de casos era excelente e às vezes isso ajudava a manter a hostilidade reprimida. Sua qualidade de vida dependia da atitude do supervisor do momento. O novo era atarantado e nervoso, mas preocupado demais com o desânimo pós-distúrbios do departamento para prestar muita atenção em Milo.

— Ele entregou o caso a você porque acha que não será solucionado?

Milo sorriu, como se saboreasse uma piada particular.

— E também porque imagina que Devane poderia ser lésbica. "Deve ser... hã... da sua alçada, Sturgis."

Outro camarão desapareceu. Seu rosto áspero permanecia impassível. Ele dobrou o guardanapo ao meio e depois o desdobrou. A horrenda gravata estampada, em marrom e ocre, travava um duelo com o paletó cinza quadriculado. Os cabelos pretos, agora entremeados de fios brancos, eram curtíssimos nos lados, mas compridos em cima, com costeletas também compridas e totalmente brancas.

— Há alguma indicação de que ela era lésbica, Milo?

— Não. Mas dizia coisas duras sobre os homens, portanto, ipso facto.

Robin voltou. Retocara o batom e ajeitara os cabelos. O vestido azul-vivo realçava os cabelos castanho-avermelhados, a seda acentuava o movimento. Passáramos algum tempo numa ilha do Pacífico e sua pele azeitonada mantinha o bronzeado.

Eu matei um homem lá. Um caso evidente de legítima defesa salvar a vida de Robin e também a minha. Às vezes eu ainda tremia.

— Vocês dois parecem muito sérios — comentou ela, sentando no lugar vago, nossos joelhos encostando.

— Estávamos fazendo meu dever de casa — disse Milo. — Esse cara gostava da escola, então pensei em dividir com ele.

— Ele acaba de receber o caso de Hope Devane — expliquei.

— Pensei que tivessem desistido.

— E desistiram.

— Foi uma coisa terrível. — Alguma coisa na voz de Robin levou-me a estudá-la com atenção.

— Mais terrível do que qualquer outro homicídio? — indaguei.

— Sob alguns aspectos, Alex. Um bairro tranquilo como aquele, você sai para dar uma volta bem ao lado da sua casa, alguém aparece de repente e o retalha toda?

Coloquei a mão sobre a de Robin. Ela pareceu não notar.

— A primeira coisa que pensei foi que alguém a matou por suas opiniões — continuou ela. — E isso faria com que o caso se tornasse terrorismo. Mas mesmo que tenha sido apenas um maluco atacando ao acaso de certa forma ainda é terrorismo. A liberdade pessoal nesta cidade caiu mais um ponto.

Nossos joelhos se afastaram. Os dedos de Robin eram como delicados pingentes de gelo.

— Pelo menos você está no caso, Milo — acrescentou. — Alguma coisa até agora?

— Ainda não. Numa situação como essa, o que se faz é recomeçar do zero. Vamos torcer pelo melhor.

O otimismo era algo no mínimo difícil para Milo. As palavras soavam tão deslocadas como se ele estivesse fazendo uma audição para uma peça escolar — Pensei que Alex poderia me ajudar, já que a dra. Devane era psicóloga — acrescentou ele.

— Você a conhecia, Alex?

Neguei com a cabeça. O garçom se aproximou e perguntou: — Mais vinho?

— Sim, pode trazer outra garrafa — respondi.

Na manhã seguinte, Milo me trouxe as caixas e depois foi embora. Por cima havia o currículo acadêmico.

O nome completo era Hope Alice Devane. Pai: André. Mãe: Charlotte. Ambos falecidos.

Em ESTADO CIVIL, ela indicara CASADA, mas não incluíra o nome de Philip Seacrest.

FILHOS: NENHUM.

Nascera na Califórnia, numa cidadezinha de que eu nunca ouvira falar, Higginsville.

Devia ser em algum lugar do centro do Estado, porque ela se formara na Bakersfield High School como oradora da turma e bolsista de mérito nacional, antes de se matricular na Universidade da Califórnia em Berkeley. Sempre na relação trimestral dos melhores alunos, pertencera à Phi Yeta Kappa — a instituição para alunos de destaque — e formara-se *summa um laude* em psicologia, com PhD também de Berkeley .

Publicara seus dois primeiros artigos científicos ainda como estudante de pós-graduação. Mudara-se para Los Angeles, onde fez treinamento clínico: um estágio como residente e uma bolsa de pós-doutorado no departamento de psiquiatria do Hospital Geral do Condado. Depois, nomeação como conferencista no curso de estudos femininos da universidade, transferida no ano seguinte para o departamento de psicologia, como professora-assistente.

Em seguida vinham dez páginas de participação em associações, publicações especializadas, compêndios e apresentações em conferências. Seu primeiro tema de pesquisa fora a diferença de resultados em testes de matemática de meninos e meninas, em seguida deslocara sua atenção para os papéis sexuais e os métodos de educação infantil e depois para a influência dos papéis sexuais sobre o autocontrole.

Uma média de cinco artigos por ano em publicações sólidas — gasolina aditivada em uma Ferrari na pista de alta velocidade do mundo acadêmico, como

qualquer outro currículo, até que se chegava ao final da seção de bibliografia, onde o subtítulo Críticas e presença na mídia indicava o rumo que ela tomara no ano anterior à morte.

Lobos e ovelhas, com suas edições estrangeiras, seguido por dezenas de entrevistas em rádio, TV, jornais, revistas e programas de entrevistas vespertinas, intitulados Revide!, Persiga o Predador, As Novas Escravas, A Conspiração Testosterona. A última seção era Atividades no departamento e no campus, levando as coisas de volta ao empoeirado mundo acadêmico.

Como professora-assistente, ela integrou quatro comitês. Distribuição de Salas, Orientação de Estudantes de Pós-Graduação, Segurança e Disciplina — o tipo de obrigação enfadonha que eu conhecia muito bem — e seis meses antes de sua morte presidiu algo chamado Conduta Interpessoal, de que eu nunca ouvira falar. Algo a ver com assédio sexual? Exploração de estudantes por professores? Parecia conter um potencial de hostilidade. Fiz uma cruz ao lado da anotação e passei para *Lobos e ovelhas*.

A capa do livro era em vermelho-fosco, com letras douradas em relevo e pequenos desenhos pretos entre o título e o nome da autora: silhuetas dos animais do título.

A boca do lobo era cheia de dentes e ele estendia as garras para a minúscula ovelha.

Na quarta capa havia uma foto colorida de Hope Devane. Ela tinha um rosto oval e traços delicados, usava um tailleur bege e pérolas e estava empertigada numa cadeira de camurça marrom, com estantes de livros um pouco desfocadas ao fundo. Uma caneta MontBlanc na mão, com um tinteiro de prata ao seu alcance. Dedos compridos, unhas com esmalte rosa. Cabelos louro-escuro penteados para trás, as faces acentuadas por blush. Olhos castanho-claros, serenos, grandes e francos, suaves sem serem lânguidos. Um sorriso confiante, possivelmente irônico, nos lábios rosados.

As páginas tinham orelhas, e os garranchos de Milo sublinhados em amarelo se espalhavam pelas margens. Li o livro e depois guiei por três quilômetros pelo Beverly Glen e fui para a universidade, onde passei algum tempo consultando os computadores da biblioteca biomédica. Resultados interessantes. Voltei para casa, assisti às fitas das entrevistas na TV.

Quatro programas, quatro plateias ruidosas e volúveis, um quarteto de entrevistadoras enjoativas, pseudo-sensíveis e completamente permutáveis entre si.

Yolanda Michaels Show. "Como é a mulher de verdade?" Hope Devane tolerando a retórica inflexível de uma antifeminista que pregava as virtudes do estudo da Bíblia, dos cosméticos e de receber o marido na porta usando uma

capa transparente sem nada por baixo.

Sid, no Vivo!: "Prisioneiras do sexo?" Hope Devane empenhada em um debate com um antropólogo que acreditava que todas as diferenças de sexo eram inatas e inalteráveis e que homens e mulheres deviam simplesmente aprender a conviver uns com os outros. Hope tentando ser sensata, mas o resultado era um tanto superficial.

Gina Sydney Jerome Show — Hope Devane numa mesa-redonda com três outros autores: uma linguista que desdenhava da psicologia e recomendava que homens e mulheres aprendessem a interpretar corretamente a linguagem; uma cronista de assuntos femininos, que escrevia para publicações de Nova York e nada tinha a dizer, mas que mesmo assim falava demais; e um homem de aspecto depressivo que alegava ter sido um marido espancado e esticara o relato de seu tormento por trezentas páginas.

O mesmo ruído de sempre...

Ao Vivo com Morry Mayhew: "Qual é de fato o sexo fraco?"

Hope Devane debatendo com o suposto dirigente de uma organização dos direitos dos homens da qual eu nunca ouvira falar e que a atacou com um empenho misógino.

Esse debate era diferente — o nível de hostilidade elevou-se vários pontos. Rebobinei a fita e assisti de novo a esse programa.

O misógino chamava-se Karl Neese. Cerca de trinta anos, magro e aparentemente avançado em suas roupas pretas e corte de cabelo moderno, mas o ponto de vista de um Neandertal, monopolizando o tempo no ar e despejando insultos de uma maneira implacável — psicodrama à parmeggiana.

Seu alvo nunca revidou, nunca interrompeu, nunca elevou a voz, nem mesmo quando os comentários de Neese arrancaram aplausos dos idiotas na plateia.

MAYHEW: Muito bem, Mr. Neese, vamos perguntar à doutora...

NEESE: Doutora? Não estou vendo nenhum estetoscópio.

MAYHEW: Mas ela é PhD...

NEESE: E devo ficar impressionado com isso? E, afinal, o que significa PhD Pessoa horrível e doente? Pobre herdeira deprimida?

MAYHEW (Reprimindo um sorriso}: Muito bem, dra. Devane, se agora pudesse fazer o favor de nos dizer...

NEESE: De nos dizer por que as feministas vivem enchendo o saco da gente com seus problemas. Mas está certo abortar porque bebês são inconvenientes...

MAYHEW: ...sua teoria sobre o motivo pelo qual as mulheres tantas vezes se tornam presas de inescrupulosos...

NEESE: Porque elas querem inescrupulosos. Caras radicais. Perigo. Excitação. E sempre voltam querendo mais. Dizem que querem os gentis, mas

tentem conquistar uma mulher usando gentileza... Gentil significa fraco, e o fraco não tem força para dar o que elas gostam!

(Risos, aplausos]

HOPE DEVANE: Você realmente deve ter alguma coisa aí.

NEESE: E tenho mesmo, meu bem, tenho mesmo. (Um sorriso zombeteiro)

DEVANE: Às vezes caímos em padrões perigosos. O ponto crucial, eu creio, está nas lições que aprendemos quando crianças.

NEESE: Mostre a sua que eu mostro o meu?

MAYHEW: (Sorrindo) Pare com isso, Karl. Que tipo de lições, doutora...

DEVANE: Os modelos que são a base de nosso aprendizado. Os comportamentos que fomos ensinados a imitar...

Mais vinte minutos dos comentários de duplo sentido de Neese e das declarações objetivas de Devane. Cada vez que Neese conseguia que a plateia gritasse, ela esperava até as coisas se aquietarem, antes de oferecer respostas breves e precisas, que nada tinham a ver com ele. Mantinha-se fiel ao que planejara dizer. Ao final do programa, as pessoas prestavam atenção, enquanto Neese parecia deslocado.

Assisti de novo, concentrando-me em Hope e no que a tornava eficaz. Ela olhava diretamente para a câmera e para as pessoas de uma maneira destemida que criava intimidade, mostrava firmeza e fazia com que o óbvio parecesse profundo.

Carisma. Um carisma sereno.

Se o meio era a mensagem, ela era uma mensageira brilhante. Não pude deixar de pensar no que podia ter realizado se continuasse viva.

Antes do intervalo, a câmera deu um close no rosto de Neese. Não tinha mais o sorriso superior.

Sério. Furioso?

Era uma ideia absurda, mas será que ele teria cultivado essa raiva?

Por que não? O caso estava num beco sem saída e Milo me pediu para "levantar todas as possibilidades". Anotei o nome de Neese e peguei a pasta do caso.

Palavras, fotografias. Sempre fotografias...

Já eram quase cinco horas quando liguei para Milo na delegacia do oeste Los Angeles e disse que acabara de ler tudo, inclusive o livro.

— Leu rápido — comentou.

— É leitura fácil, um bom estilo. Fluente como uma conversa. Como se estivesse sentada na minha sala, partilhando seus conhecimentos.

— O que achou do conteúdo?

— É difícil contestar muito do que está ali... defenda seus direitos, cuide-se

bem, escolha seus objetivos de maneira realista para poder ter êxito, aumente sua autoestima. Mas nas coisas mais radicais, ela não apresenta argumentos para sustentá-las. A parte sobre testosterona e psicopatia sádica é muito forçada.

— Todos os homens são assassinos e estupradores?

— Todos os homens têm o potencial para ser criminosos sexuais, e até mesmo o sexo consensual é um estupro parcial, porque o pênis é como uma arma e a penetração significa invasão, perda do controle pela mulher.

— Ela fala muito sobre controle, não é?

— É seu tema principal. Fui à biblioteca e verifiquei os estudos que ela usou. Não dizem o que afirma que dizem. Ela apresentou os fatos fora do contexto, relatou-os seletivamente, de uma forma um tanto livre. Mas a menos que você arrume tempo para examinar com cuidado cada fonte, não seria óbvio. E mesmo sem levar em consideração sua competência como escritora, posso entender por que o livro vendeu tão bem. Ela tinha um público fiel, porque as mulheres quase sempre são vítimas. Ouviu Robin ontem à noite, quando chegamos em casa ela me disse que o assassinato a deixara acordada por várias noites, porque se identificava com Hope. E eu nunca soube que ela se preocupou com o crime.

— O que diz das entrevistas na TV?

— Ela era boa nisso também. Firme e confiante. Mesmo quando puseram aquele imbecil para enfrentá-la no programa de Mayhew, ela nunca perdeu o controle. Lembra dele?

— O idiota magrelo de preto? Ele foi bem sacana, não foi?

— Mas ela reagiu muito bem, não se deixou atingir. Para mim, ela saiu como a vencedora incontestável e ele parecia furioso. E se o sujeito guardou rancor?

Silêncio.

— Você só pode estar brincando — Milo falou.

— Você disse para eu ser criativo. Esses programas de entrevistas são barris de pólvora... lidam com questões sensíveis, exploram as pessoas ao máximo. Exatamente o que fui treinado para não fazer como terapeuta. Sempre pensei que era apenas uma questão de tempo para as coisas se tornarem violentas.

— Hum... — murmurou ele. — Certo, vou investigá-lo... como era mesmo o nome dele?

— Karl Neese. — Milo repetiu o nome e comentou: — Seria engraçado... Mais alguma ideia sobre Hope?

— Só isso, até agora. E você?

— Nada. Tenho a impressão de que o maridinho está escondendo alguma coisa e os seus colegas na universidade não ajudam em nada... citando para mim estatísticas que indicam que é melhor esquecer um caso se a gente demora muito para resolvê-lo. Ainda por cima me tratam como um cretino. Falam mui-to de-

va-gar.

— Esnobismo de classe?

— Talvez eu entrar arrastando as mãos no chão enquanto devorava uma banana tenha sido uma atitude errada.

Eu ri e falei: — Deveria ter mencionado seu mestrado.

— Ah, claro, isso impressionaria muito um bando de PhDs. O que acha dos ferimentos? Aquele golpe na virilha faz com que seja um crime sexual?

— Se foi intencional, demonstraria uma clara hostilidade sexual.

— Foi intencional, sim. Três cortes perfeitos, sem ferimentos de erro, sem machucar outros pontos. Ele acertou exatamente onde queria: coração, virilha, costas.

— Quando você expõe isso dessa forma, parece orquestrado — eu disse. — Uma sequência definida.

— Como assim?

— Apunhalar no coração primeiro pode ter sido romântico, num sentido doentio. Partir o coração de alguém, talvez uma espécie de vingança. Embora eu ache que ele talvez tenha escolhido o coração com a intenção de matá-la depressa. Mas, nesse caso, uma garganta cortada não seria melhor?

— Com certeza. O coração não é tão fácil de atingir. Você pode pegar as costelas, errar completamente o alvo. A maioria das facadas que causam morte rápida é de golpes na garganta. E os outros ferimentos?

— A virilha... — comecei, pensando na compostura e roupas impecáveis de Hope. Cada fio de cabelo no lugar. Deixada na rua sangrando. — A virilha pode ser uma extensão do ferimento no coração: um amor que acabou mal, o elemento sexual... Nesse caso, o último ferimento seria o golpe de misericórdia: a facada nas costas. O símbolo da traição.

— Para atingi-la nas costas, ele tinha que demorar o tempo de virá-la de bruços. Foi por isso que me interessei quando você falou em orquestrado. Pense um pouco. Você está na rua, acabou de matar alguém. Vai ficar ali mais tempo para fazer uma coisa dessas? Para mim, indica que foi um crime passional, mas executado de maneira calculada.

— Uma raiva fria, uma intimidade criminosa... alguém que ela conhecia?

— É exatamente por isso que estou interessado no maridinho.

— Mas para alguém como ela, intimidade podia significar algo totalmente diferente. A promoção do livro levou-a a se expor a milhões de pessoas. Ela pode ter desencadeado uma raiva intensa em qualquer uma delas. Até mesmo uma raiva baseada em ilusão. Alguém que não gostou da maneira como ela autografou um livro, alguém que a viu na TV e projetou um relacionamento patológico. A fama é como se despir num teatro escuro, Milo. Nunca se sabe

quem pode estar ali.

Ele ficou calado por alguns momentos.

— Puxa... obrigado por ampliar minha lista de suspeitos a uma infinidade... Há um fato que não saiu nos jornais: ela tinha a rotina de dar uma caminhada de meia a uma hora todas as noites, mais ou menos no mesmo horário. Dez e meia, onze horas.

Em geral saía com a cadela, uma rottweiler, mas naquela noite o bicho estava com problemas de estômago e passou a noite no veterinário. Bem conveniente, hein?

— Envenenada?

— Telefonei para o veterinário esta manhã, e ele disse que não chegou a fazer um exame mais meticuloso, porque a cadela já tinha melhorado na manhã seguinte, mas os sintomas podiam estar relacionados a envenenamento. Por outro lado, ele disse, cachorros vivem comendo lixo.

— Essa comeu?

— Ele não sabe. E agora é tarde demais para fazer qualquer exame. E mais uma coisa em que Paz e Fellows nunca pensaram.

— O envenenamento da cadela indicaria alguém que a observasse há algum tempo, aprendendo seus hábitos.

— Ou alguém que já os conhecesse. Um marido não se ajustaria com perfeição a essa orquestração de amor, sexo e vingança? Alguém que tivesse sido traído?

— E era esse o caso?

— Não sei, mas presumo que sim. E se Seacrest era mais esperto que o marido traído típico, mais frio, que melhor maneira de desviar as suspeitas que fazer com que parecesse um crime de rua?

— Mas estamos falando de um professor de história de meia-idade, sem nenhum registro de violência doméstica. Nenhuma violência, ponto final.

— Há sempre uma primeira vez — apontou Milo.

— Tem alguma ideia de como ele reagia à fama da mulher?

— Não. Como eu disse, ele não está sendo de grande auxílio.

— Talvez fosse um momento difícil no relacionamento. Ele era mais velho, possivelmente mais proeminente em termos acadêmicos, até que ela escreveu o livro. E talvez ele não gostasse de ouvir comentários sobre si mesmo na TV. Embora nas fitas ela se referisse ao marido sempre de maneira afetuosa.

— Tem razão. "Philip está sintonizado com as necessidades de uma mulher, mas é a rara exceção." Um pouco defensor, não?

— Outra coisa... — falei. — Não ouvi nenhuma feminista protestar por sua morte, ou pelo fato de o crime ainda não ter sido resolvido.

— Talvez porque ela não fosse ligada a nenhum grupo feminista... pelo menos não encontrei o nome de nenhum deles relacionado em seu currículo.

— É verdade — concordou Milo. — Uma solitária?

— Ela atuou nos comitês normais, ingressou nas sociedades acadêmicas. Mas nada político. Apesar do tom do livro. E por falar em currículo, uma coisa chamou minha atenção: ela presidiu um tal de Comitê de Conduta Interpessoal. Parece algo relacionado com assédio sexual... talvez investigar as queixas de estudantes contra professores. O que poderia ser outra fonte de controvérsia. E se ela colocou em jogo a carreira de alguém?

— Conduta interpessoal... Eu não tinha notado isso.

— Era apenas uma nota no fim.

— Obrigado por prestar atenção. É, isso parece interessante. Você poderia me fazer um favor e verificar no campus? O chefe do departamento ainda não retornou minhas ligações desde a primeira vez que falei com ele.

— Ed Gabelle?

— Isso mesmo. Como ele é?

— Um político — respondi. — Pode deixar, falarei com ele.

— Obrigado. E agora deixe-me dizer o que me intriga na professora Devane. A discrepância entre o que ela escreveu e a maneira como se comportava na TV. No livro ela basicamente tachava todos os homens de canalhas, dá para pensar que era uma inimiga de primeira linha dos homens. Mas nas fitas ela aparece como uma mulher que gosta dos homens. Claro que ela acha que temos algumas coisas que precisamos mudar, talvez até tenha um pouco de pena de nós. Mas a atitude geral é de amizade, Alex. Ela parecia à vontade com os homens... mais do que isso. Acho que era o tipo de mulher com quem se podia tomar algumas cervejas.

— Mais para o tipo que toma coquetéis de champanhe — falei.

— Sim, você tem razão. E não no Dewdrop Inn. No salão com paredes revestidas no Hotel Bel Air. Mas o contraste ainda é incrível. Pelo menos para mim.

— Creio que se pode dizer a mesma coisa em relação ao currículo — declarei. — Na primeira metade era o protótipo da acadêmica, na segunda se tornava a estrela da mídia. Quase como se fosse duas pessoas distintas.

— E outra coisa: talvez eu não seja o melhor juiz, mas ela me pareceu sensual na televisão. Sedutora, na maneira como olhava para a câmera, dava aquele leve sorriso, cruzava as pernas, mostrando um pouco da coxa. No jeito como dizia muita coisa ao não dizer nada.

— Essas poderiam ser as pausas de analista. Aprendemos a usar o silêncio para levar os outros a se abrirem.

— Então ela aprendeu muito bem.

— Mas qual o problema se ela era sensual?

— Eu fico me perguntando se era do tipo que se envolvia em coisas perigosas... Estou bancando o analista?

— Talvez no fundo esteja falando sobre compartimentar coisas. Separar aspectos da vida de Hope e colocá-los em pequenos compartimentos.

— Talvez em pequenos compartimentos secretos... — disse ele. — E coisas secretas sempre podem se tornar perigosas. Por outro lado, talvez seja alguma coisa mais estúpida... um maluco a viu na televisão, e Deus disse a ele que devia matá-la. Ou um psicopata à espreita de louras na parte oeste da cidade, e por acaso ela estava no lugar errado na hora errada. Deus me livre... Agradeço pelo seu tempo, Alex. Vou ficar aqui trabalhando até mais tarde, se você pensar em mais alguma coisa.

— Tentarei falar com Ed Gabelle sobre o tal comitê de conduta e ligarei para você se as coisas ficarem interessantes.

— Já estão interessantes — declarou ele. E soltou um palavrão.

Ed Gabelle era um psicólogo fisiologista agressivamente casual, com uma espessa cabeleira grisalha, boca pequena e voz lamuriante e monótona que às vezes se aproximava de um sotaque inglês. Sua especialidade era criar lesões em neurônios de baratas e observar os resultados. Ultimamente, pelo que eu ouvira, ele vinha tentando conseguir dinheiro para estudar o abuso de drogas.

Passava um pouco da hora do almoço, e encontrei-o quando saía do clube dos professores, usando uma calça jeans, uma camisa de brim e uma gravata estampada amarelo-berrante.

Seu cumprimento efusivo desapareceu rapidamente quando eu lhe disse o que queria.

— A polícia, Alex? — indagou ele, compadecido. — Por quê?

— Já trabalhei com eles antes.

— Você já... Lamento, mas não posso ajudá-lo nisso. Não foi uma questão do departamento.

— De quem foi então?

— Foi... digamos que Hope era um tanto individualista. Sabe a que me refiro... àquele livro que ela escreveu.

— Não foi muito bem recebido no departamento?

— Não, não, não é a isso que estou me referindo. Ela era brilhante, tenho certeza de que o livro lhe rendeu muito dinheiro, mas ela não era muito a favor de... afiliação.

— Não tinha tempo para os colegas.

— Exatamente.

— E os alunos?

— Alunos? — Como se fosse uma palavra de outro idioma.— Presumo que ela tinha alguns. Foi um prazer tornar a vê-lo, Alex.

— E o comitê? Era um projeto exclusivamente dela!

Ele passou a língua pelos lábios.

— Qual é o problema, Ed?

— Não posso entrar nisso. É uma questão fechada.

— Deixou de ser. O assassinato muda tudo.

— Será? — Ele começou a se afastar.

— Pelo menos me diga...

— Tudo o que lhe direi — ele falou, acentuando o tom lamuriante — é que não posso dizer nada. Procure alguém com mais poder.

— Por exemplo?

— O diretor dos estudantes.

Quando eu disse à secretária do diretor o que desejava, sua voz ficou blocada como uma artéria entupida de gordura. Ela disse que me telefonaria mais tarde e desligou sem anotar meu número. Tornei a ligar para Milo.

— Estão se escondendo. Gosto disso — comentou ele. — Muito bem, eu mesmo vou falar com esse diretor. Obrigado por ler aquele currículo com muita atenção.

— É para isso que você me paga.

Ele riu, depois ficou sério.

— É óbvio que Hope incomodou algumas pessoas com esse comitê. E por falar em incomodar, consegui o telefone da produtora-assistente do Mayhew Show. Quer cuidar disso para mim? Assim eu posso me concentrar em perseguir acadêmicos.

— Claro.

— Suzette Band — informou ele, e ditou o número de um telefone de Hollywood. — É provável que ela não ligue de volta para você sem alguma insistência, por isso sinta-se à vontade para ser extremamente importuno.

Precisei ligar cinco vezes para conseguir falar com Suzette Band, mas quando finalmente me atendeu foi com uma voz agradável e divertida.

— Polícia? Chamando todos os carros?

Cometer o delito de personificar um policial parecia mais fácil do que explicar meu papel exato, então fui em frente: — Lembra de uma convidada que tiveram no ano passado, a professora Hope Devane?

— Ah... sim, aquilo foi terrível. Já pegaram o assassino dela?

— Não.

— Por favor, avise-nos quando ele for preso. Adoraríamos fazer uma cobertura. Falo sério.

Aposto que sim.

— Farei o melhor possível, Ms. Band. Até lá, talvez possa nos ajudar. Havia outro convidado com a professora Devane, um homem chamado Karl Neese...

— O que tem ele?

— Gostaríamos de conversar com ele.

— Por que... ora, você não pode estar falando sério! — Ela riu. — Isso é uma piada! Não, posso entender por que você... Mas não perca seu tempo com Karl.

— Por que não?

Uma longa pausa.

— Nossa conversa está sendo gravada ou algo do tipo?

— Não.

Silêncio.

— Ms. Band?

— Tem certeza de que não está sendo gravada?

— Tenho. Qual é o problema?

— Bem... a pessoa com quem deve falar é Eileen Pietsch, a produtora. Mas ela está viajando. Pedirei que entre em contato com você quando...

— Por que perder tempo se Karl é alguém com quem não devemos nos preocupar?

— Não é mesmo. É que nós... nosso programa... Karl é um...

— Um convidado profissional?

— Eu não disse isso.

— Então por que não devemos nos preocupar com ele?

— Escute... eu não deveria estar falando a respeito, mas não quero que vocês criem nenhuma confusão e façam com que o programa tenha uma publicidade negativa. Deus sabe que temos muito disso com aqueles moralistas em Washington caçando bodes expiatórios. Achamos que prestamos um autêntico serviço público.

— E Karl era parte disso?

Ouvi um suspiro no outro lado da linha e acrescentei: — Ou seja, ele foi pago para comparecer ao programa e dar realce à professora.

— Eu não colocaria as coisas dessa forma.

— Mas ele é um ator, certo? Se eu procurar nas listas dos agentes, provavelmente conseguirei encontrá-lo.

— Escute... — disse ela, num tom mais alto. Em seguida suspirou de novo.

— Certo, ele é um ator. Mas pelo que sei Karl tem de fato aquelas opiniões.

— Então por que eu não deveria me preocupar com ele? A situação entre ele e a professora Devane ficou bem desagradável.

— Mas isso foi... Puxa, você não deixa passar nada, hein? Para ser absolutamente franca, Karl é um profissional. Mas é um cara ótimo. Já o tínhamos usado antes em outros programas também. Contratamos caras como ele para dar um tempero às entrevistas. Especialmente com professores, que costumam ser bem secos. Todos os programas fazem isso. Alguns até usam profissionais na plateia. Isso nós nunca fizemos.

— Portanto, está dizendo que ele não foi realmente hostil à professora Devane.

— Claro que não. Karl é um doce. Creio até que o apresentamos no nosso programa de Mister Simpatia há um ano... para terminar em último, claro, e é muito bom. Flexível. Um desses rostos que a gente logo esquece.

— Quer dizer que ninguém se lembra de tê-lo visto antes?

— Colocamos nele uma barba ou uma peruca. As pessoas não são tão observadoras assim, de qualquer forma.

— Ainda assim eu gostaria de falar com ele. Tem o telefone dele aí?

Outra pausa.

— Eu posso fazer um acordo com você.

— Devo escolher entre o dinheiro e o que se encontra atrás da Porta Número Três?

— Muito engraçado! — exclamou ela, mas a cordialidade ressurgira em sua voz. — O acordo é o seguinte: você vai me ligar assim que resolver o crime, para podermos explorar o assunto no programa seguinte, e eu lhe dou telefone de Karl. Combinado?

Fingi pensar um pouco.

— Combinado.

— Excelente... ei, talvez você possa aparecer também! O grande detetive. Fotografa bem?

— As luzes da câmera deixam meus olhos vermelhos, mas as presas continuam brancas.

— Há-há, muito engraçado. Você provavelmente vai se sair bem. Já tivemos policiais no programa, mas quase todos se mostram inexpressivos.

— Como os professores.

— Como os professores. Aliás, quase todas as pessoas são inexpressivas se não tiverem ajuda. Ou uma história sensacional para contar.

— Assisti ao vídeo da entrevista da professora Devane — comentei. — Ela me pareceu muito boa.

— E era mesmo. Foi uma entrevista e tanto. Ela sabia como dominar a

audiência. Lamentável o que aconteceu, ela poderia ter se tornado uma presença constante.

2

O telefone de Karl Neese era no Valley, mas a mensagem na secretária eletrônica dizia para procurá-lo no trabalho, se era para falar sobre algum papel. Bo Bancroft's, Moda Masculina, no Robertson Boulevard.

Procurei o endereço. Entre Beverly e a Terceira, perto da Designer Row. Àquela hora, um trajeto de carro de vinte minutos.

A loja era minúscula, cheia de espelhos, desgastadas antiguidades brasileiras com rosas e ícones religiosos pintados e fileiras de ternos de três mil dólares. Uma música agitada no sistema de som, duas pessoas trabalhando, ambas vestidas de preto: uma loura de olhar entediado atrás da caixa registradora e Neese dobrando suéteres de cashmere.

Ele deixara o cabelo crescer até os ombros e tinha agora uma barba curta. Pessoalmente parecia mais jovem. Pálido e com cara de faminto. Dedos muito compridos e brancos.

Apresentei-me e disse por que tinha ido até lá. Ele terminou de dobrar os suéteres e virou-se devagar.

— Deve estar brincando.

— Bem que gostaria, Mr. Neese.

— Sabe... logo depois que aconteceu, imaginei que alguém viria me procurar.

— Por quê?

— Porque o programa se tornou algo desagradável.

— Mais do que deveria?

— Não, eles me pagaram para torná-lo desagradável. "Vá até lá e banque o babaca." — Ele riu. — O que acha disso como direção artística?

— O que mais lhe disseram?

— Eles me deram o livro que ela escreveu e me disseram para ler, assim eu falaria sobre o que ela falava. E depois disseram para me apresentar como um machista e a sacanear ao máximo. Realmente não fui dos piores. Há seis meses apareci no *Xavier* como um pai incestuoso sem remorso. Com barba postiça, óculos escuros e uma camisa que não usaria nem morto, mas mesmo assim me preocupei com algum imbecil me reconhecer na rua e me dar um soco.

— Costuma fazer muito disso?

— Não tanto quanto gostaria. Pagam uns quinhentos, seiscentos dólares por apresentação, mas não há muitas oportunidades por ano. Seja como for, estou dizendo que é estranho você vir até aqui para verificar se sou mesmo mau.

Acontece que não sou. Na noite em que ela foi morta eu me apresentava num café-concerto em Costa Mesa. *O homem de La Mancha*. Quatrocentos cidadãos idosos assistiram. — Ele sorriu. — Pelo menos até onde o porre permitiu. E pode ser que alguns estivessem sóbrios. Aqui está o número do produtor. Ele me deu um número de telefone da estação 714, depois acrescentou: — É uma pena.

— O quê?

— Ela ter sido assassinada. Não gostei dela, mas foi muito inteligente ao contornar minhas besteiras com a maior habilidade. Ficaria espantado com a quantidade de pessoas que não consegue resistir, mesmo quando sabem que é uma encenação.

— Quer dizer que ela sabia?

— Claro. Não tivemos um ensaio formal, mas nos colocaram juntos antes do programa. Na sala de espera dos artistas. Eu disse que bancaria o Frankenstein, e ela respondeu que tudo bem.

— Então por que não gostou dela?

— Porque ela tentou me intimidar com uma análise. Pouco antes de entrarmos no ar. Tratou-me amigavelmente quando a produtora estava presente, durante a maquiagem. Mas assim que ficamos a sós ela se aproximou e falou em meu ouvido... de forma quase sedutora. Disse que conheceu muitos atores e todos tinham algum desvio psicológico. "Incomodados com suas identidades, foi o que ela disse. "Desempenhando papéis para se sentirem no controle." — ele deu uma risadinha. — O que é verdade, mas quem gosta de ouvir isso?

— E acha que assim ela tentava intimidá-lo?

— Sem dúvida alguma. E para quê? Afinal, era tudo encenação. Como a luta-livre na TV. Eu era o bandido, ela, a mocinha. Ambos sabíamos que ela acabaria me derrubando no ringue. Por que então forçar a situação? Talvez Hope se visse como uma atriz.

Ao chegar em casa, liguei para o produtor do espetáculo em Costa Mesa. Sua assistente verificou os registros e confirmou que Karl Neese de fato participara do espetáculo na noite do crime.

— Foi um dos nossos melhores espetáculos — comentou ela. — Com uma ótima bilheteria.

— Continua em cartaz?

— Não. Nada dura muito na Califórnia.

Milo telefonou às dez para as cinco.

— Tem alguma proteína em casa? — perguntou.

— Tenho certeza de que posso encontrar alguma.

— Comece a procurar. A emoção da caçada me deixou faminto. Ele parecia exultante.

— A visita ao diretor dos estudantes foi produtiva? — indaguei.

— Alimente-me e contarei tudo. Estarei aí dentro de meia hora.

Nenhuma escassez de proteínas. Robin e eu acabáramos de fazer compras, e a nova geladeira tinha o dobro da capacidade da antiga.

Preparei um sanduíche de rosbife para Milo. A cozinha branca parecia espaçosa. Grande demais. Branca demais. Eu ainda estava me acostumando à casa nova.

A antiga se resumia a cento e sessenta metros quadrados de sequoia, telhas de madeira envelhecidas pelo tempo, vidros coloridos e madeira reaproveitada, construída com muitos erros de cálculo por um pintor húngaro que perdera tudo o que tinha em Los Angeles e voltara a Budapeste para vender carros russos. Eu a comprara anos antes, seduzido pela localização: entre os contrafortes ao norte de Beverly Glen e separada dos vizinhos por uma larga faixa de terras públicas cobertas com bosques densos, proporcionava uma privacidade que me fazia encontrar mais coiotes do que pessoas.

O isolamento acabara sendo perfeito para o psicopata que a incendiou numa noite seca de verão. Queimou como um pavio, como disse o oficial do corpo de bombeiros.

Robin e eu decidíramos reconstruir tudo. Depois de dois inícios frustrados, com empreiteiros infames, ela passara a supervisionar as obras pessoalmente. O resultado foi duzentos e quarenta metros quadrados de paredes brancas de estuque e telhas de cerâmica cinza, assoalhos e escadas de madeira brancas, balaustradas de latão, claraboias e o máximo de janelas possível. No fundo da propriedade ficava a oficina para onde Robin ia satisfeita todas as manhãs, acompanhada por Spike, nosso buldogue francês. Várias árvores antigas haviam sido sacrificadas, mas replantamos eucaliptos, pinheiros das ilhas Canárias e sequoias da costa, fizemos um novo jardim japonês e um laguinho cheio de jovens carpas.

Robin adorou o resultado. As poucas visitas disseram que era espetacular. A avaliação de Milo: "Meio empolado, mas gosto assim mesmo". Meneei a cabeça, sorri e lembrei o leve cheiro de mofo de madeira antiga pela manhã, as janelas artríticas, o rangido das tábuas do assoalho de pinho polido pelos pés.

Acrescentei picles ao sanduíche de Milo, guardei o prato na geladeira, fiz um pouco de café e revisei as anotações sobre a mais recente consultoria de custódia para a Vara de Família: pai e mãe engenheiros, dois filhos adotivos, de três e cinco anos. A mãe fugira para um hotel-fazenda em Idaho, o pai estava furioso e não tinha condições de cuidar dos filhos.

Os meninos eram dolorosamente bem-educados, mas seus desenhos denunciavam uma boa noção da situação. O juiz que encaminhara o caso era

competente, mas o bobalhão a quem o processo fora transferido quase nunca lia os relatórios. Os advogados de ambas as partes se mostraram contrariados por eu não concordar com suas respectivas linhas de defesa. Robin eu começávamos a falar em ter filhos.

Eu trabalhava no texto final do relatório quando a campainha tocou. Fui até a porta da frente, espiei pelo olho mágico, divisei o rosto grande de Milo e abri a porta.

Seu carro estava estacionado meio torto atrás da picape de Robin. Do fundo da casa veio o zumbido de uma serra elétrica, acompanhado pelo latido de socorro-estou-sufocando de Spike.

— Veja só. — Milo olhou para seu Timex. — O que acha do meu tempo? Cinco minutos do campus até aqui.

— Você devia dar melhor exemplo.

Sorrindo, ele limpou os pés no capacho e entrou. O novo tapete persa era macio, com um brilho sedoso, e eu achava que assim era ótimo.

Nenhuma das minhas obras de arte sobrevivera ao incêndio, e as paredes estavam vazias.

Casa velha ou nova, a cozinha continuava sendo o ímã de Milo. Enquanto ele entrava ali, a luz se acendeu, deixando-o esbranquiçado. Um boneco de neve gigante.

Quando cheguei lá, ele já pegara na geladeira o sanduíche e uma caixa de leite e estava sentando à mesa da cozinha.

Comeu o sanduíche em três mordidas.

— Quer outro?

— Não, obrigado... ora, por que não?

Levou a caixa à boca, bebeu tudo e depois apalpou a barriga. Naquele mês resolvera reduzir o álcool, e seu peso diminuíra um pouco, talvez para cento e dez quilos.

A maior parte assentava na cintura e estufava o rosto. As pernas compridas que elevavam sua altura para um metro e noventa e três não chegavam a ser finas, mas o contraste fazia com que parecessem.

Ele usava um blazer verde-claro por cima de uma camisa branca e gravata preta, calça marrom e botas de camurça bege. Raspara a barba, exceto por um pequeno tufo grisalho junto da orelha esquerda. Os caroços em seu rosto sobressaíam como uma modelagem inacabada em argila. A estática fazia seus cabelos dançarem.

Enquanto eu preparava um segundo sanduíche, ele começou a tirar papéis de sua maleta.

— Pilhagem da caçada: uma lista de inimigos em potencial. — Ele enxugou

os lábios com o dorso da mão. — Nixon não tinha nada contra a professora Devane.

Entreguei-lhe o sanduíche.

— Uma delícia — disse ele, mastigando. — Onde você encontra esta carne?

— No supermercado.

— É você quem está fazendo as compras agora? Ei, você pode até concorrer a presidente. Ou você e a pequena dama se revezam?

— Quem faz é a pequena dama — respondi. — Tem coragem de chamá-la assim na cara?

Ele riu.

— Para dizer a verdade, este caso tem me dado o que pensar. Costumava me considerar excluído de toda essa coisa de diferença de sexo, mas o fato é que todos nós com os cromossomos Y fomos criados como pequenos selvagens, não é? Mas vamos ao que interessa. O tal diretor se mostrou muito engraçado. Foi simpático e falador quando finalmente me recebeu... o que não foi fácil. Só consegui chegar a ele depois que passei a mostrar meu distintivo a torto e a direito e ameaçar levar a público o comitê de conduta. Então de repente sou introduzido em seu santuário, e ele está me oferecendo café, apertando minha mão e dizendo que não há motivo para levantar a questão do comitê, que é algo "inconsequente". Sem falar em "provisório" e "de curta duração". Foi dissolvido por "questões constitucionais e de liberdade de expressão".

Milo tirou uma pasta de sua maleta.

— Por sorte, ele presume que eu sei mais do que sei de verdade. Então eu blefo, digo que ouvi outra versão no campus. Ele responde que não há jeito, que esse assunto está morto. Eu digo que a professora Devane também está. Por que o senhor não começa do início? E é o que ele faz.

Milo sacudiu a caixa e perguntou: — Tem mais leite?

Dei-lhe mais um pouco. Ele bebeu e limpou os lábios.

— Você tinha razão sobre ser uma questão de assédio sexual — declarou. Mas não entre alunos e professores. Entre alunos e alunos. Ideia da professora Devane. Ouviram três casos, todos de garotas que assistiam a suas aulas sobre papéis sexuais se queixaram a ela. Devane não recorreu aos meios oficiais, cuidou de tudo diretamente. Intimou as queixosas e os acusados, compondo um pequeno tribunal.

— Os alunos não sabiam que era extra-oficial?

— O diretor garante que não. Realmente ético, hein?

— Ah, sim... — falei. — Constituição e liberdade de expressão... está mais para questões financeiras, como em processos judiciais.

— Ele não admitiria isso, mas foi a impressão que também tive. Depois ele

me diz que o comitê não podia ter nenhuma relação com o assassinato, mas, quando pergunto por que não, ele não tem uma resposta. Então acrescenta que seria um grave erro ir a público, um erro que poderia causar problemas ao departamento de polícia, porque todos os envolvidos, acusadoras e réus, haviam exigido sigilo absoluto e poderiam nos processar. Como eu não respondi, ele ameaçou telefonar para o chefe de polícia. Limitei-me a sorrir. Ele pegou o telefone, largou e começou a suplicar. Eu disse que compreendia sua posição e não queria criar problemas, por isso era melhor me dar logo todos os registros escritos, sem confusão, e eu manteria o máximo de discrição.

Milo agitou a pasta e continuou: — Transcrições das três sessões. Hope as gravou.

— Por quê?

— Quem sabe? Talvez ela planejasse escrever outro livro. Por falar nisso, o diretor disse que ela fez um estardalhaço quando o comitê foi dissolvido. Liberdade acadêmica e não sei mais o quê. Depois *Lobos e ovelhas* foi publicado, e ela perdeu o interesse.

— Talvez pretendesse usar as sessões como material para a excursão de divulgação do livro.

— O diretor também desconfiou disso. Disse que a advertira de que ela ficaria numa posição legalmente perigosa. Segundo os advogados da universidade ela estava atuando como psicóloga independente quando presidiu o comitê, não como integrante do corpo docente, pois não tinha conseguido aprovação oficial. Assim, se ela divulgasse qualquer informação estaria violando o sigilo profissional e poderia até perder a licença. Ela não concordou com isso e ameaçou contratar seu próprio advogado, mas aparentemente mudou de ideia, porque o caso terminou aí.

— É espantoso que nada disso tenha se tornado público depois do assassinato.

— Todos tinham um interesse velado em abafar o caso. A direção da universidade, os alunos... especialmente os alunos.

Ele me entregou a pasta.

— Leia quando tiver uma oportunidade, depois me diga o que achou. Não posso fechar os olhos a isso, embora continue a pensar que foi o maridinho. Ainda mais agora que dei uma olhada nas declarações de rendimentos dela.

— O livro a deixou rica?

Milo confirmou com a cabeça e falou: — Mas mesmo antes ela já tinha algumas atividades extracurriculares interessantes. Já ouviu falar de Robert Barone?

Balancei a cabeça em negativa.

— Um grande advogado criminalista, cuida de casos de pornografia e censura, alguns casos de extorsão, também atende o pessoal do show business... tudo a mesma coisa, certo? No ano passado ele pagou quarenta mil dólares a Devane como honorários de consultoria e no ano anterior, vinte e oito mil.

— Relatórios sobre redução da capacidade?

— Algo assim. Barone tem escritórios aqui em Century City e em San Francisco. Não retorna meus telefonemas.

Depois tomou mais um gole de leite e continuou.

— O outro cliente de consultoria dela era um médico de Beverly Hills chamado Milan Cruvic. Ele consta na lista telefônica como ginecologista-obstetra e especialista em fertilidade. Tem alguma ideia do motivo pelo qual um especialista em fertilidade pagaria a uma psicóloga trinta e seis mil dólares por ano? E por dois anos consecutivos?

— Talvez ela examinasse candidatas a tratamento de fertilidade.

— É o procedimento normal?

— O processo pode ser uma experiência desagradável. Um médico ponderado poderia querer ver que pacientes seriam capazes de enfrentá-lo bem. Ou providenciar aconselhamento para as que não fossem.

— Então por que simplesmente não encaminhar as pacientes a ela? Por que pagar diretamente do próprio bolso?

— Uma boa pergunta.

— Liguei para o consultório de Cruvic, e a enfermeira disse que ele estava prestando um serviço público em alguma clínica para mulheres. O que pode significar abortos... outro ponto de hostilidade em potencial, se Hope se envolvia nisso também. A violência do aborto ainda não se tornou um assunto importante em Los Angeles, mas sempre acabamos tendo de tudo, mais cedo ou mais tarde. E aquele canalha na TV, o tal de Neese, abordou a questão, acusando-a de feminista radical a favor de retalhar fetos. Quem sabe talvez algum maluco tenha se enfurecido.

— Mas não o próprio Neese — eu falei. — E contei sobre a confirmação do álibi.

— Um a menos — comentou Milo. — Ele achou que Hope estava tentando intimidá-lo?

— Foi o termo que Neese usou. Estava tentando controlá-lo.

— Então talvez ela tenha tentado intimidar a pessoa errada... Acha que vale a pena explorar o ângulo do aborto?

— Creio que não — respondi. — Hope não era uma defensora clamorosa da causa, e um assassino político teria se manifestado publicamente com alguma declaração.

— Tem razão... mas ainda quero saber o que ela fez para Cruvic e Barone. Afinal, foram mais de cem mil dólares em dois anos. Embora depois do livro ela não precisasse mais disso.

Ele tirou de sua maleta cópias de declarações de renda.

— Aqui está a última declaração. Rendimentos brutos de seiscentos e oitenta mil dólares, a maior parte proveniente de adiantamentos e direitos autorais e conferências. Tirados os impostos, sobra quase meio milhão, que está depositado numa conta de investimentos conjunta, em nome dela e de Seacrest, no Merrill Lynch. Não há dívidas, o Mustang já era dela e Seacrest herdou a casa dos pais. Mais meio milhão. Não é um mau investimento, ainda mais se o casamento está afundando.

— Há quanto tempo eram casados?

— Dez anos.

— Como se conheceram?

— Seacrest diz que foi no centro de recreação da universidade, nadando.

— Ele já havia sido casado?

— Não, ele disse a Paz e Fellows que era um desses "solteirões convictos", fecha aspas. Além dos quinhentos mil na conta conjunta, ele vai receber ainda mais. A agente literária de Hope não me deu os números, mas disse que provavelmente haverá direitos autorais substanciais neste ano e no próximo. As vendas do livro eram altas antes do assassinato, a editora ia propor a ela que escrevesse uma continuação. Hope e Seacrest fizeram um planejamento financeiro há alguns anos, fazendo um contrato de comunhão de bens para evitar impostos, portanto Seacrest fica com tudo. Os rendimentos dele no ano passado foram de sessenta e quatro mil dólares, tudo de seu salário na universidade. Seu Volvo tem oito anos, e ele conseguiu guardar algum dinheiro no plano de pensão dos professores. Mais a casa. Ele também escreveu alguns livros, mas não pagam direitos autorais. Acho que elementos românticos da época medieval não podem competir com pênis-como-arma-letal.

— Ou seja, rendimentos na proporção de dez para um.

— Outra possibilidade de ciúme. E se ela pretendia deixá-lo, agora que enriquecera? Por outro homem... aquela sua velha história de amor-sexo-traição, mais todo o dinheiro existente. E quem teria mais condição de conhecer os hábitos dela? De envenenar a cadela? Hope tinha razão numa coisa: mais mulheres são mortas pelos supostos amados do que por todos os bandidos juntos.

— Seacrest passou todos esses anos sem muito dinheiro — eu falei.

— Passou a ter um alto padrão de vida agora?

— Não, ao contrário, nada mudou na vida dele. Vai para o trabalho todos os dias e volta para casa. Nos fins de semana fica em casa. Diz que lê e assiste TV.

Nem sequer aluga vídeos. Mas se ela o traía, não há como saber o que poderia fazer um antiquado solteirão convicto. Alguém que estuda os aspectos românticos... não se esqueça da facada no coração. O cara tem cinquenta e cinco anos, Alex. Talvez esteja passando por uma crise da meia-idade. E como eu disse, continuo convencido de que ele esconde alguma coisa.

— Por quê?

— Nada que eu consiga indicar com exatidão, esse é o problema. Ele responde às perguntas, mas voluntariamente não oferece nenhuma informação. Não ligou uma única vez para Fellows e Paz, para saber como andava a investigação. Quando me entregaram o caso, telefonei para ele e tive a impressão de que estava tomando seu precioso tempo. Como se ele estivesse com a cabeça em outro lugar.

— Talvez ainda esteja em choque.

— Não, parecia mais que tinha coisas melhores a fazer. Como você reagiria se uma pessoa que amasse fosse assassinada daquele jeito? Tenho uma ideia, Alex. Por que não oferecer a você um conhecimento direto? Eu planejava visitar o cara ainda esta noite. Não que eu esteja querendo explorar um amigo... se você dispõe de tempo para investir no caso, eu posso até... — ele ofegou — ...pagar!

Tirou um formulário dobrado do bolso do paletó.

— Surpresa do tio Milo.

Uma credencial da polícia e um contrato de consultoria em três vias, com meu nome datilografado na linha pontilhada. O departamento estava disposto a me contratar por não mais que cinquenta horas, a menos de um quarto dos meus honorários particulares por hora. Letras pequenas limitavam a responsabilidade do Departamento de Polícia de Los Angeles: se eu escorregasse numa casca de banana ou levasse um tiro, eles ficariam compadecidos, mas de mão fechada.

— Não é muito dinheiro — disse ele —, mas pelos padrões do departamento é ganhar na loteria.

— Como conseguiu isso?

— Menti e disse ao tenente que ouvi protestos de grupos lesbo-feministas radicais sobre a lentidão no caso. E que se não fizéssemos alguma coisa para dar a impressão de que nos empenhávamos por todos os meios possíveis, poderíamos acabar sendo convocados pela Comissão de Polícia. Disse também que as lésbicas feministas gostavam de analistas, então encarariam seu envolvimento como uma prova de maior sensibilidade.

— Muito criativo.

— Pedi também um computador novo, mas você era mais barato. Vai aceitar?

— Cinquenta horas... Isso inclui alimentá-lo?

— O que você acha?

Milo fez outra excursão à geladeira e voltou com uma fatia de brownie.

— Apesar de suas suspeitas contra Seacrest, Milo, ainda acho que deve considerar seriamente a possibilidade de um estranho perturbado.

— Por quê?

— Há uma loucura fria ligada àquele padrão de ferimentos. Alguém com um ódio profundo contra as mulheres. E sabemos pela maneira como Hope organizou o tal comitê que podia ser opressora, então quem sabe que pessoas ela pode ter ofendido? Na vida real ou pela televisão. Já verificou se há outros assassinatos com padrões similares de ferimentos?

— Fiz um levantamento de três anos de crimes com facas na parte oeste da cidade e nada combina. Amanhã vou tentar a delegacia de Wilshire e quem mais puder ajudar. Também enviei teletipos para outras jurisdições, mas Paz e Fellows já haviam feito isso, sem resultados. E então, vai querer se encontrar com Seacrest esta noite? Isto é, se você e a mulherzinha não tiverem outros planos... por falar nisso, vou até os fundos para dar um olá a ela e ao cão. Não tenho preconceitos de sexo nem de espécie.

Ao atravessarmos o jardim, a caminho da oficina, Milo parou para observar os peixes no laguinho, depois seguiu adiante. Suas costas estavam encurvadas e os braços pendiam pesadamente. Perguntei-me quando teria sido a última vez em que ele dormira direito.

Robin estava junto à sua bancada, modelando os lados de uma guitarra feitos de pau-rosa. O novo assoalho de bordo estava impecável, exceto por uma pilha de aparas de madeira que tinham sido varridas para um canto. Spike dormia aos pés dela. Levantou os olhos e inclinou a cabeça larga e achatada.

Milo lançou-lhe um olhar de fingida hostilidade. Spike aproximou-se para um afago.

Robin levantou um dedo e continuou a prender com grampos os lados da guitarra a um molde. Havia uma dúzia de outros instrumentos, em diversos estágios de reparo, espalhados pela oficina, mas o projeto em que ela trabalhava naquele momento não tinha nada a ver com os negócios. O incêndio destruíra meu velho Martin, junto com uma linda guitarra acústica que ela fizera para mim, anos antes. Eu comprara outro Martin da Mandolin Brothers, em Staten Island. Fazer uma réplica da guitarra era a resolução de Ano Novo de Robin.

Mais um grampo, e ela acabou. Limpou as mãos e ficou na ponta dos pés para dar um beijo no rosto de Milo e depois no meu. Por baixo do avental usava uma camiseta preta e jeans e tinha os cabelos envoltos por um lenço vermelho. Óculos de proteção e uma máscara pendiam de seu pescoço, cobertos de poeira.

Spike começou a latir como um cão de caça e virou-se. Ajoelhei-me e cocei

sua barriga; ele bufou em permissão. Os buldogues franceses são versões em miniatura da variedade inglesa, mas com orelhas erguidas de morcego, uma disposição mais atlética e ilusões de grandeza de um cachorro grande. A melhor maneira de descrever Spike fisicamente é dizer que ele parece com um boston terrier que tomou esteroides, mas sua personalidade é mais de chimpanzé que de cachorro. Ele entrou em nossas vidas um dia e ficou, logo decidindo que Robin era uma pessoa que valia a pena conhecer, enquanto eu era dispensável. Quando se sente infeliz com alguma coisa, ele finge sufocar. Milo finge desprezá-lo, mas sempre lhe traz petiscos.

Desta vez, tirou um saco de sanduíche do casaco esporte. Fígado seco.

— Hora do canapé, cara de panqueca.

Spike continuou sentado, imóvel. Milo jogou um pedaço de fígado, o cão pegou em pleno ar, mastigou e engoliu. Os dois se encararam. Milo esfregou o rosto. Spike latiu. Milo soltou um grunhido e deu a ele mais fígado.

— Vá dar uma volta e digerir.

Spike arremeteu de cabeça para o pé de Milo. Revirando os olhos e resmungando, Milo abaixou-se e afagou-o.

Mais latidos e cabeçadas e mais pedaços de fígado. Ao final, Milo mostrou o saco vazio.

Spike saltou para pegá-lo, sacudiu a cabeça e espirrou baba para todos os lados.

— Já chega — disse Robin. — Você está aumentando a umidade do ar.

Spike fitou-a com enormes olhos castanhos. O olhar de Orson Welles — o gênio perturbado.

— Quieto — ordenou calmamente e com firmeza. O cachorro obedeceu, e ela acrescentou: — Querido.

Robin passou o braço por minha cintura e perguntou: — Quais são as novidades, Milo?

Mais do que apenas boas maneiras. Conversáramos mais um pouco sobre o crime na noite anterior.

— Tudo continua se arrastando — respondeu ele. — Pensei em tomar Alex emprestado esta noite. Se você não precisar dele.

— Sempre preciso dele. Só trate de devolvê-lo inteiro.

— Inteiro, abastecido, lavado e polido.

3

Depois que ele se foi, concentrei-me nas transcrições do comitê de conduta. Os documentos tinham um carimbo vermelho de CONFIDENCIAL em cada página e eram precedidos por uma advertência dos advogados da universidade de que a divulgação do conteúdo poderia acarretar uma ação cível. Em seguida vinha a determinação da responsabilidade feita pelos advogados: exclusivamente da professora Hope Devane.

Mas outras duas pessoas também participaram como juízas com ela: uma professora adjunta de química chamada Julia Steinberger e um estudante de pós-graduação em psicologia chamado Casey Locking.

Virei a página. A forma me surpreendeu. Confrontações cara a cara entre acusadora e acusado. A versão acadêmica de Hope de um programa de entrevista?

Caso 1

Deborah Brittain, uma segundanista do curso de francês, de dezenove anos, acusou Patrick Allan Huang, um segundanista do curso de engenharia, de dezoito anos, de segui-la pela biblioteca da universidade e de fazer comentários "lascivos e sugestivos". Huang negou qualquer interesse sexual por Brittain e disse que fora ela que o "abordara", pedindo ajuda para operar os computadores de pesquisa da biblioteca e dizendo repetidamente como ele era brilhante.

Brittain disse que de fato havia pedido a ajuda de Huang, pois "ele parecia o tipo de cara que entendia de computadores", e elogiado sua eficiência por uma questão de "boas maneiras. Por que uma mulher não pode ser simpática sem ser assediada?"

PROFA DEVANE: Alguma resposta para isso, Mr. Huang?

MR. HUANG: Minha resposta é que ela é racista, achando que um oriental seria um fanático por tecnologia e depois tirando proveito de mim. Foi ela quem me incomodou, não o contrário. Abordou-me toda amigável, e por isso eu a convidei para sair. Então ela me deu um fora e, quando eu não quis ser mais seu escravo de informática, ficou furiosa e me denunciou. O que é um absurdo. Não entrei na universidade para isso.

PROFA DEVANE: Para que você ingressou na faculdade?

MR. HUANG: Para estudar engenharia.

PROFA DEVANE: Há mais para se aprender além do que é ensinado na sala de aula.

MR. HUANG: Tudo o que quero é estudar e cuidar da minha própria vida,

entende? Tudo isso só está acontecendo porque ela é racista.

Ms. BRITTAIN: Ele está mentindo. Ele se ofereceu para ajudar. Eu só precisava de uma ajuda para começar, não conhecia o programa, mas não teria problemas depois. Mas cada vez que me via, ele se aproximava. Acabou me convidando para sair e não quis aceitar um não como resposta... por várias vezes. E tenho o direito de dizer não, certo? Por que deveria aturar aquilo? Cheguei a um ponto em que nem queria mais ir à biblioteca. Mas tinha de fazer um trabalho sobre Molière... e o que ele fazia ali, afinal de contas? Os livros de engenharia ficam na biblioteca de engenharia. É evidente que ele circula por lá para assediar as mulheres.

Mais ele-disse, ela-disse, nenhuma testemunha. Devane fazendo todas as perguntas, Devane recapitulando — ressaltando que Deborah Brittain a procurara "sob profundo estresse".

Ela afirmou o direito de Brittain de estudar em qualquer lugar que quisesse, livre de assédios, aconselhou-a gentilmente a tomar cuidado com os estereótipos raciais que poderiam "acarretar uma comunicação equivocada, embora eu não esteja dizendo que foi isso o que ocorreu neste caso".

Depois ela fez uma preleção para Patrick Huang sobre o respeito aos direitos das mulheres. Huang disse que já sabia de tudo aquilo. Devane sugeriu que mesmo assim pensasse a respeito e o advertiu que enfrentaria uma suspensão e uma possível expulsão se outra aluna se queixasse dele. Não foi adotada nenhuma medida disciplinar.

Caso 2

Uma primeiranista do curso de inglês chamada Cynthia Vespucci compareceu a uma festa antes das férias de Natal, na casa da fraternidade Chi Pi Omega, onde encontrou um primeiranista do curso de administração chamado Kenneth Storm Jr. Reconheceu-o da escola secundária e dançou com ele, "porque embora a maioria dos outros caras estivesse ficando de porre e fazendo loucuras, ele se comportou como um cavalheiro naquela noite".

Vespucci e Storm começaram a sair juntos. Nada de sexual ocorreu até o quarto encontro, quando Vespucci alegou que Storm a levou de carro para um lugar deserto em Bel Air, a cinco quilômetros do campus, e exigiu o intercurso. Quando ela se recusou, Storm a agarrou pelo braço. Ela sentiu que Storm estava com hálito de álcool, conseguiu se desvencilhar e disse a ele que a deixasse guiar. Ele a expulsou do carro e jogou sua bolsa para fora, rompendo a alça e espalhando pelo chão os objetos, alguns dos quais, inclusive moedas, caíram em um bueiro. Ele foi embora, deixando-a ali sozinha. Ela tentou entrar em alguma residência, mas todas as casas ali tinham muros altos e portões e ninguém atendia quando ela tocava a campainha. Foi obrigada a voltar a pé para sua

fraternidade na universidade, estragando um par de sapatos e "sentindo um medo terrível".

Quando instado a responder, Kenneth Storm recusou-se, declarando: "Tudo isso é besteira".

Como a professora Devane insistiu, ele falou: "Que diabos quer que eu diga?"

Nesse momento, o estudante de pós-graduação em psicologia, Casey Locking, entrou no debate: "Escute, cara, sou homem, mas não tenho nenhuma simpatia por homens que maltratam as mulheres. Se o que ela diz é verdade, você tem uma lição para aprender e a sorte de aprendê-la enquanto ainda é jovem. Se você discorda do que ela diz, trate de falar. Mas se optar por não se defender, não venha se queixar mais tarde".

Storm respondeu com "uma sucessão de imprecações".

Depois, surpreendentemente, Cynthia Vespucci pareceu mudar de ideia: "Está bem, está bem, vamos simplesmente deixar de nos ver. Vamos encerrar esta história". (Chorando)

PROFA DEVANE: Aceite um lenço, Ms. Vespucci.

Ms. VESPUCCI: Estou bem. Vamos apenas esquecer esta história.

PROFA DEVANE: Tem certeza, Ms. Vespucci?

Ms. VESPUCCI: Não sei.

PROFA DEVANE: Quando me procurou, estava muito transtornada.

Ms. VESPUCCI: Eu sei. (Começando a chorar) Mas eu... agora quero parar por aqui. Está bem? Por favor?

PROFA DEVANE: Claro. Estamos aqui para defender seus melhores interesses. Deve lembrar, no entanto, que um processo foi iniciado.

MR. STORM: Não acredito nisso! Ela disse para encerrar esta história! O que está querendo fazer? Me expulsar? Pois muito bem, vá em frente! Estou cagando para você, este lugar e...

MR. LOCKING: Fica frio, cara...

MR. STORM: Fica frio você, seu babaca! Tudo isso aqui é besteira, e vou me mandar!

MR. LOCKING: Estou avisando, ca...

MR. STORM: Avisando o que, seu babaca? Pensa que estou me importando com você e a porra da sua faculdade? Que se foda este lugar! Que se foda você! E você também, Cindy... como pôde fazer isso comigo? A primeira coisa que vou fazer quando sair daqui é telefonar para sua mãe e...

Ms. VESPUCCI: Kenny! Por favor...

PROFA STEINBERGER: O que há com a mãe dela, Mr. Storm?

MR. STORM: Peça a ela para contar.

PROFA STEINBERGER: Cindy?

MR. STORM: Mas que piada! Isso é uma porra de história antiga!

MR. LOCKING: Professoras, parece-me que antes de continuarmos esse cara deve...

PROFA STEINBERGER: Há mais alguma coisa acontecendo entre vocês dois sobre a qual não nos contou, Cindy?

Ms. VESPUCCI: (Soluçando} A culpa é minha.

MR. STORM: É a porra da ver...

MR. LOCKING: Veja como fala!

MR. STORM: Vá se fo...

PROFA STEINBERGER: Por favor, senhor, ouviremos tudo o que tiver a dizer. Mas, por favor, deixe-a falar agora. Está bem? Obrigada. Cindy?

Ms. VESPUCCI: A culpa é minha.

PROFA DEVANE: O que é culpa sua, Cindy?

Ms. VESPUCCI: Eu... estava... eu estava furiosa com ele... talvez em parte por causa da minha mãe.

PROFA DEVANE: Ele fez alguma coisa com sua mãe?

MR. STORM: Fiz, sim, sou um estuprador. Conte a eles, Cindy, continue. Vamos... qual é o problema, o gato comeu sua língua? Trazer-me aqui com aquela carta... pensei até que seria suspenso. Isso foi uma total e absoluta idioti...

Ms. VESPUCCI: Pare, Por favor!

MR. STORM: Pois então conte a eles. Ou eu conto.

PROFA DEVANE: Contar o quê?

Ms. VESPUCCI: É uma estupidez.

MR. STORM: E, com certeza! A mãe dela e meu pai tiveram um... eles andaram saindo juntos. Até que meu pai a deixou porque ela era radical demais. A mãe dela não consegue manter nenhum homem, mas Cindy deve ter achado que a culpa era do meu pai.

Por isso, quando me viu na festa, decidiu se vingar em mim.

Ms. VESPUCCI: Não! Isso não é verdade! Você me procurou primeiro! Dancei com você porque estava se comportando como um cavalheiro...

MR. STORM: Mas que piada! Você estava usando aquela roupa preta mínima que...

PROFA DEVANE: Espere um instante. Quando disse radical, referiu-se a uma posição política?

MR. STORM: O que mais podia ser? Feminismo radical. A mãe dela é uma extremista inflamada. Odeia os homens, ensinou Cindy a fazer o mesmo. Ela estava tentando me punir por...

Ms. VESPUCCI: Não estava, Kenny! Você se comportou como um

cavalheiro, não como...

MR. STORM: Não como meu pai? Não o meta nisso!

Ms. VESPUCCI: Não era nisso que eu estava pensando, mas sim nos outros caras na...

MR. STORM: Certo.

Ms. VESPUCCI: Kenny...

MR. STORM: Foda-se!

PROFA STEINBERGER: Kenny, seu pai aprova seu vocabulário?

MR. STORM: Está bem, peço desculpas. Fiquei mesmo exaltado, porque tudo isso é uma tremenda injustiça. Meu pai e a mãe dela tiveram problemas, por isso Cindy armou para cima de mim. E...

Ms. VESPUCCI: Não fiz isso! Eu juro.

MR. STORM: Certo. Você apenas me procurou por causa dos meus belos olhos...

PROFA DEVANE: Vamos retomar nossa discussão. Qualquer que tenha sido a motivação para o encontro inicial, Mr. Storm, o fato é que depois saiu com Ms. Vespucci. E ela alega que tentou forçá-la a fazer sexo.

MR. STORM: Que bes... de jeito nenhum! Claro que fiz a proposta. Por que não? Já tínhamos saído uma porção de vezes. Mas não a toquei sem permissão... certo, Cindy? Então perguntei se ela queria fazer. Isso é crime agora?

PROFA DEVANE: Mas empurrá-la para fora do carro quando ela o recusou é crime.

MR. STORM: Concordo, mas acontece que não a empurrei. Ela teve um ataque e resolveu sair e acabou caindo. Eu até tentei impedi-la... e foi a única vez em que a segurei pelo braço.

PROFA DEVANE: Não é isso que ela diz... correto, Ms. Vespucci?

Ms. VESPUCCI: Esqueça tudo isso.

PROFA DEVANE: Cindy, eu não...

Ms. VESPUCCI: Por favor.

PROFA DEVANE: Vamos falar sobre aquela bolsa, Cindy. Podemos concluir que foi jogada?

MR. STORM: Claro que não! Depois que ela saltou, entreguei-lhe a bolsa porque era dela e...

PROFA DEVANE: Admite que jogou nela.

MR. STORM: Não nela, para ela. Para que eu precisaria de uma bolsa? Mas Cindy não quis pegar, por isso caiu no chão.

Ms. VESPUCCI: Mas depois eu disse que queria entrar de volta no carro, e você foi embora.

MR. STORM: Não ouvi.

Ms. VESPUCCI: Não estava tão longe assim!

MR. STORM: Estou lhe dizendo, Cindy: eu não ouvi. Já havia chamado dez vezes, e você se recusava a entrar, por isso resolvi me mandar. Isso fede, Cindy. Armou para cima de mim, sabe disso, e agora sua mãe também vai saber.

PROFA DEVANE: Este não é o momento para ameaças...

MR. STORM: O que você acha que é isto? Foda-se este lugar...

Ms. VESPUCCI: Sinto muito, sinto muito... desculpe, professora Devane, mas quero parar com isso. Agora! Por favor.

PROFA STEINBERGER: Talvez...

PROFA DEVANE: Cindy, neste momento você está sob muita pressão e tensão. Não é a ocasião apropriada para tomar decisões importantes.

Ms. VESPUCCI: Não me importo! Apenas quero acabar com isso! Vou embora.

(Ela sai)

MR. STORM: (Ele ri] E agora?

PROFA DEVANE: Há mais alguma coisa que o senhor queira dizer em sua defesa?

MR. STORM: Por mim, não tenho mais nada a dizer. Mas por você... para você: vá se foder, ouviu? E você também, seu palhaço... não gostou disso, cara? Pois então vamos sair e resolver lá fora.

MR. LOCKING: Não imagina com quem está se metendo...

MR. STORM: Então vamos até lá fora, cara. Vamos logo... ora, foda-se, foda-se esta universidade, foda-se toda essa merda de radicalismo. Vou telefonar para meu pai, ele trabalha com imóveis e conhece um monte de advogados. Meu pai vai estraçalhar todos vocês.

(Ele sai)

Uma nota dos advogados da universidade indicava que Kenneth Storm Sr., ex-aluno e membro do conselho da reitoria, contratara um advogado, Pierre Bateman, que quatro semanas depois enviara carta de protesto à universidade, exigindo a dissolução imediata do comitê de conduta, um pedido de desculpas por escrito e uma indenização de cem mil dólares para Kenneth Storm Jr. O jovem deixara a universidade e pedira transferência para o College of the Palms, em Redlands. Os advogados da universidade ressaltaram que a média dele no primeiro trimestre fora de 1,7, e com isso corria o risco de reprovação. As notas no segundo trimestre não foram melhores, e ele estava prestes a ser reprovado e desligado da universidade. Mesmo assim, era aconselhável negociar, e um acordo foi feito: a família Storm concordou em não levar a questão adiante, em troca do pagamento do curso de Kenneth Jr. no College of the Palms por três anos e meio.

Além disso, foi recomendada a dissolução do comitê.

Ressentimentos nos dois casos, mas o nível de raiva do segundo quase chamuscara o papel.

Kenneth Storm Jr. tinha um temperamento esquentado, mesmo levando-se em consideração que fora pressionado durante um péssimo momento de sua vida acadêmica.

O acordo não o teria apaziguado?

Paz e Fellows nunca souberam do comitê. Eu presumia que Milo pelo menos folheara as transcrições, mas ele ainda preferia Philip Seacrest como o principal suspeito.

Por causa do dinheiro e da maneira como Seacrest o deixava desconfiado.

Mas era óbvio que Storm odiara Hope.

Um garoto de dezenove anos levando o ressentimento a esse ponto?

Marcas de bicicleta na calçada.

Os estudantes iam de bicicleta ao campus.

Anotei K, Storm Jr. e passei para a terceira transcrição, datada de uma semana depois do desastre Vespucci-Storm e três semanas antes da carta do advogado de Kenneth Storm que acabou com o comitê.

Apenas Devane e Casey Locking presidiam o julgamento agora. A professora Steinberger teria perdido o gosto pela inquisição?

Conforme eu lia, tornava-se patente que aquela era a mais grave das três queixas.

Uma segundanista de psicologia chamada Tessa Ann Bowlby acusou um estudante de pós-graduação em artes cênicas chamado Reed Muscadine de estupro num encontro. Os dois concordaram em diversos pontos iniciais: haviam se conhecido no refeitório dos estudantes enquanto almoçavam e saíram naquela noite para assistir ao filme *Velocidade máxima*, no Village Theater, depois jantaram no Pinocchio, um restaurante italiano em Westwood Village. Foram para o apartamento de Muscadine, no MidWilsh ire District, para tomar vinho e ouvir música. Começaram a trocar carícias ardentes e a tirar as roupas. A partir desse ponto as histórias divergiam: Bowlby alegava que não queria que as coisas fossem adiante, mas Muscadine ficou por cima dela e a penetrou à força. Muscadine dizia que o intercurso fora consensual.

Ms. BOWLBY: {Chorando, tremendo) Eu...

PROFA DEVANE: Pode falar, querida.

Ms. BOWLBY: (Abraça a si mesma, balança a cabeça)

PROFA DEVANE: Tem mais algum comentário a fazer, Mr. Muscadine?

MR. MUSCADINE: Apenas que isto é um tanto kafkiano.

PROFA DEVANE: Em que sentido, senhor?

MR. MUSCADINE: No sentido de ser colocado sob suspeita sem nenhuma justificativa e nenhum aviso. Tessa, se o que aconteceu a magoou de alguma forma, lamento sinceramente.

Mas você está lidando com seus sentimentos da maneira errada. Pode ter mudado de ideia agora, mas o que aconteceu naquele momento foi claramente o que ambos queríamos...

e você nunca indicou o contrário.

Ms. BOWLBY: Eu lhe pedi que parasse.

MR. MUSCADINE: Não, Tessa, não pediu.

Ms. BOWLBY: Eu pedi. Eu pedi.

MR. MUSCADINE: Já discutimos isso várias vezes, Tessa. Você acha que protestou, eu tenho certeza de que não ouvi nada que sequer parecesse um protesto. Se tivesse ouvido, é óbvio que teria parado.

PROFA DEVANE: Por que é óbvio?

MR. MUSCADINE: Porque não obrigo as mulheres a ficarem comigo. Além de repulsivo, é desnecessário.

PROFA DEVANE: Por que é desnecessário?

MR. MUSCADINE: Porque sou capaz de pegar as mulheres sem forçá-las.

PROFA DEVANE: Pegar as mulheres?

MR. MUSCADINE: Perdoe minha linguagem, estou um pouco abalado por tudo isso. As mulheres e eu nos relacionamos bem. Sou capaz de obter companhia sem o uso. da coação.

É por esse motivo que a situação...

MR. LOCKING: É estudante de artes cênicas, certo?

MR. MUSCADINE: Sou.

MR. LOCKING: Qual a especialidade?

MR. MUSCADINE: Representação.

MR. LOCKING: Então você é bom em dissimular seus sentimentos.

MR. MUSCADINE: O que você quer dizer com isso?

MR. LOCKING: O que isso quer dizer para você?

MR. MUSCADINE: Olha, vim para cá determinado a me manter calmo e racional, mas estou descobrindo que é um pouco difícil com as coisas se tornando tão pessoais...

PROFA DEVANE: Mas esta é uma questão pessoal.

MR. MUSCADINE: Eu sei, mas já disse...

MR. LOCKING: Tem algum problema de controle do temperamento?

MR. MUSCADINE: Não. Nunca. Por quê?

MR. LOCKING: Parece irritado.

MR. MUSCADINE: (Ele ri) Não, estou bem... talvez um pouco

desconcertado.

MR. LOCKING: com o quê?

MR. MUSCADINE: Este processo. O fato de estar aqui. Se me sinto um pouco irritado? Claro. Você não estaria? E isso é tudo o que tenho a dizer.

PROFA DEVANE: O intercurso. Levou ao clímax?

MR. MUSCADINE: Para mim, levou. E pensei que você também tivesse gostado, Tessa.

Ms. BOWLBY: (Chorando)

MR. MUSCADINE: Obviamente eu me enganei.

PROFA DEVANE: O senhor usou preservativo?

MR. MUSCADINE: Não. Foi como... a coisa toda foi espontânea. Impetuosa. E

ambos gostamos... ou pelo menos foi o que pensei. Nada foi planejado, apenas aconteceu.

PROFA DEVANE: Alguma vez fez o teste de HIV?

MR. MUSCADINE: Não. Mas tenho certeza de que sou...

PROFA DEVANE: Estaria disposto a fazer o teste?

MR. MUSCADINE: Por quê?

PROFA DEVANE: Para a paz de espírito de Tessa. E a sua.

MR. MUSCADINE: Ora, vamos...

PROFA DEVANE: O senhor se relaciona bem com as mulheres. E pega muitas e muitas delas.

MR. MUSCADINE: Não é essa a questão.

PROFA DEVANE: Então qual é o problema?

MR. MUSCADINE: É a intromissão.

PROFA DEVANE: O estupro também é uma intromissão.

MR. MUSCADINE: Nunca estuprei ninguém.

PROFA DEVANE: Então por que toda a ansiedade com relação a um simples exame de sangue?

MR. MUSCADINE: Eu... eu teria de pensar a respeito.

PROFA DEVANE: Há algum problema fundamental com isso?

MR. MUSCADINE: Não, mas...

PROFA DEVANE: Mas o quê, senhor?

MR. MUSCADINE: Não sei.

PROFA DEVANE: Os fatos são os seguintes: fez sexo inseguro com uma mulher

que o acusa de tê-la estuprado. O mínimo que pode fazer agora é...

MR. MUSCADINE: É que me parece meio... drástico. Fazer sexo e provar que é saudável? Já dormi com muitas outras mulheres e isso nunca aconteceu.

PROFA DEVANE: É justamente esse o ponto. Para todos os efeitos, Ms. Bowlby agora também deitou com cada uma dessas outras mulheres. Os detalhes precisos do que ocorreu naquela noite talvez nunca possam ser comprovados, mas é óbvio que Ms. Bowlby está passando por um trauma real.

MR. MUSCADINE: Não por minha causa.

Ms. BOWLBY: Você me estuprou.

MR. MUSCADINE: Não, Tessa, não a estuprei. Sinto muito. Você distorceu essa...

Ms. BOWLBY: Pare! Por favor! (Ela chora)

MR. MUSCADINE: Tessa, se houvesse algum meio de desfazer o que aconteceu, pode ter certeza de que o faria de bom grado. Não precisávamos ter feito amor, podíamos apenas ter...

PROFA DEVANE: Por favor, senhor, pare. Obrigada. Você está bem, Tessa? Casey, dê outro lenço para ela... obrigada. Como eu dizia, Mr. Muscadine, os detalhes precisos talvez nunca sejam conhecidos, porque não houve testemunhas. Mas Ms. Bowlby está visivelmente traumatizada e tem direito a alguma espécie de satisfação. Tendo em vista seu histórico sexual, senhor, ela se sentiria melhor se fizesse o teste e comprovasse que é HlV-negativo. E este comitê se sentiria da mesma forma.

MR. MUSCADINE: Isso é verdade, Tessa? É, Tessa?

Ms. BOWLBY: Você acabou de dizer que foi para a cama com outras!

MR. MUSCADINE: Puxa, de Kafka a Drácula... entregar os fluidos do meu corpo. Está bem, não tenho nada a esconder... Preciso pagar por esse teste?

PROFA DEVANE: O teste pode ser feito de graça no centro de saúde da universidade.

Tenho aqui um formulário de autorização para a divulgação dos resultados.

MR. MUSCADINE: Puxa vida... está bem, não tenho nada a esconder... mas ela também deveria fazer o teste.

Ms. BOWLBY: Já fiz. Logo depois. Até agora sou negativa.

MR. MUSCADINE: E vai continuar sendo. Pelo menos por minha parte... Escute, Tessa, lamento muito que você tenha ficado assim, mas eu... ora, esqueça. Certo, farei o teste amanhã. Está bem assim? Se isso é tudo o que tenho a fazer.

PROFA DEVANE: Deveria também refletir seriamente sobre a questão do estupro.

MR. MUSCADINE: Não preciso.

PROFA DEVANE: Às vezes não percebemos que...

MR. MUSCADINE: Estou dizendo... Está bem, pensarei a respeito. Posso ir agora?

PROFA DEVANE: Assine estes formulários, procure o centro de saúde e faça o teste nas próximas vinte e quatro horas.

MR. MUSCADINE: Certo, certo. Que experiência... Graças a Deus que sou um ator.

PROFA DEVANE: Por que o senhor diz isso?

MR. MUSCADINE: Para um ator, tudo serve de material. Talvez eu possa aproveitar isto algum dia.

PROFA DEVANE: Creio que não. Como ressaltamos no início, tudo o que ocorre aqui é confidencial.

MR. MUSCADINE: Ah... sim, claro. É melhor assim. Para o meu bem inclusive.

PROFA DEVANE: O que eu quero dizer é que está proibido de usar qualquer fato que ocorreu aqui. Faz parte do acordo.

MR. MUSCADINE: Não tinha a intenção de usar diretamente, mas apenas de forma subconsciente. Não importa... Adeus, Tessa. Vamos manter distância um do outro. Vamos ficar a um planeta de distância um do outro.

4

Naquela noite, quando Milo e eu seguíamos para a visita a Philip Seacrest, eu disse: — Kenneth Storm.

— Achei que você poderia gostar dele. Uma cena terrível, hein?

— Sabe se Storm se transferiu mesmo para o College of the Palms?

— Não. Por quê?

— E se ele não foi aceito? Ou se ele se matriculou, foi reprovado e desligado? Não lhe restaria nada além de más recordações e do comitê para culpar por tudo. Isso significaria que há um risco para os outros dois membros do comitê também. Embora atacar todos os membros faria com que o motivo se tornasse óbvio demais. Se eu precisasse de uma vítima para ter satisfação, seria a líder.

Milo concordou, acenando com a cabeça, e disse: — Que sem dúvida era Hope. E o segundo no comando era aquele estudante de pós-graduação, Locking. Ele estava mesmo em consonância com ela. Já a professora Steinberger não falou muita coisa nem estava presente na avaliação do terceiro caso.

— Talvez ela tenha se desiludido — comentei. — E possível que Casey Locking não pudesse se dar a esse luxo. Ele estava estudando psicologia, e eu não ficaria surpreso se Hope fosse sua orientadora ou ocupasse alguma outra posição de poder.

— A terceira sessão foi a única em que a garota alegou estupro. O que acha de Hope pedir àquele estudante de artes cênicas, Muscadine, para fazer um teste de Aids?

— Talvez ela estivesse convencida de que Muscadine estuprara a moça, sabia que não havia provas para um processo criminal e decidiu fazer o que pudesse pela vítima. A garota, Tessa, também fez o teste. Então é óbvio que estava preocupada.

— Muito esquisito — disse ele. — Uma cena e tanto. E esse caso nunca chegou aos jornais.

Ele parou num sinal vermelho no Sunset e ficou observando o tráfego transversal.

— Mas ainda prefere Seacrest a Kenneth Storm — falei.

— Sou um cara de mente aberta, mas é isso mesmo. Meio milhão de dólares é um tremendo motivo. E Seacrest tinha a sofisticação e a oportunidade para armar isso... envenenamento da cadela. E, com certeza, dos três estudantes Storm é o mais indicado, mas ele tem apenas dezenove anos e por seu histórico

acadêmico não é nenhum gênio. Aquele padrão calculado de facadas parece trabalho de um garoto de pavio curto e boca suja? Cinquenta facadas se ajustariam mais. Ou pancadas na cabeça. Além disso, Storm recorreu aos meios legais para descarregar sua raiva, vingando-se por meio do advogado do papai.

— Foi por isso que perguntei se ele continua na faculdade. Talvez recorrer aos meios legais não tenha sido satisfatório. E não se esqueça das marcas de pneus de bicicleta.

— Um garoto numa bicicleta de dez marchas.

O sinal ficou verde e Milo virou para leste, prosseguiu em velocidade reduzida até que o tráfego diminuiu, depois virou à direita, para o sul do bulevar. Estávamos próximos do local do crime. Pelos padrões de Los Angeles, Hope fora minha vizinha.

E era bem provável que Robin tivesse pensado nisso.

Passamos pela privacidade fria e escura de Holmby Hills, com seus muros altos e árvores velhas; havia pequenos sinais hostis lembrando-nos da presença de uma patrulha armada. Milo atravessou um cruzamento e continuou para o sul. As enormes propriedades deram lugar a casas ao entrarmos no bairro residencial de Westwood.

— Vou investigar Storm Júnior — disse ele. — Aliás todos os três. O que vai trazer muita infelicidade para várias pessoas que pensavam ter deixado o comitê para trás.

Estacionamos e permanecemos por algum tempo no carro, perto do grande olmo, conversando sobre o assassinato e outras coisas antes de mergulharmos num poço de silêncio.

Nenhum movimento por trás das cortinas com iluminação cor de âmbar. Nenhum sinal de vida.

— Pronto para conhecê-lo?

— Emocionado.

— Não é para menos, ele é um cara emocionante.

Quando já íamos saltar, faróis se aproximaram e um carro parou na frente da casa de Devane/Seacrest, entrou na propriedade e estacionou atrás do Volvo.

Um Mustang vermelho.

— Aí está — falei. — Ele gosta de sair. Resolveu dar uma volta no carro esporte.

— No carro esporte dela. — Milo ficou observando atento, com os lábios apertados.

Os faróis foram apagados, e um homem deixou o carro vermelho e se encaminhou para a porta da frente.

— Aquele não é Seacrest, Alex. Seacrest é mais alto.

O homem tocou a campainha. Estava escuro demais para divisar detalhes, mas ele era baixo — talvez um metro e setenta — e usava um casaco comprido. Estava com as mãos nos bolsos e de costas para nós.

Uma luz foi acesa no andar térreo e a porta, entreaberta. O homem entrou.

— Um amigo? — falei. — Alguém para quem Seacrest emprestou o carro?

— Já que Seacrest está se mostrando tão hospitaleiro, vamos aproveitar.

Demorou um pouco mais para que o nosso toque da campainha fosse atendido. Finalmente alguém perguntou do outro lado: — Quem é?

— Detetive Sturgis, professor.

Novamente a porta foi entreaberta. Philip Seacrest era de fato mais alto que o homem do casaco comprido. Tinha quase o metro e noventa e três de Milo, mas uns trinta quilos a menos, com ombros estreitos e um rosto chupado, meio quadrado, que parecia sujo por causa de uma barba grisalha malfeita. O nariz era pequeno e largo e dava a impressão de que fora quebrado no passado. Os cabelos eram grisalhos e desgrenhados, cheios acima das orelhas, mas ralos no alto da cabeça. Usava uma camisa xadrez verde e cinza, uma calça cinza de sarja que um dia fora elegante, mas que agora estava gasta nos joelhos, chinelos de feltro. As mangas da camisa estavam enroladas até os cotovelos, expondo braços sem pelos e flácidos.

Uma incongruência: uma pequena tatuagem de âncora no braço esquerdo, azul-clara, meio tosca, provavelmente uma lembrança da marinha. Eu sabia que ele tinha cinquenta e cinco anos, mas parecia mais velho. Talvez fosse pelo sofrimento. Ou por genes ruins. Ou por ir trabalhar e fazer a mesma coisa todos os dias, muitas e muitas vezes, sem distinção.

— Olá, detetive.

Ele pôs a mão no batente da porta. Voz suave, pouco mais que um murmúrio. Se falasse assim em suas aulas, os estudantes nas últimas filas não ouviriam.

Por trás dele, divisei móveis antigos e pesados, papel de parede florido e um relógio de pêndulo na base de uma escada estreita. Um pequeno lustre de latão. Senti o cheiro de comida de microondas, ainda não totalmente cozida.

Na parede em frente à entrada havia um espelho colonial de lente convexa, como se fosse um olho enorme. Nenhum sinal do motorista do Mustang.

— Olá, professor — disse Milo.

Os olhos de Seacrest eram grandes, castanhos, um pouco mais escuros que os de sua falecida esposa, suaves como os de uma criança.

— Em que posso ajudá-lo, Mr. Sturgis?

— Nós estamos interrompendo alguma coisa?

O nós fez com que ele me notasse, mas não por muito tempo.

— Não.

— Podemos entrar?

Seacrest hesitou por um segundo.

— Claro.

Ele disse isso mais alto — para alertar o outro homem? Permaneceu na porta por mais um instante, depois deu um passo para o lado.

Não nos encarou. Eu já podia perceber o comportamento evasivo que despertara a atenção de Milo.

Depois ele nos fitou. Mas não com afeição.

As vezes surge um vínculo entre policiais e parentes das vítimas, mas não o caso aqui. Completamente o contrário. Uma certa frieza.

Talvez fosse porque ele não gostava que o visitassem sem avisar antes.

Ou porque fora tratado como um suspeito desde o início.

Talvez ele merecesse isso.

E permaneceu no vestíbulo, passando a língua pelos lábios e tocando no pomo-de-adão, depois olhou para trás, na direção da escada. O homem mais baixo estava lá em cima?

Nilo se aproximou de Seacrest, que recuou um passo e assim ficou mais perto do espelho convexo, tornando-se uma mancha cinza no vidro prateado.

— Em que posso ajudá-lo? — repetiu ele.

— Só vim verificar como estão as coisas.

— Não houve progressos?

— Infelizmente não, senhor.

Seacrest meneou a cabeça, como se já esperasse as más notícias.

Avaliei a casa. Saguão no centro, vestíbulo modesto, piso de vinil imitando mármore branco, a escada acarpetada em um verde desbotado.

Sala de estar à direita, sala de jantar à esquerda. Mais móveis antiquados, embora não fossem bastante velhos para se tornar antiguidades. Ele herdara a casa dos pais. Provavelmente eram os móveis de sua infância. Pequenos tapetes desiguais estavam espalhados pelo chão. Adiante da escada havia uma pequena sala com painéis de pinho e estantes cheias de livros. Havia livros no chão também. Um sofá xadrez.

Ninguém dera corda no relógio e o pêndulo estava inerte.

Ouvimos pesadas passadas no segundo andar.

— Um dos alunos de Hope — disse Seacrest, passando os dedos pela barba. — Veio buscar um material de pesquisa que Hope deixou. Finalmente tomei coragem para verificar e arrumar as coisas dela, depois que a polícia desarrumou tudo. Aqueles dois primeiros detetives espalharam tudo... Um instante.

Ele subiu até o meio da escada e gritou: — Já acabou? A polícia está aqui!

Lá de cima uma voz disse alguma coisa. Seacrest desceu devagar, como uma

noiva relutante.

— Material de pesquisa... — repetiu Milo. — Pertence ao estudante?

— Eles vinham trabalhando juntos. É a norma no nível de doutorado.

— Quantos alunos ela orientava? — perguntei.

— Não creio que fossem muitos.

— Por causa do livro?

— Como?

— As exigências de tempo.

— Acho que sim. Mas também porque Hope era exigente. — Seacrest olhou para a escada.

— Ainda está uma confusão... O método de trabalho de Hope era... ela não era muito... compulsiva. O que não significa que sua mente não era organizada. Claro que era. E a um ponto excepcional. Um dos seus muitos talentos. Talvez fosse esse o problema.

— Como assim, professor?

Seacrest apontou para a escada, como se fosse um quadro-negro.

— O que quero dizer é que sempre me perguntei se o motivo pelo qual ela conseguia trabalhar no meio de tanta desordem não seria o fato de ser tão metódica interiormente... tão bem esquematizada... que não precisava da ordem externa. Mesmo na pós-graduação, ela estudava com o rádio ou a televisão ligados. Eu achava isso incrível, pois necessito de absoluta solidão. Ele fungou.

— Ela era muito mais inteligente do que eu. Seus olhos se encheram de lágrimas.

— Não está tendo muita solidão esta noite — comentou Milo. Seacrest tentou sorrir.

A boca não quis acompanhar, e o resultado foi uma total ambivalência.

— Nem ideias novas — continuou ele. — Gostaria de ter algumas. Mas loucura é apenas loucura. Tão banal.

— Já estou descendo!-avisou uma voz Já de cima.

O homem mais baixo desceu, com uma caixa de papelão nas mãos.

Tinha seus vinte e poucos anos, cabelos escuros, compridos e lisos penteados para trás e um rosto anguloso que fazia James Dean parecer rechonchudo. Tinha lábios cheios e escuros, faces encovadas, pele lisa e sobrancelhas retas espessas. O casaco comprido era de couro preto, surrado, e sob a bainha apareciam quatro ou cinco centímetros de brim azul. Botinas pretas com solas grossas e fivelas cromadas.

Ele piscou. Cílios curvos e longos sob olhos azul — escuros. Os quartos ficam lá em cima. Pensei no possível aviso que Seacrest lhe dera e perguntei-me se ele não viera buscar outra coisa que não dados de pesquisa. Guiar o carro de

Hope... um privilégio e tanto para um aluno de outra pessoa. Mas para um novo amigo... Olhei para Milo. Ele não se mexera.

O rapaz chegou ao pé da escada, segurando a caixa à sua frente, como se e uma oferenda.

Na lateral, estava impecavelmente escrito em preto ESTUDE AUTOCONTROLE, love 4, EXAME PRELIMINAR. Ele colocou a caixa no chão.

Abas meio abertas revelavam listagens de computador.

Tinha mãos compridas e finas. No dedo indicador direito trazia um anel enorme, uma caveira prateada com olhos de vidro vermelho. O tipo que se comprava em qualquer loja de berloques no Hollywood Boulevard.

— Oi. Sou Casey Locking.

A voz era profunda e suave, relaxada, como a de um DJ. Nilo identificou-se.

— Falei com outros dois detetives logo depois do que aconteceu — comentou Locking.

Milo apertou os maxilares. Não havia nada sobre essa conversa nos relatórios de Paz e Fellows.

— Já descobriram alguma coisa? — perguntou Locking.

— Ainda não.

— Ela era uma grande professora e uma pessoa fantástica. Seacrest suspirou.

— Desculpe, professor — falou Locking.

— Seu nome me lembra alguma coisa... — disse Milo. — Ah, já sei. Participou do comitê de conduta, não é mesmo?

As sobrancelhas pretas de Locking arquearam-se.

— É, sim.

Seacrest concentrou-se na conversa com súbito interesse. Locking tocou numa lapela do casaco, expondo um pedaço de camiseta branca.

— Não está pensando que o comitê teve alguma coisa a ver com... com o que aconteceu, não é?

— Você não acha que é possível? Locking torceu os dedos.

— Juro que nunca considerei essa possibilidade.

— Por que não?

— Não me pareceu... tive a impressão de que todos aqueles caras não passavam de covardes.

— Eu diria que a professora Devane foi morta de uma maneira covarde. Eu tentava observar Seacrest sem ser óbvio. Ele ainda olhava para o chão, os braços pendendo, inertes.

— Tem razão — disse Locking. — Você é o detetive, mas... sabia que o diretor baixou uma ordem? Tudo que se relaciona com o comitê é confidencial.

Portanto, não posso falar a respeito.

— As coisas mudaram — declarou Milo.

— Sim, acho que mudaram. Mas isso é tudo o que sei. — Locking pegou a caixa. — Boa sorte.

Milo aproximou-se dele. Seu tamanho costuma fazer com que as pessoas recuem. Locking não recuou.

— Quer dizer que fazia pesquisas com a professora Devane?

— Ela era minha orientadora de tese. Fizemos alguns trabalhos juntos.

— Já encontrou um novo orientador?

— Ainda não.

— Quantos outros estudantes ela orientava?

— Apenas eu e uma colega.

— Qual é o nome dessa colega.?

— Mary Ann Gonsalvez. Ela está passando um ano na Inglaterra.

Locking virou-se para Seacrest. — O carro está ótimo, professor. Apenas precisava de uma troca de óleo e de um novo filtro de ar. Deixei as chaves lá em cima.

— Obrigado, Casey.

Locking encaminhou-se para a porta, desocupou uma das mãos para abri-la, enquanto apoiava a caixa contra o peito.

— Bonito anel — comentou Milo. Locking parou, soltou uma risada lenta e profunda.

— Ah, isto... Cafona, não é? Foi um presente. Já deveria ter Jogado fora.

Milo fechou a porta depois que Locking saiu.

— Muita gentileza dele cuidar do conserto do seu carro, professor.

— Foi uma troca — explicou Seacrest. — Procurei as informações que ele queria e ele cuidou do carro. Mais alguma coisa, Mr. Sturgis?

— Não. Só vim verificar se lembrou de alguma coisa. E queria apresentá-lo ao dr. Delaware. Ele é o nosso consultor de psicologia.

Os olhos suaves se contraíram.

— É mesmo?

— Tendo em vista a profissão de sua esposa, achei que o dr. Delaware poderia nos ajudar.

— Suponho que seja mesmo uma boa ideia.

— Antes que eu me esqueça, onde está a cadela?

— Como?

— Sua rottweiler.

— Hilde? Eu a dei. Era de Hope.

— Não gosta de cachorros? Seacrest não parará de me encarar.

— A verdade é que me sinto cansado — respondeu ele. — Não consigo recuperar as energias.

Não consigo dar a Hilde a atenção que ela merece. E não preciso de mais uma lembrança de como as coisas eram.

— Para quem deu a cadela?

— Para uma organização chamada Amigos do Rottweiler.

— Que tipo de cadela era Hilde?

— Mansa, mas um tanto agitada.

— Era do tipo que protege o dono?

— Parecia ser, mas não foi por isso que Hope a comprou. Ela queria companhia em suas caminhadas.

Seacrest enxugou os olhos.

— Vocês dois nunca iam andar juntos? — perguntou Milo.

— Não. Nunca fui de fazer exercícios. Hope adorava a atividade física, e Hilde era uma cadela ativa. Sempre de olho em Hope. Por isso é que foi terrivelmente... irônico Hilde não estar lá.

Ele esfregou a barba. Os olhos estavam novamente bem abertos. Muito brilhantes, como se houvesse metal incandescente por trás, iluminando-os.

— Depois da morte de Hope, a cadela ficou em um estado deplorável acrescentou ele.

— Eu estava deprimido, não tinha condições de cuidar dela.

— Quem cuidava de Hilde durante a excursão de promoção do livro da professora Devane?

— Ah, eu cuidava, mas Hope nunca se ausentava por muito tempo. Passava dois ou três dias fora, voltava para casa, ficava dois ou três dias, viajava de novo.

— Hilde já tinha apresentado problemas estomacais?

— Não. — Os olhos de Seacrest se desviaram dos meus com relutância.

— Os dois primeiros detetives cogitaram a hipótese de ela ter sido envenenada pelo assassino. Se eu tivesse pensado nisso, teria mandado fazer um exame. Mas creio que não revelaria muita coisa.

— Por que não?

— Digamos que se descobrisse que alguém deu alguma coisa a Hilde. Ainda assim não teríamos ideia de quem foi.

Seacrest tornou a olhar para mim.

— Um psicólogo da polícia. E um trabalho que Hope nunca teria aceitado.

— Por que não? — perguntou Milo.

— Ela desconfiava das autoridades. Eu sou de uma geração diferente.

— Ela não gostava da polícia? — indagou Milo.

— Achava que todas as organizações eram inerentemente... ineficientes.

— E você discordava.

— Tenho um certo... respeito a distância pelos agentes da lei. Talvez por isso eu seja um historiador.

— Estudou a história do crime?

— Não per se. Meu principal interesse é o período medieval, mas também me interesso pela história elisabetana. Há um relato dessa época que persiste em minha mente: durante a era elisabetana, a pena de morte era a punição para uma ampla variedade de crimes. Até mesmo punguistas eram enforcados. Até que almas mais bondosas e gentis impuseram sua vontade, e a forca foi eliminada para os crimes menos graves. Pode presumir o que aconteceu?

— Mais crimes — respondeu Milo.

— Nota dez, detetive.

— Defende a pena de morte, professor? Seacrest tocou na barba.

— Não sei mais o que defendo. Perder minha esposa abalou todos os conceitos que eu tinha... O que exatamente vai fazer para ajudar a descobrir o assassino de Hope, dr. Delaware?

— Analisar todo o processo de investigação — respondi. — Talvez conversar com alguns dos colegas de sua esposa. Alguém em particular por quem eu deva começar?

Ele sacudiu a cabeça.

— Hope e eu mantínhamos nossas vidas profissionais em separado.

— Não conhece ninguém a quem ela estivesse ligada?

— Não, não profissionalmente.

— E com relação aos amigos?

— Na verdade, não tínhamos nenhum. Sei que é difícil acreditar, mas ambos levá vamos vidas muito isoladas. Trabalhando, escrevendo, ficando com Hilde, tentando arrumar momentos de privacidade.

— Deve ter ficado ainda mais difícil depois que o livro foi lançado.

— Para Hope, ficou mesmo. Mas ela me mantinha longe dos refletores. Vidas isoladas.

Pequenos compartimentos...

— Professor, o nome Robert Barone lhe é familiar? — perguntou Milo. Seacrest negou com um lento movimento de cabeça.

— E Milan Cruvic?

— Não. Quem são eles?

— Pessoas com quem sua esposa trabalhava.

— Aí está. Eu não saberia nada a respeito.

— Separação total, hein? — comentou Milo.

— Era o melhor para nós. — Seacrest virou-se para mim. — Quando falar

com os colegas de Hope, já sei o que eles vão lhe dizer.

— O quê, professor?

— Que ela era brilhante, mas uma solitária. Uma estudiosa e professora de primeira classe. — Suas mãos se contraíram. — Perdoem-me por dizer isso, senhores, mas não creio que essa abordagem possa ser útil.

— Que abordagem? — perguntou Milo.

— Examinar a carreira acadêmica de Hope. Não foi isso que a matou. Foi o livro. Sair para o que é conhecido numa linguagem cômica como o mundo real. Ela teve a coragem de ser controversa, e a controvérsia inspirou algum maluco esquizofrênico ou seja lá o que for. Oh, Deus...

Ele esfregou a testa, olhou para o chão.

— Meu lugar é a torre de marfim, detetive. Poupe-me da realidade.

Milo perguntou se podíamos ver o escritório de Hope.

— À vontade. Importam-se se eu continuar aqui embaixo e tomar um chá?

— Claro que não.

— Lá em cima, primeira porta à esquerda. Podem olhar o que quiserem.

Havia três quartos pequenos e um banheiro com portas para um patamar central. O quarto da esquerda tinha estantes funcionais modernas do chão ao teto, apinhadas de livros e publicações diversas, as prateleiras se curvando sob o peso . Venezianas protegiam duas janelas. Os móveis pareciam espalhados sem posição certa: duas cadeiras diferentes, uma escrivaninha e uma mesinha com um computador, impressora, Modern, manuais de software. O guia de estilo da Associação Norte-Americana de Psicologia, um dicionário, um thesaurus.

Ao lado do computador havia várias cópias de um artigo que Hope Devane publicara no ano anterior no Journal of Personality and Social Psychology. Coautor, Casey Locking. "O autocontrole como uma função da identidade do sexo."

Li o resumo. Não havia diferenças significativas entre homens e mulheres na capacidade de controlar o hábito de roer unhas, segundo uma técnica behaviorista. Não havia nenhum relacionamento entre o sucesso e as opiniões das pessoas pesquisadas sobre comportamento e igualdade no papel sexual. Em Lobos e ovelhas, Hope alegara que as mulheres eram superiores aos homens em romper com hábitos nocivos porque o estrogênio tinha uma função de "repressor dos impulsos". A única exceção: a compulsão de comer demais, porque a pressão da sociedade criava o conflito da imagem do corpo nas mulheres.

O artigo dizia justamente o oposto. Passei para a seção "Discussão" no final. Hope e Locking esquivavam-se aos resultados com a alegação de que a amostragem era pequena demais.

Enquanto Milo abria gavetas e verificava as lombadas dos livros nas

estantes, inspecionei o resto do cômodo. Publicações variadas e livros cobriam metade do chão. Havia um tapete vermelho de lã jogado por cima de uma caixa igual à que Locking levara, as mesmas letras pretas impecáveis.

Cinco caixas lacradas da editora de Hope Devane, com a etiqueta LOBOS E OVELHAS, CÓPIAS, estavam empilhadas num canto. Resmas fechadas de papel de computador.

A caixa das letras pretas impecáveis continha mais textos publicados de Hope, tendo Locking como o co-autor de dois deles. Nenhuma coautoria da outra estudante, Mary Ann Gonsalvez.

O favorito da professora?

A julgar pelas transcrições do comitê de conduta, Locking parecia ser um espírito afim.

Mais do que isso?

Ele era jovem, inteligente, atraente, para quem gosta do tipo de masculinidade mostrada em anúncios de cueca.

Um homem mais novo, uma mulher mais velha.

Primeiro, eu especulara sobre Locking e Seacrest, agora especulava sobre uma ligação heterossexual.

Obcecado pelo pecado, Delaware?

Mas o padrão dos ferimentos tinha uma conotação de pecado — a ideia de transgressão de alguém se fez valer.

Coração, vagina. Punhalada nas costas.

O calor da paixão amparado por um planejamento frio.

Seacrest parecia um tipo frio.

Seria ele quem procurávamos?

Milo examinou mais algumas coisas e depois me perguntou: — Encontrou algo?

Falei sobre a discrepância entre o artigo a respeito de autocontrole e o livro.

— Como você disse, ela distorceu. — comentou. Depois olhou pela porta do escritório, através do patamar, e inclinou a cabeça.

Segui-o até o escritório de Seacrest.

Também cheio de livros e mobiliado com apatia estética, mas em uma ordem impecável.

Ao lado, o quarto de Seacrest. Agora que o ocupava sozinho, o historiador mantinha seu espaço de dormir na mais absoluta ordem. Cama de latão enorme, colcha florida tão esticada que parecia ter sido pintada sobre o colchão.

Descemos. Não havia sinal de Seacrest.

— Professor? — chamou Milo.

Seacrest entrou na sala de jantar, vindo da cozinha, com uma caneca na mão.

A etiqueta e o cordão de um saquinho de chá pendiam da borda. O símbolo da universidade na caneca.

— Mais alguma coisa que gostariam de ver?

— Onde estão os registros profissionais da dra. Devane... fichas de pacientes, essas coisas?

— Qualquer coisa que não estiver aqui só pode estar em sua sala no campus.

— Já verifiquei aquele local, e não havia nenhuma ficha de paciente.

— Então não sei o que lhe dizer.

— Ela tinha um consultório particular?

— Não.

— Recebia pacientes aqui?

— Não.

— Mas tinha algum paciente?

— Ela nunca falava sobre seu trabalho comigo.

— Não estou me referindo a detalhes específicos, professor Seacrest. Queria saber apenas se ela tinha pacientes.

— Se tinha, nunca mencionou. Não falávamos sobre nossos trabalhos. Apenas... sobre questões acadêmicas.

Seacrest tocou em sua tatuagem.

— Marinha? — perguntou Milo.

— Guarda costeira. — Seacrest sorriu. — Não sei onde eu estava com a cabeça.

— Onde serviu?

— Em Catalina Island. Estava mais para férias, sou forçado a admitir.

— Então é da Califórnia.

— Cresci aqui. Nesta casa. Um garoto no campus. Meu pai era professor de química.

— E a família de Hope?

— Os pais de Hope já faleceram. Assim como os meus. Nenhum de nós teve irmãos. Sou tudo o que resta das duas famílias.

Eu sabia em que Milo pensava: único herdeiro.

— O que o pai dela fazia? — perguntou ele.

— Era da marinha mercante. Morreu quando Hope ainda era pequena. Ela não falava muito sobre ele.

— E a mãe?

— A mãe trabalhava num restaurante. — Seacrest encaminhou-se para a porta. — Como eu disse aos primeiros detetives, ela também já morreu, e Hope não tinha outros parentes.

— Muita habilidade — murmurou Milo.

— O quê?

— Manter suas vidas profissionais separadas. Manter as coisas separadas de um modo geral.

Seacrest passou a língua pelos lábios.

— De modo algum. Muito pelo contrário.

— Era fácil?

— Claro. Porque respeitávamos um ao outro.

Ele abriu a porta, estendeu um braço para fora e acrescentou: — A noite está quente... Estava muito mais frio na noite em que aconteceu.

Milo seguiu pelo Wilshire Boulevard, através do corredor de altos edifícios que era a resposta de Los Angeles à Park Avenue.

— Diagnóstico? — perguntou ele.

— Seacrest não é o Mister Efusivo, mas tem motivos para se mostrar deprimido. Pode estar escondendo alguma coisa ou realmente não sabe muito. Conclusão: nenhuma grande descoberta.

— E Locking?

— O anel de caveira era interessante. Primeiro me descobri desconfiando de um relacionamento entre ele e Seacrest, depois entre ele e Hope.

— Ele e Seacrest? Por quê?

— O fato de Locking guiar o carro parecia pessoal demais, embora a explicação de Seacrest sobre uma troca possa ter sentido. Além disso, Seacrest deu a impressão de que retardava nossa entrada e, depois que abriu a porta, gritou para o outro lá em cima que a polícia estava ali. O que pode ter sido sua maneira de alertar Locking. Dando-lhe tempo para se vestir? Mas tudo isso é pura suposição.

— Certo... por que Locking e Hope?

— Você tem especulado desde o início sobre a possibilidade de Hope ter um caso. A maioria dessas ligações começa no trabalho, e Locking era o cara com quem ela trabalhava. E depois de ter casado com alguém como Seacrest, ela podia estar ansiosa por um pouco de excitação.

— Couro preto e um anel de caveira... — comentou ele, tamborilando com os dedos no volante, enquanto seguia para Westwood Village.

Como quase tudo mais em Los Angeles, o bairro sofrera um rebaixamento intelectual, as livrarias do meu tempo de universitário dando lugar a diversões eletrônicas, lanchonetes móveis e franquias diversas que mais pareciam o ponto final de linhas de montagem.

— O que eu achei mais interessante — continuou — foi a maneira como Seacrest sugeriu que a culpa pelo assassinato podia ser atribuída ao livro.

Insistindo que o crime não tinha nenhuma relação com a vida acadêmica dela. O que serve para distanciar dele o crime. Já vi assassinos que pensam que são espertos ao fazer isso... oferecer roteiros alternativos. Dessa maneira podem parecer prestativos, enquanto pensam que nos desviam para outros caminhos. E tem a cadela. Não havia ninguém em melhores condições de lhe oferecer um filé temperado com só Deus sabe o quê. E agora ele a deu.

— Livrando-se das lembranças.

Ele emitiu um som horrível, afrouxou a gravata e prosseguiu: — Locking e Hope, Locking e Seacrest. Acho que vou tentar usar alguns dos meus contatos homossexuais. Talvez o tenente tivesse razão, e eu seja o cara perfeito para este caso.

— Eu gostaria de saber por que Locking demorou tanto tempo para ir buscar seus dados — falei. — Hope já morreu há três meses. E bastante tempo quando você está trabalhando em sua tese. Por outro lado, Locking ainda não encontrou um novo orientador, o que pode indicar que está tendo problemas para aceitar a morte de Hope. Talvez porque os dois tivessem mais que um relacionamento aluno — professora. Ou ele é apenas um cara relaxado que não está com pressa de acabar. Isso é bastante comum nos cursos de pós-graduação. Embora seu confronto com Kenneth Storm não tivesse nada de relaxado.

— O que você acha de Hope designar seu aluno predileto para o comitê?

— Para controlar o júri. Ela poderia justificar isso em nome da eficiência. Seacrest disse que ela desconfiava de organizações, e tudo o mais nos diz que não era muito de trabalhar em equipe.

— E por isso que estou interessado em conhecer as pessoas com que ela trabalhava.

O advogado Barone continua me ignorando, mas o dr. Cruvic deixou o recado de que vai me receber para uma conversa rápida amanhã cedo às dez e meia. Interessado em ir, para analisá-lo?

— Claro.

— Não trabalhar em equipe... — disse ele. — Uma vaqueira solitária com um PhD. Às vezes as vaqueiras também caem.

5

No dia seguinte me encontrei com Milo para o café da manhã no Nate'n Al's, em Beverly, e depois fomos para o consultório do dr. Cruvic, na Civic Center Drive.

Um local interessante para um médico particular. A maioria dos consultórios médicos de Beverly Hills está instalada nos edifícios elegantes ao longo de North Bedford, Roxbury e Camden, e nas enormes torres espelhadas no Wilshire.

A Civic Center ficava no extremo norte do pequeno distrito industrial da cidade, alguns quarteirões indefinidos paralelos ao Santa Monica Boulevard, mas ocultos dos motoristas por sebes altas e eucaliptos. Trilhos ferroviários fora de uso atravessavam a rua em diagonal. Adiante dos trilhos havia um prédio de escritórios de granito rosa, a sede em vidro fosco de uma gravadora e o centro municipal, um prédio neo-retro-pós-qualquer-coisa que abrigava a prefeitura de Beverly Hills, a biblioteca e os departamentos de polícia e de bombeiros.

A especulação imobiliária ainda não chegara ao outro lado dos trilhos, onde o prédio de estuque rosa em estilo espanhol de Cruvic partilhava o espaço com uma variedade de pequenas estruturas miseráveis, mas bonitinhas, de um e dois andares, datando da Primeira Guerra Mundial e antes. Us vizinhos do médico eram um salão de beleza, um serviço de recados telefônicos e um prédio sem placas com uma plataforma de carga.

O prédio rosa não tinha janelas na frente, apenas uma grande porta de ferro e madeira, como as que se encontram na Espanha, na Itália e na Grécia, levando a pátios internos. Acima de uma campainha havia uma placa de bronze embaçada, tão pequena que o propósito parecia ser evitar a descoberta. Trazia as letras M. CRUVIC, MÉDICO gravadas superficialmente.

Milo tocou a campainha e esperamos. A não ser pelo barulho dos carros no Santa Monica, a rua estava silenciosa. Gerânios cresciam em jardineiras na janela do salão de beleza. Durante todos os meus anos em Los Angeles, eu nunca tivera nenhuma razão para estar ali. Milo sabia o que eu estava pensando.

— Parece que mais alguém gosta de privacidade — disse ele. Esfregando os dentes inferiores no lábio, tornou a apertar a campainha. Houve um zumbido elétrico em resposta, o estalido de um mecanismo sendo aberto. Milo empurrou a porta pesada e entramos.

Do outro lado havia um pátio. Pavimento lajeado a céu aberto, com vasos de folhagens, linhos e azaleias. Uma pequena mesa de ferro e duas cadeiras. Sobre a

mesa, um cinzeiro com duas pontas de cigarro manchadas de batom. O prédio interno tinha dois andares, janelas gradeadas e sacadas com balaustradas de ferro. Duas portas.

A da direita se abriu e uma mulher num uniforme azul-claro saiu.

— Por aqui — disse em uma voz gutural, apontando para a esquerda. Tinha seus cinquenta anos, era esguia e morena, com seios grandes, rosto severo, liso e bronzeado, panturrilhas de bailarina.

— Detetive Sturgis? Sou Anna. Vamos entrar.

Ela ofereceu um segundo sorriso, levou-nos para a esquerda e abriu a porta.

— O dr. Cruvic já vai recebê-los. Aceitam um café? Temos uma máquina de expresso.

— Não, obrigado.

Ela nos conduzira por um corredor curto e iluminado. Portas de madeira escura, todas fechadas, um carpete castanho-amarelado que abafava os passos. As paredes eram brancas e pareciam recém-pintadas. Ela abriu a quarta porta e deu um passo para o lado.

Era uma sala pequena, de teto baixo. Duas poltronas forradas com algodão bege e um sofá de dois lugares combinando estavam colocados sobre um tapete preto. No meio havia uma mesinha de cromo e vidro. Duas janelas altas expunham a parede de tijolos do prédio do salão de beleza. Nada de mesa, nem livros, nem telefone.

— A sala do dr. Cruvic fica no outro lado, mas ele gostaria que aguardassem aqui, para não perturbar as pacientes. Têm certeza de que não querem um café? Ou um chá?

Milo tornou a recusar e sorriu.

— Está bem. Fiquem à vontade, ele não deve demorar.

— Um bom prédio antigo — comentou Milo. — Deve ser ótimo dispor de um espaço assim em Beverly Hills.

— É, sim — concordou ela. — Creio que aqui funcionava um estábulo... as pessoas andavam a cavalo por aí nos velhos tempos. Acho que Mary Pickford guardava seus cavalos aqui, ou talvez alguma outra estrela da época.

— O dr. Cruvic realiza suas operações aqui mesmo ou leva as pacientes para o Cedars ou para Century City? — perguntei.

O rosto esticado enrijeceu-se.

— Nosso trabalho é basicamente de consultas clínicas. Foi um prazer conhecê-los.

Ela saiu, fechando a porta. Milo esperou um pouco, depois abriu a porta e deu uma espiada. Quatro passadas largas levaram-no ao final do corredor, até uma porta com um letreiro de ALA OESTE. Ele girou a maçaneta. Trancada. Na

volta, verificou as outras portas. Todas trancadas.

— É minha paranoia se manifestando, porque não gosto de consultórios médicos, ou ela não gostou de sua pergunta sobre o lugar onde ele opera?

— Parece que ela se aborreceu — respondi. — Não tinha a intenção de forçar sua cirurgia facial.

— Tem razão, ela está bem esticada. Pensei que talvez estivesse se recuperando de uma queimadura de sol, mas com aquele peito... é bem provável que você esteja certo... Ah, você queria café? Longe de mim falar por toda a turma.

— Não, não. Esta sala já é bastante estimulante. Milo soltou uma risada.

— Bem aconchegante, hem... poderia fazer uma terapia aqui?

— Talvez esta fosse a sala de terapia de Hope.

— Por que diz isso?

— Porque é separada da ala oeste. Sem perturbar as pacientes. Isso, presumindo que ela trabalhava aqui. O que não seria tão implausível. Afinal, ele pagou quase quarenta mil dólares a Hope, e não encontramos fichas de pacientes em parte alguma.

Nesse instante, a porta se abriu e um homem de ombros muito largos irrompeu na sala.

Tinha cerca de um metro e setenta e cinco e exibia uma expressão carregada.

Tinha aproximadamente quarenta anos, cabelos grisalhos cortados à escovinha e costeletas bem-aparadas, na altura das orelhas pequenas. Os olhos escuros, extremamente alertas, nos estudavam — enviesados, quase orientais.

Seu rosto era redondo, com maçãs salientes e rosadas, um nariz reto com narinas largas, um queixo sólido já sombreado por uma barba de poucas horas.

Vestia um paletó branco trespassado, uma camisa azul e uma gravata de crepe de seda preta pintada à mão com arabescos carmim e dourados. A calça preta caía impecável sobre sapatos de couro preto e camurça cinza. Estendeu a mão e revelou um punho duplo preso por uma abotoadura de ouro. O pulso era grosso e coberto de pelos pretos.

— Mike Cruvic.

Ele acenou com a cabeça, como se tivéssemos acabado de chegar a um consenso. Mesmo imóvel, ele parecia vibrar.

— Doutor — cumprimentou Milo.

Eles trocaram um aperto de mão, e depois foi minha vez. O aperto de mão de Cruvic era vigoroso, mas ele tinha a palma macia e unhas bem-cuidadas.

— Obrigado por nos dispensar seu tempo.

— O prazer é meu, embora não imagine como poderia ajudá-los a pegar o assassino de Hope. — Ele sacudiu a cabeça em negativa. — Vamos sentar?

Tenho um problema nos calcanhares por correr com sapatos inadequados. Era de esperar que eu soubesse evitar uma coisa dessas.

Ele bateu com os nós dos dedos na testa três vezes e sentou-se no sofá.

— Conhece o ditado — comentou Milo. — Santo de casa não faz milagre.

Cruvic sorriu e esticou os braços.

— E fica com os pés doloridos. Nunca pensei que um dia conversaria com a polícia sobre um assassinato, ainda mais o de Hope.

Ele enfiou um dedo por dentro do sapato, esfregou o lado do pé e estremeceu.

— Ai, ai... — murmurou ele, mexendo os ombros.

Os ombros largos não se deviam a ombreiras. Tinha uma postura perfeita, barriga reta e firme. Imaginei-o em uma sala de ginástica em casa, ao amanhecer, pulando, pedalando e levantando pesos. Um desses madrugadores, ansiosos por enfrentar o dia e nocauteá-lo em dois rounds.

— O que gostariam de saber? — indagou ele, finalmente se aquietando.

— Temos um registro de que pagou trinta e seis mil dólares à dra. Devane no ano passado — disse Milo. — Ela trabalhava para o senhor?

Cruvic passou a mão pelos cabelos espetados.

— Nunca somei, mas deve ter sido isso. Ela era consultora da clínica.

— Com que função, doutor?

Cruvic encostou um dedo no lábio grosso e descorado.

— Vamos ver como posso ser franco sem comprometer minhas pacientes... Sabem o que fazemos aqui?

— Ginecologia-obstetrícia e tratamentos de fertilidade.

Cruvic tirou um cartão de um bolso interno do casaco branco. Milo leu-o, depois o passou para mim.

MILAN A. CRUVIC, MÉDICO ESPECIALIZADO EM PROBLEMAS DE FERTILIDADE

— Já trabalhei com obstetrícia, mas nos últimos anos tenho me concentrado apenas em tratamentos de fertilidade.

— O horário? — indagou Milo.

— Como assim?

— Os partos. Os horários podem ser inconvenientes. Cruvic riu.

— Não. Isso nunca me incomodou, pois não preciso de muito sono. Apenas gosto de trabalhar com tratamentos de fertilidade. As mulheres me procuram, e às vezes não há absolutamente nenhuma razão médica para que não possam conceber, e isso as deixa desesperadas. Você as examina, encontra uma solução. — Ele sorriu. — Acho que sou uma espécie de detetive. Ele olhou para o relógio.

— Qual era o papel da professora Devane em tudo isso?

— Eu chamava Hope quando tinha dúvidas.

— Sobre o quê?

— O preparo psicológico das pacientes. — Cruvic franziu a testa. — O aumento da fertilidade é um processo extenuante. Em termos físicos e psicológicos. E há ocasiões em que nada do que fazemos dá certo. Advirto as pacientes antes, mas nem todas são capazes de aguentar. Quando não são, é melhor nem começar. Às vezes posso julgar quais são as pacientes que provavelmente terão problemas. Se não posso, chamo especialistas.

— Usava outros psicólogos, além da professora Devane?

— Cheguei a usar. E algumas pacientes têm seus próprios terapeutas. Mas depois que conheci Hope, ela se tornou minha melhor opção.

Cruvic pôs as mãos nos joelhos.

— Ela era sensacional. Muito perceptiva. Uma extraordinária juíza das pessoas e excelente com as pacientes. Isso porque não tinha interesse, ao contrário de outros psicólogos e psiquiatras, em atrair as pessoas para tratamentos a longo prazo.

— Por quê?

— Ela era muito ocupada.

— Com o livro?

— Com o livro, com suas aulas. — Ele bateu palmas. — Direto ao ponto, o mínimo de tratamento necessário. Creio que isso atraía o cirurgião em mim.

As faces coradas estavam quase escarlates, e os olhos tinham se tornado distantes.

Esfregando o pé mais um pouco, ele inclinou-se para a frente.

— Eu... a clínica sente sua falta. Alguns analistas são mais esquisitos que os pacientes. Hope falava com clareza. Era fantástica.

— Quantos casos o senhor lhe encaminhou?

— Nunca contei.

— Houve pacientes que não ficaram satisfeitas com ela?

— Nenhuma... Ora, detetive, não pode estar falando sério. Não há a menor possibilidade. Lido com pessoas civilizadas, não com malucas.

Milo deu de ombros e sorriu.

— Tenho de perguntar... É minha imaginação, doutor, ou há mesmo mais infertilidade hoje em dia?

— Não é sua imaginação, posso garantir. Um dos motivos pode ser as pessoas esperarem mais tempo para começar. A idade ideal para uma mulher conceber é dos vinte aos vinte e cinco anos. Ponha mais dez ou quinze anos e tem um útero envelhecido e uma redução da probabilidade.

Ele pôs as mãos nos joelhos, a calça se esticando sobre coxas grossas e musculosas.

— Eu nunca diria isso a uma paciente, porque elas já se sentem bastante culpadas, mas outro motivo é toda aquela agitação dos anos setenta. Promiscuidade, infecções subclínicas repetitivas, endometriose... ficam cicatrizes internas. Eu usava Hope também para isso. O sentimento de culpa.

— Por que pagava diretamente a ela, em vez de deixá-la cobrar suas consultas?

Cruvic inclinou a cabeça para trás. As mãos passaram dos joelhos para as almofadas do sofá, comprimindo-as com força.

— Por causa do seguro — respondeu Cruvic. — Tentamos fazer de outra forma e descobrimos que era mais fácil obter o ressarcimento por uma consulta ginecológica do que pela psicoterapia.

Tornou a passar a mão pelos cabelos.

— Meu contador garante que está tudo registrado nos livros. Agora, se não há mais nada...

— Ela trabalhava bem com os maridos também? — perguntei.

— Por que não deveria?

— Suas opiniões sobre os homens eram polêmicas.

— Em que sentido?

— O livro dela.

— Ah, isso. Ela nunca foi polêmica aqui. Todos estavam satisfeitos com seu trabalho... Não que seja da minha conta dizer a vocês como devem trabalhar, mas acho que estão batendo na porta errada. O assassinato de Hope não teve nada a ver com seu trabalho para mim.

— Tenho certeza de que está certo — disse Milo. — Onde a conheceu?

— Em outra clínica.

— Qual?

— Uma clínica de caridade em Santa Monica.

— Nome?

— Centro de Saúde da Mulher. Tenho trabalhado ali. Uma vez por ano eles realizam uma campanha de levantamento de recursos. Hope e eu sentamos lado a lado e começamos a conversar.

Ele se levantou. Sua gravata subira, e ele a puxou para baixo.

— Se me dão licença, tenho de atender algumas senhoras que desejam ser mães.

— Claro. Obrigado, doutor. — Milo levantou-se também, bloqueando a porta. — Mais uma coisa. A professora Devane mantinha suas fichas de pacientes aqui?

— Ela não tinha fichas próprias. Fazia anotações nas minhas. Dessa maneira podíamos nos comunicar com facilidade. Minhas fichas são absolutamente confidenciais, assim não havia nenhum problema.

— Mas ela recebia pacientes aqui.

— Isso mesmo.

— Nesta sala, por acaso?

— É possível — respondeu Cruvic. — Não me preocupo com a distribuição das salas. Minha equipe cuida disso.

— Mas ela se mantinha nesta ala — insistiu Milo. — A questão da privacidade.

— Exatamente.

— Um bom esquema para se ter privacidade. Pela localização. Fora das áreas de maior circulação.

Os ombros volumosos de Cruvic subiram e desceram.

— Gostamos assim.

Ele olhou para o caminho que Milo bloqueava. Milo pareceu deslocar-se para o lado, mas apenas tirou o bloco de anotações do bolso.

— Esse Centro de Saúde da Mulher... o senhor faz tratamento de fertilidade lá?

Cruvic suspirou, forçou um sorriso. — A fertilidade dificilmente é um problema para os pobres. No centro, doo meu tempo para os cuidados com a saúde geral das mulheres.

— Isso inclui abortos?

— Com o devido respeito, não vejo por que isso seria relevante.

Milo sorriu. — Provavelmente não é.

— Tenho certeza de que sabe que não estou autorizado a discutir nenhum dos meus casos. Até mesmo as mulheres pobres têm direito a um tratamento confiden...

— Desculpe, doutor, mas eu não estava falando sobre casos específicos, apenas formulei uma pergunta de ordem geral sobre o que fazem ali.

— Por que falar em aborto? Qual o sentido disso, detetive?

— O aborto é legal, mas ainda é uma questão polêmica. E algumas pessoas expressam sua oposição ao aborto com certa violência. Portanto, se o senhor realiza abortos e a professora Devane também estava envolvida nisso, talvez tenhamos outro ângulo.

— Ora, pelo amor de Deus! — exclamou Cruvic. — Defendo o direito da mulher de escolher, e essa também era a posição de Hope. Mas se alguém tivesse de se tornar um alvo, seria a pessoa que efetuava o procedimento.

Ele bateu com as pontas dos dedos no peito, antes de arrematar: — E eu

obviamente estou aqui.

— Obviamente — repetiu Milo. — Mais uma vez, doutor, tenho de perguntar.

— Compreendo — disse Cruvic, mas sem parecer acalmar-se. — Tenho certeza de que minha opinião não significa muito, mas acho que Hope foi assassinada por algum psicótico que odeia as mulheres e escolheu-a porque ela alcançou a fama. Um maluco. Não uma paciente daqui ou do Centro de Saúde.

— Ao contrário, doutor, sua opinião importa. E exatamente o que precisamos. Opiniões das pessoas que a conheciam.

Cruvic ficou vermelho e tocou na gravata: — Eu só a conhecia profissionalmente. Mas acho que sua morte representa muito do que está errado em nossa sociedade.

— Como assim, senhor?

— O sucesso e a inveja maligna que ele desperta. Adulamos as pessoas talentosas, as colocamos num pedestal e depois gostamos de derrubá-las. Por quê? Porque seu sucesso nos ameaça.

O rosto adquirira um intenso brilho vermelho.

Ele contornou Milo. Parou na porta e virou-se para nos olhar.

— Os perdedores punem os vencedores, senhores. E, se as coisas continuarem assim, todos nós sairemos perdendo. Boa sorte.

— Se lembrar de mais alguma coisa, doutor, pode me procurar — disse Milo, entregando-lhe um cartão. A versão oficial, não a que circula entre os detetives e que diz ASSALTOS-HOMICÍDIOS: NOSSO DIA COMEÇA QUANDO O SEU TERMINA.

Cruvic guardou o cartão no bolso. Atravessou o corredor, destrancou a porta para a ala oeste e desapareceu.

— Alguma hipótese? — indagou Milo.

— Ele corou quando disse que só a conhecia profissionalmente, então talvez signifique que havia mais entre os dois. E se mostrou um pouco nervoso ao falar sobre sua contabilidade, o que pode indicar que há alguma coisa estranha... ficar com uma parte dos honorários de Hope como comissão por encaminhamento, apresentar uma conta de ginecologia em vez de psicologia para o reembolso, qualquer coisa. A questão do aborto deixou-o um tanto irritado, indicando que é provável que ele os faz no centro. Talvez aqui também, para quem tem dinheiro suficiente. Nesse caso, ele não ia querer que isso se tornasse público, sem falar na polêmica. Pois uma paciente em busca de fertilidade pode achar difícil se entregar aos cuidados de alguém que destrói fetos. Mas ele está certo quanto a ser o alvo. E mantenho minha opinião quanto a um assassino político fazer uma declaração pública.

Quando chegamos à porta da frente, ele comentou: — Se ele ia para a cama com Hope, essa história de consultoria pode ter sido apenas uma maneira de transferir dinheiro para uma namorada.

— Ela não precisava dos quarenta mil dólares dele. Ganhou seiscentos mil no ano passado.

— Ele já a conhecia antes do livro. Talvez fosse um caso de anos. E Seacrest descobriu. Sei que estou exagerando, mas sempre acabamos naquela história de coração-genitália-costas. Vingança. Alguma espécie de traição. Não acha que Cruvic falou com muita veemência sobre ela?

— É verdade. Mas talvez ele apenas seja um sujeito veemente.

— Dr. Calcanhar Dolorido. Dizendo a mesma coisa que Seacrest: "Isso não tem nada a ver comigo".

— Ninguém quer estar próximo de um assassinato — falei.

Ele franziu as sobrancelhas e abriu a porta para o pátio. Anna do rosto esticado estava sentada à mesa do pátio, fumando e lendo jornal. Levantou os olhos e fez um pequeno aceno.

Milo ofereceu um cartão a ela também. Ela sacudiu a cabeça.

— Eu só via a dra. Devane quando ela vinha trabalhar.

— E isso acontecia com frequência?

— Não regularmente. De vez em quando.

— Ela tinha uma chave daqui?

— Tinha.

— E sempre trabalhava naquela sala em que ficamos? Um "sim" com a cabeça.

— Era uma mulher simpática?

Uma pausa de fração de segundo.

— Era.

— Há alguma coisa que queira nos dizer a respeito dela?

— Não. O que poderia haver? Milo deu de ombros.

Repetindo o gesto dele, ela apagou o cigarro, pegou o jornal e levantou-se.

— O intervalo terminou. Preciso voltar ao trabalho. Tenham um bom dia. Ela se encaminhou para o prédio, enquanto atravessávamos o resto do pátio.

Ao abrirmos a porta grande que dava para a rua, ela ainda nos observava.

Milo colocou a chave na ignição, mas não a virou.

— O que foi? — perguntei.

— Alguma coisa em Cruvic... — Ele ligou o carro. — Talvez eu já esteja neste trabalho há tempo demais. Sabe o que deu entrada esta manhã na delegacia? Bebê recém — nascido estraçalhado por cachorros. Mãe solteira de dezessete anos chorando, um trágico acidente, certo? Aí os detetives descobrem

que os cachorros estavam no quintal do vizinho, separados por um muro de dois metros e meio. A mamãe matou a criança e a jogou do outro lado do muro para destruir as provas.

— Meu Deus!

— Sem dúvida ela vai alegar que foi a vítima, vai aparecer na TV, escrever um livro.

— Ele deu um sorriso torto. — Então, estou desculpado por ser pessimista?

Enfiou a mão por baixo do banco, pegou um telefone celular e apertou algumas teclas.

— Sturgis falando. Alguma coisa? Está certo, vou esperar.

— Ora vejam, o Mr. Superestrada da Informação — comentei, em um esforço para apagar a imagem do bebê estraçalhado. — Desde quando o departamento distribui telefones celulares?

— Ah, claro, a ideia de comunicação moderna do departamento é duas latas bem grandes e um barbante grosso. Este é o celular velho de Rick, ele comprou um novo que faz uma porção de truques. Não gosto de falar pelo rádio do departamento sem uma faixa tática, e os telefones públicos são sempre problemáticos. Claro que solicitar o reembolso de despesas também é, então debito as chamadas na conta da Blue.

6

Blue Investigações era o outro emprego de Milo: serviços de investigação noturna, quase sempre de pessoas que fraudavam as companhias de seguros. De um modo geral, Milo detestava esse serviço. Ultimamente vinha recusando casos que lhe eram encaminhados.

— Se é reembolso que você quer, talvez deva cobrar esse tipo de despesa como consulta ginecológica.

Ele riu, e depois disse, ao telefone: — Hãhã... Certo. Onde? Entendido. Obrigado.

Milo entrou na Civic Center e virou para oeste.

— Cindy Vespucci, a garota que Kenny Storm expulsou do carro, acaba de retornar minha ligação. Estará almoçando no Ready Burger, em Westwood, dentro de quinze minutos. Concorda em conversar se aparecermos por lá antes de sua próxima aula.

O restaurante era na Broxton, no extremo oeste do Village , onde as ruas são sinuosas e caminhar pode ser mais rápido do que ir de carro. Uma placa amarela de plástico, janela com vidro embaçado pela condensação, duas mesas frágeis na calçada, uma delas ocupada por duas moças tomando Coca-Cola com canudos. Nenhuma das duas prestou atenção em nós e entramos. Mais três mesas, paredes de azulejos amarelos também molhados pela condensação. Pedaços de alface e embalagens de canudos espalhavam-se pelo chão; o cheiro de carne frita impregnava tudo. Um quarteto de balconistas orientais cortava, montava, embrulhava e tocava arpejos na caixa registradora com eficiência de mecânicos de Fórmula 1. Uma fila de pessoas entorpecidas, em sua maioria estudantes, fazia uma curva da porta até o balcão.

Milo estudou as mesas. As pessoas ali sentadas que notaram sua presença não o fitaram por muito tempo. O mesmo aconteceu com a garotada na fila.

Tornamos a sair, e ele olhou o relógio. Uma das moças largou seu refrigerante e disse: — Detetive Sturgis?

— Sou eu.

— Sou Cindy.

Era uma caloura da universidade, mas parecia uma colegial. Devia ter pouco mais que um metro e meio de altura, uns quarenta quilos, era bonita de uma maneira etérea, cabelos louros, lisos e compridos, os esperados olhos grandes azul-celestes, nariz arrebitado e boca bem desenhada. Senti-me no mesmo instante protetor e me perguntei se algum dia teria urna filha.

Ela usava um blusão cinza da universidade sobre um legging preto e tênis brancos.

Havia uma mochila ao lado da cadeira. As unhas eram roídas. A moça em sua companhia também era bonita e loura, um pouco gorducha. A mesa estava cheia de papéis engordurados e pequenas embalagens laminadas de ketchup e mostarda.

Milo estendeu a mão. Cindy engoliu o que tinha na boca e estendeu a dela. Ao vê-lo, ela pareceu perder a determinação. Ele se encolheu um pouco e falou, numa voz bastante gentil:

— É um prazer conhecê-la, Cindy. Agradecemos muito por se dispor a conversar conosco.

— Ah, claro...

Ela olhou para a amiga e acenou com a cabeça. A garota gorducha olhou-nos atentamente, depois se levantou, pendurando a bolsa no ombro.

— Cin?

— Não se preocupe, Deb. Nos veremos às duas.

Deb meneou a cabeça e subiu a rua, olhando para trás duas ou três vezes antes de atravessar e entrar numa loja de discos.

— Há... acha que devemos conversar aqui? — indagou Cindy.

— Onde você quiser.

— Hum... tenho certeza de que alguém vai querer usar a mesa. Que tal andarmos?

— Claro.

Ela pegou a mochila, jogou os cabelos para trás e deu um sorriso tão forçado que deve ter queimado algumas calorias.

Milo retribuiu o sorriso. Cindy virou-se e me viu.

— Este é Alex Delaware.

— Oi — cumprimentou ela, encolhendo-se e estendendo a mão. Um aperto súbito e firme de dedos frios que pareciam de criança.

Nós três seguimos para oeste, até o fim do quarteirão. No outro lado da rua havia uma ampla área asfaltada — um dos estacionamentos da universidade fora do campus servidos por ônibus circulares. Um ônibus azul estava parado perto da entrada.

Milhares de vagas, todas ocupadas.

— Que tal andarmos pelo estacionamento? — sugeriu Milo. — Aqui devemos ter privacidade.

Cindy pensou um pouco, fez três acenos de cabeça rápidos. A boca se contraíra numa expressão sombria, e as mãos estavam cerradas. Ao entrarmos no estacionamento, ela comentou: — Quando eu era criança, um policial esteve

em nossa escola e nos avisou para não passarmos na frente de carros estacionados.

— Um bom conselho — disse Milo. — Vamos sempre olhar para os dois lados.

Ela deu uma risada contida. Andamos mais um pouco, antes de Milo acrescentar: — Tenho certeza de que sabe por que queremos conversar com você, Cindy.

— Claro. Por causa da professora Devane. Ela era... lamento muito o que aconteceu com ela, mas não teve nada a ver nem com Kenny nem comigo.

— Tenho certeza de que não, mas precisamos verificar tudo. Subitamente, os olhos da garota apresentaram um brilho divertido.

— Isso até parece coisa de TV.

— Então só pode ser verdade, certo?

Ela olhou fixamente para Milo, depois para mim.

— Nunca conheci um detetive de verdade.

— Ah, é uma coisa extraordinária. Algo entre o Pulitzer e o Nobel. Cindy olhou para Milo de soslaio.

— Você é engraçado. O que espera que eu fale sobre a professora Devane?

— Sua própria experiência com o Comitê de Conduta Interpessoal. Ela retorceu a boca.

— Sei que é difícil falar a respeito-acrescentou Milo —, mas...

— Não, não é tão difícil assim. Não é mais. Porque acabou. Kenny e eu resolvemos tudo.

Continuamos a andar. Alguns passos adiante, ela declarou: — Para dizer a verdade, estamos namorando. Milo deixou escapar um grunhido neutro.

— Sem dúvida parece estranho para vocês, mas está dando certo. Acho que havia uma certa... química entre nós. Talvez tenha sido isso o que causou todo o conflito inicial. De qualquer maneira, ficou tudo resolvido.

— Então Kenny sabe desta nossa conversa.

— Claro. Ele até... — Ela interrompeu a frase no meio.

— Ele pediu a você para falar conosco?

— Não, não. Acontece que estou aqui na cidade e ele, em San Diego, então achamos que eu poderia esclarecer tudo por nós dois.

Certo — disse Milo. — O que há para esclarecer? Ela passou a mochila para o outro ombro.

— Nada de mais. — A voz estava mais estridente. — Foi um erro. Apresentar a queixa.

Eu nunca deveria ter dado tanta importância, mas havia complicações. Entre mim e Kenny... é uma longa história, não chega a ser relevante.

— Sua mãe e o pai dele — comentei. Cindy olhou para mim e falou: — Então isso também vazou.

— Há transcrições das sessões — explicou Milo.

— Ah, não! — Ela parecia prestes a chorar. — Pensei que tudo seria mantido confidencial.

— Um assassinato muda as regras, Cindy. Mas estamos fazendo tudo o que podemos para manter o sigilo.

Ela suspirou e balançou a cabeça.

— Até que ponto isso vai se espalhar?

— Se essa história não teve nenhuma relação com a morte da dra . Devane, provavelmente vai parar por aqui.

— Não teve. Pelo menos o meu problema com Kenny não teve. — Ela bateu no peito. — Oh, Deus, como fui idiota ao levar aquilo adiante!

— Alguém que lesse a transcrição poderia ter a impressão de que sua queixa contra Kenny era válida — comentei.

— Mas não era. Já disse que era uma situação complicada. Por causa de nossos pais. Não que mamãe me pedisse para ser sua... defensora. Eu apenas... interpretei errado algumas pistas. Isso é tudo. Kenny não se comportou maravilhosamente, mas também não é nenhum animal. Poderíamos ter resolvido tudo entre nós dois. E a prova é que fizemos isso. — Ela tornou a mudar de ombro a mochila cheia de livros.

— Eu até me ofereceria para carregar isso para você, mas provavelmente não seria politicamente correto — disse Milo.

Ela começou a dizer alguma coisa, depois lhe lançou um olhar divertido e entregou a mochila. Nas mãos dele, parecia um saquinho de lanche.

Mexendo os ombros, ela olhou para trás, na direção do Village, enquanto continuávamos a andar entre os carros estacionados.

— Ainda vamos demorar muito?

— Não muito. Como sua mãe e o pai de Kenny estão se dando agora?

— Bem.

— Namorando de novo?

— Não! São apenas amigos. Graças a Deus. Seria... incestuoso. Foi uma grande parte do problema inicial. Kenny e eu não percebíamos o peso disso sobre nós. Ainda por cima, a mãe dele morreu há um ano. Ele ainda está sofrendo por isso.

— E quanto ao fato de ele a expulsar do carro?

Cindy parou. — Por favor, detetive, eu saberia se tivesse sido uma vítima.

Milo não falou nada.

— Naquela noite, ele... foi uma estupidez — continuou ela. — Pedi para

descer, ele abriu a porta para mim, e tropecei.

Ela riu, mas dava a impressão de que alguém havia morrido.

— Eu me senti uma idiota. Precisávamos apenas melhorar nossa comunicação. A prova é que estamos bem agora.

— Você é uma boa aluna, não é, Cindy?

Ela corou. — Eu me esforço.

— Só nota A?

— Até agora. Mas foram apenas dois trimestres...

— Já Kenny não é muito de estudar, certo?

— Ele é muito inteligente! Só precisa encontrar alguma coisa que o inspire. — Ela umedeceu os lábios. — Algum foco de interesse.

— Uma motivação.

— Exatamente. As pessoas têm ritmos diferentes. Eu sempre soube o que quero ser.

— E o que é?

— Psicóloga ou advogada. Quero trabalhar pelos direitos das crianças.

— Ótimo, sempre podemos aproveitar esse tipo de profissional — comentou Milo.

Passamos por mais três fileiras de carros. Um deles saiu da vaga, com uma garota mais ou menos da idade de Cindy ao volante. Esperamos até que o carro se afastasse.

— Então Kenny está em San Diego — disse Milo. — Pensei que ele tivesse ido para o College of the Palms, em Redlands.

Cindy negou, com a cabeça.

— Ele decidiu não ir.

— Por quê? Precisava pôr a cabeça em ordem.

— Então ele não está em San Diego estudando?

— Ainda não. Foi fazer um estágio em uma imobiliária em La Jolla. De um amigo do pai dele. Até agora, tem gostado muito. Ele é bom para convencer pessoas.

— Aposto que sim.

Cindy parou de novo e virou a cabeça num movimento brusco, encarando Milo.

— Ele não me convenceu a nada, se é isso que está insinuando! Não sou nenhuma idiota crédula e não aceitaria um relacionamento sem igualdade.

— O que reconhece como igualdade, Cindy?

— Equilíbrio. Justiça emocional.

— Certo. Desculpe se a ofendi. — Ele coçou o queixo.

Chegamos ao fim do estacionamento. Do outro lado da cerca havia árvores

altas, agitadas por uma brisa suave.

— Estou feliz com meu relacionamento com Kenny — disse Cindy. — Só concordei em conversar com vocês porque queria fazer a coisa certa. O assassinato da professora Devane foi horrível, mas estão perdendo seu tempo comigo. Ela não era uma parte significativa da minha vida. Nem da de Kenny. Ele só a encontrou naquela vez, e eu apenas assisti a duas ou três de suas aulas, antes de falarmos sobre a apresentação da queixa. Ela foi simpática comigo, mas eu já estava dividida. No momento em que entrei naquela sala, compreendi que era um erro.

— Por quê?

— O clima... os três ali sentados a uma mesa comprida. com gravador, canetas e papel. Toda a coisa era... inquisitorial. Nem um pouco como a professora Devane me levara a acreditar... Lamento que ela tenha morrido, eu a admirava muito, mas não posso deixar de dizer que a professora foi... enganadora.

— Como assim?

— Deu a impressão de que seria uma sessão de aconselhamento. Todos comunicando seus sentimentos, tentando chegar a uma solução. Mais como um grupo de discussão. No instante em que vi aquela mesa, compreendi que estava errada. Kenny disse que eles deveriam ter levado velas pretas e estava certo. Tinham claramente a intenção de julgar os homens.

— Qual das disciplinas da professora Devane você acompanhava?

— Papéis Sexuais e Desenvolvimento. Não estava nem mesmo matriculada, mas algumas das minhas amigas faziam o curso e voltavam para casa... para a fraternidade dizendo que era fantástico. Como aprendiam tudo sobre os sexos e o comportamento humano. E sobre os homens. Eu tinha um horário vago às terças-feiras e pensei em ir até lá.

— Ela era uma boa professora?

— Era fantástica. Fascinante. A aula foi na sala 100 do Morton Hall... uma sala imensa, seiscentos lugares. Mas ela fazia com que sentíssemos que falava diretamente para cada um de nós. O que é raro, pode ter certeza, ainda mais nas turmas do primeiro ano. Alguns professores dão aulas automaticamente.

— Ela tinha um jeito de personalizar as coisas — comentei. — Como ela fazia na TV.

— Isso mesmo. E dominava o assunto. Uma professora excepcional.

— E você assistiu a duas ou três aulas — disse Milo.

— Exato.

— E como apresentou a queixa contra Kenny?

— O... aquilo que aconteceu... o incidente foi numa segunda-feira à noite, e ainda estava bastante transtornada quando fui à aula. — Cindy umedeceu os lábios com a língua. — A professora Devane estava dando uma aula sobre violência doméstica, e comecei a me sentir uma vítima. Foi uma dessas coisas estúpidas e impulsivas que a gente faz sob tensão. Eu a procurei depois da aula e disse que estava com um problema. Ela me levou para sua sala e apenas escutou e fez um chá para mim. Chorei um pouco, ela me deu um lenço e depois, quando me acalmei, anunciou que podia ter a solução para mim. Foi então que falou sobre o comitê.

— E o que ela disse a respeito?

— Que tinha acabado de ser criado. E que era importante... em termos de direitos das mulheres no campus. Disse que eu poderia desempenhar um papel significativo contra o desamparo das mulheres.

Ela olhou para a mochila.

— Eu tinha dúvidas, mas ela parecia muito preocupada comigo. Agora posso levar a mochila.

— Não se preocupe com isso — respondeu Milo. — Então acha que ela a enganou.

— Não... não posso dizer que foi algo deliberado. Talvez eu apenas tenha ouvido o que queria ouvir, por estar transtornada.

— Parece que tinha bons motivos para estar transtornada, Cindy — comentei. — Voltar a pé para o campus à noite, sozinha, deve ter sido assustador.

— Muito. A gente ouve todo tipo de histórias.

— Sobre crimes?

Ela confirmou com a cabeça.

— Tarados espreitando na escuridão... vejam o que aconteceu com a professora Devane!

— Acha que foi um tarado que a matou? — perguntou Milo.

— Não sei, mas uma menina da minha fraternidade trabalha no jornal escolar e fez uma pesquisa na delegacia de polícia do campus. Disseram a ela que há muitos estupros e tentativas de estupro que não chegam a ser divulgados. E lá estava eu... na mais absoluta escuridão. Tinha de encontrar o caminho de volta.

— Não deve ter sido nada divertido.

— Nem um pouco. — De repente ela estava chorando, as mãos cobrindo o rosto.

Milo passou a mochila de uma mão para a outra várias vezes, como se fosse uma bola.

Enxugando os olhos com os dedos, ela murmurou: — Desculpem.

— Não há nada de que se desculpar — disse Milo.

— Mas lamento muitas outras coisas. Talvez até esta conversa. Afinal, qual é o sentido? A universidade já é bem difícil sem esse tipo de mer... de confusão. — Ela tornou a enxugar os olhos. — Desculpem minha linguagem. É que nunca pensei que poderia conhecer uma pessoa que seria assassinada.

Milo tirou do bolso um pequeno pacote plástico de lenços de papel e entregou-lhe um.

Viera preparado para lágrimas? Ela aceitou o lenço, enxugou as lágrimas, correu os olhos pelo estacionamento.

— Por favor, agora posso ir? Tenho uma aula às duas horas na área norte e deixei a bicicleta na Gayley.

— Claro. Só mais duas ou três perguntas. O que diria sobre os outros membros do comitê?

— Como assim?

— Eles também foram inquisitivos?

— Ele foi... o cara, o estudante de pós-graduação... esqueci o nome dele.

— Casey Locking.

— Acho que é isso. Ele assumiu uma atitude inflexível.

— De que jeito, Cindy?

— Bancando o Mister Feminista... provavelmente para puxar o saco da professora Devane. Deu a impressão de ser um desses caras que tentam provar que não são sexistas atacando os outros homens.

Ela sorriu.

— O que é, Cindy?

— O mais engraçado é que, no momento em que Kenny e ele começaram a brigar, foi num típico estilo machista... sem ofensa. Locking tentava ser o Mister Feminista, mas sua atitude ainda era machista... hostil, agressivo, competitivo. Talvez algumas coisas sejam inalteráveis. Talvez devêssemos apenas aprender a viver uns com os outros.

— Desde que os fortes não batam nos fracos — comentou Milo.

— Claro. Ninguém deve se tornar vítima.

— A professora Devane também foi vítima.

Ela olhou fixamente para Milo, com os cílios ainda úmidos.

— Sei disso. Foi terrível. Mas o que eu posso fazer?

— Exatamente o que está fazendo agora, Cindy. O que me diz da outra mulher no comitê, a professora Steinberger?

— Ela era legal, quase não falou. O espetáculo era sem dúvida da professora Devane. Fiquei com a impressão de que ela tinha um interesse pessoal naquilo.

— Por quê?

— Porque depois, quando declarei que queria esquecer todo o caso, ela me

disse que eu não deveria recuar e que me apoiaria até o fim. E quando insisti que não, ela se tornou um pouco fria. Distante. Como se eu a tivesse decepcionado. Mas eu me sentia podre, queria apenas sair dali e voltar a ser eu mesma.

— Vocês duas tiveram algum contato depois disso?

— Ela me telefonou, na casa da fraternidade Theta. Foi muito simpática, queria saber como eu estava. Também se ofereceu para me enviar uma lista de livros que poderiam me ajudar.

— Livros feministas?

— Acho que sim, mas não prestei muita atenção. Já não queria saber dela.

— Porque não confiava nela?

— Ela estava usando todas as palavras certas, mas eu já havia chegado ao limite.

— E Kenny?

— O que tem ele?

— A professora Devane telefonou para ele também?

— Não que eu saiba. Não, tenho certeza de que ela não ligou, senão ele teria me contado. Ele... — ela se interrompeu.

— Ele o que, Cindy?

— Nada.

— O que você ia dizer?

— Nada. Apenas que ele não mencionou nenhum telefonema dela.

— Ia dizer que Kenny a odiava?

Ela desviou os olhos e falou: Se leu as transcrições, acho que isso não é nenhum choque. Não, ele não gostava nem um pouco dela. Dizia que ela era... que ela era uma manipuladora. E uma feminista radical... Kenny é politicamente conservador. E não posso culpá-lo por se sentir sacaneado. Já vinha tendo as maiores dificuldades na universidade, pensava em pedir transferência. O comitê foi a gota d'água.

— Ele culpou a dra. Devane por ter de se transferir?

— Não. Ele estava cansado de tudo.

— Aborrecido com a vida, de modo geral? — indaguei. — Ou com alguma coisa específica?

Ela me olhou com uma expressão alarmada. — Sei onde está querendo chegar, mas é absurdo. Ele nunca tocou nela. Kenny não é disso. E ele nem estava em Los Angeles na noite em que ela foi assassinada. Só deixa San Diego nos fins de semana, quando vem me visitar. Kenny trabalha duro para ajeitar sua vida... e só tem dezenove anos.

— Ele vem para cá todos os fins de semana? — perguntou Milo.

— Não todos, mas a maioria. E ela foi morta numa segunda-feira. Ele nunca

está aqui na segunda.

Milo olhou para ela e sorriu. — Parece que você andou pensando na agenda dele.

— Só depois que você me telefonou. Ficamos surpresos, mas depois calculamos que tinha ficado sabendo do comitê, e pensamos: não pode ser verdade! Porque, sabe como é o sistema, você pode ser apanhado pelas engrenagens de repente, e há pessoas que saem machucadas. Ou seja, era um absurdo que alguém nos ligasse ao que aconteceu. Afinal, basicamente ainda somos crianças. A última vez em que tive algum contato com a polícia foi quando aquele guarda apareceu na sala de aula e falou sobre carros estacionados.

Ela sorriu.

— Ele tinha um papagaio, aquele policial. Um papagaio treinado que falava coisas como: "Pare, você está preso!" e "Tem o direito de permanecer calado". Acho que ele o chamava de Guarda Louro. Eu já posso mesmo levar a mochila.

Milo entregou-a.

— Preciso realmente esquecer tudo isso, detetive Sturgis. Tenho de me concentrar nos estudos, porque minha mãe faz sacrifícios por mim. Por isso é que não fui para uma faculdade particular. Espero que entendam.

— Claro, Cindy. Obrigado por seu tempo.

Milo deu-lhe um cartão.

— Assaltos-Homicídios — disse ela, estremecendo. — Para que isso?

— Caso se lembre de mais alguma coisa.

— Não vou lembrar de mais nada, pode ter certeza. — O rosto pequeno se contraiu, e achei que ela fosse chorar de novo. Mas apenas disse "Obrigada" e se afastou.

— Bela garota — comentou Milo. — Tive vontade de lhe oferecer leite e biscoitos, dizer que o Príncipe Encantado vai aparecer em breve e que ele não tem antecedentes criminais.

— Ela acha que já o encontrou.

Milo balançou a cabeça de um lado para o outro.

— Você não diria que ela é um pouco autopunitiva?

— Um pouco, não. Muito. Culpando-se pelo que aconteceu entre ela e Kenny e depois por ter apresentado a queixa.

— Storm... Uma garota inteligente como ela se ligando a um idiota. Qual é o problema? Baixa autoestima?

— Está mais interessado em Storm agora?

— Por quê?

— A carreira acadêmica dele não correu muito bem. O que significa que não recebeu o dinheiro da universidade. O que significa que ainda pode estar furioso

e revoltado.

— E talvez Cindy estivesse disposta a mentir por ele. E talvez, apesar do que ela disse, ele tenha prolongado o fim de semana.

— Ele pode ter tomado emprestada a bicicleta de Cindy — falei. — Ou talvez tivesse sua própria bicicleta.

— Nem ele nem o pai retornaram minhas ligações... Vendendo imóveis em La Jolla... Deve ser bem fácil descobrir qual é a corretora, e verificar se o álibi é verdadeiro.

Ele olhou para o céu.

— A pequena Cindy... Parece uma garota de quatorze anos, mas fala como uma adulta. Por outro lado, não podemos esquecer que a garota que jogou seu bebê recém-nascido aos cachorros também era adorável.

Deixamos o Village, passando pelo extremo leste do campus e cruzando a Sorority Row.

Os estudantes corriam, andavam e atravessavam a rua despreocupados. Os topos espinhentos dos cactos se projetavam por sobre a cerca de ferro do Jardim Botânico como uma segurança complementar.

— Um retrato de Hope parece estar tomando forma — comentei. — Brilhante, carismática, boa com as pessoas. Mas capaz de desprezar as normas quando lhe convinha e também, pelo que Cindy contou, de mudar de ânimo bem depressa. Coerente com os pequenos compartimentos.

Um casal risonho, mais ou menos da idade de Kenny e Cindy, atravessou a rua de repente, de mãos dadas, absortos um no outro. Milo teve de dar uma freada brusca.

Os dois seguiram em frente, alheios a tudo.

— Ah, o amor... — comentei.

— Ou muitos anos usando walkmans e videogames. Bem, vou deixá-lo em casa.

— Por que não me deixa aqui para eu tentar falar com a professora Steinberger?

— A calada?

— Às vezes as pessoas caladas são as que mais têm algo a dizer.

— Certo.

Ele parou ao lado de um ponto de ônibus. Duas mulheres hispânicas em uniformes de domésticas estavam sentadas no banco que havia ali e nos encararam, antes de desviarem os olhos.

— Vai voltar a pé para casa depois?

— Claro. São apenas uns três quilômetros.

— Que atleta... Escute, se tiver tempo e disposição, não me importo se quiser

conversar também com os outros estudantes envolvidos no comitê. Talvez não os assuste tanto quanto eu assustei Cindy.

— Achei que se saiu muito bem com ela.

Ele franziu as sobrancelhas. — Talvez eu devesse ter levado um papagaio. Está disposto a entrevistar os outros estudantes?

— Como os localizo?

Estendendo a mão para o banco traseiro, ele pegou sua maleta e colocou-a no colo. Tirou um papel de dentro e me entregou. Cópias xerox de carteiras de estudante com fotos e de horários de aulas. As cópias eram escuras e borradas, tornando Cindy Vespucci morena. Kenneth Storm tinha um rosto cheio, cabelos curtos e uma boca triste, mas isso era praticamente tudo que se podia dizer a seu respeito. Dobrei os papéis e guardei-os no bolso.

— Alguma regra sobre a maneira como devo me apresentar? — perguntei.

Milo pensou um pouco.

— Acho que a verdade serve. Qualquer coisa que os estimule a falar. E provável que se relacionem melhor com você, por sua atitude professoral e todo o resto.

— Talvez não — respondi. — Os professores costumam ser as pessoas que decepcionam.

7

A Torre da Psicologia, alta e branca, ficava no extremo do Quadrilátero da ciência — talvez mais do que um acaso arquitetônico — e o cubo de alvenaria que alojava a química ficava ao lado.

Há muito tempo que eu não entrava no prédio da química, e mesmo assim só estivera ali fazendo um curso sobre psicopatologia avançada, numa série de aula emprestada; naquele tempo, quando eu fazia pós-graduação, psicologia era o curso mais popular na universidade e as salas transbordavam com aqueles que procuravam a autocompreensão. Vinte anos mais tarde o medo do futuro predominava e os cursos de administração e economia eram os mais procurados.

As salas de química exalavam o mesmo cheiro avinagrado de ácido acético paredes ainda tinham aquela cor verde-pasta-de-dente — talvez estivessem um pouco mais sujas.

Não havia ninguém à vista, mas pude ouvir estranhos ruídos por trás das portas com a placa de LABORATÓRIO.

O quadro de descrição dos andares relacionava duas pessoas com o nome de Steinberger, Gerald e Julia, ambos com salas no terceiro andar. Subi pela escada e encontrei a sala de Julia.

A porta estava aberta. Ela estava sentada à sua mesa corrigindo provas, ao som de um rock suave no rádio. Era uma mulher de boa aparência, em torno dos trinta anos.

Usava um suéter preto, blusa branca e calça de lã cinza e um colar de âmbar e prata antiga, que parecia ser do Oriente Médio. Tinha ombros quadrados, um rosto sisudo que se afunilava em um queixo pontudo, uma boca serena de um rosa cintilante e cabelos castanhos sedosos na altura dos ombros, a franja cortada pouco acima de sobrancelhas graciosas. Os olhos eram cinza, claros e tranquilos quando os levantou. Muito bonitos, sem dúvida. E tornavam-na bonita.

Ela escreveu alguma coisa numa prova e colocou-a de lado.

— Pois não?

Informei quem era, tentando sem sucesso fazer com que isso parecesse algo lógico, e expliquei que viera conversar sobre Hope Devane.

— Ah... — Perplexa. — Posso ver alguma identificação? — Voz agradável, sotaque de Chicago. Mostrei a credencial. Ela estudou meu nome por um bom tempo.

— Sente-se, por favor — disse ela, devolvendo o documento e indicando uma cadeira.

A sala era pequena, mas agradável e bem ventilada, móveis cinza de metal da universidade alegrados por tapeçarias de batique nas paredes e bonecos folclóricos entre os livros nas estantes. O rádio estava num peitoril atrás dela, ao lado de um vaso com flores azuis. Alguém cantava a liberdade que o amor proporciona.

As provas formavam uma pilha alta. A que ela pusera de lado tinha vários cálculos e pontos de interrogação em vermelho. Ela dera um B. Quando me viu olhando, cobriu a prova com um caderno e virou a pilha para baixo, no exato momento em que o telefone tocou.

— Oi — disse ela. — Não, não neste momento. — Olhando para mim.

— Talvez dentro de quinze minutos. Ligarei para você. — Exibiu um lindo sorriso. Corou. — Eu também.

Desligando, ela empurrou a cadeira para trás, afastando-se da mesa, e colocou as mãos no colo. — Meu marido está lá embaixo. Costumamos almoçar juntos.

— Se o momento não é oportuno...

— Não. Ele tem algumas coisas a fazer e nossa conversa não deve demorar muito. Explique de novo, pois ainda estou intrigada. Você é professor, mas trabalha com a policia no caso do assassinato de Hope Devane?

— Dou aulas na faculdade de medicina no outro lado da cidade. Já fiz alguns trabalhos de perícia técnica, e de vez em quando a policia solicita meus serviços como consultor. O assassinato de Hope Devane é o que eles chamam de um caso frio. Não há pistas, um novo detetive está começando a investigação do zero. Para ser franco, sou um membro do tribunal de última instância.

— No outro lado da cidade... — Ela sorriu. — Trabalha para o inimigo?

— Obtive meu doutorado aqui, portanto, é mais um caso de fidelidade dividida.

— Como lida com as partidas de futebol americano entre as duas?

— Eu as ignoro.

Ela riu.

— Eu também. Gerry, meu marido, tornou-se fanático por futebol americano desde que chegamos. Éramos da Universidade de Chicago, que nunca foi um grande centro de realizações atléticas. De qualquer maneira, fico contente em saber que a polícia continua investigando o assassinato de Hope. Presumi que haviam desistido.

— Por quê?

— Porque depois da primeira semana ou pouco mais não saiu mais nenhuma notícia. Não é verdade que quanto mais um caso demora para ser esclarecido, menor é a possibilidade de sucesso?

— Geralmente.

— Qual é o nome do novo detetive?

Dei o nome de Milo, e ela anotou.

— O fato de ele não ter vindo pessoalmente significa alguma coisa?

— E uma combinação de tempo escasso e estratégia — respondi. — Ele trabalha sozinho e não se saiu muito bem com os docentes que entrevistou agora.

— Em que sentido?

— Tratam-no como se fosse um Neandertal.

— E ele é?

— Nem um pouco.

— Suponho que, como um grupo, tendemos a ser intolerantes... não que sejamos realmente um grupo. A maioria de nós não tem nada em comum da paciência para enfrentar vinte e tantos anos de ensino. Hope e eu somos um exemplo disso, portanto eu acho que não serei de grande ajuda.

— Ela a conhecia bem o suficiente para convidá-la a participar do Comitê de Conduta Interpessoal.

Ela colocou a caneta na mesa. — O comitê. Calculei que só podia ser isso. Em termos de relacionamento, tínhamos conversado umas poucas vezes antes de Hope me convidar para o comitê, mas estávamos longe de ser amigas. O que a polícia sabe a respeito do comitê?

— Eles sabem de sua história e do fato de que foi dissolvido. Há também transcrições dos três casos que foram ouvidos. Notei que não participou do terceiro.

— Porque renunciei — respondeu ela. — É óbvio agora que tudo aquilo foi um erro, mas levei algum tempo para perceber.

— Um erro em que sentido?

— Creio que os motivos de Hope eram íntegros, mas levaram-na a... perder o rumo. Pensei que seria uma tentativa de resolver os conflitos, não de criar ainda mais.

— Expressou suas preocupações a ela?

Ela contraiu os lábios e olhou para o teto. — Não. Hope era uma pessoa complexa.

— Ela não teria escutado?

— Para ser franca, não sei. Acontece apenas... Não quero falar mal de quem já não pode se defender. Digamos apenas que ela era obstinada.

— Obsessiva?

— Em relação aos maus-tratos contra as mulheres, com toda a certeza. E concordo com isso.

Ela tornou a pegar a caneta e bateu num joelho.

— Às vezes a paixão encobre informações contraditórias — continuou. A tal ponto... e isso é mais da sua área do que da minha... que me descobri imaginando se ela tinha um histórico pessoal de abuso que a levou a enveredar-se por esse caminho. A calada.

— Por causa da sua paixão ao tratar disso? — indaguei.

Julia Steinberger mexeu-se na cadeira, mordeu o lábio e confirmou com a cabeça.

Pressionou a bochecha macia com um dedo indicador.

— Devo dizer que me sinto constrangida por sugerir isso, pois não quero banalizar o empenho de Hope... reduzindo-o ao nível de uma vingança pessoal. Sou físico-química, o que está a anos-luz da psicanálise.

Ela empurrou a cadeira para trás, de modo que ficou com a cabeça a poucos centímetros dos livros na estante. As pernas de uma boneca de trapos marrom projetavam-se da estante, próximas à sua orelha direita. Ela a pegou, colocou-a no colo e começou a mexer nos cabelos pretos feitos de cordões.

— Quero que saiba que eu tinha a maior consideração por Hope. Ela era brilhante e devotada a seus ideais. O que é mais raro do que deveria ser... Talvez eu deva explicar como me envolvi com o comitê. Porque é óbvio que isso não será esquecido.

— Por favor — falei. — Eu agradeceria. Ela respirou fundo e afagou a boneca.

— Fiz o curso preparatório de medicina e no segundo ano me apresentei para trabalhar como voluntária num abrigo para mulheres espancadas na zona sul de Chicago. A fim de conseguir créditos para a faculdade de medicina e porque meus pais são médicos e liberais ao estilo antigo e me ensinaram que era nobre ajudar as pessoas. Pensava já ter ouvido tudo nas conversas à mesa do jantar, mas o abrigo me abriu os olhos para um mundo totalmente novo e terrível. Em outras palavras, fiquei apavorada. Foi um dos motivos para mudar de ideia em relação à medicina.

Ela repartiu os cabelos da boneca com os dedos. — As mulheres com quem trabalhei... as que haviam superado o medo e a negação e que entendiam o que lhes era feito... tinham a mesma expressão que às vezes divisei nos olhos de Hope. Em parte mágoa, em parte raiva... eu diria uma expressão feroz. No caso de Hope, havia uma incrível discrepância de seu comportamento habitual.

— E qual era esse comportamento?

— Frio e impassível. Muito frio e impassível.

— Sob controle.

— Bastante. Era uma líder, tinha uma tremenda força de personalidade. Mas quando discutíamos a questão do abuso, eu via aquela expressão em seus olhos.

Nem sempre, mas com frequência suficiente para me lembrar das mulheres no abrigo.

Ela deu um sorriso tímido. — Sem dúvida estou exagerando.

— Ela a convidou a integrar o comitê por causa de sua experiência no abrigo?

Ela confirmou com a cabeça. — Nosso primeiro encontro foi num chá para os professores, uma dessas ocasiões terríveis no início do ano letivo em que todos fingem conhecer todos. Gerry estava conversando sobre esportes com alguns caras e Hope me abordou. Também estava sozinha.

— O marido dela não tinha ido?

— Não. Ela comentou que o marido nunca ia a festas. Ela não me conhecia, com toda a certeza, pois eu acabara de chegar. E eu não sabia quem ela era, mas já a notara. Por causa das roupas. Um tailleur caro, de grife, boas joias, maquiagem bem-feita. Como algumas das garotas de Lake Forest que eu conhecera... herdeiras. Não se vê muito disso no campus. Começamos a conversar e falei sobre o abrigo.

Ela se mexeu de uma maneira que dobrou o tronco da boneca e fez com que a cabeça pendesse para a frente. — O engraçado é que durante todos aqueles anos eu não havia conversado a respeito com ninguém. Nem mesmo com meu marido. — Um sorriso. — E como pode perceber, não tenho problemas em falar. Mas lá estava eu numa festa, com uma estranha, tratando de coisas que esquecera... coisas horrendas. Tive até de ir para um canto enxugar os olhos. Agora, pensando bem, acho que Hope me extraiu aquelas lembranças.

— De que maneira?

— Escutando da maneira certa. As pessoas não chamam essa atitude de escuta ativa? — Ela tornou a sorrir. — Exatamente o que você está fazendo neste momento. Aprendi sobre isso também no abrigo. Suponho que qualquer pessoa possa aprender as técnicas básicas, mas há poucos que são realmente bons nisso.

— Como Hope.

Ela riu. — Aí está, exatamente o que você está fazendo: devolve as coisas para mim. Funciona até mesmo quando a gente conhece o processo, não é?

Sorri, cocei o queixo e declarei, num tom solene: — Parece que você acha eficaz.

Ela riu de novo, levantou-se e foi fechar a porta. Tinha um corpo bem feito e era mais alta do que eu pensara: quase um metro e oitenta, boa parte dessa altura devia-se às pernas.

— Isso mesmo — disse ela, tornando a sentar e cruzando as pernas. Ela era uma ouvinte brilhante. Tinha um jeito de... se aproximar. Não apenas em termos emocionais, mas também físicos... avançando pouco a pouco até você, mas sem

parecer uma intromissão. Ela despertava em cada um a sensação de ser a pessoa mais importante do mundo.

— Carisma e paixão.

— Isso mesmo. Como uma boa doutrinadora. Descruzou as pernas.

— Deve parecer muito estranho — prosseguiu. — Primeiro digo que não a conhecia, e depois continuo a falar como se a conhecesse. Mas tudo o que eu disse é apenas uma impressão. Nunca fomos íntimas, embora a princípio eu pensasse que ela queria uma amiga.

— Por quê?

— No dia seguinte ao chá ela me telefonou dizendo que tinha gostado muito de me conhecer e perguntou se eu não gostaria de tomar um café no clube dos professores. Fiquei dividida. Simpatizara com ela, mas não queria falar de novo sobre o abrigo. Mesmo assim, aceitei o convite, determinada a me manter de boca fechada. — Ela sacudiu a boneca. — Por incrível que pareça, acabei falando de novo. Sobre os piores casos que testemunhara: mulheres que haviam sido brutalizadas de maneiras que fogem a qualquer compreensão. Foi a primeira vez que vi aquela ferocidade nos olhos de Hope.

Ela olhou a boneca e colocou-a de volta na prateleira. — Nada disso deve ser de grande ajuda.

— Talvez sim.

— De que maneira?

— Esclarecendo a personalidade dela — expliquei. — Até agora, temos pouca coisa em que nos basear.

— Vocês supõem que a personalidade dela teve alguma relação com o assassinato.

— Não acha que sim?

— Não tenho a menor ideia. Quando soube que ela havia sido assassinada, minha primeira suposição foi a de que suas opiniões haviam enfurecido algum psicótico.

— Um estranho?

— Não está querendo dizer que o assassinato teve alguma relação com o comitê, não é?

— Não dispomos de informações suficientes para poder dizer algo, mas acha que isso é impossível?

— Bastante improvável, eu diria. Eles não passavam de crianças.

— As coisas se tornaram muito agressivas. Especialmente com aquele rapaz, Storm.

— Ah, sim. Ele tinha um temperamento explosivo. E uma boca suja. Mas as transcrições podem ser enganadoras... mostrando-o pior do que era na realidade.

— De que maneira?

Ela pensou um pouco. — Ele era... pareceu-me mais de latir que de morder. Um desses garotos impetuosos que têm acessos e descarregam tudo o que pensam, entende? E os relatos do assassinato dão a impressão de que alguém a seguiu. Não posso imaginar um garoto fazendo isso. Mas, por outro lado, não tenho filhos; como posso saber como os garotos se comportam?

— Quando Hope a convidou para integrar o comitê, que informações específicas ela lhe deu?

— Garantiu-me que não tomaria muito tempo. Disse que era provisório, mas poderia se tornar permanente, e que contava com forte apoio da administração. O que, é claro, não era verdade. Na realidade, ela procurou dar a impressão de que a administração lhe pedira que criasse o comitê. Disse que nos concentraríamos nas transgressões que não eram passíveis de uma ação judicial e que nosso objetivo seria a descoberta logo no início... o que se costuma chamar de prevenção primária.

— Detectar os problemas no início.

— Isso mesmo, detectar os problemas no início para evitar as coisas que eu vira no abrigo. — Ela meneou a cabeça. — Hope sabia que botão apertar.

— Então ela a iludiu.

— Com certeza — murmurou ela, desolada. — Suponho que ela achava que uma explicação aberta e honesta não funcionaria. E talvez não tivesse funcionado mesmo. Não me agrada julgar pessoas.

— Pelas transcrições, o outro membro, Casey Locking, não se importava com isso.

— Sim, ele era muito... entusiasmado. Dogmático, para ser mais precisa. Não o culpo. Até que ponto um estudante pode ser sincero quando colabora com a orientadora de sua tese? Poder é poder.

— Hope disse por que o escolheu?

— Não. Apenas comentou que um dos integrantes deveria ser um homem. Para evitar a aparência de guerra entre os sexos.

— Como ela reagiu quando você se desligou?

— Não reagiu.

— De forma alguma?

— De forma alguma. Liguei para sua sala e deixei uma mensagem na secretária eletrônica, explicando que não me sentia à vontade para continuar e agradecendo por ter me convidado. Ela nunca retornou a ligação. Nunca mais tornamos a nos falar. Presumi que ela estivesse zangada... e agora a estamos julgando. Isso me incomoda. Porque não importa o que ela fez, creio que tinha boas intenções, e o que lhe aconteceu foi uma atrocidade.

Ela se levantou e apontou para a porta. — Lamento, mas não posso falar mais sobre isso.

Girou a maçaneta e abriu a porta. Os olhos cinza estavam contraídos.

— Agradeço por ter cedido seu tempo e peço desculpas por ter reavivado fatos desagradáveis.

— Talvez fosse necessário trazer à tona... A coisa toda é repulsiva. Uma perda e tanto. Não que a vida de uma pessoa possa valer mais que a de outra, mas Hope era impressionante... tinha força. Ainda mais impressionante se ela foi mesmo vítima de violência, o que significaria que conseguiu superar o trauma e encontrou forças para ajudar outras pessoas.

Ela mordeu o lábio de novo. — Ela era forte. A última pessoa em quem se pensaria como uma vítima.

Eram duas horas da tarde quando saí de lá.

Pensei na maneira como Hope arrancara lágrimas de Julia Steinberger no chá para os professores ao reavivar velhas lembranças.

Uma boa ouvinte — Cindy Vespucci dissera a mesma coisa.

Mas ela não demonstrara a mesma habilidade com Kenny Storm — nem com os outros dois estudantes acusados.

Capaz de lidar com as mulheres, mas não com os homens?

Era mais provável que tivesse sido executada por um homem — e compreendi que era assim que eu pensava no assassinato. Uma execução.

Que homem?

Um marido cujo sofrimento superou seus limites? Um estranho mentalmente perturbado?

Ou qualquer pessoa que se encaixe entre esses dois extremos na escala de intimidade?

Atravessei a quadra, fui sentar a uma mesa de pedra e verifiquei os horários de aulas que Milo me entregara.

A menos que estivessem cabulando, Patrick Huang estaria no meio de uma aula de termodinâmica, Deborah Brittain quebrava a cabeça com matemática aplicada ao curso de humanidades e Reed Muscadine, o estudante de pós-graduação em artes cênicas, participava de uma coisa chamada Seminário de Performance 201B no MacManus Hall, na extremidade norte do campus. Mas a aula de psicologia da percepção de Tessa Bowlby terminaria dentro de quinze minutos, na Torre da Psicologia.

Examinei a foto da moça que acusara Reed Muscadine de estupro. Cabelos escuros bem curtos, rosto fino, queixo pequeno. Mesmo descontando a má qualidade da fotocópia, ela parecia desalentada. Os olhos desanimados de uma pessoa muito mais velha. Mas não por causa do problema com Muscadine.

A foto era do início do ano letivo, meses antes. Tomei um copo de café de máquina automática, e voltei à Torre da Psicologia para verificar se a vida a desanimara ainda mais.

A aula terminou cinco minutos mais cedo, e os estudantes inundaram o corredor. Não foi difícil reconhecê-la, encaminhando-se para a saída sozinha, carregando uma bolsa de brim cheia de livros. Parou abruptamente quando eu disse: — Ms. Bowlby?

O braço pendeu e o peso da bolsa forçou-lhe o ombro. Apesar do queixo pequeno e de algumas espinhas, ela era atraente, com um ar de criança desamparada, pele muito branca e enormes olhos azuis. Os cabelos eram tingidos de preto, cortados de maneira irregular — por descuido ou intencionalmente. O nariz estava vermelho na ponta e nas narinas — um resfriado ou uma alergia. Usava um suéter preto folgado, uma das mangas começando a desfiar, um jeans velho com um friso preto nos lados e rasgado nos joelhos e botinas de couro de amarrar, as solas grossas, os bicos desgastados.

Ela recuou encostando na parede, para deixar os colegas passarem. Mostrei minha credencial e iniciei minha apresentação.

— Não! — exclamou ela, agitando freneticamente a mão pequena. — Por favor! — suplicou com voz rouca, os olhos procurando a placa da saída.

— Ms. Bowlby...

— Não! — repetiu ela, mais alto. — Deixe-me em paz! Não tenho nada a dizer!

Disparou para a saída. Permaneci parado por um instante, mas depois a segui, observando-a a distância, enquanto ela saía do prédio correndo, quase rolando pela escadaria, na direção do chafariz em frente à torre. O chafariz estava seco, e fluxos de estudantes convergiam para o reservatório sujo e escuro, antes de se dispersarem e se espalharem por todo o campus, como uma gigantesca trilha de formigas.

Ela correu, desajeitada, tendo dificuldades com a pesada bolsa. Uma figura esguia, de aparência frágil, tão magra que as nádegas não conseguiam preencher a calça estreita e o brim se agitava a cada passada.

Drogas? Estresse? Anorexia? Doença?

Enquanto eu especulava, ela se fundiu à multidão de estudantes e se tornou uma entre muitos.

Sua ansiedade — pânico, na verdade-aumentou meu interesse em falar com o homem que ela acusara.

Recordei os detalhes da queixa: cinema e jantar, carícias intensas. Tessa afirmando que houvera penetração forçada; Muscadine insistindo que fora sexo

consensual.

O tipo de coisa que nunca poderia ser provada, por nenhum lado.

Teste de Aids para ele. Tessa já havia feito o exame.

Negativo. Até aquele momento.

Mas agora ela estava muito pálida, magra, fatigada.

A incubação da doença leva algum tempo. Talvez a sorte dela tivesse mudado.

Isso podia explicar o pânico... mas ela continuava comparecendo às aulas.

Talvez Hope Devane tivesse sido uma fonte de apoio. Agora, com Hope morta e a própria saúde em jogo, Tessa estaria fraquejando?

O exame fora realizado no centro de saúde da universidade. Obter os resultados sem um mandado judicial seria impossível.

Conhecer Muscadine parecia mais importante do que nunca, mas o seminário de artes cênicas era um evento semanal que durava quatro horas e ainda estava na metade.

Enquanto isso, eu tentaria falar com os outros. Patrick Huang estaria livre dentro de trinta minutos, Deborah Brittain, logo depois. A sala de aula de Huang ficava ali perto, no prédio da engenharia. De volta ao Quadrilátero da Ciência. Já começava a dar meia-volta quando uma voz profunda, atrás de mim, indagou: — Investigando no campus, detetive?

Casey Locking estava parado alguns degraus acima, com uma expressão divertida.

Parecia ter lavado os cabelos compridos pouco antes, e usava o mesmo casaco de couro comprido, jeans e botas de motociclista. Uma camiseta preta por baixo do casaco. O anel de caveira continuava em seu dedo, apesar do comentário de que o jogaria fora.

A caveira faiscava ao sol, e o sorriso parecia mais largo, deixando-a com uma aparência quase viva. Com a mão do anel segurava um cigarro, com a outra uma pasta de couro verde-oliva, com as iniciais CDL gravadas em dourado sobre o fecho. Os dedos que seguravam o cigarro se contraíram, fazendo com que a fumaça subisse.

— Não sou detetive — declarei.

Isso o fez piscar, mas não mexeu mais nenhum músculo do rosto. Subi até o degrau onde ele estava e mostrei minha credencial de consultor. A boca se contraiu enquanto a examinava. Portanto, Seacrest não lhe contara. Isso significava que não eram confidentes?

— PhD em quê?

— Psicologia.

— Incrível. — Ele bateu a cinza do cigarro. — E trabalha para a policia?

— Às vezes sou consultor da polícia.

— O que exatamente você faz?

— Varia de um caso para outro.

— Análise da cena do crime?

— Todos os tipos de coisas.

Minha ambiguidade não parecia, incomodá-lo.

— Muito interessante. Foi designado para o caso de Hope porque ela era psicóloga ou porque o caso é considerado psicologicamente complexo?

— As duas coisas.

— Psicólogo da polícia.. — Ele deu uma longa tragada e segurou a fumaça.

— As oportunidades de carreira, sobre as quais nunca nos informam na graduação. Há quanto tempo faz isso?

— Alguns anos.

Começou a soltar a fumaça branca pelas narinas.

— Por aqui eles só falam de questões puramente acadêmicas. Medem o próprio sucesso pelo número de alunos que conseguem colocar em cadeiras de ensino. Esses empregos são cada vez mais raros, mas assim mesmo os preparam para isso. E todo o preparo que temos para a realidade... creio que o mundo acadêmico nunca se destacou por ter uma boa visão da realidade. Acha que o assassinato de Hope será esclarecido ainda?

— Não sei. O que você acha?

— As perspectivas não parecem promissoras. O que é lamentável... Aquele detetive grandalhão é que está investigando?

— Isso mesmo.

Ele deu mais uma tragada e coçou o lábio superior. — Psicólogo da polícia. Para ser sincero, isso me atrai. Lidar com as grandes questões: crime, desvios psicológicos, a natureza do mal. Desde o assassinato tenho pensado muito no mal.

— Chegou a alguma ideia?

Balançou a cabeça em em negativa. — Não é permitido aos estudantes terem ideias.

— Já encontrou um novo orientador?

— Ainda não. Preciso de alguém que não me faça começar tudo de novo nem me imponha um trabalho inútil. Hope era sensacional nesse ponto. Se você fazia o seu trabalho, ela o tratava como um adulto.

— Laissez-faire?

— Quando merecido. — Ele jogou o cigarro no chão. — Ela sabia a diferença entre o bom e o mau. Era um ser humano excepcional e quem fez aquilo com ela deveria sofrer uma morte bem lenta, bastante sangrenta e

inconcebivelmente dolorosa.

Os cantos dos lábios de Casey esticaram-se para cima, mas desta vez não se podia dizer que o resultado era um sorriso. Ele colocou a pasta no chão, enfiou a mão por dentro do casaco e tirou um maço de Marlboro.

— Mas é improvável que isso aconteça, não é? Porque mesmo que descubram o assassino, sempre haverá brechas nas leis, falhas processuais. É bem provável que algum perito de nossa área alegue que o desgraçado sofria de psicose ou um distúrbio de controle de impulsos de que ninguém jamais ouviu falar antes. E por isso que me agrada a ideia do que você faz. Estar no lado certo. Minha área de pesquisa é o autocontrole. Uma coisa insignificante... alimentação livre versus programações de reforço em ratos. Mas talvez um dia desses eu consiga aplicar isso no mundo real.

— Autocontrole e investigação de crime?

— Por que não? O autocontrole é uma parte integral da civilização. O componente integral. Os bebês nascem lindos, ternos e amorais. E não é difícil treiná-los para serem imorais, não é mesmo?

Casey simulou uma pistola com a mão livre e prosseguiu: — Todos estão fazendo o maior estardalhaço por causa de garotos de dez anos com Uzis, mas é apenas Fagin e os ratos de rua, de Oliver Twist com um pouco de tecnologia, certo?

— Falta de autocontrole.

— Num nível social. Remova os mecanismos de controle externo e o processo de interiorização, ou o desenvolvimento da consciência, é imobilizado, e temos então milhões de selvagens correndo à solta, dando pulos.

Pegou um isqueiro e acendeu outro cigarro. As mãos tremiam um pouco e ele tentou escondê-las.

— Eu estudaria a vida real se pudesse, mas passaria o resto da vida na escola, o que é inadmissível. Hope indicou-me o caminho certo, disse-me que não tentasse ganhar o Prêmio Nobel, escolhesse alguma coisa viável, obtivesse minha licença profissional e fosse em frente.

Ele deu uma tragada.

— Encontrar outro orientador não será fácil — continuou. — Sou considerado o fascista do departamento, porque não suporto chavões e acredito no poder da disciplina.

— E Hope aprovava isso.

— Hope era a suprema professora-mãe-de-todos: exigente, honesta, bastante segura para deixá-lo seguir seu próprio caminho, depois que você provasse que não era um monte de merda. Ela examinava tudo de maneira original, recusava-se a fazer ou ser o que esperavam dela. Por isso eles a mataram.

— Eles?

— Eles, ele, algum selvagem psicopata, totalmente desequilibrado. — Alguma teoria sobre o motivo específico?

Casey lançou um olhar para as portas de vidro da torre.

— Passei um longo tempo pensando a respeito e só consegui dar nós na cabeça. Acabei concluindo que era um desperdício de energia, porque não tenho os dados, apenas meus sentimentos. E meus sentimentos estavam me deprimindo. Foi por isso que levei tanto tempo para voltar à minha pesquisa. Foi por isso que não pude nem chegar perto do meu material até a noite de ontem. Mas agora é hora de retomar. Hope ia querer assim. Não tinha paciência para desculpas.

— De quem foi a ideia de trocar os dados pelo trabalho de cuidar do carro?

Ele me olhou fixamente.

— Quando telefonei para Phil, ele disse que estava tendo dificuldades em fazer o carro pegar, então me ofereci para ajudar.

— O que significa que já o conhecia.

— Apenas do trabalho com Hope. Phil é basicamente anti-social... Bem, foi um prazer conversar com você.

Ele pegou a pasta de couro e começou a subir a escada.

Qual é sua opinião sobre o Comitê de Conduta Interpessoal? perguntei.

Ele parou, sorriu e falou: — Isso de novo? Minha opinião? Achei que era uma ideia excelente com um poder de imposição insuficiente.

— Algumas pessoas acham que o comitê foi um erro.

— Algumas pessoas acham que qualidade de vida significa anarquia.

— Então você acha que deveriam ter permitido que continuasse existindo.

— Claro. Mas havia alguma possibilidade? O pai rico daquele babaca fechou o comitê, porque a universidade funciona sob os mesmos princípios de qualquer outro sistema político: dinheiro e poder. Se a garota que ele assediou tivesse um papai cheio da grana, pode ter certeza de que o comitê ainda estaria vivo e saudável.

Ele fumou o cigarro até o filtro, deu uma olhada na ponta e jogou-o longe.

— O fato é que as mulheres sempre serão fisicamente mais fracas do que os homens e não se pode deixar sua segurança à mercê de qualquer um com um pênis. A única maneira de promover a igualdade é por meio de regras e consequências.

— Disciplina.

— É melhor acreditar nisso. — Ele alisou uma lapela de couro. — Está me perguntando sobre o comitê porque acha que teve alguma relação com a morte de Hope. Um daqueles idiotas se vingando. Mas como eu disse, eram todos

covardes.

— Covardes cometem assassinatos.

— Mas eu também participei do comitê e obviamente continuo ileso.

A mesma lógica que Cruvic usara, falando sobre uma revolta contra o aborto.

— Deixe-me perguntar outra coisa: Hope alguma vez comentou ter sofrido algum abuso?

Ele apertou a lapela, enrugando o couro. — Não. Por quê?

— Às vezes o trabalho de uma pessoa é direcionado pela experiência pessoal.

As sobrancelhas pretas uniram-se em uma expressão carregada, os olhos se tornaram frios.

— Quer reduzir as realizações dela a uma psicopatologia!

— Quero descobrir o máximo possível sobre ela. Hope alguma vez falou de seu passado?

Ele esticou os dedos e baixou os braços bem devagar. Tornou a erguê-los muito depressa, quase um movimento de artes marciais, cruzou-os sobre o peito, como que em defesa contra algum ataque.

— Ela falava sobre seu trabalho. E isso era tudo. As coisas pessoais que pude deduzir vinham disso.

— E o que deduziu?

— Que ela tinha uma inteligência incrível, uma grande capacidade de concentração e se interessava muito pelo que fazia.. Foi por isso que me aceitou. Concentração é o meu negócio. Cravo os dentes numa coisa e não largo mais.

Sorriu, mostrando dentes brancos. — Ela apreciava o fato de que eu sempre estava disposto a dizer o que realmente sentia.

De eu acreditar que as pessoas não podem apenas seguir seus impulsos. Por aqui isso ainda é heresia.

— O que me diz da outra estudante que ela orientava, Mary Ann Gonsalvez?

— O que tem ela?

— Também tem boa capacidade de concentração?

— Não sei, pois quase não nos víamos. Olha, foi um prazer conversar com você, mas agora tenho um experimento para fazer. Se algum dia você descobrir o bosta e ele for condenado à morte, pode me convidar para ir a San Quentin e lhe aplicar a injeção.

Despediu-se com um aceno brusco, subiu os últimos degraus para a torre e empurrou uma das pesadas portas de vidro. No momento em que a abriu, tive um vislumbre rápido do seu reflexo. A boca delicada estava contorcida, mas era difícil interpretar a expressão.

Como Kubrik ele falara de Hope com paixão.

Apesar das lágrimas nos olhos, o marido não agira da mesma forma.

Por isso ela teria procurado outro homem?

Amor, sexo, facada nas costas.

Seacrest não tinha um histórico de violência, mas isso é comum entre homens que matam suas esposas. E, como Seacrest, esses homens tendem a ser de meia-idade.

Quanto ao fato de o amante sair ileso, isso também era típico: maridos ciumentos costumam ter como alvo as esposas, poupando o amante, a menos que por acaso ele estivesse no caminho.

Mas se Locking fora amante de Hope, Seacrest continuaria a manter alguma ligação com ele?

Pensei no relacionamento entre os dois homens. Nenhum sinal de hostilidade, mas formal.

E de repente percebi uma discrepância: na noite anterior Locking chamara Seacrest de professor; hoje era Phil.

Tinha alguma importância?

Comprei outra xícara de café sabor papelão e bebi a caminho do prédio da engenharia, imaginando que tipo de surpresas uma conversa com Patrick Huang poderia trazer.

Ele parecia afobado quando me apresentei, junto ao seu armário de material, mas não ofereceu resistência quando sugeri uma conversa.

Encontramos um banco no lado oeste do quadrilátero e perguntei se não queria um café.

— Não, obrigado. Já estou bastante cafeinado. NoDoz. Para as provas.

Ele mostrou a mão, fingindo um tremor, e franziu as sobrancelhas. Tinha um metro e oitenta e era corpulento, com um rosto quadrado e liso, cabelos na altura dos ombros, repartidos no meio. Sua camiseta amarrotada dizia STONE TEMPLE PILOTS e ele a usava com uma bermuda estampada e sandálias de borracha. Levava dois livros debaixo do braço, ambos sobre termodinâmica.

— Obrigado por se dispor a conversar comigo, Patrick.

Ele baixou os olhos para o banco.

— Já imaginava que alguém acabaria me procurando.

— Por quê?

— Depois do que aconteceu com a professora Devane, achei que era inevitável que a história do comitê viesse à tona. Estou surpreso que tenha demorado tanto.

Ele pareceu inquieto.

— Mandaram um psicólogo porque acham que estou maluco?

— Não. Trabalho para a polícia, e eles pensaram que eu poderia ser útil neste

caso.

Ele pensou um pouco a respeito. — Acho que vou buscar um hambúrguer, você se incomoda?

— Claro que não.

Ele deixou os livros no banco, foi até uma lanchonete e voltou com o sanduíche embrulhado, um saco de batatas fritas cobertas de ketchup e um refrigerante grande.

— Tenho um tio que é psicólogo — comentou ele, tornando a sentar. Robert Chan. Trabalha para o sistema penitenciário.

— Não o conheço.

— Meu pai é advogado.

Ele desembrulhou o sanduíche. O papel brilhava de gordura, o queijo derretido escorria pelas laterais. Huang deu uma boa mordida, mastigou depressa e engoliu.

— Meu pai ficou uma fera com o negócio do comitê. Por eu não ter contado nada. Na época achei que fosse apenas uma piada de mau gosto, então para que envolvê-lo? Mas depois que soube da professora Devane, eu disse: estou ferrado! — Ele revirou os olhos. — Problemas com seu pai.

— Ele é tradicional... uma grande vergonha para a família, essas coisas. — Deu outra grande mordida no sanduíche e comeu com uma expressão distante, enquanto corria os olhos pelo quadrilátero. — Não que eu tenha feito algo errado. Tudo que eu disse na audiência foi verdade. Aquela garota é uma tremenda racista. Nunca a assediei, ela é que me usou. Mas meu pai...

Ele assoviou e balançou a cabeça. — Depois de me passar o maior sermão e reduzir o limite do meu cartão de crédito por seis meses, ele disse que eu deveria esperar problemas, porque era inevitável que a polícia investigasse os antecedentes da professora Devane. Como isso não acontecesse, pensei: puxa, que sorte!

Tornou a olhar ao redor mais um pouco, voltou a me encarar. — Outro engano. De qualquer forma, não tenho nenhum problema porque na noite em que ela foi assassinada eu estava numa grande reunião de família. Bodas de ouro dos meus avós. Fomos todos para o Lawry's, em La Cienega. Costela e todos os acompanhamentos. Fiquei lá o tempo todo, das oito até depois das onze e meia, sentado ao lado do meu pai, o Filho-Número-Um, junto com uns cem parentes. Tenho até provas documentadas. Meu primo tirou fotos. Muitas fotos. Que grande surpresa, hein?

Ele deu um sorriso irritado, projetou os dentes da frente por cima do lábio inferior, e dobrou o dedo indicador, imitando uma máquina fotográfica.

— Olha o passarinho, crique, crique!

Permaneci calado.

— Quer um pouco? — perguntou, apontando para as batatas fritas.

— Não, obrigado.

Ele tomou um pouco do refrigerante.

— Se quiser as fotos, pedirei a meu pai para mandar. Ele as guardou no cofre do escritório. — Ele riu. — — Posso ir agora?

— Alguma opinião sobre a professora Devane?

— Não.

— E sobre o comitê?

— Já disse, uma grande piada.

— Como assim?

— Armar tudo como se fosse um tribunal. A palavra de uma pessoa contra a de outra. Não sei quantos outros caras foram pressionados, mas se seus casos foram tão estúpidos quanto o meu, vai encontrar uma porção de gente furiosa. Talvez um deles tenha liquidado a professora Devane.

— Mas você tem um álibi.

Ele pôs o copo no banco, batendo com tanta força que um pouco do refrigerante respingou na pedra.

— Graças a Deus eu tenho. Porque fiquei furioso com ela por semanas depois da audiência. Mas sabe como nós somos, os bons garotos chineses... mexemos com computadores, nunca nos tornamos violentos.

Não falei nada.

— De qualquer maneira, já superei todo o episódio. Para provar, basta dizer que estou sempre encontrando com aquela garota no campus, passo direto, nem tento puxar conversa. E foi assim que me senti em relação à professora Devane. Esqueça-a, siga em frente.

— Mas você se sentiu injustiçado.

— É verdade, mas em parte foi por culpa minha. Deveria ter falado com meu pai primeiro, antes de comparecer. Ele disse que ela não tinha nenhum direito de fazer aquilo comigo.

— Por que você foi?

— O que você faria se recebesse uma carta em papel timbrado da universidade? Quantos outros caras estiveram envolvidos?

— Desculpe, mas não posso dizer. Também não falarei a eles sobre você.

Ele piscou. — Tem razão. E melhor esquecer toda essa história. Então pegou os livros e levantou-se.

— Isso é tudo o que tenho a dizer. Provavelmente já estou encrencado por ter falado com você sem consultar meu pai. Se quiser as fotos, entre em contato com ele. Allan D. Huang. Curtis, Bailou, Semple e Huang.

Ele deu um endereço no centro, na Seventh Street, e um telefone, que anotei.

— Mais alguma coisa que queira me dizer, Patrick?

— Sobre o comitê?

— O comitê, a professora Devane, Deborah Brittain, qualquer coisa.

— O que há para dizer? Devane era terrível. Dava um jeito de distorcer tudo o que a gente dizia. E o lema dela era claro: todos os homens são canalhas.

— E quanto aos outros integrantes do comitê?

— Eles quase não abriam a boca. O espetáculo era dela, e era exatamente isso, um espetáculo, como um desses programas de improviso em que chamam um cara da plateia e o fazem bancar o palhaço. Só que era de verdade.

Ele fechou o punho. — Ela chegou a me perguntar se eu tinha entrado na universidade para encontrar mulheres para assediar. E tudo só porque ajudei aquela garota. Um negócio de louco, hein? Bom, tchau. Está na hora de puxar meu riquixá.

A aula de matemática de Deborah Brittain já terminara há muito e, de acordo com seu horário de aulas, ela não tinha mais nenhuma hoje. Morava fora do campus, em Sherman Oaks, por isso resolvi ir a pé até a área norte, para falar com Reed Muscadine.

O McManus Hall era um prédio rosa discreto, com auditórios no andar térreo. O Seminário de Performance 201B estava sendo realizado no Wiley Theater, ao fundo. A porta dupla de madeira dourada estava destrancada e entrei. Luzes apagadas, talvez cinquenta fileiras de poltronas, viradas para um palco iluminado de azul.

Quando meus olhos se acostumaram, divisei umas doze pessoas espalhadas pela sala.

Ninguém se virou quando me encaminhei para a frente.

Duas pessoas estavam sentadas em cadeiras de madeira no palco, as mãos nos joelhos, fitando-se nos olhos.

Instalei-me numa poltrona junto ao corredor, na terceira fila, e fiquei assistindo.

O casal no palco não se mexeu, a pequena plateia permaneceu inerte e o teatro em silêncio.

Mais dois minutos de nada.

Cinco minutos, seis... hipnose grupal?

O mercado para atores andava difícil, portanto talvez a universidade os estivesse treinando para serem manequins de lojas de departamentos.

Mais cinco minutos transcorreram até que um homem na primeira fila se levantou e estalou os dedos. Gorducho e calvo, óculos pequenos, suéter de gola

rulê preto, calça verde folgada.

O casal levantou-se e saiu do palco, em direções opostas. Outra dupla entrou.

Mulheres. Elas sentaram.

Assumiram a posição.

Mais nada.

Meus olhos já haviam se acostumado à escuridão e examinei a plateia, tentando adivinhar qual dos rapazes era Muscadine. Inútil. Olhei para meu relógio. Mais uma hora no Paraíso Estático ameaçava me pôr para dormir.

Avancei silenciosamente até a primeira fila e sentei ao lado do careca estalador de dedos.

Ele me lançou um olhar de esguelha, depois me ignorou. De perto, percebi que usava sob o lábio inferior aquele semi-cavanhaque que os músicos de Jazz chamam de honey mop.

Tirei do bolso minha credencial do Departamento de Polícia de Los Angeles, flexionei-a para que a luz do palco se refletisse no plástico. Ele tornou a se virar.

— Estou procurando Reed Muscadine — sussurrei.

Ele voltou a olhar para o palco, onde as duas mulheres continuavam a simular paralisia.

Guardei a credencial e cruzei as pernas.

O careca virou-se para mim de novo, com um olhar feroz.

Sorri.

Ele apontou com o polegar para o fundo do teatro e levantou-se.

Mas em vez de andar, ficou ali parado, com as mãos nos quadris e um olhar irritado.

Alguns olhos na plateia também se desviaram para mim. O homem de gola rulê estalou os dedos e todos se empertigaram nas poltronas.

Ele tornou a apontar com o polegar.

Levantei-me e saí. Para minha surpresa ele me seguiu, alcançando-me no corredor lá fora.

— Sou o professor Dirkhoff. Afinal, o que está acontecendo?

Os pelos no queixo eram amarelo-avermelhados, com vários fios brancos, como o pouco que restava em sua cabeça. Ele fechou a cara e os pelos do queixo se projetaram para a frente, como uma série de minúsculas baionetas.

— Estou procurando...

— Ouvi o que você disse. Por quê?

Antes que eu tivesse tempo de responder, ele acrescentou: — E então? — A última sílaba foi prolongada de maneira teatral.

— É sobre o assassinato da professora Hope Devane...

— Isso? O que Reed tem a ver com isso?

Segurou o queixo com os nós dos dedos, numa atitude socrática.

— Estamos conversando com estudantes que conheceram a professora Devane, e Muscadine foi um deles.

— Deve haver centenas deles. E uma perda de tempo. E você não tem o direito de entrar aqui sem ser anunciado.

— Desculpe ter interrompido. Esperarei até a aula terminar.

— Vai perder seu tempo. Reed não está aqui.

— Certo, obrigado.

Comecei a me afastar. Dera três passos quando ele acrescentou: — O que eu quis dizer é que Reed não está mais aqui.

— Não está mais na aula ou na escola?

— As duas coisas. Ele saiu há um mês. Fiquei muito contrariado... mais do que contrariado. Nosso programa de artes cênicas é bastante seletivo e esperamos que nossos alunos concluam o curso, não importa que motivo tenham para sair.

— E qual foi o motivo de Muscadine?

Ele virou-me as costas, foi até as portas de vaivém. Encostou a mão na madeira dourada e deu um sorriso compadecido.

— Arrumou um emprego.

— Que tipo de emprego?

Ele respirou fundo, antes de responder: — Um desses seriados de televisão. Um erro grave da parte dele.

— Por quê?

— O garoto tem talento, mas precisa amadurecer. Muito em breve estará dirigindo um Porsche e se perguntando por que se sente tão vazio. Como todo mundo nesta cidade.

8

Ao voltar para casa, encontrei um bilhete na geladeira: "Que tal jantarmos em casa? Fui fazer compras com o Bonitão, volto lá pelas seis".

Milo telefonou às cinco e meia. Peguei minhas anotações e me preparei para fazer um relatório das entrevistas do dia, mas ele me interrompeu: — Recebi uma resposta ao meu teletipo. O departamento de homicídios de Las Vegas tem um caso antigo que combina: uma garota de programa de vinte e três anos, encontrada numa rua escura perto de seu apartamento. Esfaqueada no coração, virilha e costas, nessa ordem. Debaixo de uma árvore, veja só. Um mês antes de Hope. Acharam que era um maníaco sexual. Esse tipo de crime acontece o tempo todo com as garotas que trabalham por lá. Ela era dançarina, além de se prostituir, e no ano passado participou de um show de topless no cassino Palm Princess. Mas nos últimos tempos vinha trabalhando só em seu apartamento como free-lancer. De duzentos a trezentos dólares por programa.

— Então por que foi encontrada na rua?

— A teoria é de que ela pegou o cara errado e ele a matou, a caminho do apartamento dela ou depois. Talvez ela o tenha acompanhado até o carro, e ele a surpreendeu com uma faca. Ou talvez ela não o tenha deixado satisfeito, ou não concordaram sobre o preço e ele ficou furioso.

— Alguma semelhança física com Hope?

— Pela foto que me mandaram por fax, nenhuma além de ambas serem atraentes. Essa garota... Mandy Wright... pode até ser considerada deslumbrante. Mas tinha cabelos escuros. E vinte e três anos, muito mais nova do que Hope. E obviamente não era professora. Mas tendo em vista o padrão dos ferimentos, podemos ter um psicótico itinerante. Portanto, acho melhor eu me concentrar em descobrir se há outros homicídios similares no resto do país. Apesar de toda a polêmica que causava, a nossa boa professora pode muito bem ter sido vítima de um maluco de passagem. Pretendo voar para Las Vegas esta noite, entrar naquele jogo de mostre-o-seu-que-eu-mostro-o-meu. — Ele tossiu. — O que era mesmo que você ia dizer?

Antes que eu falasse, Robin entrou, carregando um saco de compras e trazendo Spike pela coleira. Ela estava corada e sorriu ao me acenar. Largou o saco e me deu um beijo.

— Milo — sussurrei.

— Dê um oi a ele por mim. — E foi trocar de roupa.

Transmiti o recado, depois relatei tudo: as conversas com Julia Steinberger e

Casey Locking, o pânico de Tessa Bowlby, a raiva e o suposto álibi de Patrick Huang, como Reed Muscadine deixara a universidade para aceitar um emprego na televisão.

— Conclusão: Hope causou uma impressão muito forte em todos. Mas se for mesmo um assassino serial itinerante, isso provavelmente não é mais relevante.

— Aquela garota, Bowlby... ela estava mesmo apavorada?

— Aterrorizada. Pálida, magra e também parecendo fraca, o que me deixou pensando se o teste de Aids de Muscadine não deu positivo. E se ele não deixou a universidade por estar doente. Ou talvez tenha sido apenas porque arrumou o emprego. Mas que diferença faz?

— Não fique se sentindo inútil, por enquanto. Mandy Wright muda a situação, mas a esta altura não posso me dar ao luxo de eliminar nada nem ninguém. Afinal, só porque parece ser um psicótico, não significa que seja um estranho. Talvez Hope e Mandy conhecessem o mesmo psicótico.

— Uma garota de programa e uma professora?

— Talvez fosse uma professora diferente — respondeu. — De qualquer maneira, ainda vou conversar com Kenny Storm e verificar o álibi do tal Huang. E se você não se importar de conversar com as outras duas moças, eu agradeceria. Mais uma coisa: antes da ligação de Las Vegas eu estava examinando os processos recentes do advogado Barone e o nome de Hope não aparece em nenhum. Para que então ele pagava Hope?

— Alguma coisa que ela não queria que fosse divulgada?

— É a única possibilidade que me ocorre. Barone defende muitos casos de pornografia, a maioria por meio de seu escritório em San Francisco; e pornografia é algo em que uma garota de programa como Mandy poderia se envolver. Quanto à participação de Hope, não dá para entender.

— Barone podia estar procurando referências acadêmicas e feministas para sustentar sua defesa — falei.

— Então por que o nome dela não aparece nos autos?

— Talvez Barone a tenha contratado para escrever um relatório, mas não gostou do produto final. Já aconteceu comigo.

— É possível. Tudo é possível. Estou prestes a ligar pela décima vez para o nosso bom advogado. E ainda gostaria de saber mais sobre o dr. Cruvic. Aquela história de consultoria é interessante... todo aquele dinheiro.

Robin voltou à cozinha e colocou água para esquentar.

— Em relação a Cruvic, Milo, posso verificar no Centro de Saúde da Mulher em Santa Monica. Tem o endereço?

— Não, lamento. Muito obrigado, Alex. E agora lá vou eu para o aeroporto de Burbank.

— Boa viagem. E talvez possa tentar a sorte no jogo.

— À custa dos contribuintes? Não dá. De qualquer maneira, os jogos de azar não me atraem. O acaso sempre me assustou.

Quando desliguei, Robin estava cortando cebolas, tomates e aipo, e no fogão havia uma panela de espaguete quase fervendo.

— Jogo? — perguntou ela.

— Milo vai para Las Vegas. Descobriu um assassinato parecido com o de Hope. Relatei os detalhes. A faca parou..

— Se é um maluco — falou —, pode haver outras mortes.

— Ele vai verificar em todo o país.

— Uma coisa horrível... Esse Centro de Saúde da Mulher que você mencionou. Holly Bondurant já esteve envolvida com um lugar desses em Santa Monica. Sei porque ela fez um concerto beneficente há alguns anos e eu aprontei o seu doze cordas . Qual é a ligação entre o centro e o assassinato?

— Provavelmente nenhuma, mas Milo se interessou porque foi ali que Hope conheceu um ginecologista de Beverly Hills chamado Cruvic. Ela acabou se tornando consultora de sua clínica particular... aconselhando as pacientes que se submetiam a um processo de fertilidade. Falamos com ele esta manhã e Milo achou que poderia haver alguma coisa entre os dois.

— Por quê?

— Porque ele falou de Hope com muita paixão, e o casamento dela não parecia ter muito disso. Então surgiu a pergunta óbvia. Sabe como Milo é meticuloso. Mesmo com a nova pista, ainda quer esclarecer tudo.

Ela largou a faca e foi até o telefone, teclando rapidamente.

— Holly? Aqui é Robin Castagna. Oi. Claro, tudo bem. E com você? Ótimo. E Joaquin, como vai? Ele deve estar com... quatorze anos... está brincando! Escute, Holly, não sei se poderá me ajudar, mas...

Depois de desligar, Robin me disse: Ela vai se encontrar com você amanhã cedo, às nove horas, no Café Alligator.

— Obrigado.

— É o mínimo que posso fazer.

Mais tarde, durante o jantar, Robin ficou remexendo a comida no prato e não tocou no copo de vinho.

— Qual é o problema? — perguntei.

— Não sei. Você já esteve envolvido numa porção de coisas, mas este caso parece estar me afetando.

— Há uma crueldade especial nele. Uma pessoa tão inteligente e talentosa sendo eliminada desse jeito.

— Talvez seja por isso. Ou talvez apenas porque estou enojada e cansada de

ver mulheres serem assassinadas porque são mulheres.

Ela inclinou-se sobre a mesa, pegou minha mão e apertou-a com força.

— Isso acaba com a gente, Alex. Olhar sempre para trás, ser advertida de que é sua a responsabilidade de ser vigilante. Sei que os homens são as vítimas habituais da violência, mas quase sempre são os responsáveis. Creio que hoje em dia todos estão correndo risco. O mundo se dividiu entre predadores e presas... o que está acontecendo? Estamos voltando à selva?

— Não sei se algum dia saímos — respondi. — Eu me preocupo com isso o tempo todo. Ainda mais quando você sai sozinha à noite. Nunca digo nada porque acho que você sabe se cuidar e não creio que você goste de ouvir isso.

Ela pegou seu copo de vinho, observou-o, tomou um gole.

— Eu não disse a Holly o que você está fazendo. Expliquei apenas que era meu companheiro, psicólogo e queria saber mais sobre o centro. Ela é uma típica representante dos anos sessenta, poderia se assustar com a palavra "polícia".

— Pode deixar que trato disso. — Toquei em sua mão. — Gosto de ser seu companheiro.

— Eu também.

Ela baixou os olhos para sua comida intacta e falou: — vou guardar na geladeira. Talvez você queira comer um pouco mais tarde.

Comecei a tirar a mesa. Ela pôs a mão em meu ombro.

— Se você não se importa, por que não levamos Spike para dar um passeio pelo canyon? Ainda está claro.

O Café Alligator ficava num prédio antigo na Broadway, no centro de Santa Monica, a dez quarteirões da praia. Os tijolos haviam sido pintados de verde-musgo e um lagarto parecendo drogado se enroscava em uma placa preta que dizia EXPRESSO CARO, COMIDA BARATA.

As paredes lá dentro eram da mesma tonalidade de alga, e havia quatro mesas cobertas por toalhas plásticas amarelas, um balcão de salgados e doces e prateleiras com café e chá à venda. Um homem gordo torrava café com a concentração de um pianista.

Os alto-falantes no teto tocavam reggae em baixo volume.

Na noite anterior eu ouvira o último LP de Houy Bondurant, Polychrome. Era um álbum lançado há quinze anos, mas a reconheci no mesmo instante.

Na foto da capa, seus cabelos eram louro-avermelhados, pela cintura, ocultando parcialmente um lindo rosto céltico. Agora eram curtos e louro-acinzentados e ela engordara uns doze quilos. Mas seu rosto ainda era liso e jovem.

Usava um vestido comprido de veludo vermelho , colete preto, botas de

amarrar e um colar de ônix. Havia um chapéu de veludo preto sobre uma cadeira vazia.

— Alex? — Ela sorriu, estendeu-me a mão, sem se levantar, e olhou para uma caneca de café pela metade. — Desculpe ter começado sem você, mas eu precisava da minha dose. Vai querer um café?

— Por favor.

Ela acenou para o homem gordo. Ele encheu uma xícara e trouxe-a até a mesa.

— Mais alguma coisa, Holly?

— Alguma coisa para comer, Alex? Os bolinhos ingleses são ótimos.

— Então vamos a eles.

— Qual está bom hoje, Jake?

— Cranberry — respondeu o homem, quase relutante. — O de laranja com passas e chocolate com pedacinhos de chocolate também está ótimo.

— Traga uma porção de cada, por favor. — Ela se voltou para mim. — Foi bom ter falado com Robin, depois de tantos anos. Ela era responsável por todos os meus instrumentos.

A voz era melodiosa, e os olhos brilhavam quando ela sorria. Falava usando todos os músculos do rosto — essa maneira animada que se encontra em atrizes e outras mulheres que vivem da adulação do público.

— Robin me contou.

— Ela ainda fabrica instrumentos de cordas?

— Sem parar.

Jake trouxe meu café e o cesto com os bolinhos, depois voltou a seus grãos de café.

Holly pegou um bolinho de cranberry e deu uma mordida.

— Você é psicólogo.

Confirmei com a cabeça.

— O centro sempre tem como aproveitar o pessoal de saúde mental. Os tempos andam difíceis, a situação financeira é crítica, e temos cada vez menos voluntários. É bom saber que você se interessa.

— Para ser franco, não foi por isso que vim conversar com você.

— Não?

Ela largou o bolinho.

— Às vezes trabalho como consultor da polícia. E neste momento atuo num caso de homicídio. O de Hope Devane.

Ela recuou o corpo. Seus olhos não tinham capacidade de endurecer, mas havia mágoa... confiança traída.

— A polícia...

— Peço desculpas — falei. — Não tive a menor intenção de enganá-la. Mas o caso ainda não foi solucionado, e me pediram que descobrisse o máximo possível a respeito de Hope Devane. E sabemos que ela foi voluntária no centro.

Ela não disse nada. Jake percebeu a tensão no outro lado da sala e parou de moer.

— Chegou a conhecê-la? — perguntei.

Ela examinou a superfície marrom do bolinho, virou-o e sorriu para Jake, que retomou seu trabalho.

— O que sabe sobre o centro? — perguntou.

— Não muito.

— Foi criado para que mulheres pobres pudessem ter acesso a cuidados básicos de saúde: acompanhamento pré-natal, nutrição, exame dos seios e papanicolau, planejamento familiar. Já fez parte do sistema de estágio da faculdade de medicina, mas isso acabou há muito tempo, e passamos a depender de voluntários. Fiz alguns shows beneficentes para o centro, ajudei-os a conseguir algumas coisas.

— Suprimentos?

— Suprimentos, donativos. Ainda pensam em mim como uma pessoa com muitos contatos. As vezes até consigo alguma coisa. Na semana passada ouvi falar de um agente que está reformando seu escritório e arrumei a doação de alguns dos seus móveis velhos.

Ela olhou para o balcão de doces. Jake perguntou: — Aceitáveis?

Ela sorriu de novo e tornou a me fitar.

— Encontrei-me com Hope poucas vezes, mas ela nunca esteve envolvida para valer, embora achássemos que estivesse. A primeira vez foi numa campanha para angariar fundos, no ano passado. Tivemos um show de variedades no Aero Theather, com um coquetel depois em Le Surph. Ela comprou um convite de quinhentos dólares que dava direito a uma mesa inteira, mas disse que não tinha ninguém para levar, então a colocamos no palco. Por causa de suas referências. Dava a impressão de ser alguém que poderíamos aproveitar. Impressionou muitas pessoas, com sua inteligência e personalidade... muito dinâmica. Pouco depois, alguém propôs sua candidatura ao conselho e a aprovamos. Mas, no final, ela não deu uma grande contribuição.

Ela passou as mãos pelo cabelo e tamborilou na mesa.

— O que estou querendo dizer, acho, é que foi um horror o que aconteceu com ela, mas não teve nenhuma relação com o centro. Fico preocupada com a possibilidade de publicidade negativa.

— Não há razão para isso. Só quero saber mais para compreendê-la melhor. Por que ela não contribuiu mais?

Holly demorou algum tempo para responder. — Ela não era... como posso dizer isso... na campanha para angariar fundos ela deu algumas ideias. Falou em trazer outros psicólogos, estudantes de pós-graduação da universidade, desenvolver um programa voluntário de saúde mental. Suas qualificações eram fantásticas, e a pessoa que a apresentou garantiu que era um estouro.

Ela compareceu à reunião seguinte do conselho, foi ao centro por algumas semanas, aconselhou algumas pacientes. Depois, simplesmente parou. Seu livro foi lançado e acho que andava muito ocupada. Nenhum dos programas foi levado adiante.

Ela comeu mais um bolinho, mastigando devagar, sem vontade.

— Então ela andava muito ocupada... — repeti.

— Escute, não gosto de julgar os outros, ainda mais alguém que já morreu.

— A pessoa que a apresentou foi o dr. Cruvic?

— Conhece Mike?

— Encontrei-o uma vez.

— Foi ele mesmo. Mais um motivo para que ela tivesse credibilidade. Mike é um dos membros mais ativos do nosso conselho. Dá muito do seu tempo.

— Quer dizer que ele e Hope já se conheciam antes da campanha para angariar fundos?

— Claro. Ele a levou... Robin disse que você é guitarrista.

— Toco um pouco.

— Ela disse que era muito bom.

— Robin é parcial.

Ela limpou os lábios com o guardanapo.

— Quase não toco mais — disse. — Depois que meu filho nasceu, nada mais além dele pareceu importante... Essas perguntas sobre Mike Cruvic. A polícia desconfia que ele fez alguma coisa?

— Não. Não há nenhum suspeito. Há alguma coisa sobre ele que eu deva saber?

— Ele tem ajudado muito no centro-assegurou ela, mas numa voz sem vida. — E levou Hope para a campanha.

— Está sugerindo que havia alguma coisa entre os dois?

— Havia?

— Não sei. E que diferença faz? Hope foi assassinada por causa de suas opiniões, não foi?

— É essa a suposição no centro?

— E essa a minha opinião. Por que mais? Ela dizia o que pensava e foi silenciada.

Ela me olhou fixamente. — Desconfia mesmo de Mike, não é?

— Não — respondi. — Mas qualquer pessoa que teve um relacionamento com Hope está sendo investigada.

— Investigada... Parece coisa da CIA.

— É a rotina da polícia. Compreendo o valor de Cruvic para o centro, mas se há alguma coisa que eu deva saber...

Ela balançou a cabeça em negativa.

— O relacionamento entre os dois... eu me sinto uma traidora... mas o que aconteceu com ela...

Fechou os olhos e respirou levemente várias vezes, como se praticas se ioga. Tornou a abrir os olhos, tocou de leve no bolinho, pegou o chapéu e contornou a aba com o dedo.

— Só vou contar porque parece correto. Mas também tenho a sensação de que é errado.

Meneei a cabeça. Ela respirou mais algumas vezes do mesmo modo. — Tornei a vê-los uma vez, depois da reunião do conselho. Era tarde da noite, eu media as salas para determinar onde colocaríamos os móveis, achava que todo mundo já tinha ido embora. Mas quando saí para o estacionamento, vi que o carro de Mike ainda estava ali, no outro lado. É fácil saber, pois ele tem um Bentley. Ele e Hope estavam parados ao lado do carro, conversando. O carro dela estava estacionado ao lado... um desses carros pequenos, vermelho. Nenhum contato físico, mas se mantinham bem próximos. Um de frente para o outro, como antes ou depois de um beijo.

Quando me ouviram, afastaram-se depressa. Ela então correu para seu carro e foi embora. Mike permaneceu ali por um instante, uma perna meio flexionada como se quisesse que eu visse como estava sossegado. Depois acenou e entrou no Bentley.

Ela estremeceu.

— Não é grande coisa, não é mesmo? E, por favor, se interrogar Mike ou qualquer outra pessoa, não mencione meu nome. Certo?

— Certo — respondi. — Depois que Hope parou de aparecer por lá, houve ressentimento contra Mike por tê-la apresentado?

— Se houve, não fiquei sabendo. Como eu disse, Mike é nosso médico voluntário mais confiável.

— Com que frequência ele trata de pacientes no centro?

— Não me envolvo nos horários, mas sei que ele ajuda há anos.

— Trabalhando com ginecologia-obstetrícia? Ela ficou tensa.

— Presumo que sim.

— Abortos?

— Eu disse que não sei. — A voz se elevara. — E se ele os faz, qual é o

problema?

— É que o aborto às vezes inspira violência.

— Mas não assassinaram Mike, assassinaram Hope. Não quero mais falar sobre isso. —

Ela se levantou. — Não quero mesmo.

— Eu compreendo. Lamento aborrecê-la.

— Tudo bem. Mas, por favor, eu lhe suplico, não nos meta nessa confusão do aborto.

Temos evitado problemas até agora e não precisamos que uma coisa dessas saia nos jornais.

— Prometo que não sairá. Ela riu.

— Puxa, você me deixou numa situação difícil. Quando telefonou, pensei que queria se oferecer como voluntário, então falei com a diretora a seu respeito, marquei até um encontro, dentro de meia hora. Agora tenho de ligar e avisá-la.

— Eu ainda gostaria de falar com ela.

— E eu não posso impedi-lo, não é?

— Não sou o inimigo, Holly.

Ela me estudou por um momento.

— Espere um instante.

Foi para o fundo do café, virou à direita e desapareceu. Jake terminou com os grãos de café e concentrou-se em me olhar com uma expressão furiosa, até que Holly voltou.

— Ela não ficou muito satisfeita, mas vai recebê-lo para uma conversa bem rápida. Marge Showalsky. Mas não espere descobrir muita coisa sobre Hope.

— Obrigado — falei. — E desculpe.

— Esqueça. Tenho certeza de que você não é o inimigo. Robin é esperta demais para cair nessa.

O trecho da Olympic que alojava o Centro de Saúde da Mulher era uma dessas estranhas misturas de Los Angeles: fábricas, ferros-velhos, armazéns, uma moderna escola preparatória que fingia estar em outro lugar isolando-se com uma fronteira de fícus em vasos.

A clínica era uma construção térrea de alvenaria marrom sem nenhum charme, ao lado de um estacionamento cercado por estacas de ferro e grossas correntes. A porta da frente estava trancada. Toquei a campainha e dei meu nome. Um momento depois a porta destrancou-se, com um estalo.

Três mulheres estavam sentadas na sala de espera, e nenhuma delas levantou os olhos.

Nos fundos havia portas de madeira de vaivém com pequenas vigias. As

paredes eram cobertas por cartazes sobre Aids, exame dos seios, nutrição, grupos de apoio para traumas. Uma TV no canto estava sintonizada no canal Discovery. Animais se perseguindo.

Uma porta foi entreaberta e uma mulher corpulenta, em torno dos sessenta anos, estendeu a cabeça para fora. Tinha cabelos crespos, grisalhos e curtos, e um rosto redondo e rosado que não era jovial. Os óculos eram de armação metálica quadrada.

Usava um suéter verde-escuro, jeans e tênis.

— Dr. Delaware? Sou Marge — trovejou ela. — Estou ocupada. Dê-me um minuto.

Enquanto a porta se fechava, as mulheres na sala de espera levantaram os olhos.

Perto de mim havia uma moça negra, em torno dos dezoito anos, com olhos enormes e tristes, tranças grossas bem-feitas e lábios contraídos. Usava o uniforme de uma rede de fast-food e segurava com as duas mãos um livro de Danielle Steel. À sua frente estavam sentadas duas mulheres que pareciam ser mãe e filha: ambas louras, a filha com quinze ou dezesseis anos, a mãe em torno dos quarenta, o cabelo com raízes pretas, bolsas sob os olhos empapuçados, corpo e espírito abatidos.

Talvez a filha tivesse alguma relação com aquilo. Ela me encarou e piscou, depois passou a língua pelos lábios.

Tinha um rosto excepcionalmente fino, nariz meio deslocado, orelhas baixas e um pescoço delgado. A cor do cabelo parecia natural, exceto pelos reflexos rosados nas pontas. Ela o usava comprido e penteado para trás. O short jeans mal cobria os quadris magros. Um top preto expunha braços finos, uma barriga branca e lisa e ombros estreitíssimos. Três brincos numa orelha, quatro na outra. Uma argola no nariz, a pele ao redor do furo ainda inflamada. Botas pretas que iam até os joelhos. Os brincos pretos de argola eram do tamanho de descansos para copos.

Ela piscou de novo. Cruzou as pernas, com uma expressão provocante. A mãe viu e sacudiu a revista. A garota me lançou um sorriso largo e insinuante. Tinha dentes grandes. Acenou, mexendo os dedos. Polegares curtos.

Tudo indicava algum problema genético. Talvez nada com um nome oficial. O que costumava ser chamado de síndrome nos meus tempos de residente.

Voltou a descruzar e cruzar as pernas. Um cutucão firme da mãe fez com que ficasse quieta, amarrasse a cara e olhasse para o chão.

A moça negra observara toda a cena. Nesse momento ela voltou a se concentrar no livro, esfregando o abdome com uma mão, como se doesse.

A porta se abriu de novo. Marge Showalsky gesticulou para mim e me

conduziu por um corredor de consultórios.

— Sorte sua que é um dia de pouco movimento.

Sua sala era grande, mas escura, com manchas de umidade no teto. Móveis de diversos tipos e estilos e prateleiras de livros que não pareciam muito firmes. Persianas meio abertas ofereciam uma vista listrada do estacionamento asfaltado.

Ela sentou atrás de uma escrivaninha não muito mais larga que seus ombros. Duas cadeiras dobráveis. Instalei-me em uma.

— Neste local funcionava uma fábrica de produtos eletrônicos. Transistores ou algo parecido. Pensei que jamais conseguiríamos nos livrar do cheiro de metal.

Havia dois cartazes na parede atrás dela: Gertrude Stein e Alice B. Toklas em mesa de café, e abaixo a legenda *Conversa de mulheres. Uma gravura de Geórgia O'Keeffe*.

— Então você trabalha para a polícia. Fazendo o quê?

Respondi em termos genéricos. Ela ajeitou os óculos e deu um sorriso irônico.

— Belo papo furado. O melhor que já tive esta semana. Mas também não tenho muita coisa para lhe dizer. Pouco resta às mulheres que vêm aqui, além de sua privacidade.

— A única pessoa em que estou interessado é Hope Devane.

Ela tornou a sorrir.

— Pensa que não sei quem você é? É o analista que trabalha com Sturgis. De qualquer maneira, darei as respostas antecipadas às suas perguntas. É verdade, fazemos abortos, quando encontramos um médico disposto a realizá-los. Não, não vou revelar quais são os médicos. E, finalmente, Hope Devane nunca teve um grande envolvimento conosco. Por isso, tenho certeza de que seu assassinato não teve nada a ver conosco.

— Não tinha um grande envolvimento — repeti. — Ao contrário do dr. Cruvic.

Sua risada poderia ter corroído metal. Ela abriu uma gaveta, tirou um cachimbo rústico, esfregou o bocal e falou: — Mike Cruvic é um médico com excelentes referências, disposto a ajudar regularmente as mulheres necessitadas. Quer adivinhar quantos outros tipos hipocráticos esperam na fila para fazer isso? Este centro não tem orçamento nem planejamento. A maior parte do trabalho é feita por enfermeiras em suas horas de folga. Uma secretária eletrônica atende o telefone e tentamos cuidar das emergências. Talvez no próximo mês tenhamos uma mensagem gravada: "Se você está morrendo, tecle um".

Ela pôs o cachimbo na boca e mordeu com tanta força que o fornilho se inclinou para cima.

— A crise financeira — comentei.

— Um tempo de vacas magras. — Ela ergueu um punho. — Há poucos anos tínhamos verbas do governo, pessoal na folha de pagamento, um bom programa de imunização e prevenção. Depois o governo começou a discutir a reforma nos serviços de saúde, idiotas vieram de Washington nos perguntando sobre a contabilidade, e as coisas ficaram difíceis.

Ela tirou o cachimbo da boca e apontou-o para mim, como um periscópio.

— Como é trabalhar com Milo Sturgis? Só concordei em falar com você para perguntar isso.

— Conhece-o?

— De ouvir falar. E você também... o analista hetero que está sempre com ele. Sturgis é lendário.

— Na comunidade gay?

— Não, no Los Angeles Country Club. O que você acha? — Os olhos dela faiscavam. — Algumas pessoas acham que você é, mas não assume. Que se fosse mesmo um bom analista, compreenderia que está apaixonado por ele.

Sorri.

— Ei, temos aqui a Mona Lisa! — Ela sorriu também, em torno da haste do cachimbo, parecendo estranhamente com Teddy Roosevelt. — Diga-me uma coisa: como é possível que ele nunca tenha se envolvido?

— Em quê?

— Política sexual. Usando construtivamente a própria imagem.

— Deve perguntar isso a ele.

— Ah, toquei num ponto sensível... Pois ele deveria. Um policial gay, rompendo barreiras, a maneira como subiu contra a vontade de todo o departamento, aquela ocasião... Quando foi? Cinco anos atrás? O dia em que quebrou o queixo de um tenente por tê-lo chamado de bicha. — Ela tornou a pôr o cachimbo na boca e mordeu-o com satisfação. — Em certos bares, as pessoas ainda falam sobre isso.

— Uma distorção interessante — comentei.

— Foi diferente?

— Ele quebrou o queixo do tenente porque pôs sua vida em risco.

— Mesmo assim, acho que também é uma razão... então por que não acrescentar consciência social? Ele nunca responde aos pedidos de levantamento de fundos nem às convocações para protestos, jamais participa de nada. O mesmo acontece com aquele médico, o namorado dele. Caras assim poderiam ajudar muito.

— Talvez ele ache que já está ajudando.

Ela examinou-me dos pés à cabeça.

— Você é bissexual?

— Não.

— Então qual é a ligação?

— Somos amigos.

— Apenas amigos, hein? — Ela riu.

— Como Hope e Cruvic?

O riso cessou.

— Compreendo que queira privacidade-acrescentei. — Mas num caso como este tudo tem de ser investigado.

— Então providencie um mandado judicial... Escute, qual o problema se eles trepavam três vezes por dia em cima da mesa dele? E não estou dizendo que faziam isso, mas quem se importa? Mike não a matou, e que diferença faz quem trepava com quem? Ela foi assassinada porque se tornou famosa e enfureceu algum porco chauvinista ao extremo.

— Tem alguma ideia de quem poderia ser o porco?

— São tantos que não dá para contar. vou repetir: o envolvimento dela aqui era mínimo. Acho terrível quando qualquer mulher é assassinada, mas não há nada que eu possa lhe dizer sobre esta.

Ela se levantou com algum esforço e contornou a mesa para alcançar a porta.

— Dê um olá por mim ao Mister Lendário. E diga a ele que por mais que faça, para seus superiores nunca passará de um veado.

Quando retornei à sala de espera, nenhuma das garotas estava ali, apenas a mãe da loura. Ela levantou os olhos do que lia quando passei. A revista era *Prevention*.

Já entrara no Seville quando a vi correndo em minha direção, em passos curtos. Baixa e franzina, tinha a cintura alta e o tronco encurvado. O lábio inferior era fino, o superior, inexistente. Usava jeans azul-claro, blusa branca, tênis salmão.

— A enfermeira me disse que é psiquiatra, é verdade?

— Psicólogo.

— Fiquei pensando...

Sorri. — Em quê?

Ela chegou mais perto, mas com o maior cuidado, como se estivesse se aproximando de um cachorro estranho.

— Sou o dr. Delaware — apresentei-me, estendendo a mão.

Ela olhou para a clínica. Nesse instante, assustou-se com um estrondo. No céu um Cessna voava baixo, provavelmente acabara de decolar do aeroporto particular em Santa Monica. Ela observou-o seguindo na direção do mar e disse, quando o baru lho se desvaneceu:

— Eu apenas... por acaso vai trabalhar aqui?

— Não.

— Ah... — decepcionou-se. — Desculpe tê-lo incomodado.

Ela se virou para ir embora.

— Eu poderia ajudá-la de alguma forma?

Ela parou. Começou a retorcer as mãos. — Não. Esqueça. Desculpe.

— Tem certeza? — perguntei, tocando de leve em seu ombro. — Qual é o problema?

— Apenas pensei que fossem finalmente arrumar um psicólogo para trabalhar aqui.

— Para sua filha?

Ela continuou a retorcer as mãos.

— Problemas de adolescente? — insisti.

Ela confirmou com a cabeça.

— O nome dela é Chenise. — informou com evidente hesitação, como que preparada para soletrá-lo a pedido de algum burocrata. — Tem dezesseis anos.

Ela apalpou o bolso da blusa.

— Parei de fumar, mas sempre esqueço... isso mesmo, problemas de adolescente. Ela me deixa louca. Sempre deixou. Eu... ela... já a levei a todos os lugares... um milhão de clínicas, estive até no Hospital Geral do Condado. Sempre mandam algum estudante atender, e eles nunca conseguem controlá-la. Na última vez ela acabou no colo do cara e ele não sabia o que fazer. As escolas não resolvem nada. Ela já tomou todos os tipos de medicamentos desde que era pequena, e agora... o dr. Cruvic... ele é o médico que a operou aqui... disse que ela deveria ter um acompanhamento psicológico e trouxe uma profissional para examiná-la. Uma psicóloga muito boa, percebeu qual era a de Chenise desde o início. Uma mulher inteligente. Por isso, como era de esperar, Chenise não gostava de conversar com ela. Mas eu a obrigava. Depois... — baixando a voz: — ...algo aconteceu com ela... com a psicóloga. — Balançou a cabeça. — Nem queira saber... Bem. é melhor voltar agora, pois o exame de Chenise já deve estar terminando.

— A psicóloga que o dr. Cruvic trouxe para ver sua filha era a dra. Devane?

— Isso mesmo — balbuciou ela. — Quer dizer que sabe o que aconteceu?

— Para ser franco, é por isso que estou aqui, Mrs. ...

— Farney. Mary Farney.

Ela arregalou os olhos. A mesma tonalidade azul dos olhos da filha. Bonitos. Um dia ela também deve ter sido bonita. Agora tinha a expressão aflita de uma pessoa forçada a se lembrar de todos os erros.

— Não estou entendendo... — falou.

— Sou psicólogo e às vezes trabalho com a polícia, Mrs. Farney. Neste momento estou trabalhando no assassinato da dra. Devane. Por acaso...

Terror nos olhos azuis. — Acham que teve alguma relação com esta clínica?

— Não. Apenas estamos falando com todas as pessoas que conheceram a dra. Devane.

— Não chegamos a conhecê-la, de verdade. Como eu disse, ela só esteve com Chenise algumas vezes. Gostei dela... encontrou tempo para me escutar, compreendeu os jogos de Chenise... mas isso foi tudo. Tenho de voltar agora.

— E o dr. Cruvic?

— O que tem ele?

— Também compreendia Chenise?

— Claro. Ele é ótimo. Não o vejo desde... há algum tempo.

— Desde a operação.

— Não havia necessidade. Chenise está bem.

— Quem a está examinando hoje?

— Maribel... a enfermeira. Tenho de ir.

— A senhora se importaria de me dar seu endereço e telefone?

— Para quê?

— No caso de a polícia querer falar com a senhora.

— De jeito nenhum. Esqueça. Não quero me envolver.

Estendi meu cartão.

— Para que isto?

— Se lembrar de alguma coisa.

— Não vou lembrar — declarou ela, mas guardou o cartão na bolsa.

— Obrigado. E se precisar de uma recomendação para Chenise, posso dar um jeito.

— De que adiantaria? Ela controla as pessoas direitinho. Ninguém consegue nada com ela.

Peguei o carro e parti.

Cirurgia. Pela promiscuidade de Chenise Farney, não era difícil imaginar de que tipo.

Cruvic e Hope trabalhando juntos em abortos.

Cruvic requisitou uma consulta psicológica porque se importava? Ou por outro motivo?

Uma adolescente promíscua com pouca inteligência. Uma paciente menor, abaixo da idade do consentimento. Talvez obtusa demais para um consentimento consciente? Cruvic cobrindo a própria retaguarda?

Cruvic e Hope...

Holly Bondurant presumira que os dois mantinham um relacionamento mais íntimo, o que era confirmado pela maneira furiosa e brusca com que Marge Showalsky encerrara o assunto.

Compreendi que Cruvic mentira para nós insinuando que conhecera Hope na campanha para angariar fundos, quando Holly tinha certeza de que já se conheciam antes.

O pressentimento de Milo confirmado.

Mais do que um relacionamento profissional.

Mas, levando-se em consideração o assassinato de Mandy Wright, que importância isso tinha? O caso de Las Vegas apontava para um estranho como assassino.

Um psicopata, ainda à solta, espreitando, planejando. Esperando o momento de executar uma sonata para faca, oculto sob belas árvores gigantescas.

Eu passava por Overland quando avistei uma lanchonete e parei ali. Comprei o jornal, e dei uma olhada enquanto comia um hambúrguer com uma Coca-Cola. Depois, peguei a lista dos estudantes envolvidos com o comitê de conduta sexual.

Era melhor acabar com aquilo logo de uma vez.

Três ainda não haviam sido entrevistados — quatro, na verdade, já que o encontro com a aterrorizada Tessa Bowlby não podia ser levado em conta.

Liguei para Deborah Brittain, em Sherman Oaks. Uma secretária eletrônica me disse para aguardar o bip. Decidi não aguardar.

Reed Muscadine deixara a escola, portanto, seu horário de aulas já não era relevante.

Liguei para ele. Sua secretária eletrônica disse: — Oi. Aqui é Reed. Ou não estou aqui, ou estou fazendo exercícios e relutando em interromper a queima de calorias. Mas quero falar com você, ainda mais se for minha oportunidade de ouro... ahn... ahn... Portanto, por favor, por favor, por favor, deixe seu nome e telefone. Atores famintos também precisam de amor.

Uma voz jovial, suave, modulada. O tipo de voz que sabia que soava muito bem.

Se ele era HIV-positivo, isso não enfraquecera seu espírito nem seu empenho de manter uma boa forma física. Ou então ele não mudara a gravação depois que soubera.

Ator faminto... mesmo depois de ter conseguido o emprego no seriado de televisão?

Ou algo atrapalhara as coisas com relação ao emprego?

Seu endereço era na Fourth Street. Se eu tivesse sorte, poderia encontrá-lo depois dos exercícios e saber sobre sua saúde e seus sentimentos em relação a

Hope Devane e o comitê de conduta.

E se minha sorte fosse mesmo grande, talvez pudesse descobrir o que tanto apavorava Tessa Bowlby.

O endereço era de um chalé de estuque branco com pretensões a castelo: duas torres, uma bem grande, por cima da porta da frente, a outra apenas um vestígio, baixa, sobre o canto direito. Uma senhora usando um chapéu de palha de abas largas estava curvada na calçada, arrancando mato com a mão. Quando desliguei o Seville, ela se empertigou e pôs as mãos nos quadris. Usava uma calça de jardinagem de lona, marrom, com joelheiras de borracha, tinha a pele curtida e olhos perspicazes.

— Oi. Estou procurando Reed Muscadine.

— Ele mora nos fundos. — Ela franziu o rosto no instante seguinte, como que arrependida do que acabara de dizer. — Quem é você?

Saltei do carro e mostrei minha credencial.

— PhD?

— Sou psicólogo. Trabalho com a polícia.

Olhei para a entrada de carros. Havia um apartamento sobre a garagem, com uma escada estreita e íngreme.

— Ele não está — disse a mulher. — Sou Mrs. Green, a proprietária. O que está acontecendo?

— Queremos conversar com ele sobre um crime. Não como um suspeito, mas apenas como alguém que conheceu a vítima.

— Quem é a vítima?

— Uma professora da universidade.

— E ele a conhecia? Confirmei com a cabeça.

— Moro aqui há quarenta e quatro anos e jamais conheci uma vítima. Agora não se pode sair de casa sem ficar nervosa. O sobrinho de uma amiga minha é policial em Glendale. Ele lhe disse que não há nada que a polícia possa fazer até que a pessoa seja ferida ou morta. Disse para comprar um revólver, passar a andar armada e que se a pegassem com a arma seria a mesma coisa que uma multa de trânsito. Foi o que eu também fiz. Além disso, arrumei Sammy.

Ela assoviou duas vezes, ouvi um ruído de porta batendo e um instante depois vi um cachorro grande, corpulento, castanho-claro, com uma cara preta triste. Focinho achatado... seria parente de Spike? Mas aquela criatura pesava no mínimo cinquenta quilos e tinha olhos alertas e sérios.

Mrs. Green fez um gesto com a mão e o cachorro parou.

— Mastim? — perguntei.

— Misturado com buldogue, a única raça já projetada expressamente para

derrubar pessoas... foi desenvolvida na Inglaterra para pegar os caçadores ilegais. Venha cá, meu bem.

O cachorro fungou, baixou a cabeça, avançou devagar, os músculos mexendo, as pernas maciças se movendo num concerto fluente. A baba escorria da papada. Os olhos eram pequenos, quase pretos, e em momento algum se desviaram do meu rosto.

— Oi, Sammy — murmurei.

— Samantha. As fêmeas são mais protetoras... venha, queridinha. A cadela se aproximou, examinou meus joelhos, olhou para Mrs. Green.

— Pode beijá-lo — disse ela.

Uma boca enorme cobriu minha mão.

— É uma graça... — falei.

— Se você é legal, ela também é. Mas se fizer alguma coisa errada... — sua risada foi tão seca quanto sua pele.

A cadela se esfregou contra sua coxa e ela afagou-a.

— Sabe quando Reed voltará?

— Não. Ele é um ator.

— Horário irregular?

— No momento trabalha à noite, é garçom no Valley.

Do seriado de televisão para aquilo?

— Não teve sorte como ator? — perguntei.

— A culpa não é dele. O negócio é difícil, acredite em mim, pois sei do que falo. Também trabalhei no cinema, há muito tempo, a maior parte das vezes como figurante, mas também tive um pequeno papel em Valentino — noite após noite... um filme de Mae West. Um clássico. Fizeram com que ela parecesse uma garota desmiolada, mas Mae era mais esperta do que todos eles. Eu deveria ter comprado imóveis como ela fez. Em vez disso, acabei casando.

Ela passou as mãos pela calça e afagou o pescoço grosso da cadela.

— Então uma professora foi morta. E vocês estão falando com todos os estudantes?

— Estamos tentando ser tão meticulosos quanto possível.

— Como eu disse, Reed é um bom garoto. Paga o aluguel em dia na maioria das vezes e sempre me avisa se sabe que não vai conseguir. Não me incomodo com os atrasos, porque ele é grande, forte e prestativo e me ajuda a consertar as coisas. É muito bom com Sammy também, então, quando visito minha irmã em Palm Springs, tenho alguém para cuidar de Sammy. Para ser franca, ele me lembra meu marido... Stan era um movie grip. Sabe o que é isso?

— Os caras que carregam os cenários.

— Carregam tudo. Stan era puro músculo. Também foi dublê, até que

fraturou a clavícula, trabalhando para Keaton. Minha filha também está no ramo, lê roteiros para a CAA. Então me derreto quando vejo alguém sonhador o bastante para ainda querer fazer parte disso. Foi o motivo pelo qual aluguei o quarto para Reed só com um mês de pagamento adiantado. Em geral as pessoas não passam do primeiro. Mas ele é um bom inquilino. Mesmo quando teve de ficar de cama, não vadiou por muito tempo.

— O que aconteceu?

— Foi há poucos meses. Ele teve um deslocamento de vértebra, quando levantava aqueles seus pesos enormes... Mas vejam só, vai poder conversar com ele pessoalmente.

Um Volkswagen amarelo meio amassado avançou pela entrada de carros. As rodas mostravam sinais de ferrugem. Nada de Porsche, por enquanto.

O homem que saltou era mais velho do que eu esperava — em torno dos trinta anos — e enorme. Um metro e noventa e cinco, bronzeado, olhos cinza — claros, cabelos pretos compridos e abundantes penteados para trás, espalhando-se por um metro de ombros.

As feições eram fortes, firmes, perfeitas para a câmera. A covinha no queixo era do calibre de Kirk Douglas. Usava um blusão cinza com as mangas cortadas para expor os bíceps, um short preto mínimo e sandálias sem meias. Tentei imaginá-lo com Tessa Bowlby.

Ele me lançou um rápido olhar, os olhos cinza curiosos e inteligentes; Tarzan com um QI elevado. Tinha na mão um saco de papel pardo. Entregou a Mrs. Green e disse, com um sorriso de quem tomou muito leite: — Como vão as coisas, Maidie? Oi, Sam.

Ele tornou a me olhar, enquanto afagava a cadela. O pescoço de Samantha ficou todo eriçado ao inclinar a cabeça para ele. Os olhos abrandaram. Uma língua rosada banhou seus dedos.

— Tudo bem — respondeu Mrs. Green. — Este sujeito é da polícia, Reed, mas não é um tira. Um psicólogo, não é mesmo? Ele veio aqui para conversar com você sobre uma professora assassinada. O que trouxe agora, menino?

Muscadine arqueou as sobrancelhas e apertou os olhos. — Minha professora?

— Hope Devane — informei.

— Ah... São frescos, Maidie, de hoje.

— Daquela loja de alimentos naturais?

— De onde mais?

— Orgânicos. — Ela riu alto. — Alguma vez imaginou que talvez o motivo para eu ter vivido tanto tempo seja que todos os conservantes que eu ingeri me transformaram em uma conserva?

Ela olhou dentro do saco.

— Pêssegos fora da estação? Devem ter custado uma fortuna.

— Só trouxe dois — respondeu Muscadine. — As maçãs foram baratas, e olhe só para a cor. — Virou-se para mim. — Psicólogo?

— Trabalho com a polícia.

— Não entendo.

— Estou verificando as atividades do comitê da professora Devane.

— Ah, sim. Não quer subir?

— Devane... — repetiu Mrs. Green, cocando o nariz. — Por que esse nome me é familiar?

— Ela foi assassinada em Westwood — explicou Muscadine. — Há quanto tempo... três meses?

Confirmei com a cabeça.

— Ah, sim, a que escreveu o livro — disse Mrs. Green. — Ela foi sua professora, Reed?

— Ela me ensinou algumas coisas — respondeu Muscadine, olhando para mim.

— Uma professora... — Ela balançou a cabeça. — Num bairro como aquele. Que mundo... obrigada pelas frutas, Reed.

— O prazer foi meu, Maidie.

Muscadine e eu começamos a nos afastar. Mrs. Green acrescentou: — Mas não gaste assim de novo... não até se tornar um astro.

Ao alcançarmos a escada, ele perguntou: — Adivinha que idade ela tem?

— Oitenta?

— Noventa no próximo mês. Talvez eu também deva ingerir os conservantes.

Ele subiu de três em três degraus e estava destrancando a porta quando cheguei lá em cima. Havia apenas um quarto, uma cozinha mínima e um banheiro.

Duas paredes eram cobertas de espelhos, as outras pintadas de branco. Um enorme aparelho de halterofilismo todo cromado ocupava o centro, e ao lado havia um banco de exercícios e uma barra. Numa parede havia uma coleção de halteres, por ordem de peso, e pesos para as barras, empilhados como peças de um jogo de damas. Uma janela dupla, com cortinas de riscado ridiculamente delicadas, dava para laranjeiras em flor. Na frente dos espelhos havia uma esteira mecânica e uma bicicleta ergométrica, e no canto um colchão de molas de casal, com dois travesseiros. Lençóis pretos. Pensei em Tessa e Muscadine se agarrando ali.

Os únicos objetos de mobiliário convencional eram uma mesinha de

cabeceira e uma cômoda de madeira. Em uma arara de alumínio com rodinhas estavam penduradas blusas, calças e casacos. Não uma grande quantidade de cada coisa, mas a qualidade geral parecia ótima. No chão, ao lado das roupas, havia dois pares de tênis, mocassins marrons, sapatos sociais pretos e botas de caubói cinza. Nada no balcão de ladrilhos rachados da cozinha, apenas um liquidificador e um fogão portátil. Eu já vira geladeiras maiores em tendas indígenas. Um adesivo na porta dizia PENCE POSITIVO — MAS APREMDA A SOLETAR. Havia dois bancos de aço e plástico encostados no balcão.

Muscadine puxou um e disse: — Desculpe, mas não recebo muitas visitas.

Ambos sentamos.

— Obrigado por não falar sobre o comitê na presença de Maidie. Ela me dá uma folga no aluguel, e neste momento preciso disso.

Olhei para os equipamentos de ginástica. — Está bem equipado.

— Trabalhei numa academia que faliu. Consegui tudo bem barato.

— Era um treinador pessoal?

— Mais para impessoal. Uma dessas academias luxuosas, basicamente uma arapuca. Sei que parece esquisito ter todos esses equipamentos num lugar tão pequeno, mas acaba sendo mais barato do que pagar a mensalidade de uma academia, e neste momento o corpo é meu único capital.

Fazia calor ali, mas sua pele estava seca, apesar do blusão. Jogou os cabelos para trás e deu uma risada.

— Não me expressei direito. O que eu quis dizer foi que não importa se você encara a representação de forma intelectual, a indústria funciona na base das primeiras impressões. E quando se atinge uma certa idade, você tem de se empenhar ainda mais.

— Que idade é essa?

— Depende da pessoa. Estou com trinta e um anos. Até agora, tudo bem.

— Primeiras impressões... — repeti. — O teste do sofá?

— Isso ainda existe por aí, mas eu me referia à maneira como o impulso predomina. Posso praticar Stanislavski... um método de representação... dia e noite, mas se o corpo não está bem, meu valor de mercado...

Ele apontou com o polegar para baixo.

— Há quanto tempo trabalha nisso?

— Dois ou três anos. Eu me formei em administração, trabalhei para uma firma de contabilidade durante nove anos. Até que não aguentei mais ver números e voltei à escola para fazer o curso de artes cênicas. Quer beber alguma coisa?

— Não, obrigado.

— Bom, eu quero.

Ele abriu a geladeira, pegou uma garrafa de água mineral, de duas dúzias que havia lá dentro. A única outra coisa na geladeira era uma grapefruit. Girou a tampa com dois dedos, tomou um longo gole.

— Por que largou a escola? — indaguei.

— Puxa, as notícias se espalham depressa por aqui. Quem lhe contou?

— O professor Dirkhoff.

— Ah, o bom e velho professor Dirkhoff. A bicha velha em seu trono. Ele ficou chateado comigo, acha que devia passar mais dois anos desenvolvendo meus recursos latentes.

Ele flexionou um braço e fez um trejeito com a mão.

— Talvez eu devesse ter levado Dirkhoff ao comitê de conduta. Isso teria fundido a cabeça de Devane.

— Por quê?

— Pelo fato de a vítima não ser uma mulher. No final das contas, o comitê era só isso: homens contra mulheres. Desde o minuto em que entrei ali, ela partiu para o ataque.

Deu de ombros e esvaziou o resto da garrafa. — Quer dizer que está falando com todas as pessoas envolvidas com o comitê?

— Isso mesmo.

— Disseram que todos os registros seriam mantidos em sigilo, mas tive minhas dúvidas depois do assassinato. Mas por que um psicólogo... e qual é o seu nome, por falar nisso?

Mostrei a credencial. Ele leu e fitou-me. — Ainda não entendi qual é a sua função.

— A polícia me pediu para conversar com pessoas que conheceram a professora Devane, fazer uma análise da vítima.

— Analisar? Isso é interessante. Sempre achei que o assassino fosse algum maluco, talvez alguém que tivesse lido o livro dela. Ouvi dizer que ela era bem hostil aos homens.

— E ela era hostil pessoalmente? — perguntei.

— Era, sim. Fiquei irritado por ser acusado de estupro. E por ser intimado. No final das contas, talvez tenha sido melhor assim, porque a experiência trouxe à tona minha indecisão em relação à escola, levando-me a buscar outras alternativas. Já se encontrou com a garota que me acusou?

— Ontem. Ela parece apavorada.

Os olhos cinza se arregalaram.

— Com o quê?

— Era o que eu ia lhe perguntar.

— Está pensando... Ah, não. Por Deus! Tratei de me manter a distância. Ela é

encrenca, preferia até que vivêssemos em planetas diferentes.

— Encrenca?

— Tem problemas sérios... ela precisa de você. Uma noite com ela foi suficiente.

— Que tipo de problemas?

— É perturbada. Imprevisível.

Ele pegou outra garrafa na geladeira. — O mais estranho é que talvez tenha sido isso que me atraiu nela, desde o começo. A imprevisibilidade. Porque ela não é do tipo que costuma me agradar.

— E qual é o seu tipo?

— O normal. E, para ser franco, muito mais atraente. De um modo geral, gosto de garotas que sabem se cuidar... atletas.

— Não é o caso de Tessa?

— Você a conheceu. Tessa é triste.

— Então acha que foi a imprevisibilidade dela que o atraiu?

— Isso e... não sei direito, uma certa... excitabilidade. Como se ela pudesse ser interessante. — Deu de ombros. — A verdade é que não faço a menor ideia. Ainda estou tentando compreender... ela contou como nos conhecemos?

— Por que não me dá sua versão?

— O típico encontro casual do campus. Tudo normal, a princípio. Estávamos no refeitório, comendo, estudando, nossos olhos se encontraram e... bum! Ela se mostrou muito intensa. Um olhar ardente, muito emotivo. E em algum nível ela é atraente. Não importa o que tenha sido, alguma coisa encaixou. Para nós dois.

Ele sacudiu a cabeça, os cabelos pretos esvoaçaram e depois voltaram ao lugar.

— Talvez tenha sido puramente bioquímico. Já li a respeito de certas substâncias químicas que influenciam a atração sexual. Feromônios. Independentemente do que tenha sido, foi mil por cento mútuo. Cada vez que eu olhava, via que ela me encarava. Por fim fui até lá, sentei ao seu lado, ela se aproximou, os quadris roçando.

Dois minutos depois eu a estava convidando para sair e ela respondendo que sim, como que dizendo por que demorou tanto, cara. Fui buscá-la em seu dormitório naquela noite. Cinema, jantar, mais papo furado, mas era evidente que ambos apenas cumpríamos um protocolo, para fazer com que a situação parecesse... civilizada, antes de entrarmos no inevitável. E foi ela quem sugeriu que viéssemos para cá. Eu não estava muito ansioso por isso, já que aqui não é exatamente a Mansão Playboy. Mas ela insistiu que não havia privacidade nos dormitórios. Viemos para cá, eu lhe preparei um drinque, fui ao banheiro e quando saí ela estava bem ali.

Ele apontou para o colchão no canto.

— Usava uma dessas pequenas anáguas pretas, e sua meia-calça estava embolada no chão.

Quando me viu, ela sorriu e abriu as pernas. Antes que eu pensasse... — Ele bateu as mãos enormes. — Foi como uma trombada. E nós dois gozamos. Para ser mais preciso, ela gozou primeiro. Depois, abruptamente, saiu de baixo de mim e começou a chorar. Tentei abraçá-la, ela me empurrou. Aí o choro se tornou tão intenso, que me assustou... muito alto... histérico. Tudo o que eu precisava era que Mrs. G. ouvisse e subisse, talvez com Sammy... que não gosta de estranhos. Então tapei sua boca... não com força, apenas para acalmá-la, e ela tentou me morder. Nesse momento me levantei e recuei. Era desnorteante. Em um minuto estava fazendo amor, no outro ela tentava acabar comigo. E pensei, Muscadine, seu idiota, é o que dá uma trepada casual. E ela não parava de chorar. Por fim, começou a rosnar, ficou de quatro, pegou a meia-calça e conseguiu se vestir. Depois saiu correndo do apartamento e desceu a escada. Fui atrás, querendo descobrir qual era o problema, mas ela não dizia nada, continuava correndo para a rua. Aí Sam começou a latir e Mrs. G. acendeu a luz.

— Mrs. Green apareceu?

— Não. Estávamos andando muito depressa. Depois que chegou à Fourth, ela seguiu para o norte. Eu disse vamos, já é tarde, vou levar você para casa, mas ela respondeu vá se foder, prefiro ir a pé. O que é uma loucura, porque o campus fica a uns dez quilômetros daqui. Mas, cada vez que eu tentava conversar, ela ameaçava gritar, e acabei desistindo.

Ele deu um suspiro profundo. — Inacreditável. Passei dias tentando descobrir o que havia acontecido, e a única conclusão a que pude chegar foi que ela havia sido estuprada ou molestada antes e teve uma espécie de flashback. Um mês depois recebi o aviso para me apresentar ao comitê. Foi como se levasse um soco bem aqui.

Ele apertou o próprio plexo solar.

— Mais tarde descobri que não era obrigado a comparecer. Mas a carta dava a entender que era.

— Como se sentiu com relação a fazer o teste do HIV?

— Sabe disso também?

— Há transcrições das sessões do comitê.

— Transcrições? Ah, merda! Vão ser divulgadas?

— Não, a menos que tenham ligação com o assassinato.

Ele esfregou a testa.

— Meu Deus... há quem diga que na minha área não existe publicidade ruim, o importante é ter seu nome divulgado. Mas isso só se aplica a quem já está no

topo. E eu não passo de um iniciante. A última coisa de que preciso é que as pessoas pensem que sou um estuprador ou infectado.

— Quer dizer que é HIV-negativo?

— Claro que sou! Pareço doente?

— Como estão suas costas?

— Minhas costas?

— Mrs. Green disse que teve de ficar de cama.

— Ah, isso. Deslocamento de vértebra. Por minha própria culpa. Acordei uma manhã cheio de energia e decidi tentar um exercício com o maior peso. Senti um espasmo, como se tivesse uma faca cravada nas costas. Não consegui levantar do chão durante uma hora. A dor me deixou de cama por um mês. Mrs. G. fazia as compras para mim. É por isso que lhe compro algumas coisas quando posso. Mesmo agora, ainda sinto algumas pontadas de dor, mas fora isso estou muito bem. E sou totalmente negativo, cem por cento negativo.

Repeti a pergunta sobre como se sentira com relação ao teste.

— Como me senti? Para mim aquilo foi uma intromissão. Você não pensaria a mesma coisa? Foi ultrajante. Creio que eu disse algo na audiência sobre ser kafkiano. Fizeram isso com todas as pessoas nas audiências?

— Não estou autorizado a revelar.

Ele me olhou fixamente. — É justo... De qualquer maneira esse foi todo o meu contato com a professora Devane. Acha que essas coisas vão sair nos jornais?

— Creio que depende de quem for o assassino.

Ele ficou pensativo. — Acha mesmo que há alguma possibilidade de o comitê estar relacionado com a morte dela? — perguntou.

— Isso o surpreenderia?

— Claro que sim. O processo foi desagradável, mas no final das contas não significou muita coisa. Não mataria ninguém por causa disso. Aliás não mataria ninguém por nenhum motivo. — Deu um sorriso largo. — Exceto talvez por um bom papel... brincadeira...

Ele bocejou. — Desculpe. Se não houver mais nenhuma pergunta, preciso dormir um pouco. Tenho de estar no trabalho às seis.

— Onde você trabalha?

— No Delvecchio's, em Tarzana. — Ele se curvou e fez um floreio. — Como deseja o filé, senhor? Malpassado? Mas qual é a minha motivação?

— O professor Dirkhoff disse que você tinha arrumado um emprego como ator.

O rosto bonito assumiu uma expressão sombria. — Ai...

— Qual é o problema?

— O fracasso. Era verdade... a verdade de Hollywood... quando eu disse que ia sair. Mas eu teria saído de qualquer maneira. As aulas eram teóricas demais. Um desperdício de dinheiro.

— O que é a verdade de Hollywood?

— Um sanduíche de ar com pão imaginário.

— Foi afastado do emprego?

— Nunca cheguei a consegui-lo. Permiti-me um otimismo ingênuo porque minha audição foi ótima e meu agente disse que o lugar era meu.

— O que aconteceu?

— Escolheram outro para o papel.

— Por quê?

— Não tenho a menor ideia. Nunca contam.

— Qual era o programa?

— Um seriado de produção independente, para a TV a cabo.

— Já está sendo produzido?

— Tudo era preliminar. Nem tinham o nome para o seriado, que seria sobre espiões e diplomatas, embaixadas estrangeiras. A diretora de elenco me disse que eu faria um papel tipo James Bond. Usaria uma venda num olho e conquistaria todas as mulheres. Depois ela beliscou minha bunda e disse: "Hum... carne de primeira..." Onde estão esses comitês de conduta quando a gente precisa deles?

9

Milo veio direto do aeroporto para minha casa. Chegou às sete horas, todo desarrumado.

— Onde estão os sapatos brancos? — perguntei.

Ele mostrou uma surrada bota de cano curto. — Decidi ser formal.

Ele sentou à mesa da cozinha e tirou da maleta uma fotografia vinte por trinta.

Uma garota deslumbrante, em foto promocional da cintura para cima, cabelos escuros, longos e sedosos, faces rosadas, lábios entreabertos, do tipo morda-me, olhos alongados cor de café numa expressão divertida.

Usava um vestido tomara-que-caia de paetês branco e estava inclinada para a frente, ressaltando os seios volumosos, divididos por uma fenda profunda. Exibia uma gargantilha de diamantes, brincos também de diamantes. Quilates demais para serem verdadeiros. Alguma máquina fora usada para soprar suavemente os cabelos do rosto.

O sorriso era convidativo, mas zombeteiro.

Na parte inferior:

AMANDA WRIGHT
ATRIZ E DANÇARINA
REPRESENTADA POR ONYX ASSOCIATES

— Agentes dela? — perguntei.

— A polícia de Las Vegas diz que é uma organização extinta, usada para providenciar shows de topless para cassinos. Mandy não tinha ficha na polícia, o que não é excepcional para as acompanhantes de alta classe que aparecem quando as fichas começam a empilhar e sabem roçar as coxas da maneira certa. Outras informações importantes: era solteira, gostava de festas, fumava maconha, usava bolinhas e coca. Seu último namorado, um crupiê de vinte-e-um chamado Ted Barnaby, também viciado em coca, mudou-se para Reno pouco depois do assassinato. A polícia de Las Vegas interrogou-o no dia seguinte. Ele se mostrou cooperativo e tinha um álibi: trabalhara durante toda aquela noite, o que foi confirmado pelo supervisor dele. Além disso, o cara parecia, sinceramente arrasado pela morte dela.

— Mas ele se mudou.

— Não causou nenhuma estranheza, porque o pessoal de cassino é meio

nômade. Um detetive me levou ao local do crime na noite passada. Um lugar tranquilo, condomínios de classe média. Sem tantas árvores como na rua de Hope, mas havia um enorme eucalipto bem na frente do prédio de Mandy, e foi ali que o assassino a pegou. A polícia de Las Vegas e eu temos consultado o país inteiro à procura de assassinatos similares, mas até agora não encontramos nada.

— Algum registro de Mandy ter vivido em Los Angeles?

— Nenhum até agora. Ela alugou esse apartamento há quase três anos, foi criada no Havaí e lá também não tinha ficha na polícia. Não me surpreenderia se ela costumasse vir a Los Angeles de vez em quando, mas os extratos dos cartões de crédito não indicam isso, embora revelem outras viagens.

— Para onde?

Ele tirou da maleta uma pasta preta, volumosa, e abriu-a sobre a mesa, ao lado da foto. Molhou o polegar e virou para uma página com cópias reduzidas de extratos de dois anos de Visa e MasterCard, três por página.

As contas mensais de Mandy Wright variavam de quinhentos a quatro mil dólares. Muitos avisos de pagamentos atrasados e juros. Duas cobranças judiciais. Em ambas as ocasiões ela fora desligada e trocara de administradora.

Passei o dedo pela coluna das despesas. A maior parte era de roupas, cosméticos, joias e restaurantes. As informações de viagens haviam sido circuladas. Uma dúzia de voos: dois para Aspen e dois para Park City, Utah; seis para Honolulu; um para Nova York; um para Nova Orleans.

— Uma mulher bem viajada — comentei. — Viagens de negócios?

— Ao Havaí pode ter sido pessoal, já que ela tem um irmão morando lá, mas o resto deve ter sido a trabalho. As estações de esqui no inverno, circulando pelos hotéis de luxo. Esteve em Nova Orleans durante o Mardi Gras, uma época de grandes negócios para esse tipo de garota. Em Nova York pode ser qualquer coisa, em qualquer época do ano.

— Mas nenhuma visita a Los Angeles. E para uma garota de programa de Las Vegas, Los Angeles não é uma grande atração? Não acha estranho que ela tenha voado para todo lado, menos para cá?

— Talvez ela não gostasse da nossa poluição — respondeu. — Ou talvez tenha vindo de carro. Mas você tem razão. Muitas garotas fazem a travessia do deserto regularmente. No ano passado tivemos algumas mulheres casadas da zona oeste ganhando algum dinheiro por fora com chupadas em motéis, voltando para casa a tempo de servir o jantar. Portanto, talvez Mandi tivesse um cliente regular em Los Angeles que não queria nenhum registro dos encontros. — Ele bateu na foto. — Uma garota como esta poderia arrumar um cara rico que pagasse para vir visitá-lo regularmente, sem que a esposa soubesse.

Ele pegou uma cerveja, enquanto eu examinava o resto da pasta, começando

com a síntese do interrogatório de Ted Barnaby. Um único parágrafo, escrito pelo detetive A. Holzer, que falara com o sujeito antes de sua partida para Reno. Barnaby mostrara "lágrimas e outras evidências de sofrimento. Ele declara não ter conhecimento de nenhum motivo para o homicídio. Diz que sabia que a vítima trabalhava como garota de programa, e era por isso que não moravam juntos. Ela precisava ter seu próprio apartamento. Diz também que não gostava do fato de a vítima se entregar à prostituição e que discutira com a vítima sobre isso no passado, mas depois passara a aceitar. 'Você tem de aceitar as pessoas como elas são.' Seu álibi foi confirmado por Franklin A. Varese, supervisor de vinte-e-um do cassino, e pelos outros crupiês, Sandra Boething e Luis Maldonado".

Em seguida, os laudos da autópsia e do laboratório: O exame de toxicologia mostrara uma quantidade moderada de cocaína no sangue de Mandy Wright na noite do assassinato.

Assassinato noturno. Hope fora esfaqueada pouco depois das onze da noite.

Virei uma página.

O padrão dos ferimentos: quase reproduzido palavra por palavra do relatório sobre Hope.

O golpe inicial no coração rompera o órgão, a morte decorrendo da hemorragia e do choque. Antes disso, o sistema cardiovascular de Mandy Wright encontrava-se em excelentes condições, as artérias limpas e desobstruídas. Não foi detectada nenhuma doença venérea, nem HIV. Não havia indício de nenhuma outra doença ou infecção além de uma pequena irritação nasal, provavelmente decorrente do abuso de cocaína.

O parágrafo final citava uma expansão significativa da abertura anal e cicatrizações fibroides no reto, indicando um histórico de sexo anal, mas não houvera intercurso sexual vaginal nas últimas vinte e quatro horas. A autópsia da região pélvica revelara não haver tumores nem nenhuma outra patologia; contudo, haviam sido constatadas alterações relacionadas com uma gravidez passada.

Isso me fez pensar. Assim como a última frase: "As trompas foram Ligadas; pelo grau de atrofia, é provável que isso tenha ocorrido há um ou dois anos."

— Esterilizada? Algum registro de ela ter tido um filho?

Milo balançou a cabeça.

— E ela engravidara antes — continuei. — O que significa que fez um aborto... ou teve um aborto espontâneo. Antes da ligadura ou na mesma ocasião. É meio forçado, mas esse tipo de cirurgia é a especialidade do dr. Cruvic. E se ele fosse a ligação de Mandy com Los Angeles?

Ele colocou a cerveja sobre a mesa. — Há muitos obstetras por aqui. Está

forçando demais.

— Apenas dando ideias. Devo parar?

— Não. Continue.

— Cruvic tem dinheiro — falei. — Dirige um Bentley. E suas roupas não são compradas na loja da esquina. Ajusta-se ao tipo de cara capaz de trazer uma mulher de avião para se divertir e pagar a passagem em dinheiro.

— Primeiro ele é o médico dela, agora virou o amiguinho?

— Pode ter sido as duas coisas. Talvez tenha sido por isso que fez a ligadura, em vez de deixar nas mãos de algum médico de Las Vegas. Talvez até fosse ele o pai da criança... quem teria melhores condições de se livrar de um problema desse tipo do que um obstetra? Nós o pegamos em uma mentira pelo menos... não conhecer Hope antes da campanha para angariar fundos. Por que ele tentou nos enganar? Provavelmente porque seu palpite estava correto, Milo: o relacionamento entre os dois foi mais que mera amizade. E tenho confirmações disso.

Relatei o que Holly Bondurant vira no estacionamento e as negativas um tanto exageradas de Marge Showalsky.

— Há ainda o fato de ele fazer pagamentos diretos a Hope. Isso não cheira bem. Além disso, descobri hoje que ele é bem capaz de ignorar outros limites éticos.

Repeti a conversa com Mary Farney.

— Ou seja, ele operou uma menor com certa deficiência mental, sabendo que ela nunca poderia dar um consentimento consciente. Talvez usasse Hope como apoio. Talvez estivessem envolvidos em outras coisas problemáticas.

— Por exemplo?

— Quem sabe? Fraudes fiscais. Ou talvez fizessem alguma coisa pior, como retirar óvulos de uma paciente fértil e vender a outra.

— E como Mandy entraria nisso?

— Aceita um palpite? Ela pode ter sido uma doadora de óvulos... uma mulher jovem e saudável. E descobriu alguma coisa que não deveria. Ou tentou chantagear Cruvic. Ou talvez Cruvic seja o tipo de sujeito que ama e mata. Posso continuar o dia inteiro, mas minha intuição me diz que vale a pena investigar o dr. Cruvic, apesar da possibilidade de assassinato sexual em série.

Ele se levantou e ficou andando de um lado para outro.

— Ambos notamos como Cruvic é hiperativo, não conseguindo ficar quieto um instante sequer — falou. — Ele tentou dizer que era por seu excelente condicionamento físico, mas talvez fosse por causa de coca, o que seria nossa ligação com Mandy. Embora a autópsia de Hope não revelasse nenhuma droga no organismo e nada indique que ela alguma vez tenha usado. O que me leva a

fechar o círculo: se ela andava transando com Cruvic... ou Locking, ou qualquer outro... Seacrest pode ter descoberto e decidido que a esposa já o traíra por tempo demais.

— Mas que ligação Seacrest teria com Mandy Wright?

Ele andou mais um pouco.

— Não são apenas os caras exuberantes que se divertem com garotas bonitas. Um retraído professor de meia-idade também poderia querer uma acompanhante ardente, e teria motivos para pagar em dinheiro. E se a garota percebeu como ele era vulnerável e resolveu fazer chantagem, o professor pode ter decidido acabar com seus problemas: coração, vagina, costas. E depois de conseguir isso, por que não fazer a mesma coisa com a esposa, que se tornara insuportável?

— Criativo — falei.

— Você é uma boa influência.

— Certo, mas já que está projetando roteiros, pode acrescentar o seguinte: um trio... Cruvic, Hope e Mandy. Ou Seacrest, Hope e Mandy. Ou mesmo um cara desconhecido. Trazendo de avião uma garota de programa para dar tempero a um relacionamento desgastado. E, de repente, por qualquer motivo, o cara resolve acabar com aquilo. Para sempre. Livra-se de Mandy primeiro porque assassinar uma garota de programa a quinhentos quilômetros de distância não vai atrair a atenção de ninguém em Los Angeles. Mas Hope é uma história diferente. Ela é proeminente, moradora da cidade, mais inteligente. Então ele espera, planeja, aguarda o momento certo. Até que Hope o ajuda, tornando-se notória por seu livro. O que proporciona uma cobertura perfeita: algum maluco agindo por causa da controvérsia que ela gerou. Ele pensou a respeito.

— Mas se Mandy e Hope se conheciam, o assassinato de Mandy não teria alertado Hope? — indagou.

— Se elas já haviam deixado de se encontrar, como ela saberia que Mandy foi assassinada? O assassinato de Mandy teve alguma cobertura da mídia?

Ele balançou a cabeça em negativa e falou: — Apenas uma pequena notícia no *Sun* no mesmo dia. Mesmo assim, se Hope fazia parte de um triângulo com Mandy, não seria provável que ela descobrisse?

— Muito bem, vamos supor que ela soubesse que Mandy fora assassinada, mas não relacionou isso a si própria. Como você mesmo disse, prostitutas são assassinadas a todo instante.

Ele tomou um gole da cerveja, espiou pela janela da cozinha. O sol estava pequeno e pálido, prateando as copas dos pinheiros, tornando-as cintilantes como o vestido de Mandy Wright.

— Grandes roteiros — disse ele, finalmente. — Seria ótimo ter alguns fatos.

— Posso examinar a ficha de Cruvic, verificar se aparece alguma coisa diferente.

— Faça isso. Minha próxima escala é uma conversa com Kenny Storm. Quero esgotar o assunto do comitê. Também vou verificar com Las Vegas se Mandy tinha plano de saúde, pois talvez sua esterilização tenha sido documentada e possamos descobrir quem a efetuou. O namorado, Barnaby, pode saber alguma coisa a respeito, então também vou tentar falar com ele. Aconteceu mais alguma coisa durante minha ausência?

— Estive com Reed Muscadine. Como Kenny, ele deixou a escola, mas por outros motivos.

Candidatou-se a um papel num seriado de televisão, pensou que havia conseguido, mas no final escolheram outro. Ele negou ter estuprado Tessa Bowlby, repetiu a mesma história que contou na audiência.

— Merece credibilidade?

— Não me despertou nenhuma desconfiança, mas é um ator. Seria bom ficar de olho.

— Por quê?

— Há algo estranho. Tessa parecia extremamente traumatizada. Eu gostaria de saber o que a atormenta. Talvez tente de novo conversar com ela.

— Como é Muscadine fisicamente?

— Muito grande e musculoso, bonito, preocupado com o físico. Daqueles que se vê em qualquer academia.

— O tipo de cara que poderia dominar uma mulher e a imobilizar para dar uma facada no coração.

— Com a maior facilidade. Seria capaz de subjugá-la usando apenas dois dedos. Mas pareceu bastante calmo ao ser interrogado, o que indica que é inocente ou muito bom ator e estava preparado para mim. A senhoria gosta dele, diz que Reed nunca causa problemas. Ele afirma que é HIV-negativo, mas, se estiver mentindo, ainda não apresenta os sintomas. Tessa, por outro lado, parece esgotada. Mas agora que sabemos sobre Mandy, que ligação poderia haver com o comitê?

— Uma boa pergunta, mas quero terminar com isso, pois já vi muitos erros crassos que pareciam lógicos na ocasião. Só restou uma estudante, certo?

— Deborah Brittain. Tentarei falar com ela amanhã.

— Obrigado. Não imagina como me sinto grato por sua ajuda, Alex. Ele guardou a pasta de volta na maleta e acrescentou: — Obrigado também por teorizar. Falo sério. Prefiro ter teorias a não ter nada.

Acompanhei-o até a porta.

— Para onde vai agora?

— Vou para casa tomar um banho e depois conversar com alguns colegas. Talvez possa descobrir outras mulheres bonitas assassinadas com três facadas sob árvores grandes, e me retirar para o conforto da total impotência.

10

A mentira de Cruvic, dizendo que não conhecia Hope antes da campanha para angariar fundos, ficou em minha cabeça, e às sete da noite, com Robin trabalhando na oficina, peguei o carro e fui até o Civic Center. Na expectativa do quê? De um vislumbre de seu Bentley ao deixar o consultório? De algum rosto bonito na janela do passageiro?

Em vão. A fachada sem janelas do prédio cor-de-rosa não indicava se ainda havia alguém lá dentro.

Não era uma arquitetura das mais acolhedoras. A mesma pergunta: por que instalar uma clínica aqui, longe de todos os outros médicos de Beverly Hills? Apenas por privacidade não era uma justificativa. Psiquiatras e psicólogos conseguiam proporcionar sigilo em prédios convencionais.

Alguma coisa a esconder?

As ruas de Beverly Hills são acompanhadas por vielas paralelas, atrás dos prédios — parte de um planejamento urbano que visava manter os caminhões de lixo e veículos de entrega fora de vista. Fiz um retorno e voltei para o cruzamento mais próximo — Foothill Drive —, onde virei à direita e entrei em uma viela. Os fundos dos prédios, portões de carga e descarga, caçambas de lixo. Finalmente, uma parede rosa.

Três vagas de estacionamento, todas vazias. A entrada dos fundos do prédio era uma antiquada porta de madeira reforçada com barras de ferro. Um ferrolho com um enorme cadeado. Mais parecia um depósito do que a entrada particular de um médico.

A ausência de carros indicava que aquele médico já fora embora. Talvez para seu serviço noturno na clínica?

Fiz a volta novamente e peguei a Little Santa Monica até Century City, depois a Avenue of the Stars para o sul, até o Olympic Boulevard West. Mais vinte minutos e cheguei a Santa Monica, o céu agora escuro.

Algumas luzes acesas no Centro de Saúde da Mulher, cerca de uma dúzia de carros no estacionamento. Quase todos pequenos, exceto por um Bentley Turbo prateado, perto da porta principal da clínica.

A corrente na entrada estava presa, e um guarda uniformizado andava por ali. Mesmo com a pouca claridade, pude divisar o coldre em seu quadril. Quando me viu, ele acelerou os passos. Tratei de me afastar, antes que pudéssemos registrar os rostos um do outro.

Ligando as pontas soltas.

Na manhã seguinte, liguei para a secretaria do departamento de psicologia e obtive o telefone de Mary Ann Gonsalvez. Pela diferença de fusos, eram cinco da tarde em Londres. Ninguém atendeu.

Preparei café e torradas, comi sem sentir o gosto, pensando nas pessoas na clínica na noite anterior.

O guarda armado, a corrente bloqueando a entrada do estacionamento.

O dr. Cruvic operando.

Pacientes como Chenise Farney?

Quinze carros. Mesmo descontando os funcionários, provavelmente dez ou mais cirurgias. E pelo que eu sabia, ele vinha fazendo aquilo há horas, atendendo as pacientes em turnos.

Tudo isso por idealismo ou havia lucro envolvido?

Se ele usava as instalações da clínica sem nenhum custo e cobrava do Estado, os lucros podiam ser elevados. E a clínica ainda ficava satisfeita por ter os serviços de um voluntário para oferecer à sua clientela pobre.

Mulheres pobres significavam o serviço público de saúde. O financiamento de abortos era sempre sujeito a oscilações políticas, e eu não tinha ideia se o serviço pagava por isso.

Liguei para o escritório do órgão de saúde em Los Angeles, fui encaminhado para um número 800 em Sacramento, deixaram-me esperando por dez minutos e a linha caiu.

Tentei de novo, enfrentei outra espera, consegui falar, fui transferido para outro número 800, mais espera, duas funcionárias que pareciam chocadas, e finalmente alguém coerente, que admitiu que o órgão de fato reembolsava por abortos e ligaduras de trompas, mas eu precisaria dos códigos do serviço, para obter reembolsos específicos.

Telefonei para a faculdade de medicina no outro lado da cidade e usei minha posição de professor para falar com a secretaria do Hospital da Mulher. A chefe do serviço ali me transferiu para o escritório de contabilidade, que me transferiu para o telefone direto do escritório central. Por fim, uma pessoa me informou, num tom que insinuava que eu deveria saber sem perguntar, que os abortos eram de fato reembolsáveis pelo Estado, no valor de novecentos dólares por procedimento, sem incluir despesas de hospital, anestesia e outros gastos. Desliguei.

Novecentos dólares por procedimento. E se você soubesse como lidar com cobranças e solicitações, como parecia ser o caso de Cruvic, podia acrescentar encargos de enfermaria, sala de operação, material cirúrgico e anestesia, para engordar o reembolso.

Vinte abortos por semana daria uma renda anual de sete dígitos. Um bom complemento para a clínica de fertilidade. Colocando fetos nas ricas, removendo das pobres.

Havia riscos, é claro: um fanático antiaborto reagindo com violência. E se os jornais tomassem conhecimento, publicidade negativa: MÉDICO DE FERTILIDADE DE BEVERLY HILLS DIRIGE FÁBRICA NOTURNA DE ABORTOS. Grupos antiaborto condenariam Cruvic por assassinar bebês, e os liberais manifestariam sua indignação pela desigualdade social.

E qualquer que fossem suas inclinações políticas, as pacientes de fertilidade de Cruvic se esquivariam desse tipo de publicidade. E do fato de que as atividades de seu médico não se limitavam a promover a gravidez-apesar do que constava em seu cartão.

Mas com um dinheiro assim, era bem provável que Cruvic considerasse que o risco valia a pena.

Uma clínica particular num local discreto.

Correntes no estacionamento do Centro de Saúde, um guarda armado.

Ele fora ganancioso e quisera ainda mais?

Superfaturamento? Manipulação dos livros?

Hope participava da fraude?

Mas Cruvic só lhe pagara trinta e seis mil dólares em um ano, uma parcela mínima de um negócio de um milhão de dólares.

Talvez esses trinta e seis mil representassem apenas o que ela declarara ao Imposto de renda, mas talvez houvesse outros pagamentos, em dinheiro. Ou Hope não fora uma cúmplice voluntária da fraude e, ao saber da verdade, largara tudo ou ameaçara denunciar Cruvic?

E morrera por causa disso?

E qual a posição de Mandy Wright? Seu único vínculo com o obstetra, até agora, fora um aborto e uma ligadura de trompas.

Está forçando, Delaware.

O roteiro mais provável era o de que ela e Hope haviam sido assassinadas por um psicopata estranho, e Cruvic, embora mercenário e vigarista em termos éticos, não tinha nada a ver com isso.

Ainda assim, eu prometera a Milo verificar a ficha de Cruvic. Deborah Brittain estaria em aula durante as próximas horas, e a apavorada Tessa Bowlby não tinha aula nesse dia. Aliás, em muitos outros também não, pois estava matriculada em duas matérias apenas, com aulas às terças e quintas-feiras.

Carga horária reduzida.

Dificuldade para aguentar mais?

Também tentaria falar com ela de novo, mas tinha uma prioridade.

Liguei para o Conselho Estadual de Medicina e descobri que não havia nenhuma queixa de negligência ou imperícia contra o doutor Milan Cruvic.

Era mesmo muito forçado.

Vesti-me, peguei o carro e fui para a universidade.

Na biblioteca biomédica, procurei Cruvic no catálogo de especialistas médicos. Curso inicial em Berkeley — a mesma universidade de Hope, outro possível vínculo. Eram também da mesma idade, haviam se formado no mesmo ano. Velhos amigos? Continuei a ler. Curso de medicina na Universidade da Califórnia, em San Francisco — mais uma vez estudando na mesma cidade que Hope. Depois ela viera para Los Angeles, para seu treinamento clínico, enquanto Cruvic se transferia para Seattle, para fazer sua residência em cirurgia na Universidade de Washington. Tudo normal, até agora.

Mas depois ficou interessante.

Ele completou apenas um ano de residência em cirurgia na Universidade de Washington, depois tirou licença e passou um ano no Instituto Brooke-Hastings, em Corte Madera, Califórnia. Depois, em vez de voltar para Washington, transferira sua especialização de cirurgia para ginecologia-obstetrícia, reiniciando a residência no Centro Médico Fidelity, em Carson, Califórnia. Terminou a residência ali, foi aprovado pelo conselho médico e recebeu seu certificado de especialização em obstetrícia.

Não estava relacionado nenhum curso de pós-graduação em fertilidade.

O que não era ilegal-o diploma de medicina e a licença para exercer a profissão no Estado permitiam que qualquer médico se dedicasse a qualquer ramo da medicina —, mas era surpreendente, até mesmo inconsequente, porque as técnicas de fertilidade eram altamente especializadas.

Onde Cruvic aprendera seu ofício?

No ano que passara no Instituto Brooke-Hastings? Não, porque então estava apenas no primeiro ano da residência, e nenhuma instituição conceituada aceitaria alguém nesse estágio para um treinamento avançado.

Era um autodidata?

Eliminando etapas de maneira ousada e perigosa?

Era esse o verdadeiro motivo pelo qual ele trabalhava longe dos outros médicos de Beverly Hills?

E nesse caso quem lhe encaminhava as pacientes? Pessoas que também queriam fugir às regras? Mas talvez houvesse uma explicação simples: ele fizera o treinamento devido e oficial, mas o fato acidentalmente fora omitido de sua biografia.

Ainda assim, era de se imaginar que seria o tipo de coisa que ele se apressaria em corrigir. E o catálogo era atualizado todos os anos.

Um aventureiro no campo da fertilidade?

Cortando caminho?

Cuidando de casos que nenhum outro aceitaria?

Alguma coisa marginal...

Talvez fosse sua audácia que atraíra Hope para Cruvic.

Tão diferente do enfadonho e rotineiro Seacrest.

Um velho Volvo contra um reluzente Bentley.

Alguma coisa marginal...

Alguma coisa que saíra errada?

Agora Hope estava morta e Cruvic, como ele próprio ressaltara, continuava vivo, ativo, cheio de vitalidade, fazendo só Deus sabia o quê.

Mas onde se enquadrava Mandy Wright?

O que uma professora e escritora tinha em comum com uma garota de programa, além de uma morte trágica?

Nada se ajustava.

Insisti na pesquisa, procurando o nome de Cruvic em todos os bancos de dados científicos e médicos que a biblioteca oferecia. Não havia publicações, o que significava que o ano em Brooke-Hastings não fora dedicado à pesquisa.

O instituto também não estava relacionado em parte alguma.

Ao terminar, eu estava tomado pela suspeita, mas não havia mais nada que pudesse fazer ali, e era hora de procurar Deborah Brittain.

Avistei-a quando deixava o Monroe Hall e se encaminhava para o local onde eram guardadas as bicicletas.

A foto do registro na universidade não dava indicação de seu tamanho.

Mais de um metro e oitenta, magra, mas com uma estrutura óssea pesada, cabelos louros, faces salientes. Usava uma camisa pólo branca com o emblema da universidade, short azul-marinho, meias brancas e tênis, carregava uma enorme mochila vermelha nas costas.

Sua bicicleta, juntamente com mais uma dúzia, estava presa a um suporte nos fundos da construção de tijolos vermelhos. Observei-a ajeitar uma faixa elástica na testa, antes de remover a corrente que prendia a bicicleta. No instante em que tirou a bicicleta, eu me adiantei e me apresentei.

— Pois não?

Seus olhos azuis passaram de preocupados para alarmados. Mostrei minha credencial.

— Professora Devane? — repetiu ela, em voz rouca. — Até que demorou bastante. — Apertou o guidão da bicicleta. — Tenho um treino de vôlei dentro de meia hora, mas quero falar com você... vamos andar.

Ela foi andando com a bicicleta, tão rápida que me obrigou a alongar meus

passos.

— Quero lhe dizer que a professora Devane foi realmente uma grande mulher — falou. — Uma pessoa maravilhosa. O maluco que a matou deveria receber a pena de morte, mas é claro que isso nunca vai acontecer.

— Por que pensa assim?

— Mesmo que vocês o peguem e ele seja condenado, eles nunca cumprem a lei totalmente.

Ela me olhou de relance sem alterar o ritmo das passadas.

— Quer saber sobre Huang?

— Quero saber qualquer coisa que puder me contar.

— Está pensando que foi Huang?

— Não. Apenas estamos conversando com todas as pessoas relacionadas com o comitê de conduta.

— Acham então que o comitê teve alguma relação com o assassinato?

— Não sabemos muita coisa e ponto final.

— Tenho certeza de que as pessoas vêm falando mal do comitê, mas acho que foi uma grande ideia. Salvou minha vida... não literalmente, mas Huang vinha tornando minha vida um inferno até que a professora Devane acabou com isso.

Ela parou de repente. Tinha os olhos úmidos e a faixa escorregara. Ela ajeitou-a e recomeçamos a andar.

— Ele costumava ficar atrás de mim na biblioteca. Eu me virava para pegar um livro e lá estava ele. Olhando, sorrindo. Os sorrisos eram sugestivos... pode compreender?

Confirmei com a cabeça.

— Isso foi antes ou depois que ele a convidou para sair?

— Depois. O canalha. Obviamente essa era sua maneira de se vingar de mim. Em três ocasiões diferentes ele me convidou para sair, nas três vezes eu respondi que não. Três foras e você se afasta, certo? Mas ele não aceitava. Onde quer que eu estivesse, eu me virava e lá estava ele me observando. com uma expressão insinuante. Estava começando a me dar medo.

— Isso acontecia em todo o campus?

— Não, apenas na biblioteca. Como se a biblioteca fosse seu recanto. E bem provável que passasse a maior parte do tempo ali, procurando mulheres para assediar, porque não havia nenhum outro motivo para estar lá. Ele estuda engenharia, que tem sua própria biblioteca.

Ela enxugou a testa com o dorso da mão. — Não sou paranoica e sempre fui capaz de cuidar de mim mesma. Mas aquilo era horrível. Eu não conseguia me concentrar. A faculdade já é bem difícil sem esse tipo de transtorno. Por que eu

tinha de aturar? Mas não teria tido coragem de fazer nada se não fosse a professora Devane.

Ela conteve as lágrimas. — É uma perda tão terrível! Tão injusta!

— Huang parou de incomodá-la?

— Parou. Que Deus abençoe a professora Devane e que a administração vá para o inferno por ter cedido à pressão.

— E quem os pressionou?

— Pelo que ouvi dizer, um ex-aluno rico determinou que o comitê fosse fechado. — Ela projetou o queixo para a frente. — Huang é perigoso?

— Pelo que sabemos, não.

Ela deu uma risada forçada. — Isso é mesmo confortador.

— Então ainda fica preocupada.

— Não me preocupava mais... até cruzamos algumas vezes no campus e me senti protegida. Mas depois comecei a pensar no assassinato da professora Devane. Poderia ter alguma relação com o comitê? E passei a me angustiar.

Caminhamos um pouco em silêncio, até que ela acrescentou: — Quando começo a ficar ansiosa, procuro lembrar uma coisa que a professora Devane me disse: os que praticam assédio sexual são covardes, e é por isso que agem às escondidas. O segredo é encará-los, demonstrar sua força interior. É o que faço quando me encontro com Huang. Mas veja o que aconteceu com ela.

Ela parou tão repentinamente que a bicicleta quase caiu.

— O fato de ela ter se tornado uma vítima me enfurece! Tenho de encontrar um meio de tirar algum proveito disso... há alguma possibilidade de ter sido Huang?

— Parece que ele tem um excelente álibi.

— Então pelo menos vocês o levaram a sério o bastante para investigá-lo. Isso é bom. Fazer com que ele saiba qual é a sensação de viver sob vigilância. Mas se não desconfiam dele, por que veio conversar comigo?

— Estou em busca de qualquer informação sobre a professora Devane. Sobre pessoas que eram próximas dela, suas atividades, qualquer um que ela possa ter enfurecido.

— Nunca fomos muito ligadas. Apenas conversamos duas vezes... antes da audiência e depois, quando ela me instruiu sobre a melhor maneira de enfrentar as situações. Uma mulher muito compreensiva. Como se realmente soubesse.

— Sobre assédio sexual?

— Sobre qual a sensação de ser a vítima.

— Ela falou sobre ter sido uma vítima?

— Não, nada desse tipo. Apenas empatia... uma empatia genuína, não de alguém tentando simular.

Os olhos azuis estavam firmes. — Ela era uma mulher extraordinária. Jamais a esquecerei.

O alojamento de Tessa Bowlby era um dos vários prédios de seis andares na extremidade noroeste do extenso campus. Uma placa de madeira grande, presa em postes, informava: ALOJAMENTO DOS ESTUDANTES, ESTACIONAMENTO PRIVATIVO. A paisagem era composta de gramados e coqueiros. Um pouco mais adiante ficava o centro de recreação, creme com vidros fumé, em que Philip Seacrest e Hope Devane haviam se conhecido, anos antes.

Estacionei numa área de carga e descarga ao lado do prédio, entrei no saguão e me encaminhei para a mesa da recepção. Uma mulher negra na casa de vinte anos estava sentada ali, grifando trechos de um livro com um marca-texto rosa, a mesma cor do seu batom. Por trás dela havia uma mesa telefônica. Uma luz piscou ali e soou um sinal. Ela se virou para atender, e foi nesse instante que me viu. O livro tinha letras pequenas e vários gráficos redondos. Li o título, de cabeça para baixo. Princípios fundamentais de economia.

Passada a ligação, ela virou-se para mim.

— Posso ajudá-lo?

— Tessa Bowlby, por favor.

Ela puxou um maço de papéis. Lista de nomes datilografada. O B começava na segunda página e se prolongava até a terceira. Ela verificou duas vezes antes de sacudir a cabeça.

— Lamento, mas não há ninguém com esse nome.

— Tessa pode ser um apelido.

Ela ficou me olhando por um momento e tornou a verificar.

— Não há nenhuma Bowlby. Tente nos outros blocos.

Verifiquei em todos. com os mesmos resultados. Talvez Tessa tivesse se mudado para fora do campus. Estudantes faziam isso o tempo todo. Mas, combinado com o medo que eu vira em seus olhos e a carga de estudos reduzida, isso indicava fuga.

Usei o telefone público no último bloco para ligar para Milo, para ver se ele tinha o endereço da casa de Tessa e informá-lo sobre as lacunas na formação de Cruvic.

Ele não estava na delegacia e também não atendeu ao celular. Talvez tivesse encontrado outro assassinato de três facadas, ou alguma outra coisa que tornaria irrelevantes minhas teorias.

Deixei a universidade e parei no primeiro posto de gasolina que encontrei, em Westwood Village. A cabine telefônica era um destroço de alumínio torto,

mas havia uma lista da zona oeste pendurada abaixo do telefone, sem capa, meio rasgada, com várias páginas arrancadas. Mas a página com todos os Bowlby continuava ali.

Todos os dois: Bowlby, T.J., Venice, sem endereço indicado. Bowlby, Walter E., Mississippi Avenue, em West Los Angeles.

Los Angeles é uma confusão de localidades, e com uma dúzia de listas telefônicas cobrindo todo o condado, eram mínimas as possibilidades de qualquer daqueles Bowlby ser parente de Tessa. Mas continuei com o que tinha e comecei pelo Walter, na Mississippi, porque era o mais próximo. E bem próximo. Entre o Santa Monica Boulevard e a Olympic, cerca de um quilômetro e meio ao sul da universidade, num distrito de pequenas casas do pós-guerra e de alguns projetos fantasiosos bem maiores.

Dia de o lixeiro passar no bairro. Latas transbordando e sacos enormes afirmavam o orgulho do consumo. Esquilos remexiam o lixo nervosamente. À noite, os primos ratos assumiam o controle. Anos antes, os moradores da Califórnia votaram pela redução do imposto predial predatório, e os políticos contra-atacaram com a eliminação do controle de roedores e outros serviços. Como a poda das árvores. O dinheiro parecia, no entanto, estar disponível para outras coisas: no ano passado, depois de uma tempestade, eu observara uma equipe de treze funcionários municipais levar quatro dias inteiros para cortar e remover um pinheiro caído.

A residência de Walter Bowlby era um bangalô cor de terra, com um telhado de madeira preto. O gramado era bem-aparado, a varanda da frente era larga e abrigava vasos de plantas, uma cadeira de alumínio e uma pequena bicicleta azul, com rodinhas de apoio nos lados. Havia um velho Galaxie marrom estacionado na entrada lateral.

Avancei pelo caminho de cimento até a porta. Uma placa envernizada dizia OS BOWLBY.

Ninguém atendeu a campainha ou minhas batidas na porta.

Eu já voltara ao Seville e ia dar a partida quando uma van azul e branca veio da Olympic, entrou na propriedade e estacionou atrás do Galaxie. Havia dois adesivos no para-choque: AVANTE DODGERS e A UNIÃO FAZ A FORÇA. Parou com um solavanco, expelindo fumaça, e a porta do motorista foi aberta.

Um homem de pernas tortas, bigode escuro, na casa dos quarenta anos, saltou. Usava uma camisa pólo branca de nylon com uma listra verde horizontal que Milo teria apreciado, calça branca pregueada e botinas pretas.

Tinha braços grossos e bronzeados, mas estrutura óssea pequena. O princípio de uma barriga empurrava a listra verde, e um maço de cigarro estufava o bolso da camisa.

Girou as chaves do carro, ficou parado examinando o gramado, depois tocou no maço, como se estivesse se certificando de que continuava ali, e virou-se no momento em que Tessa Bowlby saltava pela porta da direita.

Ela parecia estar com o mesmo suéter escuro folgado e o mesmo jeans que a vira usando na Torre da Psicologia e estava ainda mais pálida. Deu as costas ao homem de bigode e foi abrir a porta traseira da van para uma mulher de cabelos grisalhos e boa aparência, de colete vermelho e jeans. A mulher parecia cansada. Apesar dos cabelos grisalhos, o rosto ainda era jovem. Tinha nos braços um menino de cabelos pretos em torno dos quatro anos de idade.

Ele parecia estar dormindo, mas se agitou e esperneou de rep ente, desequilibrando a mulher. Tessa amparou-a e disse alguma coisa. O homem tirara um cigarro do maço e permanecia parado no mesmo lugar, enquanto a mulher entregava o menino a Tessa.

Tessa desmanchou-se num sorriso tão terno e repentino que me provocou um forte calafrio, como sorvete tomado depressa demais.

Ela aconchegou o menino. Ele riu, ainda se contorcendo. Tessa parecia frágil demais para mantê-lo no colo, mas deu um jeito, com os pés firmes no chão, fazendo cócegas, rindo. Os pés dele chutaram o ar. Tessa ajeitou-o contra o ombro e atravessou o gramado para a varanda.

Todos os quatro subiram a escada, e o homem inseriu uma chave na porta. O menino voltou a se agitar e Tessa colocou-o no chão. Ele correu direto para a bicicleta azul, tentou montar e quase caiu. Tessa colocou-o no selim, segurou-o ali por um instante e tirou-o. Ele tentou subir na grade da varanda e começou a rir quando Tessa correu para segurar sua mão.

O homem e a mulher entraram na casa, deixando a porta aberta. O menino andava em cima da grade, segurando a mão de Tessa. Subitamente, ele saltou. Tessa o pegou.

Ele escorregou pela perna dela e correu para a porta. Ao se virar, ela me viu.

O mesmo olhar de pânico.

Ficou olhando, enquanto o menino corria para o interior da casa. Ergueu a mão para o rosto, permaneceu imóvel por um instante e depois também correu.

O homem saiu da casa um momento depois. Lembrei a mim mesmo que era um legítimo representante da polícia e permaneci ali.

Ele se aproximou, balançando os braços grossos. A três metros de distância, parou e avaliou o Seville, da grade às lanternas traseiras. Contornou a frente do carro, indo para o meio da rua, e parou junto à janela do motorista.

— Sou Walt Bowlby. Minha filha diz que o senhor é da polícia.

Não havia desafio em sua voz, apenas a débil esperança de que talvez não fosse verdade.

De perto via-se que sua pele era curtida. Havia uma fina corrente de ouro em seu pescoço, emaranhada nos cabelos do peito. Mostrei minha credencial.

— Sou consultor da polícia, Mr. Bowlby.

— Consultor? Há algum problema?

— Vim conversar com Tessa.

— O senhor poderia me dizer sobre o quê?

— Houve um crime perto do campus, envolvendo uma professora e Tessa. Estamos falando com todas as pessoas que conheciam a vítima.

Seus ombros relaxaram.

— Ah, a professora... Tessa não sabe nada a respeito e está muito... sabe como é... transtornada.

— Por causa do assassinato?

Ele tornou a tocar no bolso da camisa, tirou um maço de Salem, apalpou os bolsos da calça à procura de fósforos.

Encontrei uma caixa no porta-luvas e acendi o cigarro para ele.

— Obrigado. Não exatamente por causa da professora. Ela... — Lançou um olhar para a casa. — Importa-se se eu entrar em seu carro?

— Claro que não.

Ele deu a volta por trás, acomodou-se no banco de passageiro, passou a mão pelo couro.

— Em ótimo estado. Sempre gostei deste modelo... setenta e oito?

— Setenta e nove.

Ele acenou com a cabeça, deu uma tragada, soprando a fumaça pela janela, e disse: — A GM o construiu sobre um chassi de Chevy Two, o que muitas pessoas acharam um erro. Mas são carros resistentes. Este pertence à cidade? É um daqueles carros confiscados?

— Não. É meu.

— Já tem há muito tempo?

— Alguns anos.

Outro aceno de cabeça. Ele baixou os olhos para O chão, — Tessa teve um problema. Sabia disso?

Sem saber se Tessa lhe falara do estupro, achei melhor perguntar: — Um problema em que a professora Devane a ajudou?

— Isso mesmo. Ela... ela é muito inteligente. com um QI quase de gênio. Quando quis largar os estudos, perguntamos por que, mas ela não quis nos dizer, apenas falou que queria voltar para casa. Ficamos surpresos, minha esposa e eu, porque ela insistira em morar sozinha. Mas por fim se descontrolou, chorou e nos contou sobre o... o senhor sabe. A agressão. E como a professora acusou o sujeito. E depois ela foi assassinada. A princípio parecia tão absurdo que não

sabíamos em que acreditar. Mas depois o assassinato foi confirmado pelas notícias.

— O que era absurdo, o assassinato ou o estupro?

Ele deu uma longa tragada e reteve a fumaça por algum tempo, antes de responder: — Para dizer a verdade, ambos.

— Teve dúvidas se Tessa foi mesmo atacada?

Ele estendeu a mão pela janela e bateu a cinza do cigarro.

— Como posso dizer... amo muito minha filha, mas ela... é muito inteligente, sempre foi. Desde bebê. Mas é uma menina diferente. Tem momentos em que fica mal. Depressão. Desde pequena que é melancólica. E depois entra em seu mundo... um mundo da imaginação. Às vezes...

Deu de ombros e tragou de novo. O cigarro estava quase no filtro.

— A imaginação dela pode se tornar delirante — concluiu ele.

— Sua filha já acusou outros de estuprá-la, Mr. Bowlby?

Ele suspirou, deu outra tragada, olhou para a ponta do cigarro e espremeu-a entre os dedos. Abri o cinzeiro, e ele largou o cigarro ali.

— Obrigado. Importa-se se eu acender outro?

— À vontade.

— Um vício repulsivo. Largo todos os dias. — Ele riu.

Sorri e repeti a pergunta.

— Morávamos em Temple City, a polícia ali ainda deve ter os arquivos. Não, talvez não, pois o garoto era menor, e ouvi dizer que não guardam arquivos contra menores.

— Há quanto tempo foi isso?

— Tessa tem quase vinte e na época ela tinha doze, portanto, foi há oito anos. O garoto... conhecíamos sua família, eu trabalhei com o pai dele na Ford, no tempo em que tinham uma fábrica em Montebello... o garoto era um pouco mais velho. Treze anos, se não me engano. As famílias eram muito ligadas. Fomos acampar em Yosemite.

Teria acontecido numa barraca. Os dois ficaram no acampamento, enquanto o resto saía à procura de ursos. Tessa não disse nada até voltarmos para casa. Três ou quatro dias depois. A polícia de Temple City disse que era jurisdição dos guardas do parque, mas mesmo assim chamaram o garoto para um interrogatório. Depois disseram que achavam que ele era inocente, mas que poderíamos insistir no caso, se quiséssemos. Também disseram que deveríamos levar Tessa a um psiquiatra.

Contraindo as bochechas, tragou avidamente o segundo cigarro e soltou a fumaça pela boca. Os dentes eram escuros, bastante espaçados. Veias saltavam nos braços fortes, curtidos pelo sol. As pontas das unhas eram pretas como

carvão.

— Ela é... o fato é que Tessa é inteligente. Mesmo com seus problemas, sempre tirou as melhores notas na escola. Uma grande imaginação... nós esperávamos... Eu preferia que o senhor não falasse com ela. É uma boa menina, mas delicada. Criá-la foi como andar numa corda bamba. Um dos seus médicos nos disse isso. Disse que ela é frágil. E creio que sua conversa não faria nenhum bem a ela.

— Portanto, o senhor tem dúvidas. Sobre as duas histórias.

Ele estremeceu. — Sinceramente, não sei em que acreditar. O garoto negou tudo e nunca se meteu em nenhuma outra encrenca, ao que eu saiba. Ingressou na marinha no ano passado, está indo muito bem, casou-se, tem um filho.

Ele parecia consternado. Pensei na avaliação que Reed Muscadine fizera de Tessa: sérios problemas.

— Tessa já fez outras acusações, Mr. Bowlby?

Outra pausa prolongada. Ele retirou alguma coisa presa nos dentes e jogou pela janela. — Acho que vai descobrir de qualquer maneira, então é melhor eu contar logo de uma vez.

Ele levou o cigarro à boca, mas em vez de tragar soltou um grunhido de quem reprimia o choro, o que me pegou desprevenido. Protegeu os olhos com a mão, e continuou numa voz trêmula: — Ela me acusou. Dois anos depois, quando tinha quatorze. Já a levamos a um psiquiatra porque ela falava em se machucar e não queria comer... pode ver como é magra. Tinha aquela doença, anorexia. Achava que era gorda, passava o dia inteiro pulando corda. Começou com isso por volta dos quatorze anos, ficou reduzida a menos de trinta quilos. O psiquiatra a internou no hospital, e eles a alimentaram com soro, arranjaram um terapeuta para conversar com ela, e foi nessa ocasião que ela começou a dizer que se lembrava.

Tirou a mão dos olhos. Estavam úmidos, mas ele me fitou, firme.

— Disse que aconteceu quando era bem pequena... praticamente um bebê, tinha dois ou três anos. — Ele balançou a cabeça de um lado para o outro. Não é verdade. Acreditaram em mim... o hospital, a polícia e minha esposa. A lei determinava que tinham de investigar, e enfrentei tudo aquilo. Foi um inferno. A polícia de Temple City de novo. Um tal detetive Gunderson. Um bom sujeito, talvez ainda esteja por lá. De qualquer maneira, a conclusão foi que era tudo fruto da imaginação de Tessa, que a domina por completo. Quando ela era pequena, via algo na TV, depois queria ser aquilo... personagens de desenho animado, qualquer coisa. Pode entender? Queria voar como a Supergirl. Por isso, calculo que ela assistiu a algum filme e passou a acreditar que alguma coisa lhe acontecera. Ele alisou o bigode.

— Antes de me casar, era um garoto irresponsável, passei algum tempo sob a guarda do Juizado de Menores por roubo. Mas depois aceitei minhas responsabilidades, aprendi mecânica... estou contando isso para que saiba que sou um homem sério. Entende o que quero dizer?

— Entendo.

— O fato é que com Tessa nunca se pode ter certeza do que ela vai fazer. Depois da investigação, ela admitiu que estava errada, disse que se sentia culpada e queria se matar. Sua mãe e eu falamos que seria a pior coisa e que ainda a amávamos. Para agravar a situação, o dinheiro do seguro hospitalar acabou e tivemos de levá-la para casa nessa ocasião, quando a situação estava péssima. O hospital disse que ela devia ser vigiada o tempo todo. Não a deixávamos fora de nossas vistas. Depois começamos a fazer aconselhamento familiar numa clínica pública, e ela parecia estar se adaptando, pensávamos que estava bem. E para ver como ela é inteligente, continuou a tirar boas notas durante todo esse tempo e foi aceita na universidade. Pensávamos que estava tudo bem. E de repente, este ano, ela anuncia que vai voltar para casa. Aí desata a chorar e conta a história do estupro. Um sujeito que saiu com ela. Eu disse que acreditava, mas...

Ele esmagou a ponta do segundo cigarro no cinzeiro.

— Se eu tivesse certeza de que é verdade, iria procurar o tal sujeito. Mas sei que ela me acusou falsamente. E também aquele garoto. Sendo assim, o que posso pensar? E ela não se queixou de imediato. Foi só depois que ouviu a tal professora. E mais tarde a professora é assassinada. Fiquei apavorado quando soube.

— Apavorado em que sentido?

— Eu sou um sujeito que largou os estudos antes de completar o segundo grau, costumava pensar que a universidade era segura. E de repente a gente sabe de uma coisa assim.

— Tessa contou-lhe alguma coisa sobre a professora Devane?

— Disse apenas que gostava dela. Por acreditar nela. Pensava que ninguém jamais acreditaria nela de novo. Depois lembrou o que dissera a meu respeito e não parava mais de chorar. Jurou que estava arrependida, que não queria ser a garota da história, que gritava lobo, lobo. Eu disse a ela, meu bem, o que é passado é passado, você me disse que isso aconteceu, acredito em você, vamos à polícia para denunciar o desgraçado. Mas ela ficou ainda mais apavorada com isso, disse que não, ninguém acreditaria nela, era uma perda de tempo, não havia provas, de qualquer maneira era um estupro depois de um encontro consentido, ninguém levaria essa acusação a sério.

— Exceto a professora Devane.

— Exceto ela. Isso mesmo. Acho que foi o único motivo para que nos contasse a história... a professora tinha sido assassinada, e Tessa ficou apavorada. Eu disse a ela, está querendo me dizer que acha que o cara que... que a atacou pode ter matado a professora? Mas ela se recusou a responder, apenas continuou dizendo que a professora acreditara nela, a tratara bem e agora estava morta, os bons morrem cedo, essas coisas. Depois ela disse, mudei de ideia sobre voltar para casa, papai, vou continuar no alojamento. E ela foi embora. Nós a deixamos partir, mas telefonamos no dia seguinte e ela não atendeu. Fomos até lá e a encontramos estendida na cama, olhando para o teto. Tinha toda aquela comida ao redor... várias bandejas, mas não tinha tocado em nada. Já a tínhamos visto assim antes. Quando parou de tomar o remédio.

— Que remédio?

— Já tomou Nardil, depois Tofranil, depois Prozac. Agora ela toma outro... Sinequan? Fica quase boa quando toma o remédio. E mesmo com todos os problemas continua a tirar notas razoavelmente boas, o que na minha opinião é espantoso. Se ela não tivesse problemas, só tiraria dez. É muito inteligente, sempre foi. Talvez inteligente demais, não sei.

Ele estendeu as mãos, as palmas viradas para cima.

— Então vocês a encontraram estendida na cama — falei. — Sem comer.

— Nós a tiramos do alojamento e trouxemos para casa. Ela só fazia mesmo duas matérias, porque seu médico disse que não queria que ela se sentisse pressionada. Sugerimos que parasse por um trimestre, poderia voltar depois. Mas ela disse que não, que queria continuar. E o médico disse que era um bom sinal... ela se sentir motivada. Por isso, deixamos.

Ele se virou para mim.

— Ela está matriculada, mas não faz nada. Não lê, não traz deveres de casa.

— Mas ainda assiste às aulas?

— Às vezes. Minha esposa a leva e traz de carro. Às vezes ela dorme demais e não vai. Não gostamos dessa situação, mas o que podemos fazer? Não podemos vigiá-la vinte e quatro horas por dia. Até o psiquiatra reconhece isso.

— Quer dizer que ela ainda vai a um psiquiatra?

— Não regularmente, mas ainda telefonamos para ele, porque é um bom sujeito, continuou a atendê-la mesmo depois que o dinheiro do seguro-saúde acabou. Dr. Emerson, lá em Glendale. Se quiser falar com ele, esteja à vontade. Albert Emerson. — Ditou um número para eu anotar.

— Alguma vez esse psiquiatra deu um diagnóstico?

— Depressão. Ele diz que Tessa usa a imaginação para se proteger.

Ele esfregou os olhos e suspirou.

— Não é fácil — comentei.

— Há uma compensação. Meu filho pequeno é maravilhoso.

— Que idade ele tem?

— Vai fazer quatro no mês que vem... é grande para sua idade.

— Tem outros filhos?

— Não, só os dois. Nem tínhamos certeza se deveríamos ter um segundo, por causa de todo o tempo que precisávamos dedicar a Tessa. E ela... minha esposa... tem um irmão deficiente mental, que vive numa instituição. Por isso, não sabíamos se era algo congênito ou não.

Ele sorriu e continuou: — Então, ficamos surpresos.

— Uma boa surpresa.

— E é mesmo. Robbie é um grande garoto, joga uma bola que você nem imagina. A companhia dele é quase a única coisa que deixa Tessa feliz. Eu a deixo tomar conta do irmão, mas fico de olho.

— Por quê?

— A instabilidade dela. Robbie é um menino feliz e quero que continue assim. Quando assistíamos às notícias sobre aquela professora e Tessa começou a gritar, ele ficou agitado. Foi assim que consegui acalmá-la. Eu disse a ela, meu bem, procure se controlar, veja o estado em que deixou Robbie. Ela se controlou. E não quis mais falar a respeito. Anda bastante calma agora, o que é ótimo. Mas continuo de olho.

Pedi a ele que me autorizasse por escrito a falar com o dr. Albert Emerson e fui para casa. A picape de Robin não estava lá, e encontrei na cozinha um bilhete dizendo que ela fora fazer um conserto de emergência na guitarra de um cantor country, em Simi Valley, mas voltaria em torno das sete ou oito horas.

Liguei para o psiquiatra, esperando um serviço de recados ou uma secretária eletrônica, mas ele atendeu pessoalmente, em uma voz jovial, cheia de expectativa... alguém pronto para a aventura.

Apresentei-me.

— Delaware... conheço o nome. Esteve envolvido com o caso Jones, não é mesmo?

— Isso mesmo — respondi, surpreso. Réu rico e um acordo de confissão; o caso fora abafado, não saíra nos jornais.

— O advogado de defesa me telefonou quando estavam decidindo para onde mandariam o desgraçado — explicou ele. — Queriam que eu interviesse em favor dele, e arrumasse uma cama confortável. Eu disse número errado, advogado, minha esposa é assistente da promotoria, e estou com o outro lado. Puseram-no fora de circulação por bastante tempo?

— Espero que sim — respondi.

— Nunca se pode ter certeza quando há dinheiro envolvido. Mas em que posso ajudá-lo?

— Venho trabalhando com a polícia em outro caso. Uma professora de psicologia que foi assassinada há poucos meses.

— Eu me lembro. Perto da universidade. Gosta de casos criminais?

— Gosto de ver o fim das coisas.

— Entendo o que quer dizer. Mas qual é a minha ligação?

— Tessa Bowlby. Ela conhecia a vítima. Acusou um estudante de estuprá-la depois de um encontro e levou-o a um comitê de conduta sexual presidido pela professora Devane. Estamos conversando com todos os estudantes envolvidos com o comitê, mas Tessa não quer falar, e seus problemas me fazem relutar em insistir.

— Comitê de conduta sexual... — repetiu ele.

O tom indicava que Tessa nunca mencionara o assunto. Walter Bowlby dissera que a relação da filha com Emerson era superficial.

— Não vejo Tessa há algum tempo — acrescentou ele. — O que já é mais do que eu deveria lhe dizer.

— Tenho uma autorização assinada pelo pai.

— Tessa tem mais de dezoito anos, portanto essa autorização não significa muita coisa. Mas qual é a teoria? Um dos caras convocados pelo tal comitê enlouqueceu e descarregou sua fúria?

— Quando não há provas, só nos restam as teorias — respondi. — A polícia está investigando todas as possibilidades.

— Um comitê de conduta... e Tessa fez pessoalmente a acusação?

— Sim.

— Puxa... não saiu nos jornais, saiu?

— Não.

— Foi um processo difícil?

— Não foi agradável — respondi. — Mas o comitê não durou muito, porque a universidade o dissolveu.

— E depois alguém matou a professora Devane. Estranho. Lamento não poder ajudá-lo, mas digamos apenas que não tenho muito a oferecer.

— Sobre Tessa ou o pai?

— Os dois. Eu não... perderia muito tempo investigando esse aspecto. Neste momento tenho um paciente tocando a campainha na sala de espera. Portanto, vamos interromper esta conversa, enquanto nossa ética ainda continua intacta.

11

Já chega do comitê de conduta.

De volta ao dr. Cruvic, com seu curioso histórico acadêmico.

Aquele instituto em que passara um ano, depois que deixara Washington, Brooke-Hastings. Corte Madera, nos arredores de San Francisco. Retornando à sua seara no norte da Califórnia.

Liguei para o serviço de informações de Corte Madera, a fim de pedir o número do telefone. Nada. Também nada em San Francisco, Berkeley, Oakland, Palo Alto ou qualquer outro lugar num raio de cento e cinquenta quilômetros.

Próximo ponto de interrogação: o hospital em que Cruvic retomara seu treinamento, desta vez em ginecologia-obstetrícia. Centro Médico Fidelity, em Carson. Também não estava relacionado ali.

O cara poderia ser um completo impostor? Mas a Universidade da Califórnia, em Berkeley, informou que ele era membro de destaque da associação dos ex-alunos. O que também acontecia com a Faculdade de Medicina da Universidade da Califórnia em San Francisco.

Portanto, os fatos estranhos haviam começado depois que ele recebeu o diploma de médico.

Enquanto eu pensava nisso, Milo ligou.

— Nenhum outro assassinato parecido, até agora — comunicou. O pessoal de Las Vegas vem tentando falar com Ted Barnaby, o namorado de Mandy, para verificar se ele pode dar explicações sobre o histórico médico dela, ou qualquer outra coisa. Não conseguiram nada. Descobriram que ele passou por Tahoe, mas depois disso ninguém sabe.

— O circuito dos cassinos — comentei.

— Isso mesmo. Um fato interessante: conhecem Cruvic em Las Vegas. Ele aparece algumas vezes por ano, como um grande apostador.

— Justamente o tipo de homem para o qual Mandy seria atraída.

— Ninguém se lembra dos dois juntos, mas mandei a foto de Mandy para a Delegacia de Costumes de Los Angeles, para saber se ela teve alguma passagem por aqui. Também planejo visitar algumas casas noturnas esta noite, os lugares na Strip que costumam ser frequentados pelas garotas de programa de alto preço.

— Cassinos, casas noturnas. Um estilo de vida e tanto.

— O crime nunca dorme, por que eu deveria? Também recebi esta manhã uma encomenda pela FedEx, um enorme pacote com todo o material do álibi de Patrick Huang, enviado pela firma de advocacia do pai. Fotos, cardápios,

depoimentos com firma reconhecida do maître, garçons, ajudantes e parentes.

— Nada como um pai advogado — falei. — Isso é bom, porque Deborah Brittain ainda parece nervosa com ele.

— Por quê?

— A experiência deixou-a com os nervos à flor da pele. Embora tenha admitido que ele não a incomodou desde então. Ela adorava Hope, disse que ela fez uma grande diferença em sua vida. Também localizei Tessa Bowlby e descobri uma coisa interessante.

Relatei a conversa com Walter Bowlby e com o dr. Emerson.

— Grandes problemas psicológicos... — murmurou Milo. — Acha que o pai pode estar falando a verdade quando diz que ela o acusou falsamente?

— Como podemos saber? O dr. Emerson insinuou que não valeria a pena perder tempo com isso. Parecia convencido, mas Tessa não o vê regularmente, não contou sobre sua ligação com Hope e o comitê. Mr. Bowlby pareceu-me franco. Deu o nome do detetive de Temple City que investigou a acusação. Gunderson.

— Telefonarei para ele. Falsas acusações... então Muscadine pode estar dizendo a verdade.

— Mesmo que não estivesse, não consigo ver nenhuma ligação com Mandy Wright.

— Restando apenas Monsieur Kenny Storm Júnior, com quem vou me encontrar amanhã à tarde, no escritório do pai dele. Quer ir comigo, para analisá-lo?

— Claro. Também descobri mais algumas coisas sobre o dr. Cruvic. Comecei pelos carros no estacionamento da clínica tarde da noite, o guarda armado. Abortos múltiplos depois do expediente, a novecentos dólares cada.

— Alguma coisa tem de pagar o Bentley — comentou ele.

— E não é só isso. O cartão de Cruvic diz que ele só cuida de fertilidade, mas ele não tem especialização nessa área, e há outras irregularidades em seu currículo. Ele deixou a residência em cirurgia na Universidade de Washington depois de apenas um ano, tirando uma licença. Então foi para um lugar chamado Instituto Brooke-Hastings, depois passou para ginecologia-obstetrícia num hospital em Carson... o Centro Médico Fidelity. Mas não consigo encontrar nenhum dos dois lugares.

— Um charlatão?

— O título de médico é verdadeiro e não há registro de acusações contra ele. Também é possível que Brooke-Hastings e Fidelity tenham fechado. Mas passar de um hospital-escola de grande prestígio para uma obscura instituição particular não é o que se poderia chamar de transferência vantajosa. Portanto, é possível

que ele não tenha partido por uma mudança de interesse. Talvez tenha sido afastado por má conduta, deixado as coisas esfriarem, depois se candidatado a uma residência inferior em nova área. E talvez sua conduta não tenha melhorado desde então. Apresentar-se como um especialista em fertilidade é no mínimo problemático.

— Muito interessante — disse ele. — A coisa começa a adquirir um certo cheiro. E Hope era consultora dele... será que tiveram problemas de dinheiro?

— Talvez seja sobre isso que Seacrest se mantenha evasivo. Não a infidelidade... mas a questão financeira. Explicaria a atitude de ressaltar que não se intrometia nas atividades profissionais de Hope.

— Distanciando-se... é possível.

— Quer que eu tente uma nova conversa com Cruvic?

— De professor para professor? Claro, esteja à vontade... o dr. Calcanhar Dolorido... é o único até agora que pegamos numa mentira.

— Gosta dele como suspeito?

— Digamos que estou começando a sentir uma pequena e incipiente atração por ele. E se eu pudesse ligá-lo de alguma forma a Mandy, pode ter certeza de que me apaixonaria completamente.

Eram sete e dez e Robin ainda não voltara. Consertos de emergência podiam se tornar complicados. Telefonei para o estúdio de gravação do cantor e falei com ela.

— Desculpe, querido, mas a coisa é difícil. Vai demorar mais um pouco... pelo menos duas horas.

— Já jantou?

— Não. Quero terminar antes. Mas não se preocupe, vou querer algo simples.

— Foie gras?

Ela riu.

— Claro, pode ir caçar o ganso.

Permaneci sentado por algum tempo, tomando café e pensando. Pizza era simples.

E havia um restaurantezinho ótimo em Beverly Hills que ainda acreditava que patos pertenciam à água, não a torradinhas.

No caminho eu faria outra parada na Civic Center Drive.

Dessa vez verifiquei primeiro a viela nos fundos. Novamente as três vagas de estacionamento atrás do prédio rosa estavam vazias. Novamente não dava para ver luzes acesas no prédio.

Na frente, a rua estava silenciosa e escura, exceto pela iluminação de postes

bem espaçados e pela passagem ocasional de faróis. Não havia ninguém na rua.

Parei a uns cinquenta metros da entrada do prédio rosa e mantive-me alerta ao imaginar coisas que um médico antiético poderia fazer com um paciente.

As pontas dos sapatos de Cruvic cobertas de sangue...

Imaginação hiperativa. Costumava irritar minhas professoras quando eu era pequeno.

Faróis, bem perto. Uma radiopatrulha de Beverly Hills vindo da direção da delegacia, que ficava no outro lado dos trilhos.

Os policiais de Beverly Hills suspeitavam de pessoas sentadas em carros parados sem uma boa desculpa. Mas a viatura seguiu adiante.

E subitamente me senti meio tolo. Mesmo que Cruvic aparecesse, o que eu diria?

Oi, estou apenas dando uma olhada. O que é exatamente o Instituto Brooke-Hastings e o que você fazia lá... e antes que eu me esqueça, onde fez a especialização em fertilidade?

Liguei o Seville e já ia acender os faróis quando um rangido atrás de mim chamou minha atenção.

A porta de aço do prédio vizinho ao do consultório de Cruvic estava sendo levantada.

Um carro com os faróis já acesos.

Não um Bentley. Um sedã pequeno, escuro. Saiu da garagem, virou à direita. Duas pessoas dentro. A motorista, a enfermeira Anna, do rosto esticado e cigarros manchados de batom. Um homem ao seu lado.

Portanto, o prédio vizinho também fazia parte das instalações de Cruvic.

Anna seguiu para a Foothill Drive, reduziu a velocidade e tornou a virar à direita.

Fui atrás.

Ela virou mais duas vezes à direita, em Burton Way e Rexford Drive, um longo retorno que a levou à área dos edifícios residenciais de Beverly Hills, para subir pela Sunset e depois atravessar o cruzamento da Coldwater Canyon.

A caminho do Valley. Talvez nada mais suspeito que uma mulher que trabalha fora voltando para casa com o marido ou namorado.

Dois carros entre nós. A hora do rush para fora da cidade já passara, mas o tráfego para o Valley ainda era intenso o suficiente para reduzir nossa velocidade a trinta quilômetros por hora. Consegui manter o pequeno sedã à minha vista, e quando ele parou num sinal vermelho na Cherokee Drive passei para a faixa da direita, para dar uma olhada melhor. O carro era um Toyota, novo. Duas cabeças lá dentro, nenhuma delas se mexendo.

Depois Anna inclinou-se para a direita e uma brasa alaranjada apareceu

dentro do carro, como se fosse um vaga-lume. Voou para a esquerda, continuou em frente, enquanto ela estendia a mão pela janela e soltava o cigarro. Faíscas voaram quando bateu no chão. O homem no banco de passageiro continuava imóvel. Ou estava afundado no banco, ou não era alto.

Cruvic não era nenhum gigante. Pegando uma carona para casa com sua enfermeira? Ou o relacionamento seria mais do que profissional?

Anda inventando romances demais, Delaware. E eu nem costumo assistir às novelas da televisão.

O sinal ficou verde e o Toyota avançou, aumentando a velocidade ao entrar em Santa Monica Mountains. Não houve mais paradas até a Mulholland Drive, onde a maior parte do tráfego continuava a descida para o sul, na direção de Studio City. Mas o Toyota virou para leste na Mulholland.

Diminuí a velocidade. Anna acelerou, entrando nas curvas com a segurança de quem conhece o caminho. Anos antes a Mulholland era uma área deserta, de Woodland Hills a Hollywood, quilômetros de asfalto nu com uma vista espetacular do mar, lá embaixo.

Agora, casas e obras públicas à beira da estrada bloqueavam a maior parte da paisagem.

Ninguém atrás de mim. Apaguei os faróis. A Mulholland se tornou ainda mais escura, mais estreita e mais vazia, e o Toyota continuou fazendo as curvas com desenvoltura por mais uns três quilômetros, antes de parar abruptamente.

Eu estava a uma grande distância, mas ainda assim tive dificuldade em parar também, conseguindo evitar por pouco que os pneus cantassem e derrapassem. O Toyota permaneceu na estrada, com as luzes de freio acesas. Mantive o Seville em ponto morto no acostamento e fiquei observando.

Um carro vinha da direção oposta.

Depois que passou, o Toyota cruzou a Mulholland em diagonal e parou numa área de concreto larga, na frente de um portão de ferro.

Duas luzes fracas — lâmpadas em postes baixos. Todo o resto era escuridão e folhagem.

A porta de passageiro do Toyota foi aberta e o homem saltou, revelado por um instante pela luz interna do carro, mas de costas para mim.

Ele foi até uma das colunas do portão e estendeu a mão. Para apertar um botão.

Enquanto o portão começava a se abrir, voltei à estrada e avancei um pouco.

Depois o Toyota deu ré e voltou à estrada. Esperei até que se afastasse.

O portão estava aberto e o homem o cruzava. Com os faróis ainda apagados, passei por lá, acelerando, apenas outro motorista descuidado. O barulho fez o homem se virar, como eu esperava que acontecesse.

Naquela fração de segundo, pude enxergá-lo, com o auxílio das luzes no portão.

Um rosto que eu já vira antes.

Magro, inteligente. Lábios grossos. Cabelos compridos jogados para trás. Faces encovadas, sobrancelhas arqueadas.

James Dean com atitude.

Um homem baixo, mas não Cruvic.

Casey Locking. O aluno preferido de Hope.

Ele coçou a orelha.

Se eu não o conhecesse, nem teria reparado no anel de caveira, falseando na mão branca e delicada.

Continuei em alta velocidade até o primeiro cruzamento da Mulholland.

Hope e Cruvic.

O aluno de Hope com a enfermeira de Cruvic.

Locking morava ali?

Um bom lugar para um estudante de pós-graduação. Pais abastados? Ou era a casa de Cruvic, e eles tinham uma reunião?

Freei, manobrei e segui de novo na direção da casa, parando a uma distância segura do portão para me certificar de que não havia ninguém do lado de fora, depois me aproximando devagar. O endereço era indicado por pequenos números brancos na coluna da esquerda e tratei de memorizá-lo.

O que um estudante de pós-graduação em psicologia tinha a ver com fertilidade ou abortos?

Tomara o lugar de Hope e se tornara um "consultor"?

Alguma coisa corrupta em larga escala? Uma teia bastante ampla para incluir Hope e Mandy Wright?

Ou alguma coisa benéfica — um projeto acadêmico conjunto sobre gravidez indesejada, os efeitos psicológicos da infertilidade ou qualquer coisa parecida?

Mas Locking não mencionara nada nesse sentido, e Hope não publicara nenhum artigo sobre esses temas.

E a possibilidade de um estudo comum não explicava o fato de pegar uma carona com a enfermeira de Cruvic.

Nada daquilo fazia sentido.

Quando parei na frente de casa, Robin e Spike subiam os degraus. Percebi nesse instante que esquecera a pizza.

Ela acenou e Spike virou e empertigou-se, a cabeça esticada, as patas firmes no chão, como se estivesse competindo numa exposição de cães. Ficou me vigiando até que ouviu meu "Oi!" Começou então a puxar a coleira, e Robin soltou-o para que pudesse ir me receber.

Enquanto eu esfregava sua cabeça, ele latia como um cão de caça e me dava cabeçadas.

Mas logo se virou e me deixou chegar até Robin.

Eu a puxei e beijei.

— Puxa... — murmurou ela. — Que perfume eu passei esta manhã?

— Esqueça o perfume. É uma questão de amor eterno.

Beijei-a de novo, depois ela abriu a porta e entramos.

— Como foi o conserto de emergência? — perguntei.

Ela riu e inclinou a cabeça para a frente, flexionando o pescoço e sacudindo os cachos.

— SOS Guitarra, consegui salvar a maior parte dos instrumentos. Pobre Montana. E ainda tenho mais trabalho a fazer esta noite. Prometi consertar a guitarra de braço duplo de Eno Burke para uma gravação amanhã.

— Está brincando...

— Gostaria de estar. Mas pelo menos estão me pagando o triplo.

Massageei-lhe os ombros.

— Vai trabalhar a noite inteira?

— Espero que não. E primeiro preciso de um cochilo.

— Quer que eu faça um café?

— Não, obrigada. Passei o dia inteiro tomando café... Desculpe, Alex. Estava planejando algum momento especial?

— Estou sempre aberto a todas as possibilidades.

Ela comprimiu as costas contra meu peito e sugeriu: — Que tal um cochilo juntos? Você pode me contar lindas histórias para dormir...

Mais tarde sentei de roupão no escritório e verifiquei minha correspondência. Contas, mentirosos tentando me vender as coisas mais diversas e um cheque de uma dívida antiga de um advogado que colecionava Ferraris.

Não conseguia parar de pensar em Locking e na enfermeira Anna... autocontrole.

Não conseguira encontrar Milo em parte alguma. E depois me lembrei que ele saíra para visitar casas noturnas na Strip.

Circulando entre o que se costumava chamar de beautiful people.

O que me provocou um sorriso.

Liguei para meu serviço de recados.

A professora Julia Steinberger ligara pouco depois de eu sair para Beverly Hills.

Ela teria se lembrado de alguma coisa?

Deixara um número do campus e outro da área de Hancock Park. Ao segundo toque do telefone, o marido atendeu: — Ela não está e provavelmente

vai demorar. Por que não tenta falar com ela amanhã, em sua sala na universidade?

Um tom cordial, mas cansado.

Deixei meu nome, vesti um training, fui até o cantinho de Spike na cozinha e perguntei se ele queria fazer um pouco de exercício. Ele me ignorou, mas se levantou de um pulo quando me viu pegando sua coleira e foi se juntar a mim na porta.

Da rua, podia ouvir Robin martelando na oficina.

Spike e eu demos uma longa caminhada pelo Glen, entramos por algumas ruas secundárias escuras em que o cheiro adocicado dos pitósporos em flor era quase sufocante.

Volta e meia parávamos para Spike olhar ao redor e rosnar para coisas invisíveis.

12

Às nove da manhã liguei para Julia Steinberger, na universidade, mas ela não estava, e a secretaria do departamento de química informou que estaria ocupada até o meio-dia num seminário de pós-graduação.

Eu tinha outras coisas a fazer no campus.

No departamento de psicologia havia três secretárias sentadas diante de telas de computador, mas a mesa da recepcionista estava vazia. A correspondência se empilhava em cima do balcão e havia vários estudantes diante do quadro de avisos, lendo anúncios de emprego.

— Por favor... — falei.

A secretária mais próxima levantou os olhos. Jovem, atraente, ruiva. Mostrei meu crachá de professor da faculdade de medicina concorrente e acrescentei: — É bem provável que isto me torne persona non grata, mas talvez você seja bastante gentil para me ajudar assim mesmo.

— Oh! — exclamou ela, com um sorriso, ainda digitando. — Traição, doutor? Mas não me interesso pelo futebol americano. Em que posso ajudá-lo?

— Procuro por um estudante de pós-graduação chamado Casey Locking.

— Ele tem uma sala no subsolo, mas não é sempre que aparece por lá. Faz a maior parte do trabalho em casa.

Ela foi até o fundo da sala, mas voltou de mãos vazias.

— É estranho... A pasta dele desapareceu. Espere um instante. Consultou o computador, obtendo uma lista de nomes.

— Aqui está. Sala B-cinco-três-três-um. Pode usar o telefone no canto do balcão.

Foi o que fiz. Ninguém atendeu. Desci assim mesmo. Quase todas as salas no subsolo eram laboratórios. A de Locking era assinalada por uma ficha de arquivo. Bati na porta, mas ninguém atendeu. Subi e disse à ruiva: — Não há ninguém lá. É uma pena. Ele se candidatou a um emprego e eu queria marcar uma entrevista.

— Gostaria do telefone da casa dele?

— Posso tentar.

Ela escreveu num papel, que li quando saí para o saguão: um número de Hollywood Hills, a leste de La Cienega. Não a casa na Mulholland. Portanto, ele fora até lá para se encontrar com alguém. Provavelmente Cruvic.

Sua pasta desaparecera. Usei um telefone público no saguão. A voz

insinuante de Locking disse: — Não há ninguém em casa. Fale ou esqueça.

Desliguei e deixei o prédio.

Era tempo de visitar o departamento de história.

Hays Hall era um dos prédios mais antigos da universidade, logo depois da Biblioteca Palmer e, como esta, era de um calcário amarelado, escurecido pela poluição.

A sala de Seacrest ficava no último andar, depois de três lances de escada e no final de um corredor ressonante e bolorento, entre portas de mogno trabalhado. A porta de sua sala estava aberta, mas ele não estava ali.

Era uma sala grande, fria, verde-clara, com um teto abobadado e janelas de pequenas vidraças que precisavam ser lavadas, cortinas marrons de veludo presas nas laterais por argolas de latão, estantes embutidas, um tapete persa esfarrapado, um dia vermelho, agora rosa.

Atrás de uma horrível escrivaninha vitoriana de mais de dois metros de largura, com pés redondos, havia uma cadeira ortopédica preta, e na frente havia três cadeiras de braços, com o estofamento de couro vermelho rasgado e numa delas remendado com fita adesiva. A mesa era tão impecável quanto o escritório em sua casa: uma pilha meticulosa de provas em papel azul, dois vasos neolíticos e uma máquina de escrever manual Royal. Meio sanduíche de salada e ovo em papel-manteiga sobre um bloco de papel verde, ao lado de uma lata fechada de Sprite dietética. Nenhuma mancha, nenhuma migalha.

Seacrest apareceu na sala, enxugando as mãos com uma toalha de papel. Usava um suéter cinza com decote em V e punhos puídos, uma camisa marrom xadrez e uma gravata cinza de tricô. com os olhos meio turvos, ele contornou-me , sentou à mesa, olhou para o sanduíche.

— Bom dia — falei.

Ele pegou o sanduíche e deu uma mordida.

— Em que posso ajudá-lo?

— Se tiver tempo, eu gostaria de fazer algumas perguntas.

— Sobre?

— Seu relacionamento com sua esposa.

Ele largou o sanduíche. Não me convidara para sentar, e eu continuava de pé.

— O relacionamento com minha esposa — repetiu ele, baixinho.

— Não quero me intrometer...

— Mas vai se intrometer, de qualquer maneira, porque a polícia está lhe pagando.

Ele tirou um pequeno pedaço da casca do pão, colocou na boca, mastigou devagar.

— Um bom negócio — murmurou ele.

— Como?

— Por que está disposto a se intrometer?

— Professor, se este é um momento ruim...

— Ora, poupe-me! — Ele se inclinou para trás na cadeira. — Sabe, só depois daquela visitinha noturna sua e de Sturgis é que compreendi que era mesmo um suspeito. Por falar nisso, qual foi o propósito da visita? Uma tentativa de me pegar desprevenido? Esperando que de alguma forma eu me incriminasse?

— É um momento ruim?

— É sempre um momento ruim!

Ele balançou a cabeça de um lado para o outro.

— Esta maldita cidade — prosseguiu ele. — Todos querem escrever sua história de mau gosto para um tabloide sensacionalista. Diga a Sturgis que ele vive em Los Angeles há bastante tempo, já deveria ter aprendido a fazer uma investigação de verdade.

Seu rosto estava vermelho. — Mas suponho que eu não deveria ficar surpreso. Deve haver com certeza alguma idiotice de manual do detetive que diz para desconfiar do marido. E aqueles dois primeiros palhaços foram hostis desde o início. Mas e você, por que introduzi-lo no processo? Ele pensa realmente que vou me impressionar com a sua argúcia psicológica?

Ele tornou a balançar a cabeça, deu outra mordida no sanduíche, atacando-o com movimentos firmes e bruscos, como se fosse uma coisa perigosa, mas irresistível.

— Não que ser um suspeito tenha qualquer importância para mim — continuou. — Não tenho nada a esconder. Portanto, pode escavar à vontade. Quanto ao relacionamento com minha esposa, nenhum dos dois era fácil de conviver, e assim o fato de permanecermos juntos deve lhe dizer alguma coisa. Além do mais, que motivo eu teria para matá-la? Dinheiro? E verdade, ela ganhou uma fortuna no ano passado, mas dinheiro não significa nada para mim. Quando terminar o inventário, posso muito bem doar tudo para obras de caridade. Espere para ver, se não acredita em mim. Então que outro motivo poderia haver?

Ele riu. — Não, Delaware, minha vida não melhorou desde que Hope morreu. Mesmo quando ela ainda era viva, eu já era uma pessoa solitária. Perdê-la deixou-me completamente sozinho, e descubro que não quero mais isso. Agora, por favor, deixe-me terminar meu almoço em paz.

Enquanto eu me encaminhava para a porta, ele acrescentou: — É uma pena que Sturgis seja tão pouco criativo. Seguir o manual só servirá para reduzir ainda mais qualquer possibilidade mínima de descobrir a verdade.

— Você não é nada otimista.

— A polícia me deu alguma razão para ser? Talvez eu devesse contratar um investigador particular. Só que eu não saberia a quem procurar. — Ele deu uma risada baixa e rouca. — Sequer tenho um advogado. E não é por falta de oportunidade. Alguém deve ter dado meu telefone à Associação dos Advogados Chicaneiros, ou talvez os desgraçados apenas sintam o cheiro de carniça. Logo depois do assassinato recebi vários telefonemas por dia. Depois o número diminuiu, mas mesmo agora eles ainda tentam de vez em quando.

— O que eles querem de você?

— Processar a prefeitura por não podar as árvores. — Ele riu de novo. Como se a paisagem fosse o problema.

— E qual é o problema?

— O colapso total da ordem... uma pena que eu não seja capaz de desenvolver um apetite saudável pelo lucro. Escreveria um livro que seria um sucesso... não seria maravilhoso? O viúvo triste no circuito das entrevistas. Seguindo os passos de Hope.

— Hope era muito boa nisso.

— Hope era boa em tudo. Compreende isso? Aquela mulher era excepcional!

Concordei com um movimento de cabeça.

— Na verdade — acrescentou —, ela desprezava o jogo da publicidade, mas sabia que era útil.

— Ela lhe disse isso.

— Disse, Delaware. Era minha esposa. E me confidenciava as coisas. — Ele abriu a lata de refrigerante, espiou pela abertura. — Ora, por que estou perdendo meu tempo com você... pode sequer imaginar como era viver com alguém assim? Era como ter uma obra-prima emprestada... um Renoir ou um Degas. Sabemos que nunca poderemos possuir essa obra, ou mesmo compreendê-la direito, mas ainda assim ficamos gratos.

— Emprestada por quem? — perguntei.

— Por Deus, o Destino, escolha sua superstição.

Ele tomou um gole do refrigerante e largou a lata na mesa.

— Agora você pensa: ele sentia ciúme? A resposta é não. Eu sentia um certo temor, mas era um sentimento afetuoso. A próxima pergunta em sua mente psicanalítica: o que ela viu nesse homem? E a resposta é que de vez em quando me pergunto isso. Agora ela morreu... e seu amigo policial idiota pensa que eu sou o culpado. Costuma estudar história, dr. Delaware?

— Não formalmente, desde que deixei a universidade, mas tento aprender com o passado.

— Admirável... Alguma vez pensou sobre o que a história realmente é? Um relato de fracasso, iniquidade, erros de julgamento, falhas de caráter, sangrentas

crueldades, equívocos absurdos. Os seres humanos são criaturas muito baixas. Existe maior apoio ao ateísmo do que a natureza repulsiva desses fragmentos de carne e fraqueza supostamente criados à imagem e semelhança de Deus? Ou talvez haja uma divindade superior, só que é tão idiota e incompetente quanto todo o resto. Não seria coerente? E agora, por favor, deixe-me em paz!

Foi bom sair de lá e sentir o sol.

Fingir que o calor podia derreter a amargura que eu absorvera naquela sala. Uma angústia e uma raiva genuínas ou uma encenação para me impedir de fazer perguntas?

Diante de uma pergunta sobre seu relacionamento com Hope, ele nunca disse que foi bom, apenas que ambos eram pessoas de convivência difícil e que a tolerância de ambos provava alguma coisa.

Depois admitiu que sentia ciúme, mas que convertera em idolatria.

Viver com uma obra-prima... isso podia se desgastar.

Lembrei da maneira repentina como ele ficou vermelho. Pavio curto.

Pessoas com problemas graves para controlar o temperamento muitas vezes se traem em termos fisiológicos.

Pode escavar à vontade.

Seguro em sua inocência ou o desafio de um psicopata, pegue-me-se-for-capaz?

O encontro no escritório de Kenneth Storm Sr., em Pasadena, seria à uma da tarde.

Julia Steinberger terminaria o seminário dentro de vinte minutos.

Usei um telefone da biblioteca e tentei de novo a casa de Casey Locking. A mesma gravação.

Início da noite na Inglaterra, mas ainda uma hora conveniente para telefonar à outra estudante sob a orientação de Hope, Mary Ann Gonsalvez. Mais uma vez, o telefone tocou sem que ninguém atendesse. De volta ao mundo da ciência real.

Julia Steinberger seguia para sua sala, acompanhada por dois estudantes de pós-graduação. Franziu as sobrancelhas ao me ver, e disse aos dois: — Poderiam me dar licença por um momento? Irei me encontrar com vocês no laboratório.

Os rapazes se retiraram, e ela destrancou a porta da sala. Usava um vestido preto que ia até os joelhos e um colar de ônix preto e parecia perturbada. Depois que a porta fechou atrás de nós, ela permaneceu de pé.

— Não sei se faço a coisa certa — declarou —, mas omiti uma coisa na primeira vez em que esteve aqui. Provavelmente não é relevante... e acho que é bastante desagradável.

— Alguma coisa sobre Hope?

— Alguma coisa... Lembra quando eu disse que tinha a intuição de que ela devia ter sofrido abuso?

— A expressão feroz.

— É verdade. Ela tinha essa expressão. Mas... eu... houve outra coisa. Aconteceu no ano passado... no Clube dos Professores. Não no chá de recepção, mas por ocasião da conferência de algum convidado especial, não me lembro quem.

Ela foi até sua mesa e apoiou as mãos ali. Olhou para a boneca que afagara na primeira vez, mas não fez nenhuma menção de pegá-la.

— Conversamos um pouco, depois Hope resolveu circular, e Gerry e eu passamos a falar com outras pessoas. Talvez uma hora depois, ao final da noite, fui até o banheiro e a vi parada diante do espelho. Há um vestíbulo antes do banheiro propriamente dito, também espelhado. Pela disposição das portas, é possível ver o interior do banheiro antes de entrar. Esse vestíbulo é acarpetado, e por isso acho que ela não me ouviu.

Ela baixou os olhos.

— Estava se examinando. Os braços. O vestido tinha um decote canoa, que deixava os ombros à mostra, mas as mangas se estendiam até os cotovelos. Eu havia notado o vestido, muito elegante, calculei que custara uma fortuna. Ela havia puxado um dos ombros do vestido para baixo, examinava a parte superior do braço. Havia uma estranha expressão em seus olhos... quase como se estivesse hipnotizada... e o rosto estava impassível. Havia uma equimose em seu braço direito. Grande e escura. Bem aqui.

Ela tocou em seu bíceps.

— Várias marcas, para ser mais precisa. Pequenas manchas. Marcas de dedos. Como se ela tivesse sido apertada com bastante força. Tinha uma pele extremamente branca... uma linda pele... e por isso o contraste era dramático, quase como se fossem tatuagens. E as equimoses pareciam recentes... ainda não haviam adquirido aquela tonalidade roxo-esverdeada.

Ela se encaminhou apressada para a porta, contendo as lágrimas. — Isso é tudo.

— Como Hope reagiu quando você entrou?

— Levantou a manga bruscamente, os olhos voltaram ao normal e ela disse "Oi, Julia", como se nada tivesse acontecido. Puxou uma conversa descontraída, enquanto ajeitava a maquiagem. Comentando que as coisas seriam muito diferentes se os homens sempre agissem direito. Concordei com ela, e ambas fingimos que nada havia acontecido. O que eu deveria dizer? Quem fez isso com você?

Ela abriu a porta. — Talvez não fosse nada demais. Talvez apenas ela tivesse a pele delicada e se machucasse com facilidade... mas quando me convidou para participar do comitê, achei que lhe devia isso.

Equimoses escuras na pele branca.

A ira súbita de Seacrest.

Voltei ao Seville e peguei a 405-norte.

A poluição em Pasadena normalmente não deixa muito espaço para céu azul, mas naquele dia o ar estava limpo e os prédios de escritórios na Cordova Street brilhavam de forma tão bela quanto um quadro de Richard Estes.

A Storm Realty & Investment era uma construção térrea neo-espanhola, cercada por canteiros de flores brilhantes e jacarandás ainda exibindo suas flores roxas. O estacionamento ao lado era impecável. Parei junto do carro sem identificação de Milo no instante em que ele saltava. Estava carregando sua maleta de couro e um gravador, vestia um terno cinza, camisa branca toda abotoada, gravata com listras azuis e vermelhas.

— Bem republicano — comentei, baixando os olhos para suas botas de cano curto e tentando não sorrir.

— No mundo dos negócios, faça como os executivos. Por falar em negócios, encontrei dois bares na Sunset Strip que Mandy Wright pode ter frequentado.

-— Pode?

— Ainda não tenho um reconhecimento positivo, mas dois talvez promissores. Estamos falando de cabelos compridos, corpos perfeitos, e por isso uma mulher feia teria se destacado melhor. Mas tive sorte de encontrar dois barmen que trabalhavam ali há um ano. Nenhum dos dois quis jurar que era ela, apenas disseram que parecia familiar.

— E ela esteve lá a trabalho ou para se divertir?

— No ramo dela, há alguma diferença? E se ela estava trabalhando, os dois não admitiriam, para não correr o risco de perder a licença para a venda de bebidas alcoólicas. O que me faz pensar que pode ser uma pista válida é o fato de esses dois lugares serem separados por um quarteirão apenas. Talvez ela estivesse "caçando". Club None e The Pit. O problema é que nenhum dos barmen se lembra de tê-la visto com alguém.

— Mas isso a traz a Los Angeles.

Ele cruzou os dedos.

— Outra coisa. Falei com Gunderson, o detetive de Temple City que investigou a queixa de Tessa contra seu velho. Ele é comissário-assistente agora, mal se lembrava do caso, mas pegou a pasta no arquivo e disse que, pelas suas anotações, nunca levaram o caso a sério. Consideraram que Tessa tinha

problemas mentais. Ele começou a se lembrar do pai vagamente. Como um bom sujeito... admitira que tinha uma ficha de delinquência juvenil quando não precisava fazer isso, fora muito franco em tudo. Portanto, Muscadine parece cada vez mais sincero. E vamos encerrar a maldita questão do comitê... está preparado para Mestre Storm?

— Antes de começarmos, devo dizer que tenho indícios de que Hope pode ter sido vítima de abuso.

Relatei a história de Julia Steinberger, depois meus poucos minutos com Seacrest.

— Equimoses e um temperamento explosivo... — disse ele, franzindo as sobrancelhas. — O que especificamente o deixou irritado?

— Ele estava irritado desde o início, mas ficou com a cara vermelha quando eu disse que queria falar sobre o relacionamento deles.

— Ótimo. Talvez o estejamos irritando. Talvez eu devesse pressioná-lo um pouco mais... Não seria sensacional, ele a maltrata por anos, e depois Hope escreve um livro dizendo às mulheres como devem se defender?

— Não seria a primeira vez — respondi.

— Como assim?

— O estilo prevalecendo sobre a substância. Pequenos compartimentos, Mas se ela e Seacrest estavam tendo problemas, o livro, toda a atenção que proporcionou a ela, podem ter cristalizado sua insatisfação, fazendo-a decidir que finalmente chegara o momento do rompimento. Talvez, nesse sentido, a fama fosse sua sentença de morte. Mas ainda não consigo imaginar o que isso tem a ver com Mandy Wright. E há outra complicação: ontem à noite dei outra passada em frente ao consultório de Cruvic. Ele não estava, mas a enfermeira Anna estava. Junto com Casey Locking.

Falei sobre a casa na Mulholland, e Milo anotou o endereço.

— Merda! — resmungou. — Justo quando a gente pensava que era seguro voltar à terra das hipóteses... muito bem, vou descobrir de quem é a casa. Mas agora vamos perseguir um garoto boca-suja.

Atravessamos uma recepção enorme e sossegada para alcançar a sala de Kenneth Storm Sr., e passamos por duas secretárias que levantaram com má vontade os olhos de seus teclados.

Os Storm eram uma comprovação viva da genética, ambos de pescoço grosso e ombros largos, cabelos louro-avermelhados curtíssimos, olhos pequenos e desconfiados, que se fixavam no mesmo ponto por longos períodos.

O pai estava na casa dos cinquenta anos e tinha o rosto inchado e dissoluto de um jogador de futebol americano que se tornara sedentário. Usava um blazer azul-marinho com botões dourados e um broche maçônico na lapela. O casaco

do filho era verde — escuro, os botões tão brilhantes quanto os do pai.

Ambos se encontravam atrás da mesa de carvalho claro no formato de canoa de Storm Sr. Sobre a mesa haviam sido deixados apenas um bronze representando um caubói e um conjunto de caneta e lapiseira de ônix verde. A sala era grande demais par a os móveis, com paredes revestidas por painéis de carvalho e com um carpete bege espesso. Prêmios por conquistas no mercado imobiliário e de seguro de vida eram a ideia que Storm Sr. tinha de realização pessoal. Um cheiro de charuto impregnava a sala, mas não havia cinzeiros à vista.

Na frente da mesa postava-se um homem magro e grisalho, usando um terno cinza — escuro com colete, uma camisa azul-clara de punhos duplos e uma gravata de seda num estranho tom de rosa. Ele se apresentou como Pierre Bateman, o advogado de Storm, e recordei seu nome da queixa contra o comitê de conduta. Antes que pudéssemos sentar, ele começou a apresentar as condições para a entrevista numa voz lenta e monótona. Kenneth Storm Jr. bocejou, coçou atrás das orelhas e enfiou e tirou o indicador de uma casa de botão. O pai olhava para o tampo da mesa.

— Além disso — disse Bateman —, em relação aos fundamentos deste procedi...

— O senhor é advogado criminal? — indagou Milo.

— Sou o representante legal de Mr. Storm. Cuido de todos os seus negócios.

— Quer dizer que considera isto um negócio?

Bateman mostrou os dentes. — Posso continuar, detetive?

— Mr. Storm Jr. o contratou formalmente?

— Isso não é relevante.

— Pode ser relevante, se for continuar aí parado impondo regras.

Bateman passou os dedos por uma abotoadura de safira e olhou para o garoto.

— Gostaria de me designar para seu advogado, Kenny?

O garoto revirou os olhos. O pai tocou seu braço com o dedo indicador. — Claro que sim.

— Muito bem — disse Bateman —, em relação a este procedimento, detetive, deve se abster de...

Milo pôs seu gravador em cima da mesa.

— Tenho um problema com isso — disse Bateman.

— Isso o quê?

— Gravar a conversa. Afinal, não se trata de um testemunho em tribunal nem de um depoimento formal, e meu cliente não se encontra sob nenhuma suspeita formal...

— Então por que o senhor se comporta como se ele estivesse?

— Detetive, insisto que deve parar de me interromper...

Milo calou-o com um bufo. Pegou o gravador, examinou um botão.

— Mr. Bateman, viemos até aqui como um favor, adiamos várias vezes como um favor, permitimos que o pai de seu cliente estivesse presente como um favor, muito embora ele já tenha alcançado a maioridade. Não se trata de alguma infração de trânsito discutida no juizado de menores. Nosso interesse é o fato de que o rapaz teve um diálogo muito hostil com uma mulher que depois foi esfaqueada até a morte.

Storm Jr. resmungou e o pai lançou-lhe um olhar furioso.

— Detetive — disse Bateman —, tenho certeza...

— Advogado — disse Milo, dando alguns passos para a frente —, ele ainda não é um suspeito formal, mas todos esses rodeios e evasivas só fazem com que pareça ter algo a esconder. Se quer ficar sentado aqui, bancando o grande advogado, é problema seu. Mas se vamos ter uma entrevista hoje, vai ser gravada e eu vou perguntar o que quiser. Caso contrário, podemos marcar outra data, na delegacia da zona oeste de Los Angeles, e vocês é que vão ter de atravessar a cidade e enfrentar a imprensa.

O garoto resmungou de novo.

— Ken...— advertiu o pai.

O filho revirou os olhos mais uma vez e apertou uma espinha no pescoço. Tinha mãos grandes, lisas, fortes. Milo acrescentou: — Lamento estar tomando seu tempo, filho. Embora você tenha algum tempo de sobra, não é? Agora que deixou a escola e todo o resto.

O pescoço de Storm Jr. se esticou, enquanto ele projetava o queixo para a frente.

O pai tornou a tocar em seu braço.

— Detetive — interveio Bateman —, foi um discurso maravilhoso. Agora, se me permitir, continuarei a especificar minhas condições.

Milo pegou o gravador e se encaminhou para a porta.

— Sayonara, senhores.

Já estávamos na metade da recepção quando Bateman chamou: — Detetive?

Continuamos andando, e o advogado se apressou para nos alcançar. A recepção se tornara silenciosa, e as duas secretárias observavam a cena, aturdidas. O lugar cheirava a refrescante bucal.

— Aquilo foi muito destemperado, detetive — sussurrou Bateman, de forma teatral. — Ele é só um garoto.

— Tem dezenove anos e é grande o suficiente para causar danos. Aguarde um telefonema.

Milo abriu a porta e Bateman nos seguiu até o estacionamento.

— Mr. Storm é muito respeitado nesta comunidade, detetive, e Kenny é um ótimo garoto.

— Parabéns para eles.

— Com todas as gangues e crimes violentos por aí, era de esperar que a polícia tivesse coisas melhores a fazer...

— Do que atormentar cidadãos que cumprem as leis? — completou Milo. — O que posso dizer? Somos estúpidos.

Chegamos ao carro.

— Apenas espere um instante. — A voz de Bateman era tensa, mas de ansiedade, não de indignação.

Milo tirou as chaves do bolso.

— Escute, detetive, estou aqui para que eles se sintam protegidos. Kenny é mesmo um bom garoto. Eu o conheço há anos.

— Protegidos contra o quê?

-— As coisas se tornaram difíceis nos últimos tempos. Os dois se encontram sob uma tensão considerável.

Milo abriu a porta do carro e pôs o gravador lá dentro. Bateman aproximou-se e falou em voz mais baixa: — Não espero que se importe, mas Ken... Ken Sênior vem passando por dificuldades financeiras. Sérias. O mercado imobiliário.

Milo empertigou-se, mas não disse nada.

— É um período terrível para ambos — continuou Bateman. — A primeira esposa de Ken morreu, subitamente, de aneurisma. E agora isto. Ken construiu sua empresa do nada. Ergueu este prédio há vinte anos, e agora está à beira da execução hipotecária. E perder o prédio não vai resolver todos os problemas, pois há muitos outros credores. Então pode compreender seu nervosismo com relação a um processo legal. Sou amigo dele, além de advogado, e me sinto na obrigação de protegê-lo o máximo possível.

— Não estamos falando do mercado imobiliário, Mr. Bateman.

O advogado fez um sinal afirmativo com a cabeça. — A verdade é que não sei nada sobre direito criminal e disse isso a Ken. Mas somos amigos desde o primário. Ele fez questão da minha presença.

— Portanto, ele acha que o garoto precisa de ajuda legal.

— Claro que não! Apenas em termos gerais... para não ser engolido pelo sistema. Com toda a franqueza, Kenny não é nenhum gênio e tem um temperamento explosivo. O mesmo acontece com Ken. E o pai dele também era assim. Todos eles têm pavio curto, e pelo que sei foi assim que ganharam o nome Storm... tempestade, entende...

Ele sorriu, mas Milo não correspondeu. — Kenny é filho único?

— Não. Há também uma filha, que estuda medicina em Stanford.

— A inteligente da família.

— Cheryl é um gênio.

— Como ela e Kenny se dão?

— Muito bem, mas Kenny nunca esteve no nível da irmã, e todos sabem disso. O que estou querendo dizer, detetive, é que se pegar esses temperamentos explosivos e acrescentar um pouco de tensão, sem um mínimo de estrutura, é grande a possibilidade de que os dois entrem em ebulição e acabem estourando. Dando a impressão errada.

— Qual impressão?

— De que Kenny é capaz de ser violento. Ele não é, pode ter certeza. Jogou futebol americano com meu filho no segundo grau. Era rápido e forte, mas foi afastado do time porque não era agressivo o bastante.

— Não tinha instinto assassino, hein?

Bateman assumiu uma expressão angustiada. — Além disso, ele me garante que estava em San Diego na noite do assassinato.

— Ele tem alguém para confirmar?

— Não, mas como eu disse, não é nenhum Einstein.

— E daí?

— O que li sobre o assassinato dava a impressão de ter sido algo planejado: espreitar a mulher e não deixar nenhuma prova concreta. O que não seria típico de Kenny. Ele pode perder o controle e falar demais, talvez até mesmo dar um soco em alguém, mas se acalma depressa.

— Ele foi inteligente para ingressar na universidade — comentei.

— Um milagre — disse Bateman. — Acreditem em mim. Ken usou a influência de ex-alunos, providenciou aulas particulares, o garoto fez o teste de aptidão escolar quatro vezes. Deu um jeito de entrar, mas não conseguiu ficar. E também não conseguiu a matrícula no College of the Palms. Agora isto. Não poderia ocorrer num momento pior em termos de autoestima. É por isso que aquela mer... aquele comentário seu sobre ter tempo de sobra foi doloroso. Ser interrogado pela polícia não é nada agradável. Para ser franco, detetive, ele ficou apavorado com o dia de hoje.

— Ele não parecia apavorado.

— Kenny está fingindo. Pode ter certeza de que ele está apavorado.

Milo finalmente sorriu. — Gosta dele, hein?

— Gosto, sim, detetive.

O sorriso se alargou. — Pois eu não gosto, Mr. Bateman. Porque ele não fez nada para merecer minha simpatia.

— Dete...

— Tenho um crime brutal sem solução, com muita raiva envolvida. Seu cliente é um garoto grande, forte e agressivo, com um temperamento explosivo. Ele banca o difícil, e quando aparece é junto com o papai, que se mostra muito nervoso, e um advogado que tenta bloquear cada sílaba que sai da minha boca. O que quer que eu faça? Que apresente minhas perguntas numa bandeja, com molho do lado? Se eu quisesse servir pratos, aprenderia a cozinhar.

Bateman tornou a exibir os dentes. Era difícil avaliar a atitude por trás do maneirismo, mas a linguagem do corpo indicava submissão.

— Claro que não, detetive. Claro que não. Só estou querendo... Muito bem, vamos tentar de novo. Pergunte o que quiser, grave tudo, mas eu tomarei anotações detalhadas. E tente se lembrar de que ele é um bom garoto.

Quando voltamos ao escritório, os Storm fumavam charuto e um cinzeiro aparecera em cima da mesa.

— Panamenho? — perguntou Milo.

O pai confirmou com a cabeça e soprou fumaça suficiente para encobrir seu rosto. O filho sorriu com afetação.

Milo ligou o gravador, enunciou a data e o lugar, deu o número de seu registro e o nome de Storm Jr. para "uma entrevista pessoal em relação a um-oito-sete PC, caso número nove-quatro ponto sete-sete-seis-cinco, professora Hope Devane".

Ouvir o nome dela apagou o sorriso do rosto do garoto. Ele puxou a fumaça e esforçou-se para evitar um acesso de tosse.

Bateman e eu sentamos, mas Milo permaneceu de pé.

— Boa tarde, Kenny.

Grunhido.

— Sabe por que estamos aqui?

Grunhido.

— Quantas vezes se encontrou com a professora Devane?

Grunhido.

— Vai ter de dizer.

— Uma vez.

— Quando foi isso?

— No comitê.

— A audiência do Comitê de Conduta Interpessoal presidido pela professora Devane?

Grunhido.

— O quê?

— Sim.

— Li a transcrição dessa audiência, filho. Parece que as coisas esquentaram bastante.

Grunhido.

— O quê?

— Ela era uma vaca.

O pai tirou o charuto da boca.

— Ken!

— Estou dizendo o que ela era! — protestou o filho.

— Então não gostava dela — comentou Milo.

— Não ponha palavras na boca dele — ordenou o pai.

Milo fitou-o e falou: — Muito bem, vou me ater ao que foi dito. Então acha que ela era uma vaca?

Storm Sênior contraiu os lábios, enquanto Bateman fazia um gesto para que ele se controlasse.

Milo repetiu a pergunta.

O garoto deu de ombros e respondeu: — Ela era o que era.

— E era o quê?

— Uma maldita vaca.

— Ken!

— Mr. Storm, pare de interromper, por favor — pediu Milo.

— Ele é meu filho, e tenho o direito...

Bateman interveio: — Está tudo bem, Ken.

— Certo — disse Storm Sr. — Está tudo bem, está tudo ótimo.

— Advogado, por favor — Milo chamou.

Bateman levantou-se e colocou a mão no ombro de Storm Sr., que se desvencilhou, fumando furiosamente.

— O que o fez pensar que ela era uma vaca, Kenny? — indagou Milo.

— A maneira como ela se comportou.

— Seja mais específico.

— A maneira como ela armou para cima de mim.

— Como assim?

— Aquela carta me dizendo que íamos apenas conversar.

— Na audiência?

— Isso mesmo. Quando cheguei lá, a maneira como ela tentou persuadir Cindy a dizer que eu era um estuprador, o que é uma besteira total. — Um olhar de esguelha para o pai. — Foi apenas uma briga idiota entre nós. E mais tarde ela me ligou.

— A professora Devane ligou para você?

— Isso mesmo.

— Quando?

— Depois.

— Depois da audiência?

— Isso mesmo.

— Quanto tempo depois?

— No dia seguinte. À noite. Eu estava na Omega.

— Para que ela ligou?

— Para tentar me pressionar.

— De que maneira, filho?

— Ela estava irritada porque saiu perdendo no jogo dela.

— Como ela o pressionou?

— Disse que mesmo que Cindy não quisesse apresentar acusações, ainda assim eu tinha problemas... problemas de controle de impulso, alguma besteira desse tipo. E acrescentou que poderia tornar as coisas muito difíceis para mim, se eu não me comportasse.

— Ela o ameaçou?

O garoto mudou de posição na cadeira, olhou para seu charuto, largou-o no cinzeiro.

O pai não desviava os olhos dele.

— Ela não chegou a falar isso, foi mais uma insinuação.

— Que tipo de insinuação?

— Não me lembro das palavras exatas. Algo como vou ficar de olho em você, estou no controle, entende?

— Ela usou a palavra controle? — perguntei.

— Não... Não sei. Talvez... Foi mais o jeito como ela falou, entende? Veja onde pisa. Ou algo parecido. Ela era uma radical.

— Radical? — repetiu Milo.

— Extremista.

— Ela discutiu suas opiniões políticas com você?

O garoto sorriu e respondeu: — Não, mas era óbvio. Feminismo radical tentando estabelecer uma nova ordem, entende?

— Não, filho, não entendo.

— Socialismo. Controle central. — Um olhar para o pai. — O comunismo morreu na Rússia, mas ainda estão tentando fazer a centralização na América.

— Ah... — murmurou Milo. — Então vê a professora Devane como parte de uma conspiração de esquerda?

Kenny riu. — Nada disso. Não sou um desses militantes malucos. Só estou dizendo que há certas pessoas que gostam de controlar as coisas, impor regras para todos... como, por exemplo, a Playboy não presta e deve ser proibida, uma

ação positiva para todos.

— E a professora Devane era esse tipo de pessoa?

Kenny deu de ombros. — Era o que parecia.

Milo balançou a cabeça de um lado para o outro e passou a mão pelo rosto.

— E ela disse que ficaria de olho em você.

— Ou algo parecido.

— De que maneira ela o vigiaria?

— Não explicou. Mas de qualquer maneira eu revidei.

— Como?

— Mandei que fosse se foder, bati o telefone e voltei para a piscina. Ia embora de qualquer maneira, o que me importava? Ela que se fodesse.

— Ia deixar a universidade?

— Isso aí. O lugar é uma droga, é uma perda de tempo. Não se pode aprender a fazer negócios na escola.

Outro olhar de esguelha para o pai, que, imerso em uma nuvem de fumaça, olhava para os prêmios emoldurados.

— Então achou que ela era uma vaca e que o ameaçou — concluiu Milo. — A ameaça o assustou?

— De jeito nenhum. Como já falei, ela era cheia de merda e eu ia cair fora.

— Chegou a pensar em fazer alguma coisa contra ela?

— Como o quê?

— Qualquer coisa.

Storm Sênior virou-se para Bateman: — Ele pode fazer uma pergunta assim ampla, Pierre?

— Importa-se de reformular sua pergunta, detetive? — pediu Bateman.

— Não — respondeu Milo. — Alguma vez considerou a possibilidade de efetuar qualquer tipo de ação contra a professora Devane, Kenny?

O garoto olhou do pai para Bateman.

Milo bateu um pé.

— Pai?

O pai lançou um olhar de desgosto.

— Devo repetir a pergunta? — indagou Milo.

Bateman interveio: — Pode responder à pergunta, Kenny.

— Nós... meu pai e eu... falamos em processá-la.

— Processá-la? — repetiu Milo.

— Por me sacanear.

— E foi isso mesmo que aconteceu — declarou o pai. — Toda a coisa foi um ultraje.

— Seria uma boa lição para ela — acrescentou o filho. — Mas nunca

fizemos nada.

— Por que não?

Não houve resposta.

— Porque ela foi assassinada? — insistiu Milo.

— Não. Porque papai teve alguns... anda muito ocupado com complicações nos negócios.

— É verdade, discutimos o assunto — declarou o pai, em voz muito alta. — E daí? Pelo que tenho ouvido, este ainda é um país livre... ou será que mudou alguma coisa e eu não fiquei sabendo?

Milo manteve os olhos no garoto.

— Alguma vez considerou qualquer outro tipo de ação contra a professora Devane, Kenny?

— Como o quê?

— Qualquer coisa.

— Como o quê?

— Como revidar fisicamente?

— Claro que não, cara. E se eu quisesse bater em alguém, não seria nela, mas naquele sacana que estava com ela. Nunca bati em uma mulher.

— Que sacana era esse?

— O bicha que estava com ela, o que me encheu o saco o tempo todo. Não sei o nome dele.

— Considerou a possibilidade de se vingar dele fisicamente?

Bateman protestou: — Detetive, isto não é...

— Não considerei nada — respondeu Kenny —, mas se considerasse, seria nele que eu bateria. Ele ficou no meu pé, como se tentasse... ser mais feminista do que a professora.

— Portanto, se você planejasse machucar alguém, seria ele, não a professora Devane.

— Ele nunca disse que machucaria alguém — protestou o pai.

— Exatamente — disse o filho. — Ele eu poderia encher de porrada. Mas ela era mulher. Ainda abro portas para as mulheres.

— Portas de carro — disse Milo. — Como para Cindy?

Os ombros do garoto curvaram-se.

Milo verificou a fita.

— Muito bem. Agora vamos conversar sobre o lugar onde você estava na noite do assassinato.

— La Jolla — respondeu ele, rápido.

— Por quê?

— Moro ali. Trabalho ali.

— Trabalha onde?

— Na Excalibur Real Estate, o programa de treinamento. Tentei, mas o mercado imobiliário está uma droga.

— O que o levou a largar.

— Isso mesmo.

— O que está fazendo agora?

— Explorando.

— Explorando o quê?

— Minhas opções.

— Ah... — murmurou Milo. — Mas no dia do assassinato ainda estava no programa de treinamento da Excalibur Real Estate.

— Estava. Mas naquele dia específico fui à praia com amigos. — Ele enumerou nos dedos. — Corey Vellinger, Mark Drummond, Brian Baskins.

— Amigos de La Jolla?

— Não, daqui. Da fraternidade Omega. Foram me visitar.

— Quanto tempo ficou com eles?

— Mais ou menos das dez às cinco. E depois eles voltaram para Los Angeles.

— O que você fez depois das cinco horas?

— Dei uma volta de carro, peguei um filme na Blockbuster, acho que estive na Wherehouse para ver alguns CDs.

— Comprou CDs?

— Não. Apenas dei uma olhada.

— Tem o recibo do vídeo?

— Não.

— Pagou com cartão de crédito?

— Não, meu cartão estava com pagamento atrasado, deixei um depósito em dinheiro.

— Qual foi o filme que você levou?

— Exterminador do futuro 2.

— Voltou para casa e o assistiu?

— Primeiro fui comer.

— Onde?

— No Burger King.

— Há alguém que possa se lembrar de sua presença ali?

— Não. Era um drive-through.

— Onde você comeu?

— No meu apartamento.

— Onde?

— No Hotel Coral, perto de Torrey Pines.
— Alguém o viu ali naquele horário?
— Acho que não, mas talvez sim.
— Talvez?
— Não conheço ninguém, era o apartamentinho que ele alugou para mim enquanto eu fazia o curso.
— Ele quem?
— Meu pai.
O pai fumava e olhava para a parede.
— Pagando mês a mês — resmungou ele.
— Então você voltou para seu apartamento com o filme e o jantar. A que horas foi isso?
— Seis ou sete.
— E depois?
— Assisti TV.
— O que você assistiu?
— MTV, eu acho.
— O que estava passando?
Kenny riu.
— Não sei. Vídeos, uma porção de merdas.
— Tornou a sair naquela noite?
— Não.
— Uma noite sossegada, hein?
— Foi. Peguei sol demais na praia, não me sentia muito bem.
Sorrindo, mas com uma certa apreensão evidente nas últimas palavras.
— Fez alguma outra coisa naquela noite além de assistir TV? — perguntou Milo.
Uma pausa.
— Não.
— Mais nada mesmo?
— Não realmente.
— Não realmente?
O garoto olhou para o pai.
— E então, Kenny? — insistiu Milo.
— Basicamente foi isso.
— Basicamente?
Storm Sr. virou-se para o filho, com a cara amarrada.
— Basicamente? — repetiu Milo.
O garoto tocou na espinha em seu pescoço.

— Não esprema — resmungou o pai.

— O que mais você fez naquela noite? — indagou Milo.

A resposta de Kenny foi quase inaudível:

— Tomei cerveja.

— Tomou uma cerveja?

— Tomei.

— Apenas uma?

— Umas duas.

— Quantas exatamente?

Outro olhar para o pai.

— Umas duas.

— Só duas? — insistiu Milo.

— Talvez três.

— Ou quatro?

— Talvez.

— Ficou de porre, filho?

— Não.

Os olhos pequenos estavam vivos agora.

— Fez alguma coisa além de tomar cerveja?

— Não!

— Quatro cervejas... — murmurou Milo. — Não poderia ser um pacote de seis?

— Não. Sobraram duas.

— Então sem dúvida foram quatro.

— Provavelmente.

— Provavelmente...

— Talvez eu tenha tomado outra pela manhã.

O pai olhou para ele e balançou a cabeça de um lado para o outro, devagar.

— O desjejum dos campeões — comentou Milo.

O garoto não disse nada.

— Jantar, TV — continuou Milo —, depois quatro cervejas. A que horas tomou a última cerveja?

— Não sei. Talvez às oito.

O que deixava tempo suficiente para as duas horas de carro até Los Angeles e uma hora de espreita. Mas o cachorro começara a passar mal no início da noite.

— E depois? — indagou Milo.

— Depois nada.

— Foi dormir às oito?

— Não, eu... continuei vendo TV.

— TV a noite inteira?

— Basicamente.

— Seria ótimo se alguém o tivesse visto ali, filho.

— É um quarto pequeno — respondeu Kenny, como se isso explicasse tudo.

— Deu algum telefonema?

— Hum... não sei.

— Talvez?

— Não sei.

— É fácil verificar os registros telefônicos.

O garoto olhou para Bateman, que disse: — Teremos de verificar isso, detetive.

— Então verifiquem — falou Milo. — Mas, sem álibi e depois da conversa hostil entre Kenny e a professora Devane, não terei a menor dificuldade em obter um mandado judicial.

O garoto se empertigou na cadeira, depois os ombros se curvaram e ele balbuciou: — Eu... podemos conversar em particular, senhor?

— Kenny? — murmurou o pai, inquisitivo.

— Claro — respondeu Milo.

— De jeito nenhum! — exclamou o pai. — Pierre?

— Kenny — interveio o advogado —, se há alguma coisa que você precisa...

O garoto levantou-se de um pulo, sacudindo os punhos.

— Preciso de privacidade!

— Estou aqui para salvaguardar sua privacidade e...

— Eu me refiro a uma privacidade de verdade, não a essa merda de advogado!

— Ken! — gritou o pai.

— Isto é um assassinato, papai, eles podem fazer o que quiserem!

— Cale a boca!

— Não é nada demais, papai! Só quero uma porra de privacidade, está bem?

Bateman tornou a interferir: — Kenny, é óbvio que há algumas coisas que você e eu precisamos...

— Não! — berrou o garoto. — Não estou dizendo que a matei, nem nenhuma outra loucura parecida! Apenas dei um telefonema, está bem? Uma porra de um telefonema, mas eles vão descobrir de qualquer maneira, então posso ter um pouco de privacidade..

Silêncio.

— O que você fez? — perguntou Storm Sr. por fim. — Chamou uma prostituta?

O garoto empalideceu, arriou na cadeira, cobriu o rosto com as mãos.

— Grande, Kenny — resmungou o pai. — Muito bem pensado.

O garoto começou a soluçar.

Falou com voz entrecortada: — Eu só... queria... a porra... da privacidade.

O pai apagou o charuto e disse: — Com todas essas doenças por aí... Meu Deus!

— Era por isso que eu não queria contar a você!

— Muito esperto.

Kenny retirou as mãos do rosto. Seus lábios tremiam.

O pai acrescentou: — Se estava tão preocupado com o que eu pensaria, por que fez isso, para começar?

— Usei camisinha!

Storm Sr. balançou a cabeça de um lado para o outro. Milo disse: — O que você faz com o seu tempo não me interessa, Kenny. Na verdade isso pode até ajudá-lo. Quem você chamou?

— Um serviço.

— Sabe o nome?

— Não me lembro. — Desolado, a voz suave.

— Já o tinha usado antes?

Silêncio.

O pai desviou os olhos.

— E então, Kenny? — insistiu Milo.

— Uma vez.

— Uma vez antes?

Um sinal afirmativo com a cabeça.

— Mas não se lembra do nome?

— Starr Escorts. com dois *erres*.

— Onde descobriu o serviço?

— Na lista telefônica.

— Como era o nome da garota?

— Eu não... Hailey, eu acho.

— Você acha?

— Não conversamos muito.

— Nas duas vezes foi Hailey?

— Não. Só na segunda.

— Descreva-a.

— Mexicana, baixa, cabelos pretos compridos. O rosto não era dos piores. Um bom cor... atraente.

— Que idade?

— Talvez vinte e cinco.

— Quanto ela cobrou?

— Cinquenta dólares.

— Como você pagou?

— Em dinheiro.

— A que horas ligou para a Starr Escorts?

— Por volta das dez.

— E a que horas Hailey chegou?

— Talvez às dez e meia, onze horas.

— Quanto tempo ela ficou?

— Meia hora. Talvez um pouco mais. Depois... ela ficou um pouco mais, assistindo TV comigo, tomamos as duas últimas cervejas.

— E depois?

— Depois ela foi embora e eu dormi. No dia seguinte liguei a TV e no noticiário estavam falando sobre ela... Devane. Dizendo que alguém tinha acabado com ela, e pensei: puxa, enquanto alguém a matava, eu estava... Ele olhou para o pai, empertigou-se na cadeira. — Eu estava me divertindo mais ou menos na hora em que ela estava morrendo. Estranho, mas como se fosse... como se fosse uma espécie de vingança, entende?

— Oh, Deus! — exclamou Storm Sr. — Podemos acabar logo com isto?

— Quer dizer que estou garantido? Tenho um álibi? — perguntou o garoto a Milo. — Ela foi assassinada por volta de meia-noite, e eu estava... com Hailey. Portanto, não posso ter feito isso, certo?

Ele respirou fundo, soltou o ar e acrescentou: — Estou contente por ter contado. Não é nada demais, papai. Não matei ninguém. Não está feliz?

— Muitíssimo — resmungou o pai.

— Starr Escorts — repetiu Milo. — Pode procurar na lista telefônica. Posso até fazer um teste na porra do detector de mentiras, se você quiser.

— Cale essa boca! — gritou o pai. — Chega dessa linguagem de esgoto! — Virou-se para Milo e acrescentou: — Está satisfeito agora? Já revolveu o suficiente? Por que não vai logo embora e nos deixa em paz? Por que não vai procurar os bandidos de alguma gangue?

Milo olhou para o garoto.

— O que me diz de Mandy Wright?

Uma confusão genuína no rosto desarmado do garoto.

— Quem?

— Santo Deus! — berrou Storm Sr. — Caiam fora!

— Ken... — interveio Bateman.

— Ken! — repetiu o pai, como se o som do próprio nome lhe causasse repugnância. Ele apontou para a porta da sala e acrescentou: — Saiam daqui!

Todos vocês! Isto ainda é o meu escritório e eu quero privacidade!

De volta ao carro, perguntei a Milo: — Acredita nele?

— O programa com a prostituta é exatamente o que um garoto burro e solitário faria. E provavelmente ele não é bastante esperto para planejar nada. Se eu encontrar a tal garota, ela confirmar o álibi e eu não tiver a impressão de que foi papai quem pagou, teremos mais um nome fora da lista.

— E ele parecia não conhecer mesmo o nome de Mandy.

Ele tirou uma cigarrilha do bolso e contemplou-a. Uma brisa quente soprava das montanhas San Gabriel e as palmeiras plantadas perto do prédio dançavam em fila.

— Assim, adeus comitê. E bem provável que Hope tenha sido assassinada por causa de alguma coisa em sua vida particular... Aquelas equimoses em seu braço me levam de volta a Seacrest. E/ou Cruvic, porque é bem provável que ele andasse se divertindo com Hope. O problema é que não consigo chegar perto de nenhum dos dois... e também não consigo ter uma imagem definida de Hope. Apenas opiniões divergentes... ela era a Grande Salvadora das Mulheres, ou era uma manipuladora que odiava os homens. Nada sobre... sua essência.

— Um dos problemas é que não há nenhuma família além de Seacrest — comentei. — Ninguém para falar sobre seu desenvolvimento... sua infância, como ela era fora do papel profissional.

— Tudo o que sei da infância dela é que foi criada naquela cidadezinha agrícola... Higginsville. Pais falecidos, não tinha irmãos. E se tinha parentes distantes, deviam ser muito distantes, porque ninguém se apresentou depois do assassinato.

Ele entrou no carro.

— Ainda assim — falei —, a ausência de família não significa falta de história de família. Eu podia ir a Higginsville. Numa cidade pequena, alguém deve se lembrar dela.

— Claro — respondeu ele, sem entusiasmo. — vou ligar para a polícia local, avisar sobre sua ida e pedir que lhe deem acesso aos arquivos. Quando você quer ir?

— Pode ser amanhã mesmo.

Ele fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Vista-se para o calor, é uma região agrícola. Não cultivam alcachofras ou algo parecido por lá?

13

Robin e eu saímos para jantar naquela noite. Por volta das oito, ela já estava relaxando na banheira, enquanto eu estava estendido em um sofá no escritório, relendo as transcrições do comitê de conduta. Numa atitude atípica, Spike optara por ficar comigo. Devia ser pelo cheiro persistente do filé. Estava com a cabeça em meu colo, roncando. O ritmo era soporífico, e o diálogo furioso começou a se tornar indistinto.

Não descobri mais nada ali, fiquei sonolento e percebi que era hora de parar.

O telefone tocou no instante em que larguei as transcrições. Spike levantou-se bruscamente, saltou do sofá e correu latindo para o aparelho ofensor.

— Doutor, aqui é Joyce, do seu serviço de recados. Há uma mulher na linha parecendo transtornada. Uma tal de Mary Farney.

A mulher que eu conhecera no Centro de Saúde da Mulher, em Santa Monica. A mãe aflita de Chenise.

— Pode passar a ligação, por favor.

Uma voz estridente disse: — Alô?

— Aqui é o dr. Delaware. Em que posso ajudá-la, Mrs. Farney?

— O senhor me deu seu cartão... no centro. Disse que eu podia... Trabalha para a polícia, não é?

— Isso mesmo. Qual é o problema, Mrs. Farney?

— Eu... eu sei quem foi.

— Quem foi o quê?

— Quem matou a dra. Devane.

A minha sonolência foi-se instantaneamente.

— Quem foi?

— Darrell. E agora ele vai matar o dr. Cruvic, talvez já tenha matado, não sei, talvez eu devesse ter ligado diretamente para a polícia, mas eu... o senhor...

— Que Darrell?

— Darrell... Oh, Deus, como sou capaz de esquecer seu sobrenome, ele está sempre por aqui. É o último namorado de Chenise... Darrell Ballitser. Foi ele, tenho certeza.

— Como sabe?

— Porque ele odiava a dra. Devane... e o dr. Cruvic também. Pelo que eles fizeram.

— O aborto de Chenise?

— Esta noite ele apareceu aqui, furioso e drogado, gritando. Saiu com

Chenise. Disse que ia até lá para acabar com ele!

— O dr. Cruvic?

— Isso mesmo. Ele levou Che...

— Ele foi para a clínica?

— Não. Disse que tinha passado por lá e já estava fechada, o que o deixou ainda mais furioso...

— Para onde ele foi, Mrs. Farney?

— Para o outro consultório do dr. Cruvic. Em Beverly Hills. Tentei impedi-lo de levar Chenise, mas ele me empurrou... e acho que está armado, pois vi uma faca. Chenise não tem...

Eu a deixei na espera, liguei para a polícia, avisei que o problema era em Beverly Hills e fui transferido para a central de atendimento de lá.

— Civic Center Drive? — disse a telefonista de Beverly Hills. — É bem perto de nós. Dá até para ir a pé.

— É melhor ir correndo.

Desliguei e liguei para a casa de Milo. Secretária eletrônica. Liguei para a delegacia, depois para o celular, onde consegui falar com ele.

— Acabo de deixar o Club None — informou —, e adivinhe o que...

— Emergência, Milo — interrompi e relatei a história de Darrell Ballitser.

— A mulher diz que ele odiava Hope e Cruvic pelo aborto de Chenise. Provavelmente foi o filho dele que abortaram.

— A polícia de Beverly Hills já está a caminho?

— Já.

— Certo, eu também... Não seria incrível? Uma porção de teorias e no final é um garoto maluco.

— Ela disse que Darrell já passou pela clínica, mas talvez você queira alertar a polícia de Santa Monica assim mesmo. Cruvic costuma trabalhar lá à noite e poderia estar a caminho.

— Certo. Agora, pegue o telefone e endereço da mulher e descubra todos os detalhes que puder enquanto ela se mostra ansiosa em ajudar.

— Claro — respondi.

Mas quando voltei à linha, ela não estava mais lá.

Liguei para meu serviço de recados, a fim de verificar se Mary Farney deixara um número. Não deixara. A lista telefônica da zona oeste de Los Angeles só tinha uma pessoa chamada Farney: primeira inicial M, na Brooks Avenue, em Venice. Parecia quase certo que fosse ela, mas ninguém atendeu. Ou ela me telefonara de outro lugar, ou saíra de casa em seguida.

Anotei o número, troquei-me e fui ao banheiro. Robin continuava na água. Disse a ela que precisava sair e expliquei o motivo.

— Tome cuidado, querido.

— Não se preocupe. — Inclinei-me para beijá-la no rosto. — Dá para ir a pé da delegacia.

A polícia de Beverly Hills mandara três radio-patrulhas. Pude ver as luzes piscando do Santa Monica Boulevard. O acesso oeste para a Civic Center Drive estava bloqueado por um cavalete, e um guarda uniformizado acenou para que eu me afastasse, no acesso leste, perto do Foothill. No momento em que eu ia fazer a volta, Milo surgiu da escuridão e disse ao guarda para me deixar passar.

Estacionei a vinte metros da clínica de Cruvic. Antes de eu saltar, um veículo parou ao meu lado. Uma van branca grande, de uma rede de TV. Uma loura platinada com um ar frenético saltou como se pulasse de paraquedas de um avião em movimento, parou, olhou ao redor, fez sinal para um técnico de som e um câmera. Permaneci no Seville, enquanto os três corriam para a clínica de Cruvic, a repórter gesticulando.

Pararam de novo quando viram Milo.

Ele balançou a cabeça e lhes fez sinal para seguirem em frente, depois se aproximou de mim. Usava o mesmo terno cinza, com que fora ao escritório de Kenneth Storm, mas substituíra a camisa e a gravata por uma camiseta também cinza. Sua ideia do traje em voga entre os frequentadores dos bares de Los Angeles. A luz vermelha da radiopatrulha mais próxima lhe proporcionava um rubor intermitente e seus olhos pareciam ávidos.

— O que está acontecendo? — perguntei.

— Suspeito sob custódia.

— Foi bem rápido.

— O terrível Darrell vem a ser um garoto esquelético com péssimos reflexos. Pegou Cruvic saindo da garagem ao lado do prédio, enfiou uma faca pela janela e mandou ele descer. Cruvic empurrou a porta com toda a força, o que derrubou Darrell. Arrancou a faca da mão dele e estava enchendo o garoto de porrada quando a polícia de Beverly Hills apareceu.

— E Chenise?

— Se é uma lourinha numa blusa vermelha, estava na calçada gritando, e a levaram para a delegacia junto com Darrell. Eu disse aos caras daqui que ele é suspeito no assassinato de Devane, para abafar o caso, mas é óbvio que alguém descobriu. Disseram que eu posso falar com ele assim que cuidarem da papelada. Falou de novo com a mãe?

— Ela não estava mais na linha. Deve morar em Venice.

Outra van da imprensa chegou ao local. E mais outra.

— O banquete dos abutres — resmungou Milo. — Vamos até lá para ver como está nosso herói.

A porta de metal corrediça da garagem estava aberta e o Bentley Turbo prateado, parado metade dentro e metade na calçada. A porta do motorista continuava aberta, a luz do teto iluminava bancos de couro pretos, detalhes cromados e madeira lustrada.

Mas sem motorista. Cruvic estava parado ali perto, de terno preto e suéter de gola rulê, também preto, falando com um guarda uniformizado e esfregando os nós dos dedos. Uma radio-patrulha branca e preta deu ré e virou à esquerda, fazendo a volta pelo estacionamento municipal.

O guarda sorriu para Cruvic, que retribuiu, flexionou o pé e apontou para o Bentley.

O guarda foi sentar ao volante, levou-o até a esquina, deixou-o parado ali.

Quando voltou, Cruvic apertou sua mão, depois a de um segundo guarda. Sorrisos de camaradagem masculina por toda parte. Depois, Cruvic viu os repórteres e disse algo aos guardas.

Enquanto os guardas mantinham os microfones a distância, Cruvic saiu correndo, de cabeça baixa, na direção do Bentley. Milo e eu conseguimos alcançá-lo no instante em que estendia a mão para a maçaneta.

— Boa noite, doutor — disse Milo.

Cruvic virou-se bruscamente, como que pronto para se defender outra vez. O suéter preto era justo sobre o peito largo. Ele tornou a esfregar os nós dos dedos.

— Olá, detetive Sturgis.

— Uma noite e tanto.

Cruvic olhou para a mão e sorriu.

— Machucada? — perguntou Milo.

— Dói um tanto, mas um pouco de gelo e anti-inflamatórios resolverão o problema. Ainda bem que eu não tenho nenhuma cirurgia marcada para amanhã.

Ele entrou no Bentley. Milo colocou-se entre a porta aberta e o carro.

— Um lindo automóvel.

Cruvic deu de ombros.

— Já tem quatro anos. Apresenta alguns problemas, mas de um modo geral funciona muito bem.

— Podemos conversar um pouco?

— Sobre o quê? Já dei meu depoimento à polícia de Beverly Hills.

— Sei disso, doutor, mas se não se importa...

— Para ser franco, eu me importo. — Um sorriso. — Foi um dia difícil desde o início, e agora isso para fechar. — Ele tornou a olhar para a mão e enfiou-a no bolso.

— Tenho de pôr gelo antes que inche.

— Senhor...

— Sinto muito — disse Cruvic, balançando a cabeça de um lado para o outro —, mas tenho de cuidar da minha mão.

Ele virou uma chave dourada na ignição e o Bentley pegou no mesmo instante, com um barulho quase inaudível. Uma música country-rock saiu pelos alto-falantes. Travis Tritt cantando sobre P-R-O-B-L-E-M-A-S. Cruvic aumentou ainda mais o volume e engrenou o Bentley.

Milo permaneceu no mesmo lugar. O pessoal da imprensa se aproximava.

Cruvic tirou o pé do freio e o carro começou a andar, a porta pressionando as costas de Milo. Ele se afastou rápido, e Cruvic fechou a porta.

— Quando podemos conversar?

Os olhos enviezados de Cruvic se contraíram. — Ligue para mim amanhã.

Enquanto o Bentley avançava devagar, os guardas abriram caminho para sua passagem.

Darrell Ballitser era mesmo esquelético. Um metro e oitenta e dois, cinquenta e três quilos, segundo o policial que fez sua ficha. Dezenove anos, nascido em Hawaiian Gardens, vivia atualmente em um quarto individual de um albergue na parte mais pobre da cidade.

Estava sentado na sala de interrogatório da polícia de Beverly Hills segurando um copo de papel com refrigerante. O terceiro copo. O rosto era comprido e estreito, a cabeça raspada, cheia de caroços. Um bigode e um cavanhaque louros eram pouco mais que uma penugem. Os olhos azuis injetados, que não conseguiam se definir como duros ou apavorados, não se fixavam em parte alguma.

Uma tatuagem azul de uma Harley-Davidson marcava o ponto em que a nuca se encontrava com as omoplatas. Outra inscrição proclamando DIVERSÃO! era uma mancha magenta no bíceps direito. V-I-D-A nos dedos da mão direita, M-O-R-T-E nos da esquerda. Vida e morte. CHENISE em letras góticas, azuis e vermelhas, em toda a largura do pescoço. O colete branco largo estava sujo, assim como o jeans, que um cinto largo de couro preto mal conseguia segurar. Duas argolas numa orelha, três na outra.

Uma no nariz. A natureza fornecera decorações adicionais: manchas vermelhas de acne, tão casuais quanto ferimentos de espingarda de chumbo, no rosto, costas e ombros.

Cruvic contribuíra com um olho roxo, lábio cortado, queixo esfolado, maxilar inchado.

Ele se balançava na cadeira, alcançando tanta mobilidade quanto permitia a mão algemada à mesa presa ao chão. Não o haviam algemado a princípio, mas ele gritara, se debatera e tentara agredir Milo.

Milo estava sentado à sua frente, sereno, quase entediado. Ballitser tomou o resto do refrigerante amarelado e doce. Terminara de comer duas rosquinhas açucaradas, fornecidas por uma jovem detetive esguia e morena, Angela Boatwright, mastigando com dificuldade, cada ato de engolir assinalado pela subida e descida de um pomo-de-adão do tamanho de uma ameixa.

Boatwright era jovial, a pele excessivamente queimada de sol, o ritmo de falar de uma surfista, tênues sardas e olhos claros, o corpo firme de uma corredora e mãos um pouco grandes demais. Usava um conjunto de calça e casaco preto, meias e sapatos baixos pretos. Quando estava com Ballitser, parecia mais compadecida do que desdenhosa, uma irmã mais velha resignada, mas longe do garoto se referia a ele como "um merdinha lamentável".

Do outro lado do vidro espelhado, ela tomava café, recostada na cadeira, mexendo as mãos. Levara quase uma hora para concluir a papelada de Ballitser. Fiquei surpreso com a facilidade com que Boatwright e seu parceiro, um careca chamado Hoppey, entregaram o controle a Milo. Talvez ela lesse meus pensamentos, porque ao entrarmos na sala, comentou: — Nós o fichamos por tentativa de agressão, mas o assassinato tem precedência. Por sorte aquele médico tinha presença de espírito.

Havia uma cópia do histórico criminal de Ballitser na mesa de imitação de madeira que estava entre nós. Pouca coisa: apenas a anotação de um registro sigiloso de delinquência juvenil e vinte multas de estacionamento não pagas.

— Risco ocupacional — explicou Milo. — Quando trabalha, Darrell é mensageiro.

— De carro ou motocicleta? — eu perguntei.

— As duas coisas.

Milo me deu um sorriso cansado, e eu compreendi o que ele pensava: Todo esse tempo gasto com outro idiota?

No momento, Milo estava conversando com o rapaz: — Vou arrumar um advogado para você, Darrell, queira você ou não.

Não houve resposta.

— Darrell?

Ballitser amassou o copo de papel e jogou no chão.

— Há algum advogado em particular que você queira que eu chame?

— Porra...

Milo começou a se levantar.

— Porra.

— Porra sim, ou porra não?

— Porra não.

— Porra não para um advogado?

— Porra sim.

Ballitser tocou no maxilar.

— A aspirina ainda não fez efeito, hein?

Não houve resposta.

— Darrell?

— Porra.

Angela Boatwright espreguiçou-se.

— E o que se poderia chamar de solo de uma nota só.

Milo levantou-se e veio até a sala de observação.

— Quantos defensores públicos você tem à disposição?

— Todos estão ocupados neste momento — respondeu Boatwright. — Já estamos usando a lista de advogados particulares há algum tempo, os caras compadecidos do Wilshire Boulevard prestando serviço público. Encontrarei alguém.

Mais dois refrigerantes, um hambúrguer com batatas fritas e duas idas ao banheiro mais tarde, um advogado de expressão infeliz chamado Leonard Kasanjian apareceu na delegacia, com uma pasta de pele de avestruz pequena demais para conter muita coisa. Tinha cabelos pretos compridos penteados para trás, uma barba de cinco dias e óculos muito pequenos, de armação de peltre, na frente de olhos escuros resignados.

Usava um terno de gabardine verde-oliva, camisa castanho-amarelada xadrez, gravata marrom e dourada pintada à mão, mocassins de camurça marrom. Quando ele se aproximou, Boatwright sorriu e sussurrou: — Tirei-o do Le Dome.

— Ei, Angela! — exclamou ele, com uma súbita animação. — Está no comando esta noite? Como vai...

— Boa noite, Mr. Kasanjian — disse ela num tom duro, e o sorriso do advogado desapareceu. — Deixe-me falar sobre seu cliente.

E deu a ele as informações, que escutou e no final comentou: — Parece mais do que evidente.

— Talvez para você.

— Mr. Ballitser — disse Kasanjian, pondo sua pasta sobre a mesa. O garoto deu um soco na pasta com a mão livre, derrubando-a no chão. Kasanjian pegou-a, e fez de conta que limpava a lapela. Sorrindo, mas com os olhos furiosos.

— Mr. Ballit...

— Vá se foder!

— Bem, nós vamos transferi-lo para o centro — disse Milo. — E metê-lo numa cela de segurança máxima.

Kasanjian olhou para a ficha do rapaz.

— Ouviu isso... Darrell?

Ballitser continuou a se balançar, os olhos fixos no teto.

— Vão levá-lo para a cadeia do condado, Darrell. Vou visitá-lo amanhã cedo. Não fale com ninguém até lá.

Nada.

Depois de algum tempo: — Porra.

Kasanjian balançou a cabeça de um lado para o outro e levantou-se. Ele e Milo se encaminharam para a porta. Ballitser disse: — Capo!

Os dois se viraram.

— O que foi, filho? — perguntou Kasanjian.

Silêncio.

— Capo? — repetiu Kasanjian. — Um carro?

— Porra! — explodiu o garoto, espirrando saliva para todos os lados e esperneando com fúria.

— Calma, Darrell — disse Kasanjian.

Ballitser bateu com o punho na mesa.

Seus olhos se deslocaram para a porta, o tronco tremeu e se contraiu, os músculos se definiram por baixo da pele estragada, como um diagrama anatômico desgastado.

— Porra! Capoo!

— Cap... — começou Kasanjian.

— Capoo! Capoo! Foi por isso, porra, foi por isso!

Kasanjian parecia aturdido.

— Tente se acalmar, Darrell.

Ele virou-se para Milo.

— É evidente que ele precisa de tratamento psiquiátrico, detetive. Estou apresentando um pedido formal para que providencie imedia...

— Capoo! Capooo!

Ballitser torceu o corpo, bateu com o punho no próprio peito, chutou a cadeira e bateu várias vezes na mesa presa ao chão.

— Capo é o motivo? — indagou Milo.

— A porra do motivo!

— Por que não gosta do dr. Cruvic?

— Um filho da puta!

— Capo?

— Um filho da puta! Foi ele quem fez, porra!

O garoto começou a chorar, depois começou a arranhar o rosto.

Milo segurou-o, manteve-o imóvel. O rosto marcado de Darrell se contorcia em agonia.

— Foi Cruvic quem fez — murmurou Milo, gentil.

— Feeez!

— Ele fez a porra, Darrell.

— Feeeez!

— Com Chenise.

— Feeez! Capooo! Como a porra de uma cachorra.

Ballitser apertou a mesa, ofegante.

— Chenise — disse Milo.

Ballitser esticou o pescoço o bastante para provocar um torcicolo. Ergueu a mão livre, suplicante. Não havia nada de agressivo no gesto. Milo chegou mais perto.

— Diga-me, filho.

Lágrimas jorraram dos olhos do garoto.

— Está tudo bem, filho, pode me contar.

O corpo magro de Darrell tremia.

— O que ele fez, filho?

Darrell estendeu a mão. Agitou-a. Os olhos moviam-se freneticamente. — Ele capou a minha garota! Capou ela como se fosse uma cachorra!

Vinte minutos mais tarde, depois de conferenciar com seu cliente, Kasanjian saiu sorrindo.

— Tenho agora minha circunstância atenuante.

Angela Boatwright voltava da sala dos detetives com um copo de café.

— Ei, Angie — chamou-a —, obrigado por me encaminhar o cliente. E foi muito bom eu ter que interromper meu encontro pessoal.

— Sempre fico satisfeita em ajudar.

Os dois lançaram sorrisos fulminantes um para o outro.

— Onde está Chenise? — perguntou Milo.

— No final do corredor.

— Algum sinal da mãe?

— Ainda não — respondeu Boatwright. — E ninguém atende na casa.

— Se a mãe teve algo a ver com a operação, pode estar temendo pela própria segurança — comentei.

— Que operação? — indagou Boatwright. — O que está acontecendo?

— Seu médico herói está metido em esterilização involuntária — informou Kasanjian.

— O quê?

— Há sete meses o dr. Cruvic fez um aborto em Ms. Chenise Farney. O filho era de meu cliente. Mas meu cliente não teve conhecimento prévio do procedimento, nem foi consultado, apesar do fato de Ms. Farney ser menor,

deixando meu cliente como o único adulto responsável pelo bebê.

— Adulto? — repetiu Boatwright. — Você deve estar brincando.

— Para agravar a situação — continuou Kasanjian —, o dr. Cruvic não se satisfez com um aborto: esterilizou a garota sem avisá-la. Ligou suas trompas. Uma menor, sem consentimento válido. E adivinhem o que mais, pessoal? Mr. Ballitser me informou que a dra. Devane aconselhou Chenise, mas nunca lhe disse que seria esterilizada. Portanto, é óbvio que houve uma conspiração. Significando que seu herói não é nenhum escoteiro e seu comportamento antiprofissional é sem dúvida um fator da maior importância no que ocorreu esta noite. Agora, caso estejam presumindo que Mr. Ballitser teve alguma relação com o assassinato da dra. Devane, devo insistir que apresentem as provas imediatamente ou libe...

Milo interrompeu-o com um aceno de mão e virou-se para Boatwright.

— Vamos conversar com a garota.

— Isso, vamos — concordou Kasanjian.

— Desculpe, mas vai ser uma conversa só para a polícia — disse Milo.

Kasanjian mexeu a boca sem emitir nenhum som. Abotoou o paletó.

— Detetive, se ela tem o potencial de...

— Não esta noite, Len — interrompeu Boatwright.

Ela empurrou os cabelos para trás enquanto falava. Deu a impressão de já ter dito aquilo antes. Empinou um quadril e estalou a língua. O advogado pegou sua maleta.

— Façam como quiser. Mas se resolverem indiciar Ballitser, mesmo que seja por algo insignificante, como tentativa de agressão, vamos chegar à garota no instante seguinte.

Antes que ele se retirasse, Boatwright perguntou: — Vai mesmo ficar com o caso?

— Por que não?

— É bom vê-lo finalmente se envolver.

Depois de dez minutos com Chenise, Milo estava dizendo: — Ainda não entendi direito, meu bem. Sabia o que o dr. Cruvic ia fazer ou não?

A garota balançou a cabeça, desesperada. Usava um jeans preto muito justo, uma blusa vermelha rendada, botas pretas com solas vermelhas, um lenço vermelho como cinto. A maquiagem era pesada e esbranquiçada, como na ocasião em que eu a vira na sala de espera, mas os reflexos rosados nos cabelos haviam sido substituídos por uma larga mecha preta bem no meio da cabeça, o que a fazia parecer um gambá de cores invertidas. Uma expressão atordoada, sem nada do coquetismo que ela exibira na sala de espera da clínica. Passou a maior parte do tempo chorando, limitando seu discurso a murmúrios e frases de

duas palavras.

— Darrell sabia? — perguntou Milo.

Isso a fez erguer a cabeça.

— Onde está Darrell?

— A caminho da cadeia, Chenise. Ele se meteu numa tremenda encrenca. Os lábios tremeram, e ela coçou o braço.

Milo estava sentado ao seu lado, inclinado, uma das mãos no encosto da cadeira de Chenise, a outra em cima da mesa. Ele se aproximou ainda mais, e a garota se desviou dele.

— Chenise — murmurou ele —, não estou dizendo que você também está encrencada. Apenas Darrell. Até agora.

Não houve reação.

— Talvez você possa nos ajudar. Talvez possa ajudar Darrell.

Mais choro.

Angela Boatwright adiantou-se e pôs a mão no ombro ossudo da garota.

— Quer que eu vá buscar alguma coisa para você, meu bem?

Chenise ficou com a boca entreaberta, enquanto pensava na oferta. Os dentes tortos eram cor de caramelo, os lábios, rachados.

Ela coçou o rosto com um polegar curto, depois a mecha preta, em seguida o braço de novo.

— Um sanduíche, Chenise? — acrescentou Boatwright. — Ou um refrigerante?

— Chocolate? — pediu a garota, num fio de voz.

— Claro. Qual você prefere?

— Hum... Mounds?

— Certo. E se não tiver, o que eu trago?

— Hum... Krackel?

— Você adora chocolate, hein?

E sorriu para a garota, que confirmou com a cabeça. Outro toque em seu ombro fez Chenise arriar na cadeira.

— Volto num instante, meu bem.

Depois que a porta se fechou, Chenise afastou-se mais um pouco de Milo. Ele olhou para mim.

— Quer dizer que você e Darrell se conheceram na escola — eu disse.

Ela confirmou com a cabeça.

— Vocês estudavam na mesma sala?

— Hum-hum.

— Não eram da mesma sala?

Negou com um movimento de cabeça.

— Mas se conheceram ali.
— É.
— Onde Darrell estava?
— Saindo.
— Saindo da escola?
Confirmou com um aceno de cabeça.
— Ele concluiu o curso?
Um aceno de cabeça.
— Formou.
— Darrell se formou, mas você continuou a estudar.
Um aceno de cabeça.
— Lembra onde era a escola, Chenise?
— Hã-hã.
— Onde?
— North Bower.
— É uma rua?
Negou com um movimento de cabeça.
— Escola. No fundo.
— No fundo da North Bower School — murmurei. — Que tipo de curso era?
Isso pareceu confundi-la.
— Que tipo de coisas você aprendia na escola?
— Troco.
— Troco?
Um aceno de cabeça.
— Trocar como?
— Uma nota de um dólar.
— Ah, sim, como fazer troco.
Um aceno de cabeça.
— E outras coisas? — perguntei.
— Hã-hã.
— Por exemplo?
Ela deu de ombros.
— Se lavar. — Ela tocou atrás de uma orelha, e um brinco de metal no formato de um raio balançou para a frente e para trás. — Comida.
— Que tipo de...
— Comida — repeti.
Balançou a cabeça em um 'sim' enfático.
— Fazer comida?
— Comprar comida saudável.

— O curso era chamado de HVC?

— Era! — Um sorriso entusiasmado.

— Habilidades da Vida Cotidiana — expliquei para Milo.

Era um programa para jovens parcialmente deficientes patrocinado pelo Estado e extinto havia seis meses.

— Hei de viver com coragem — disse Chenise. — Também é isso.

Ela piscou os olhos com excesso de rímel, tocou na barriga firme e branca, comprimiu um joelho contra o outro, depois afastou-os um pouco.

— Então Darrell terminou o HVC — murmurei.

— Hã-hã.

— E vocês se conheceram na escola.

Confirmou com um aceno de cabeça.

— Ele arrumou um emprego — contou com orgulho.

— De Mensageiro Rápido.

— Ele tinha um quarto.

— Seu próprio quarto?

— É. — Ela piscou para mim. Passou a língua pelos lábios. — Macipado.

Levei um momento para entender.

— Darrell foi emancipado?

Um aceno de cabeça.

— Darrell foi um menor emancipado?

A frase completa passou por Chenise sem registrar.

— Emancipado — repeti.

Os olhos dela se contraíram. — Ele pegava Darrell.

— Quem pegava?

— Lee. O namorado dela.

— O namorado da mãe de Darrell o pegava? — indaguei, inseguro, sem saber se ela queria dizer 'pegar' no sentido de surra ou de abuso sexual.

— É.

— Como?

— Com um cinto.

— Então Darrell fugiu e foi emancipado.

Um aceno de cabeça.

— Quando?

— Não sei.

— Deve ter sido há algum tempo, porque ele tem dezenove anos agora. Ela deu de ombros e tornou a passar a língua pelos lábios. Boatwright voltou com uma barra de Krackel.

— Aqui está, meu bem.

A garota tirou o papel, hesitante, deu uma mordida no canto e disse: — Devagar.

— Como? — indagou Boatwright.

— Coma devagar, não engasgue.

— Excelente conselho — comentei. — Ensinam isso no HVC?

— Chegue na hora, guardanapo no colo... seu sorriso é sua... — testa franzida — ...sua maneira?

— Bandeira? — corrigi.

— É!

— Mais alguma coisa?

— Hã-hã. —

Outra piscadela.

— O quê, por exemplo?

— Sexo seguro é vida.

Essa frase foi recitada num tom mais profundo, mais autoritário. Ela deu uma risadinha.

— O que é, Chenise?

Uma risada mais firme. Sorriso malicioso. Várias piscadelas. Ela esfregou o chocolate contra os dentes da frente, deixou-os marrons, lambeu em seguida.

— Sexo... seguro — repetiu ela, incapaz de parar de rir.

— O que significa sexo seguro? — perguntei. Risinhos.

— Camisinha. Darrell não gosta. — Revirando os olhos.

— Não?

— Menino muito malvado — disse ela, apontando com o dedo. Ela riu mais um pouco. Tocou na barriga.

— Quando soube que estava grávida? — indaguei.

Ela ficou séria. Deu de ombros e mordeu mais um pedaço do chocolate. Repeti a pergunta.

— Não desceu. E eu vomitei. — Deu outra risadinha. — Mamãe disse: "Ah, não, merda!"

Rindo.

— Então ela levou você ao dr. Cruvic.

Ela confirmou com um aceno de cabeça.

— E explicou por quê?

Silêncio. Subitamente, ela baixou a cabeça, tornou a tocar na barriga. Inclinei-me para a frente e falei baixinho: — O que sua mãe lhe disse sobre o dr. Cruvic, Chenise?

Silêncio.

— Ela disse alguma coisa?

Um aceno de cabeça longo e lento.
— O quê?
— Você sabe — respondeu.
Sorri para ela.
— Pode me dizer, Chenise?
— Você sabe.
— Não sei mesmo.
Deu de ombros.
— Borto.
— Ela disse a você que o dr. Cruvic faria um aborto.
— Hã-hã.
— Falou com alguém antes do aborto?
Um aceno de cabeça.
— Com quem?
— Ela.
— Ela quem?
— Dra. Vane.
— A dra. Devane?
— É.
— E o que a dra. Devane disse a você?
— Bom para mim.
— Concordou com isso?
Não houve resposta.
— Você achou que o aborto era bom para...
— Precisei — disse ela, a voz límpida. Os olhos também estavam límpidos. Purificados pela raiva.
— Precisou achar que era bom para você?
Fez que 'sim', com firmeza.
— Por que, Chenise?
— Mamãe disse.
— Sua mãe disse que você precisava...
— "Você não pode criar ela, sua idiota, e eu não vou criar nenhum bastardo!"
Ela me fitou com desafio, depois baixou a cabeça e começou a brincar com o papel do chocolate. Tornou a estender a mão para a barriga. Isso me lembrou de uma coisa... A moça negra na sala de espera da clínica se comportara da mesma maneira.
— Quer dizer que sabia que ia fazer um aborto?
Não houve resposta.
— Cheni...

— Hã-hã.

— E sabia também que o dr. Cruvic ia fazer alguma outra operação?

Silêncio. Depois um ligeiro movimento de cabeça negativo.

— Ele fez outra operação?

Não houve resposta. Ela empurrou para longe a barra de chocolate, que caiu da mesa.

Milo pegou-a, revirou-a entre os dedos grossos. Angela Boatwright se mantinha no canto, os olhos alertas.

— E então, Chenise? — insisti.

A garota puxou para baixo a bainha rendada da blusa. Enfiou a mão por baixo da renda, começou a massagear a barriga.

— O dr. Cruvic fez mais alguma coisa com você, Chenise?

Silêncio.

— A dra. Devane lhe disse que o dr. Cruvic ia fazer mais alguma coisa?

Silêncio.

— A dra. Devane pediu que você escrevesse seu nome em algum lugar?

Um sinal afirmativo com a cabeça. Ela lambeu os lábios e limpou-os com o dorso da mão. Deslizou para o lado na cadeira, deixando o corpo numa posição inclinada, meio desajeitada.

— Chenise...

— Capou.

Ela resmungou baixinho, balançou a cabeça, como que ao ritmo de uma música.

— Capou — repeti.

Ela tossiu e fungou.

— O que significa capou, Chenise?

— Como uma cachorra.

— Quem lhe disse isso, Chenise?

Ela começou a responder, depois seus lábios se comprimiram. A mão continuou a esfregar a barriga, movendo-se sobre o umbigo em círculos rápidos. Parando, beliscando a pele, depois recomeçando.

Ela mudou de posição, esticou-se. Tornou a arriar na cadeira. Ainda esfregando a barriga. Esfregando o umbigo... o ponto de entrada para a ligadura das trompas.

— Quando você acordou do aborto — falei —, havia um curativo em alguma parte do seu corpo?

A mão parou. Os dedos pequenos afundaram na pele branca da barriga. A blusa subiu, revelando as costelas acima do abdome branco e encovado. Abruptamente, a outra mão bateu no púbis, ali ficando.

— Aqui — disse ela, arqueando a pélvis.

Depois se empertigou e arqueou as costas, projetando o umbigo para a frente.

— E aqui.

Ela comprimiu os dois locais, grunhindo.

— Doía muito. Peidava o dia inteiro.

— Cólicas — murmurou Boatwright.

— Quando descobriu que o dr. Cruvic tinha feito mais do que um aborto?

— Mais tarde.

— Quando?

Um dar de ombros.

— Quem lhe disse?

— Mamãe.

— O que ela disse?

— "Vai, trepa quanto quiser, não importa, demos um jeito em você, não vai ter mais bastardo nenhum!"

Rimel escorrendo, os olhos faiscando de raiva.

— Eu fiquei capada.

Ela olhou para mim, depois para Milo, depois para Angela Boatwright. Sentou, pegou a barra de chocolate, recomeçou a comer. Depois que acabou, ficou olhando para o papel, desolada.

— Quer outro, meu bem? — perguntou Boatwright.

— Ponsabilidade — murmurou a garota.

— Responsabilidade? — indaguei.

— Com crianças.

— Crianças são uma grande responsabilidade?

Confirmou com a cabeça.

— Quem lhe disse isso?

— Mamãe. "Ela".

— Quem é "ela"?

— Dra. Vane.

— O que significa "responsabilidade", Chenise?

Ela torceu a boca.

— Chegar na hora.

— Mais alguma coisa?

Ela pensou um pouco.

— Se lavar, dizer por favor. — Um sorriso largo. — Sexo seguro.

Chenise olhou para Boatwright e acrescentou: — Tem um chocolate Three Musketeers?

— Vou ver — respondeu Boatwright, e deixou a sala outra vez.

— Quer dizer que sua mãe e a dra. Devane falaram sobre responsabilidade — falei.

— Hum-hum.

— Não falaram?

— Não antes.

— Não antes da operação?

— Hum-hum.

— Então sobre o que falaram?

— Borto. Aqui tem uma caneta.

— Uma caneta para assinar... para escrever alguma coisa?

Confirmou com a cabeça.

— O quê?

— Isto. — Ela fez uma série de anéis no ar. — Sei fazer. — Olhando para a minha caneta esferográfica.

Estendi-a, junto com um papel. Chenise mordeu a língua, debruçou-se sobre a mesa e por fim produziu uma sucessão de picos e vales. Dei uma espiada. Indecifrável.

Ela começou a guardar a caneta no bolso, parou, deu uma risadinha e devolveu-a.

— Pode ficar — ofereci.

Ela olhou para a caneta, recusou-a com a cabeça. Peguei-a.

— Então escreveu seu nome para a dra. Devane.

— É.

— Antes da operação.

— É.

— Mas ela não falou sobre responsabilidade antes da operação?

— É.

As mãos de Chenise baixaram de novo para as áreas da cirurgia.

— É — repetiu ela, quase como um rosnado. — Cachorra! Dor e gás. Peidava o dia inteiro. Capada... como uma...

14

Telefonei para Robin às onze horas, avisando que estava bem e chegaria tarde em casa.

— Saiu no noticiário — informou ela. — E já começaram a fazer a ligação com Hope.

Passei a informação para Milo e Boatwright. Ele praguejou e ela disse: — Deve ter sido Kasanjian, o idiota. Fala sempre do programa Justiça na TV, quer aparecer num grande caso.

Mary Farney apareceu pouco depois da meia-noite, usando um vestido curto de raiom amarelo, meias pretas e sapatos dourados de salto alto. Pálida devido à maquiagem pesada, com sombra marrom, hálito de álcool e hortelã. A voz era tão estrangulada que imaginei mãos apertando seu pescoço.

— Ela está bem? — perguntou.

— Está, sim — respondeu Milo, franzindo as sobrancelhas. — Há bastante tempo que tentamos localizá-la.

— Fiquei tão assustada que saí de casa. Fui à casa de uma amiga. Avaliei seu traje.

Pronta para a celebridade?

— Onde ela está? Quero vê-la.

— Só mais um instante, Mrs. Farney.

— Ela está encrencada?

— Não fizemos nenhuma acusação contra ela.

— Mas podem fazer? — Ela segurou a manga de Milo.

— Não, não, não liguei para que isso acontecesse... ela... ela não compreende nada!

— Preciso lhe fazer algumas perguntas.

— Já falei com... — Ela cobriu a boca com a mão.

— Já falou com quem?

— Apenas algumas pessoas... lá fora.

— Fora da delegacia? Repórteres?

— Só uns poucos.

Milo forçou um sorriso e perguntou: — O que disse a eles, Mrs. Farney?

— Que Darrell era um assassino. Que ele matou a dra. Devane.

Boatwright revirou os olhos.

— E é mesmo — ela insistiu. — Ele tinha uma faca!

— Está certo — disse Milo. — Vamos até uma sala para conversar.

— Sobre o quê?

— Chenise.

— O que tem ela?

— Vamos até a sala.

Ela sentou na beira da cadeira, correu os olhos pela sala despojada com evidente desdém.

— Café? — perguntou Milo.

— Não. E não sei por que tenho de ficar aqui. Não fiz nada!

— Apenas algumas perguntas. Chenise diz que foi levada ao dr. Cruvic para um aborto, mas ligaram suas trompas sem avisar.

— Ah, não, não vai me acusar agora! Ela está inventando histórias, sabe mentir como ninguém, acredite!

— Ela foi esterilizada?

— Foi! Mas sabia de tudo! Expliquei tudo a ela, e os outros também!

— Os outros?

— Doutores, enfermeiras. Todo mundo.

— Doutores... — repetiu Milo. — Está se referindo ao dr. Cruvic e à dra. Devane?

— Isso mesmo.

— O dr. Cruvic efetuou a cirurgia. Qual o papel da dra. Devane?

— Conversar com ela. Aconselhar. Para que Chenise pudesse compreender. Ela só está dizendo isso agora para salvar aquele desgra...

— A dra. Devane fez mais alguma coisa além de conversar com Chenise?

— Como assim?

— Realizou um exame físico completo?

Hesitação.

— Não. Por que deveria?

— Tem certeza?

— Eu... eu não passei o tempo todo na sala.

— Quem viu Chenise depois da cirurgia?

— Eu... provavelmente o dr. Cruvic e sua enfermeira, eu acho.

— A senhora acha?

— Foi de noite. Trabalho durante o dia. Fui buscá-la mais tarde. Ela estava vomitando, ainda grogue. Deixou meu carro todo sujo.

— Certo — disse Milo, recostando-se na cadeira. — Então isso aconteceu no Centro de Saúde da Mulher, em Santa Monica.

— Claro.

— Quem a encaminhou para lá?

Ela mudou de posição na cadeira, puxou um cílio.

— Ninguém. Todo mundo sabe o que fazem ali.

— Abortos e esterilizações?

— Isso mesmo. E daí?

— Chenise sabia o que fizeram?

— Claro que sabia.

— Ela diz que não.

— Essa é boa. Ela tem problemas de atenção, está sempre em outro mundo. — Olhou para mim: — Distúrbio de atenção. Além de todo o resto. Qual é o problema? Esterilização simples e rápida. No dia seguinte ela já estava andando.

— Ela disse que teve cólicas — interveio Boatwright.

— E daí? É algo demais? Você também não tem cólicas todo mês? Ela teve cólicas e gases, ficou... com gases o dia inteiro. E achava engraçado. Soltava bem alto. Não se importava, até que ele se meteu. Moleque idiota! Como se pudesse se tornar um pai! Certo! Dizendo a ela que foi capada. Chenise nem mesmo sabia o que a palavra significava. Já disse que não foi nada demais. Bum, bum. Os gases ocorrem porque enchem a gente até aqui... — ela tocou em sua região púbica — ...para poder ver o que há lá dentro. Depois abrem pelo umbigo, e bum, acaba num instante. Como eu disse, ela estava andando no dia seguinte.

— Parece que a senhora conhece outras mulheres que já fizeram isso — comentou Angela Boatwright.

Mary Farney olhou fixamente para ela, a atitude defensiva dando lugar a uma raiva intensa.

— E daí se conheço?

Boatwright deu de ombros.

— Também já fiz, certo? — acrescentou Farney. — O dr. Cruvic disse que era perigoso eu ter outra criança, por causa do meu organismo. Algum problema, moça? Tenho sua permissão?

— Claro — murmurou Boatwright. Mary Farney sacudiu a mão para ela.

— O que você sabe? Depois que Chenise nasceu e finalmente concluíram que ela não seria normal, o pai me abandonou. Tem filhos, moça?

— Não, senhora.

O sorriso de Farney era presunçoso. — Não deixe Chenise lhe dizer que não sabia, porque ela sabia. Assinou o consentimento. E tudo por causa daquele idiota, convencendo-a de que podiam ser papai e mamãe. Parece até que a criança era dele.

— E não? — perguntou Milo.

— Quem sabe? É esse o problema. Mesmo que fosse dele, e daí? Ele consegue ler como um garoto do segundo ano primário. Talvez. Seria capaz de cuidar dela e de um bebê?

— Chenise sabe ler? — perguntei.

— Um pouco.

— Em que nível?

Pausa.

— Há algum tempo que não faço um teste com ela.

— Mas ela assinou o formulário de consentimento — ressaltou Milo.

— Expliquei o que era, e ela assinou.

— Ah...

Farney pôs as mãos nos quadris.

— O senhor tem filhos?

Milo balançou a cabeça em negativa.

— Ninguém tem filhos — disse ela. — Talvez eu seja a única doida aqui. E o senhor?

— Não — respondi.

Ela riu. — Posso fumar?

Sem esperar por uma resposta, ela tirou um maço de Virgínia Slims da bolsa e acendeu um.

— Quando foi a última vez em que verificaram o QI de Chenise? — perguntei.

— Quem sabe? Provavelmente na escola.

— Provavelmente?

— Acha que eles me contam o que fazem? Tudo o que fazem é arquivar papéis, fazendo uma pasta desta grossura.

Ela abriu os braços.

— Qual foi o resultado do último teste de QI de Chenise? — insisti.

— Pensa que ela não é bastante esperta para compreender? Pois vou lhe dizer uma coisa: sou a mãe dela e garanto que é capaz de compreender. Quando dou cinco dólares para ir fazer compras e ela pede dez, compreende muito bem. Quando chega tarde em casa e dá desculpas, também compreende. Quando Darrell ou algum outro safado diz esteja pronta a tal hora, e ela vai para a porta antes do tempo, compreende muito bem. Certo? Só há algumas coisas que ela não compreende. Certo?

— Que coisas? — indagou Boatwright.

— Por exemplo, como limpar o quarto. Como ficar de calcinha.

A risada de Mary Farney foi brutal.

— Chenise é como um ímã, os garotos farejam ao seu redor desde que tinha onze anos. Ela anda daquele jeito, pisca um olho. Tenho falado até não poder mais durante todos esses anos, tentando fazê-la compreender para onde isso leva. Ela apenas sorria, empinava os peitos, como que dizendo: olhe o que eu tenho, já

sou uma mulher. Até que ela saiu e provou que era mesmo.

Ninguém disse nada.

— Eu a amo, certo? Antes de começar a menstruar, ela era uma doce menina. Mas agora só tenho preocupação. com a Aids e todas essas coisas. Mas agora tenho uma coisa a menos com que me preocupar. — Outra risada.

— Talvez ela devesse estar encrencada com vocês. Talvez seja melhor deixá-la na cadeia. Porque tenho certeza de que não poderei impedi-la de trepar. E quem vai me ajudar quando ela ficar com Aids de tanto trepar?

Mais silêncio.

— Vocês acham que ela é capaz de cuidar de uma criança? Por isso tratei de protegê-la da melhor maneira que eu sabia, e ela compreendeu muito bem... Sabem o que ela me disse um dia? Sobre homens? Estávamos sentadas no carro, ela me deu aquele sorriso, e compreendi que era encrenca na certa. O que é, Chenise, perguntei. E ela disse: gosto quando os homens suam, mãe. É mesmo? E ela respondeu, gosto quando suam entre as pernas. Quase engasguei, pois ela só tinha treze anos. E depois ela perguntou: quer saber por que eu gosto, mãe? Eu disse: por que, Chenise? E ela respirou fundo, abriu um sorriso enorme e disse: eu gosto porque tem um gosto bom.

Pouco depois da uma da madrugada Chenise foi entregue à custódia mal-humorada da mãe.

Darrell Ballitser foi transferido para a cadeia do condado.

Milo, Boatwright e eu assistimos a uma reprise do noticiário das onze na delegacia de Beverly Hills. A loura irrequieta, lendo o texto com um sorriso presunçoso.

Uma imagem a distância de Cruvic entrando no Bentley. A história: médico de Beverly Hills se esquiva do ataque de um skin-head enfurecido, a raiva de Darrell atiçada pela "esterilização não autorizada de sua namorada. A polícia investiga uma ligação entre a tentativa de agressão e o assassinato ainda não esclarecido da psicóloga feminista dra. Hope Devane, que teria trabalhado com o dr. Cruvic. Agora as últimas informações sobre o acidente de trânsito na zona leste de Los Angeles..."

Milo desligou o aparelho de TV.

— É melhor agora providenciar o mandado judicial antes que os sanguessugas da mídia acampem no albergue em que Darrell vive. Obrigado, Angela.

— Disponha — respondeu ela. — Vê Ballitser como assassino de Devane?

— Ele admite ter ido atrás de Cruvic, mas nega qualquer relação com o caso de Devane.

— Talvez porque com Cruvic seja uma tentativa de agressão, enquanto com

Devane é homicídio. E ele anda sempre de bicicleta.

— Vou verificar a bicicleta e o quarto dele, talvez descubra mais alguma coisa. Obrigado de novo.

— De nada. Além dos babacas ricos atirando nos pais, não temos muita coisa excitante por aqui.

A Center Civic Drive estava vazia de novo, a porta de aço bem fechada. Milo parecia cansado, mas andava depressa. Resolvi perguntar: — Mesmo correndo o risco de ser repetitivo, que ligação poderia haver entre Darrell e Mandy Wright?

— É exatamente esse o problema. E na escala de QI, Darrell faz Kenny Storm parecer um Einstein. Por isso, não conto com resultados por esse lado. E há mais uma coisa, o que eu ia lhe dizer sobre o Club None: uma garçonete que trabalhava ali também foi morta. Quatro dias antes de Mandy ser assassinada em Las Vegas.

— Esfaqueada da mesma maneira?

— Não. Estrangulada na viela no fundo do prédio, às quatro da madrugada, depois do fechamento. A garota se chamava Kathy DiNapoli. Foi deixada atrás da caçamba de lixo, as pernas abertas, blusa rasgada, calcinha baixada. Mas não houve penetração. Talvez tenha sido mesmo um crime sexual, mas o cara foi interrompido ou não conseguiu penetrar. Ou talvez alguém quisesse dar a impressão de que era um crime sexual. Sei que o modus operandi foi diferente e que aquela parte da Sunset tem a sua cota de crimes. Mas quatro dias? O barman não soube dizer se Kathy serviu Mandy, mas ela estava trabalhando na hora em que ele acha que viu Mandy.

— Então Kathy pode ter sido eliminada porque viu Mandy com alguém. Mas, por outro lado, o fato de ela ter sido assassinada primeiro indica que o assassino já sabia o que ia fazer muito antes.

— Isso mesmo, Alex. Um estrategista.

— Não Darrell.

Ele riu: — Decididamente o Club None não é a área de Darrell. Estamos falando de caçadores e caçadoras, muitos pelos e dentes. Mas, por outro lado, com o que temos até agora ririam de mim se eu tentasse argumentar na promotoria que o caso de DiNapoli faz parte do pacote. E o garoto tinha um motivo, além do fato de ter ameaçado Cruvic com uma faca.

— Do mesmo tipo da que foi usada contra Hope e Mandy?

— Parecia do tamanho certo... bem-afiada... mas há muitas assim. Vamos ver se o pessoal do laboratório pode dizer alguma coisa. Torço para que a turma da divisão central chegue antes de todo mundo ao pulgueiro de Darrell. Talvez se encontre alguma coisa ali.

— Ainda quer que eu vá a Higginsville? — perguntei.

— Claro. Por que não? Afinal esse negócio de esterilização é mais um daqueles pequenos compartimentos, e eu gostaria de saber por que em público Hope era a Miss Controle Seu Próprio Corpo, mas se mostrava disposta a ser a companheira nas esterilizações de Cruvic. O que você acha? Chenise sabia o que estavam fazendo com ela?

— Talvez em algum nível indistinto... se foi informada. Mas com a sua inteligência, um consentimento genuíno seria duvidoso. E fazê-la assinar o formulário de consentimento foi irrelevante, porque ela é analfabeta.

— Obrigado, mamãe.

— E mesmo assim, será que Mrs. Farney estava errada ao pressionar pelo procedimento? Vamos deixar a mídia e os comentaristas se divertirem com esse problema. Como ela disse, não temos filhos e é ela quem tem de conviver com a promiscuidade de Chenise. Não resta a menor dúvida de que Cruvic e Hope deveriam ter pensado duas vezes, mas havia muito incentivo. Novecentos dólares por aborto, outros novecentos pela ligadura, mais os honorários de Hope e outras despesas.

— Mais de dois mil dólares por uma hora de trabalho. Nada mau.

— E é bem provável que ele tenha efetuado diversos outros procedimentos naquela noite.

— Talvez os dois fossem sócios e Hope recebesse uma parte maior... servindo de apoio nas operações em menores. Com toda a renda do livro, ela pode ter encoberto esses pagamentos.

— E se Mandy de alguma forma estivesse relacionada com isso... — comentei. — Talvez Cruvic fosse o médico dela, e eles se tornaram amigos. Talvez ela tenha levado outras pacientes... garotas de programa, dançarinas. Há um grande índice de abortos nessas áreas.

— E muitos inimigos em potencial. Mas por que Mandy foi morta?

— Ela descobriu alguma coisa que não deveria, ou se meteu com alguém.

— Mas nesse caso por que ela e Hope morreram, enquanto Cruvic vai para casa pôr a mão no gelo?

Eu não tinha resposta.

— Quaisquer que sejam os detalhes específicos — falei —, já temos provas concretas de que Cruvic infringia as regras. Talvez tenha sido por isso que ele se afastou da Universidade de Washington. Sendo assim, quem é que sabe o que mais ele fez para deixar alguém furioso?

— Por exemplo?

— Ter se metido com alguém mais inteligente do que Darrell. Ele e Hope juntos. E de alguma forma Mandy estava envolvida.

— Mas ainda temos o mesmo empecilho: as duas morreram, enquanto ele... Por falar nisso, você achou que ele parecia assustado esta noite?

— Não, mas talvez seja vaidoso demais para o seu próprio bem. Ou realmente não percebe que há alguém por aí à espera do momento certo para despachá-lo... o grande prêmio.

— Um assassino paciente?

— Se você estiver certo em relação a Kathy DiNapoli — eu disse —, muito paciente.

Ele apertou os lábios com o polegar e o indicador.

— O que é? — indaguei.

— A forma que o caso está assumindo. Espera, espreita, planos a longo prazo. Aqueles ferimentos. Uma maldita coreografia.

15

— Alcachofras? — disse o frentista. — Não está falando de Castroville, bem depois de Monterey?

Ele tinha as pernas tortas e era barrigudo, careca no alto da cabeça, com uma trança castanha e dentes quase dessa cor. Rindo, ele repetiu "Alcachofras", limpou o para-brisa e recebeu minha nota de vinte dólares.

Saí da Route 5 para abastecer pouco depois de Grapevine, onde o tráfego entope de repente, como uma mangueira de água obstruída, e o engavetamento de cinquenta carros é a regra quando há nevoeiro. Aquela manha estava quente e abafada, mas a visibilidade estava ótima.

Voltei à autoestrada e continuei para o norte. O mapa indicava que Higginsville ficava um pouco a oeste de Bakersfield e ao sul de Buena Vista Lake. A cerca de cento e sessenta quilômetros de Los Angeles e seis ou sete graus mais quente. A terra era plana como o Meio-Oeste, campos verdes por trás de quebra-ventos proporcionados por imensos eucaliptos. Morangos, brócolis, alfafa, alface, tudo lutando para sobreviver no ar impregnado do cheiro de gasolina.

Um desvio para uma estrada de pista dupla subia na direção de regiões montanhosas cheias de pequenos ranchos e barracas fechadas à beira da estrada. Depois descia para uma bacia seca, onde encontrei uma placa que dizia HIGGINSVILLE, POP. 1.234, sobre um emblema enferrujado do Rotary. As letras estavam quase apagadas, e o limão de metal laminado no topo, corroído.

Passei por uma fileira de carvalhos e por um leito de córrego coberto de limo. Em seguida, pelo estacionamento de um centro de recreação fechado e por um estábulo meio destruído com uma placa rachada no telhado dizendo TRAJES WESTERN. Depois de um terreno vazio ficava a rua principal, de dois quarteirões, o Lemon Boulevard, com construções térreas: mercearia/café, loja de armarinho, um bar, uma igreja.

Milo me ligara naquela manhã para avisar que a lei local era um xerife chamado Botula.

A delegacia ficava no final da rua, um prédio rosa, com uma velha radiopatrulha Ford verde estacionada na frente.

Lá dentro, uma loura oxigenada corpulenta e bonita, que parecia jovem demais para votar, estava sentada atrás de um balcão baixo, de frente para uma mesa telefônica, lendo atentamente. Atrás dela, um hispânico de pele muito escura, num uniforme caqui, estava debruçado sobre uma mesa de metal.

Também havia um livro aberto à sua frente. Não parecia muito mais velho do que a garota.

Uma sineta sobre a porta retiniu e os dois levantaram os olhos. Ele se ergueu, exibindo cerca de um metro e oitenta de altura. Tinha a pele lisa, na cor da noz-moscada, e uma boca asteca larga. Os cabelos pretos eram lisos, finos, bem curtos nos lados, repartidos de forma impecável, e os olhos eram amêndoas queimadas, extremamente atentos.

— Dr. Delaware? Xerife Botula.

Ele veio até o balcão, abriu o trinco de uma porta de vaivém e estendeu a mão quente e firme.

— Esta é Judy, nossa subxerife, administradora e despachante.

A garota lançou-lhe um olhar de você-deve-estar-brincando, e ele sorriu.

— E também minha esposa.

— Judy Botula.

Ela fechou o livro e veio até mim. Li o título na capa: Elementos fundamentais da coleta de provas.

— Vamos entrar — disse Botula. — Nós fizemos algum trabalho preliminar antes de sua chegada... na verdade, foi Judy quem fez.

— Nada de espetacular — comentou Judy Botula.

— Somos novos aqui, ainda estamos nos adaptando — acrescentou o marido. Passei para trás do balcão, sentei numa cadeira ao lado da mesa.

— Há quanto tempo se mudaram para cá?

— Há dois meses — respondeu Botula. — Cada um fica meio expediente aqui, partilhamos o emprego.

Havia uma vassoura encostada numa parede e ele a guardou atrás de um arquivo. As paredes estavam vazias, sem os habituais cartazes de "procura-se". O assoalho estava muito limpo, embora bem gasto.

Judy trouxe sua cadeira para perto de nós. Era quase tão alta quanto o marido, com ombros largos e seios grandes, o peso extra devia-se tanto aos músculos quanto à gordura. Usava uma blusa branca de tricô, jeans, tênis e um distintivo no cinto.

Os olhos eram de um azul profundo, dramáticos, um pouco desaprovadores.

— Nós dois nos formamos no programa de justiça criminal na Universidade Estadual de Fresno — explicou ela. — Queríamos entrar para a academia do FBI, mas está competitiva demais, então achamos que cerca de um ano de experiência não faria mal algum. Não que as coisas por aqui sejam emocionantes.

— São agradáveis e tranquilas — comentou o marido.

— Para dizer o mínimo. — Botula sorriu e disse: — E nos dá tempo para

estudar. Mas sobre esse caso de homicídio que vocês estão investigando... ouvimos algo a respeito e hoje deram mais uma notícia... uma prisão.

— Provavelmente uma pista falsa — declarei.

— Foi o que o detetive Sturgis disse... Um psicólogo trabalhando em casos de homicídio... isso está se tornando muito comum em Los Angeles?

— Não. Às vezes eu trabalho com o detetive Sturgis, só isso.

— Eu me interesso muito por psicologia, planejo entrar na Unidade de Ciência do Comportamento, depois que formos para Quantico. Já fez o perfil de algum assassino serial?

— Não.

Ele assentiu com a cabeça, como se eu tivesse dado uma resposta afirmativa.

— Uma coisa muito interessante. Mas o que está fazendo nesse caso?

— Tentando descobrir o máximo possível sobre a dra. Devane.

— Porque ela também era psicóloga?

— Acima de tudo porque não sabemos quase nada a respeito dela.

— Faz sentido... Muito bem, aqui está o que fizemos até agora... Depois que falamos com o detetive Sturgis, achamos que a melhor maneira de descobrir algo sério era: A) verificar os registros da cidade, B) os registros escolares e C) entrevistar os moradores mais antigos. Mas todos os registros foram encaixotados e despachados para Sacramento há dez anos, e ainda não conseguimos localizá-los. E as escolas fecharam mais ou menos na mesma ocasião.

— Aconteceu alguma coisa há dez anos?

— Aconteceu, sim — respondeu Judy. — A cidade morreu. Como tenho certeza de que pôde constatar. Havia aqui plantações de limoeiros, com uns poucos trabalhadores nativos, mas com a maioria de temporários. Todas as lojas pertenciam às companhias que exploravam as plantações. Há dez anos uma grande geada acabou com os limoeiros e tudo o que sobrou teve fim com as pragas ou algo parecido. Os trabalhadores temporários foram embora, seus acampamentos fecharam e as grandes companhias compraram terras em outros lugares, em vez de replantarem. Os moradores locais dependiam dos migrantes, e por isso muitos deles também foram embora. Pelo que sei, os restantes tentaram criar atrações turísticas... como barracas de frutas, coisas assim, mas não durou muito, pois estamos muito longe dos grandes centros urbanos.

— Passei por uma placa que indicava que mil e duzentas pessoas vivem aqui.

— A indicação está correta, só que a placa é antiga. Nossa contagem aproximada é de trezentos habitantes, e uma boa parte é de pessoas que só vêm no verão para pescar no lago. Todos os moradores permanentes têm empregos em outros lugares. A exceção é de algumas mulheres que dirigem as lojas no

Lemon, mas mesmo assim seus maridos trabalham longe daqui. Quase todos são idosos, por isso não temos muitas crianças. As poucas restantes fazem o curso primário em Ford City, depois vão para a Bakersfield High School. Portanto, não temos escolas.

Hope estudara em Bakersfield, o que indicava que já naquele tempo era uma cidade parada.

— Em termos de pessoas idosas que viviam aqui quando sua vítima era uma criança, a maioria parece ter morrido, mas descobrimos uma mulher que pode ter sido professora dela quando havia uma escola aqui. Pelo menos tem idade suficiente para isso.

— Pode ter sido?

— Ela não chega a ser exatamente um bom material para uma entrevista. — Ele tocou na têmpora. — Talvez seja bom o fato de você ser psicólogo.

Judy acrescentou: — Poderíamos ir com você, mas é bem provável que isso atrapalhe em vez de ajudar.

— Tiveram problemas com ela?

— Fomos visitá-la ontem — informou Botula. — Não foi o que se poderia chamar de um encontro produtivo.

— Para dizer o mínimo — emendou Judy.

Ela franziu as sobrancelhas e tornou a se virar para a mesa telefônica. Nenhuma luz piscara desde que eu entrara ali.

Botula saiu comigo.

— Judy acha que a hostilidade da mulher foi por causa da questão racial... nosso casamento.

— E você não pensa assim?

Ele levantou os olhos para o sol e pôs óculos escuros.

— Não sei o que leva as pessoas a fazerem certas coisas. Seja como for, ela se chama Elsa Campos e mora na Blossom... à esquerda, na próxima esquina.

Minha surpresa o fez sorrir. — Quando eu disse racial, você presumiu que ela fosse de origem inglesa?

— Presumi.

— É lógico. Mas pessoas são pessoas. O endereço é Blossom, número oito, mas nem precisa olhar, vai saber quando chegar lá.

A Blossom Lane não tinha calçadas, apenas faixas marrons invadidas pelo mato que margeava o caminho esburacado. Havia alguns limoeiros ali, ofuscados por enormes eucaliptos prateados. Por ali também não se podavam árvores.

O lado norte da rua era ocupado por casas; o sul, por um campo seco. Os números de um a sete eram chalés de aluguel em vários estágios de abandono. A

casa de Elsa Campos era maior, um bangalô de sequoia de dois andares, com uma varanda com tela ladeada por dois imensos cedros. A terra ao redor era uma crosta dura, em que não crescia nenhuma vegetação. Uma tela de grossos fios de aço entrelaçados, com dois metros de altura, cercava a pequena propriedade. A placa de CUIDADO COM O CACHORRO na tela se tornava irrelevante pela matilha de cerca de vinte animais, latindo, pulando e uivando, no lado de dentro.

Havia terriers, spaniels, um doberman castor, vira-latas de todos os tipos e tamanhos e uma coisa preta e enorme, parecendo um urso, que ficou para trás, farejando a terra.

O barulho era ensurdecedor, mas nenhum deles parecia feroz — ao contrário, abanavam o rabo, deixavam a língua para fora, e os cães menores saltavam alegremente contra a cerca.

Desci do Seville. O barulho aumentou, e alguns cachorros recuaram, correram para a frente e pularam contra a cerca.

Havia pelo menos duas dúzias, todos bem-cuidados e com boa saúde. Mas com tantos animais assim, havia limites para a manutenção, e pude sentir o cheiro do quintal muito antes de alcançar o portão.

Não havia campainha, nem fechadura apenas um trinco comum. Os cães continuavam a latir e pular, vários enfiavam o focinho nos buracos da tela. Dava para ver montes de excremento no terreno árido, como se fossem pequenos formigueiros, mas um raio de três metros em torno da casa fora limpo, as marcas do ancinho ainda visíveis.

Estendi a mão, com a palma para baixo, na direção de um dos spaniels, que a lambeu.

Depois a língua de um retriever passou pelo buraco e lambeu meus dedos. O doberman se aproximou, olhou, se afastou. Outros cães começaram a competir pelo espaço para enfiar a língua, e o portão tremeu. Mas a grande criatura preta continuava lá atrás.

Enquanto eu me perguntava se devia ou não entrar, a porta da frente da varanda foi aberta e uma senhora de blusão rosa e jeans saiu, segurando uma vassoura.

Os cachorros se viraram e correram para ela.

— Mas que coisa! — disse ela, depois enfiou a mão no bolso e jogou punhados de alguma coisa pela terra suja.

— Procurem!

Os cachorros se espalharam e começaram a farejar freneticamente por todo o quintal.

A cena parecia saída de um dos primeiros desenhos animados da Warner Brothers.

Ela se virou para mim e aproximou-se, arrastando a vassoura pelo chão.

— Oi — falei.

— Oi. — Isso soou como um arremedo. Contraindo os olhos, ela me inspecionou. Cerca de um metro e setenta, magra, cabelos pretos presos numa trança que ia até a cintura; rosto pálido, faces encovadas que pareciam tão sujas quanto o quintal; mãos morenas, secas como garras, as unhas grossas e amareladas. No blusão estava escrito RENO!

Tênis brancos se destacavam no final das pernas finas.

O enorme cachorro preto se aproximou, com um andar lento e ondulante, tão peludo que não se viam os olhos. Sua cabeça batia na cintura da mulher, e a língua parecia uma bolsa de água quente.

— Esqueça, Leopold — disse a mulher, numa voz meio rouca. — Vá procurar os petiscos, como os outros.

O cachorro inclinou a cabeça, da mesma maneira que Spike, fitando-a com olhos melodramáticos.

— Nada feito, Leopold. Procure!

Ele esfregou a cabeça volumosa no cinto da mulher. O que me lembrou uma coisa — o mastim de Mrs. Green. Aquela era minha semana para senhoras e cachorros enormes.

Um gemido profundo saiu da boca peluda. Dava para ver músculos firmes sob a pelagem preta.

A mulher olhou para os outros cães, que ainda procuravam. Meteu a mão num bolso do jeans, tirou outro punhado de fragmentos de biscoito canino, da cor de noz-moscada.

— Procure! — exclamou ela, jogando-os.

Os outros cachorros no quintal vieram correndo, mas o enorme cão preto permaneceu no mesmo lugar. Depois de outro olhar rápido ao redor, a mulher tirou um biscoito inteiro do bolso e se apressou em enfiá-lo na boca da fera.

— Muito bem, Leopold, agora ande.

O animal afastou-se lentamente, mastigando satisfeito.

— É alguma espécie de cão pastor? — perguntei.

— Bouvier des Flandres. Belga. Pode acreditar que alguém o abandonou?

— Deve ser quente por baixo daquela pelagem.

— Eles são resistentes — disse ela, com um olhar desconfiado. — E protetores também.

— Tenho um buldogue francês. É muito menor, mas tem o mesmo jeito.

— Como assim?

— Sou o máximo. Alimente-me.

O rosto da mulher permaneceu impassível.

— Buldogue francês... são aqueles pequenos, de orelhas grandes? Nunca tive nenhum. É seu único cachorro?

Confirmei com a cabeça.

Pois eu tenho vinte e nove. Contando com os três doentes lá dentro.

— Abandonados?

— Isso mesmo. Alguns eu peguei em canis públicos, outros recolhi nas ruas. Ela farejou o ar. — O cheiro está ruim. Está na hora de espalhar a enzima... tenho uma nova substância química que dissolve o cocô. Mas quem é você e por que veio me procurar?

— Fui informado de que era professora aqui, Ms. Campos.

— Quem lhe disse isso?

— O xerife Botula e sua...

Ela fungou. — Aqueles dois. O que mais lhe disseram? Que sou a maluca da cidade?

— Apenas que poderia me ajudar a encontrar informações sobre uma mulher que cresceu aqui. Infelizmente ela foi assassinada, e a polícia de Los Angeles me pediu para...

-— Assassinada? De quem está falando?

— Hope Devane.

Isso tirou toda a cor de seu rosto. Ela olhou para os cachorros e quando tornou a me encarar sua expressão era uma mistura de inocência destruída e pessimismo confirmado.

— O que aconteceu com ela? Quando?

— Alguém a esfaqueou na frente de sua casa há três meses.

— Onde?

— Los Angeles.

— Era de imaginar. Diga uma coisa: ela virou médica por acaso?

— Era psicóloga.

— Quase a mesma coisa.

— Ela pretendia ser médica? — perguntei.

Ela olhou para um ponto atrás de mim, para o outro lado da rua, para o campo seco e vazio. Tocou nas faces, puxou a pele, esticando-a, e por um momento vi uma mulher mais jovem.

— Assassinada. Isso é incrível. Alguma ideia de quem foi?

— Não. É um caso sem solução até agora. É por isso que a polícia vem tentando descobrir tudo o que pode a respeito dela.

— E pediram a você para vir até aqui.

— Isso mesmo.

— Fala sobre a polícia na terceira pessoa. Significa que não é da polícia? Ou

você é pomposo mesmo?

— Também sou psicólogo, Ms. Campos. E às vezes trabalho para a polícia como consultor.

— Pode provar isso?

Mostrei minha credencial. Ela a examinou.

— Eu só queria ter certeza de que não é um repórter. Desprezo-os porque fizeram uma reportagem sobre meus cachorros e me descreveram como maluca.

Ela tocou no queixo pontudo.

— A pequena Hope. Não vou afirmar que me lembro de todos os meus antigos alunos, mas ela eu recordo muito bem. Vamos entrar.

Ela se encaminhou para a casa, deixando-me abrir o portão para mim mesmo. O Bouvier estava quase no fundo da propriedade, mas virou-se no instante em que puxei o trinco e correu em minha direção.

— Deixe-o em paz, Lee — disse Elsa Campos. — Não o coma. Por enquanto.

Eu a segui pela varanda até uma sala escura cheia de móveis ordinários e tigelas de comida. Prateleiras com objetos de cerâmica e vidro, o cheiro de pelo úmido e antissépticos. O relógio de cuco acima da lareira não parecia nada suíço.

A sala era pequena, a cozinha ficava a três passos de distância. Ela me disse para sentar e foi até lá. No balcão havia um secador de cabelo, vários tubos de xampu para cães, um forno de micro-ondas e uma casinha de plástico para transportar cachorros. Dentro dela havia uma coisa pequena e branca, completamente imóvel. Em cima, ampolas, seringas de plástico, rolos de atadura.

— Olá! — disse Elsa Campos, enfiando um dedo pela porta de arame. O cachorrinho estendeu a língua e se lamuriou. Ela o acariciou por um instante.

— A pequena Shih Tzu, um ano de idade. Alguém rachou sua cabeça com um pedaço de pau, paralisou as pernas traseiras e largou-a numa pilha de lixo. As pernas infeccionaram. Quando a encontrei, era um saco de ossos, o canil público já ia sacrificá-la. Ela nunca será normal, mas vamos ambientá-la. Leopold cuidará disso. Ele é o chefe da matilha. E é bondoso com as criaturas fracas.

— Isso é ótimo.

Pensei subitamente em Milo, com seu rosto sisudo, sobrancelhas escuras, olhos brilhantes, movimentos vagarosos.

— Quer beber alguma coisa?

— Não, obrigado.

Sentei numa poltrona coberta com uma capa cinza e afundei nas almofadas de plumas muito macias. Em cada lado do cuco havia fotos desbotadas de

paisagens. As cortinas eram de chenille marrom, as lâmpadas no lustre estavam cobertas de poeira. Ela tirou uma cerveja de uma velha geladeira.

— Preocupado em contrair alguma coisa porque tenho um zoológico em casa? — Ela abriu a cerveja, tomou um gole. — Pois é um zoológico limpo. Não posso evitar o cheiro, mas só porque recolho animais feridos e abandonados, isso não significa que gosto de viver na sujeira, não é mesmo?

— Claro.

— Então diga isso àqueles dois.

— Os Botula?

— Os Botula — repetiu, arremedando. — Monsieur e Madame Sherlock. Ela riu. — Na primeira semana aqui, eles circularam por toda parte naquele carro velho dado pelo condado, como se tivessem alguma coisa para fazer. Como Dragnet... mas provavelmente você é muito jovem para se lembrar disso.

— Talvez quisessem conhecer os fatos, como na série...

Seu sorriso foi mais breve que um piscar de olhos.

— Que tipo de fatos haveria aqui! O mato cresceu mais cinco centímetros? Que tal mandar amostras para o FBI? — Ela tomou outro gole da cerveja. — Que dupla. Circulando para cima e para baixo, para baixo e para cima. Na primeira vez em que passaram por aqui, viram meus cachorros brincando no quintal, pararam, saltaram, começaram a sacudir o portão. Nem é preciso dizer que os bichos ficaram muito agitados. Eu tinha um retriever dourado com três pernas naquele tempo, e ele gostava um bocado de latir, uma tremenda sinfonia.

Ela tornou a sorrir: — Saí de casa para verificar o que estava acontecendo e deparei com os dois, tentando contar quantos eram, por escrito. Depois ela me olhou de alto a baixo e ele começou a recitar o código de saúde... uma quantidade maior do que tanto e tanto no mesmo lugar e você precisa de uma licença de canil.

Eu entrei, não quis mais conversa com eles desde então. Eles vão embora muito em breve, como aconteceu com os outros.

— Quantos outros já passaram por aqui?

— Perdi a conta. O condado os manda de Fresno para passar um ano nesta terra esquecida. Não tem ação, não tem McDonald's, não tem TV a cabo, isso os leva à loucura, e tratam de cair fora na primeira oportunidade. — Ela riu outra vez, mas logo voltou a ficar séria. — A geração dos cinquenta canais. Que Deus ajude os animais e tudo mais quando eles assumirem o controle.

Ela olhou para a cadela branca na casinha.

— Não se preocupe, meu bem. Daqui a pouco você estará correndo com os melhores.

Sacudiu a cabeça, balançando a trança, e continuou: — Pode imaginar

alguém querendo fazer mal a uma coisinha tão inofensiva?

— Não. E tão inconcebível quanto assassinato.

Ela se empertigou, pôs a mão no balcão, largou a cerveja, pegou uma ampola de remédio.

Depois de ler o rótulo, deixou-a em cima do balcão, veio para a sala. Puxou uma cadeira de vime toda arrebentada, sentou, firmou os calcanhares no chão de linóleo.

— Hope, assassinada. Sabe o que os gregos faziam com os portadores de más notícias?

Ela passou um dedo pela garganta.

— Espero que não seja grega.

Ela sorriu.

— Para sua sorte, não sou. Dava aulas sobre os gregos a todas as minhas turmas, mas não da maneira habitual... não ensinava que eram refinados e nobres, que tinham uma mitologia espetacular e que criaram os Jogos Olímpicos. Costumava ressaltar que se pode ser refinado e exteriormente nobre e ainda assim fazer coisas imorais. Porque os gregos foram brutais com todos os outros povos com os quais entraram em contato, quase tanto quanto os romanos. Não ensinam mais moral na escola, exceto como fazer sexo sem morrer. O que eu acho ótimo, pois que chance você tem de fazer qualquer coisa boa neste mundo se está debaixo de sete palmos de terra? Mas deveriam abordar também outras coisas... O que espera descobrir de mim?

— Alguma coisa sobre os antecedentes de Hope que ajude a explicar sua morte.

— Por que seus antecedentes explicariam qualquer coisa?

Os olhos pretos fixaram-se nos meus, penetrantes como os de um falcão.

— Há algumas indicações de que ela pode ter sido maltratada quando adulta. Às vezes isso se relaciona com maus-tratos na infância.

— Maltratada como?

— Fisicamente. Tratada de maneira rude, machucada.

— Ela era casada?

— Era.

— Com quem?

— Um professor de história, alguns anos mais velho.

— Foi ele quem maltratou Hope? '"

— Não sabemos.

— Ele é suspeito do assassinato?

— Não.

— Não mesmo? Ou ainda não?

— É difícil dizer. Não há indícios contra ele.

— Um professor e uma psicóloga — disse ela, fechando os olhos, como se tentasse imaginar.

— Hope também era professora. E havia se destacado como pesquisadora.

— O que ela pesquisava?

— A psicologia das mulheres. Papéis sexuais. Autocontrole.

A última informação fez com que se encolhesse, e me perguntei por quê.

— Entendo... Conte-me exatamente como ela foi morta.

Resumi as circunstâncias do assassinato, falei sobre o livro de Hope e a excursão de divulgação.

— Parece que ela era mais do que uma pessoa de destaque. A impressão é de que era mesmo famosa.

— Durante o ano passado foi, sem dúvida.

Ela inclinou a cabeça para trás uns três ou quatro centímetros, e os olhos pretos se apertaram. Senti-me como uma espiga de milho avaliada por um corvo.

— Mas o que a infância de Hope tem a ver com isso? — indagou ela.

— Estamos verificando tudo que possa ter algum significado.

Ela me olhou fixamente.

— Famosa... É o que ganho por não ler os jornais nem assistir à caixa de bobagens. Parei com as duas coisas há anos... Interessante.

— O que é interessante?

— Ela ficar famosa. Quando se tornou minha aluna, Hope era tímida, não gostava sequer de ler em voz alta. Tem uma foto dela quando adulta?

— Não.

— E uma pena, eu adoraria ver. Ela era atraente?

— Muito.

Enquanto eu descrevia Hope, seus olhos se enterneceram. — Era uma linda criança... e não posso deixar de pensar nela como uma criança. Uma criança loura. Os cabelos eram quase brancos... abaixo da cintura, as pontas cacheadas. Grandes olhos castanhos... Mostrei como fazer tranças de todos os tipos, dei a ela um livro com diagramas como presente de formatura.

— Formatura do primeiro grau?

Ela confirmou com a cabeça, distraída. O cuco saiu do relógio e cantou uma vez.

— Hora do remédio — declarou ela, levantando-se. — Tenho outros dois no quarto ainda piores do que Shih Tzu. Um collie atropelado por um caminhão e um mestiço de beagle sufocado até ficar inconsciente e abandonado num campo para morrer.

Ela foi até a cozinha, encheu duas seringas, desapareceu por uma porta nos

fundos.

Continuei sentado na sala escura, até que ela voltou, com uma expressão sombria.

— Problemas?

— Ainda estou pensando em Hope. Não pensei muito nela durante todos esses anos, presumi que estivesse bem, mas agora tenho seu rosto bem aqui. — Ela bateu com um dedo no nariz. — Obrigada por animar o dia de uma velha.

— Presumia que ela estivesse bem — repeti. — Significa que se preocupava com a possibilidade de ela não estar?

Ela tornou a sentar e riu. — Você é mesmo psicólogo.

Os olhos dela se voltaram para o relógio e ali se mantiveram por algum tempo.

— Não se lembra de todos os seus alunos, mas não a esqueceu — ressaltei. — O que fazia com que ela se destacasse?

— A inteligência. Fui professora durante quarenta e oito anos, e ela foi uma das crianças mais inteligentes que passaram por minhas mãos. Talvez a mais inteligente. Pegava as coisas num instante. E estudava com afinco. Algumas pessoas talentosas não são assim, como tenho certeza de que sabe. Não fazem nenhum esforço, acham que o mundo se curva para elas. Mas Hope também se esforçava ao máximo. E não por causa do seu ambiente familiar.

A pele em torno dos olhos pretos se contraiu.

— Não?

— Não — repetiu ela, mas dessa vez não era um arremedo. — Não por causa. Apesar dele.

Ela tornou a se levantar.

— Tem certeza de que não quer beber nada?

— Eu aceitaria um refrigerante.

Ela abriu a porta da geladeira, pegou outra cerveja e uma lata de refrigerante sabor laranja.

— Pode ser este?

— Claro.

Ela abriu as duas latas, sentou e no mesmo instante começou a bater com os pés no chão. Depois esticou a capa de um sofá, puxou a trança para a frente, soltou-a e começou a refazê-la.

— Você precisa compreender uma coisa — falou. — As coisas eram diferentes naquele tempo. — Ela baixou os olhos para os pés, chutou para o lado uma tigela de plástico rosa. — Hope veio para cá com a mãe quando era apenas um bebê. Nunca vi nenhum pai. A mãe disse que era uma espécie de marinheiro e morreu no mar... Esse marido professor... o que o faz pensar que ele batia em

Hope?

— Não sabemos se batia. E apenas uma possibilidade.

— Por que é uma possibilidade?

— Porque em geral são os maridos que fazem isso.

— Ele tem um temperamento explosivo?

— Não sei — menti. — Por quê?

— Tive dois maridos, e nenhum deles podia ser classificado como brutal, mas ambos eram estourados e houve ocasiões em que tive medo. Ele é quantos anos mais velho que Hope?

— Quinze anos. Por que a pergunta?

Ela levou a lata de cerveja aos lábios e tomou um longo gole. — Hope sempre foi madura para sua idade.

— De onde Hope e a mãe vieram?

Ela balançou a cabeça de um lado para o outro e tomou um gole ainda mais demorado.

Experimentei o refrigerante. Tinha gosto de açúcar misturado com detergente.

Tentei produzir saliva para tirar esse gosto, mas tinha a boca seca.

— O nome da mãe era Charlotte. Todos a chamavam de Lottie. Ela e a filha apareceram por aqui um dia, acompanhando um dos grupos de migrantes que vieram trabalhar na colheita. Lottie era bonita, mas tinha o rosto de uma okie. Portanto, talvez fosse uma. Ou talvez apenas tivesse uma herança okie... Sabe alguma coisa sobre os okies, os migrantes de Oklahoma?

Fiz um sinal afirmativo com a cabeça.

— De onde é sua família? — perguntou.

— Missouri.

Ela pensou por um momento.

— Lottie me parecia uma pura okie... bonita, como eu disse, mas magricela. Sotaque carregado, sem muita instrução. Sei que é um termo depreciativo agora, mas estou velha demais para começar a me preocupar com as mudanças no modo de pensar. Naquele tempo eles não se incomodavam de ser chamados de okies, por isso ainda são okies para mim. Minha própria família é parte califórnio, mas tenho sido chamada de tudo, de chicana a comedora de taco, e sobrevivi. Sabe quem eram os califórnios?

— Os colonizadores originais do México.

— Os colonizadores depois dos índios. Antes que o pessoal da Nova Inglaterra viesse para o Oeste em busca do ouro. Tenho as duas coisas em mim, sangue mexicano e inglês, mas não parecia com uma típica americana de origem inglesa, e por isso ouvi se referirem a mim como chicana durante toda a minha

vida. Aprendi a tapar os ouvidos e cuidar da minha vida. Lottie Devane era uma okie.

Mais dois goles e a cerveja acabou.

— Ela era sem dúvida uma moça atraente... corpo esguio, seios firmes, pernas bem-torneadas. Mas já tinha quilometragem. E sabia andar de um jeito que parecia um passo de dança. Era loura natural também. Não platinada, como passou a usar um mês depois que chegou aqui, querendo ficar igual a Hope. Era de um louro mais para o mel. Ela gostava de usar sombra azul, cílios postiços, batom vermelho e vestidos justos. Todas as mulheres queriam ser como Marilyn Monroe naquele tempo, sem se importar se isso era possível.

Ela desviou os olhos.

— O problema de Lottie é que ela veio com a turma que ia trabalhar na colheita, mas nunca saía para colher nada. Apesar disso, conseguia pagar o aluguel de uma cabana de dois cômodos na Citrus Street. — Ela apontou com um dedo. — Fica nessa direção, a três quarteirões. Chamávamos o lugar de rua da casca, porque os migrantes levavam para casa os limões mais passados, espremiam para fazer suco e jogavam as cascas na rua. Havia fileiras de cabanas... barracos, com banheiros comunitários. Era ali que Lottie e Hope viviam, mas ela logo passou para uma cabana dupla. Quando estava na cidade, Lottie tendia a ficar em casa.

— Ela saía muito?

Ela deu de ombros.

— Costumava passar o dia fora? Aonde ia?

— Não tinha carro, por isso pedia carona. Provavelmente ia para Bakersfield, talvez até mesmo para Fresno, porque voltava com coisas bonitas. Mais tarde, comprou um carro.

— Coisas bonitas... — repeti.

A pele em torno dos olhos pretos se contraiu.

— Meu segundo marido era assistente do gerente-geral de uma das companhias produtoras de limões, sabia tudo sobre todo mundo. Disse que para pedir carona Lottie parava na beira da estrada e levantava a saia... Ela e a filha moraram aqui até que Hope completou quatorze anos, e então se mudaram para Bakersfield. Hope me contou que foram para lá porque assim poderia ir a uma escola secundária perto de casa.

— Todos aqueles anos pagando o aluguel sem colher nada... — falei.

— Como eu disse, Lottie tinha um jeito todo especial de andar.

— Estamos falando de um amante fixo ou ela fazia negócios?

Ela me encarou. — Por que tudo hoje em dia tem de ser tão aberto?

— Preciso obter informações, Mrs. Campos, não insinuações.

— Mas não entendo como esse tipo de informações poderia ajudá-lo... Isso mesmo, ela recebia dinheiro de homens. Quanto? Não sei. Era oficial ou ela apenas os levava a compreender que deveriam deixar alguma coisa debaixo do travesseiro, também não sei. Porque eu cuidava de minha própria vida. Às vezes ela se ausentava por alguns dias consecutivos e voltava com vários vestidos novos. Era algo mais que uma simples viagem de compras? — Ela deu de ombros. — O que posso dizer é que ela sempre trazia roupas para Hope também. Coisas de qualidade. Ela gostava de vestir bem a filha. As outras crianças andavam de jeans e camiseta, enquanto Hope usava vestidos engomados. E Hope cuidava bem de suas roupas. Nunca se sujava, não se metia em brincadeiras rudes. Tendia a permanecer dentro da cabana, lendo, praticando caligrafia. Aprendeu a ler aos cinco anos e sempre adorou a leitura.

— Havia alguma indicação de que Hope sabia o que a mãe fazia?

Ela tornou a dar de ombros e passou a lata de cerveja de uma mão para a outra.

— Hope alguma vez falou a respeito, Mrs. Campos?

— Eu não era sua psicóloga, apenas sua professora.

— As crianças falam mais com professores do que com psicólogos.

Ela largou a lata de cerveja e cruzou os braços com força.

— Não, ela nunca conversou a respeito comigo, mas todos sabiam, e Hope não era estúpida. Sempre achei que a vergonha era o motivo pelo qual ela se mantinha isolada.

— Tornou a vê-la depois que ela se mudou para Bakersfield?

Os braços se apertaram mais.

— Um ano depois, ela voltou para uma visita. Ganhou um prêmio, queria me mostrar.

— Que tipo de prêmio?

— Excelência escolar. Patrocinado por uma companhia de alimentos, uma grande cerimônia na feira do Condado de Kern. Hope me mandou um convite, mas eu estava muito gripada. Então ela veio me visitar, dois dias depois, com fotos. Ela e um rapaz... a moça mais inteligente, o rapaz mais inteligente. Ela me disse que eu merecia o prêmio, por ter lhe ensinado tanta coisa. Queria me dar o troféu.

— Um sentimento maduro para uma adolescente.

— Eu lhe disse que ela sempre foi madura. Era uma escola de uma única sala, e com a maioria das crianças mais velhas trabalhando na colheita era fácil lhe dispensar uma atenção especial. Tudo o que fiz foi lhe fornecer sempre livros novos. Ela absorveu as informações como uma máquina.

Ela levantou-se de um pulo, deixou a sala sem nenhuma explicação e tornou

a desaparecer nos fundos da casa. Fui até a casinha de Shih Tzu e balancei um dedo na frente da porta de tela. A cachorrinha me fitou com olhos suplicantes. Sua respiração era acelerada.

— Ei, pequenina, trate de ficar boa — sussurrei.

Orelhas brancas peludas se sacudiram. Estiquei o dedo pela grade para afagar o pelo branco e sedoso.

— Aqui está — disse Elsa Campos, atrás de mim.

Ela segurava um pequeno troféu dourado. Uma taça de latão sobre uma base de nogueira, o metal todo manchado e precisando de um polimento. Ela estendeu-o para mim.

Li o que estava inscrito na base: PRÊMIO BROOKE-HASTINGS POR EXCELÊNCIA ACADÊMICA CONCEDIDO A HOPE ALICE DEVANE, DIVISÃO FEMININA SECUNDARIA

— Brooke-Hastings... — murmurei.

— Era o nome da companhia.

Devolvi o troféu, e ela o largou sobre uma mesinha de canto. Tornamos a sentar.

— Hope insistiu para que eu ficasse com ele. Depois que meu segundo marido morreu, guardei uma porção de coisas no armário. Esse troféu estava lá. Tinha até esquecido dele.

— Hope falou sobre mais alguma coisa?

— Discutimos para qual universidade ela deveria ir, que curso deveria fazer. Eu disse que Berkeley era tão boa quanto qualquer universidade tradicional do Leste, com a vantagem de ser barata. Nunca descobri se ela seguiu meu conselho.

— Seguiu. Seu PhD é de lá — respondi, o que lhe provocou um sorriso.

— Eu já estava recolhendo cachorros, e conversamos sobre isso também. A virtude de cuidar de outros seres. Hope se interessava pelas ciências biológicas, pensei que poderia se tornar médica ou veterinária. Psicóloga... também combina.

Ela voltou a mexer na trança.

— Quer outro refrigerante?

— Não, obrigado.

— Chega de cerveja para mim, ou você vai pensar que sou uma velha mexicana bêbada... Seja como for, Hope era uma moça educada, sempre bem-arrumada, falava direito. Esta era uma cidade rude, mas ela nunca pareceu fazer parte daqui... como se apenas estivesse de visita. Sob alguns aspectos, isso também se aplicava a Lottie... Mesmo com seu... comportamento, ela se mantinha acima de tudo. Hope também me contou o que Lottie estava fazendo

em Bakersfield. Dançando. Sabe a que tipo de dança me refiro, não me obrigue a dizer com todas as letras. Em um lugar chamado Blue Barn. Um desses bares frequentados por caubóis. Havia vários deles na saída da cidade, logo depois dos currais, matadouros e frigoríficos. Pig-bars, como eram chamados. Música country e western e muito rebolado para os brancos, mariachi e muito rebolado para os mexicanos, muitas mulheres dançando, sentando no colo dos fregueses. Et cetera. Meu segundo marido esteve lá algumas vezes, até que eu descobri e não o deixei mais ir.

— O Blue Barn — repeti.

— Nem se dê ao trabalho de procurar. Fechou há anos. Pertencia a um imigrante gângster que negociava gado com fábricas suspeitas. Abriu os bares nos anos sessenta, quando os hippies tornaram aceitável tirar as roupas. Ganhou uma fortuna. Depois fechou tudo e mudou-se para San Francisco.

— Por quê?

— Provavelmente porque lá se podia fazer coisas piores.

— Quando foi isso?

Ela pensou um pouco.

— Nos anos setenta. Ouvi dizer que ele também fazia filmes pornográficos.

— E era o patrão de Lottie.

— Se chama isso de emprego.

— Devia ser muito duro para Hope.

— Ela chorou quando me contou. E não apenas por causa das coisas que Lottie fazia para viver, mas também porque achava que Lottie fazia aquilo por ela. Como se a mulher pudesse ter sido taquígrafa se não tivesse uma filha. Vamos encarar a verdade... algumas mulheres nunca arrumam tempo para aprender um verdadeiro ofício, se podem se virar com outra coisa. Na sua primeira noite em Higginsville, Lottie saiu da cabana usando um vestido vermelho tão justo que parecia estar se anunciando.

— Ela se mudou para San Francisco com o dono do bar?

— Não sei dizer, mas por que ele a levaria, com todas aquelas garotas hippies se oferecendo? Àquela altura, ela já era velha demais para o tipo de negócio dele.

— Como era o nome dele?

— Kruvinski. Polonês ou iugoslavo ou tcheco ou alguma outra coisa parecida. Diziam que ele foi general em algum desses países durante a Segunda Guerra Mundial, veio da Europa com muito dinheiro, instalou-se na Califórnia e começou a comprar terras. Por quê?

-— Hope trabalhava com um médico chamado Milan Cruvic.

— Ora, ora... — murmurou ela, sorrindo. — Parece que você tem uma pista.

Porque o primeiro nome de Kruvinski também era Milan. Mas todos o chamavam de Micky. Big Micky Kruvinski, alto por aqui. — Levou a mão à cintura.

— Ele nem era tão baixo, mas a primeira coisa que se notava era a robustez. Pescoço grosso, cintura grossa, lábios grossos. Uma ocasião fui a Bakersfield com meu segundo marido, e o encontramos tomando o café da manhã. Sorriso largo, simpático, um aperto de mão firme, você nunca imaginaria o que ele fazia. Mas Joe... meu marido... advertiu-me a ficar longe dele e me disse você não faz ideia, Ellie, do que esse homem é capaz de fazer. Que idade tem o dr. Cruvic?

— Mais ou menos a idade de Hope.

— Então só pode ser o filho. Porque Big Micky só tinha um garoto. Little Micky. Ele e Hope estavam na mesma classe na Bakersfield High. Para ser mais precisa, foi ele quem venceu o Prêmio Brooke-Hastings junto com Hope. Todos desconfiaram de uma armação, mas se ele se tornou médico, devia ser mesmo inteligente.

— Por que desconfiaram de uma armação?

— Porque Big Micky era o dono da Brooke-Hastings Company. E do maior matadouro da cidade, e de fábricas de processamento, máquinas automáticas, um posto de gasolina, fazendas. Além daqueles bares. O homem não parava de comprar coisas.

— Ele ainda vive?

— Não sei. Fico longe da cidade, pois quase não saio de casa e cuido da minha própria vida.

Ela pegou o troféu e bateu nele com uma unha. O revestimento era tão ordinário que fragmentos dourados se soltaram e flutuaram até o chão.

— Joe, meu marido, era fumante, quatro maços por dia, até que acabou com um enfisema. No dia em que Hope veio me visitar ele estava no quarto dos fundos, com um balão de oxigênio. Depois que ela foi embora, fui até lá e mostrei o troféu. Joe desatou a rir. Chiava tanto que quase desmaiou. Perguntei o que era tão engraçado, e ele disse: adivinhe quem ganhou o prêmio entre os rapazes? O filho de Big Micky. Joe riu mais um pouco e acrescentou: imagino que a vagabunda deve ter feito horas extras para ajudar a filha. Fez com que eu me sentisse podre. Lá estava eu me orgulhando de ser uma grande professora, e Joe me joga um balde de água fria. Mas eu não disse nada. Afinal, como alguém poderia discutir com um homem naquele estado? Também desconfiei que podia haver algum fundo de verdade, porque sabia como Lottie era. De qualquer modo, Hope era inteligente e estudiosa, tenho certeza de que ela mereceu. Que tipo de médico Little Micky se tornou?

— Ginecologista.

— Cutucando mulheres? É, filho de peixe... E Hope trabalhava com ele? Por quê?

— Ele trabalha com tratamento de fertilidade. Disse que Hope aconselhava as pacientes.

— Fertilidade? — repetiu ela. — Isso é uma piada.

— Por quê?

— O filho de Big Micky ajudando na continuidade da vida. Ele é um homem decente?

— Não sei.

— Seria ótimo se ele fosse decente. Tanto ele como Hope conseguindo superar as origens. Ajudando a criar a vida, em vez de destruí-la, como o pai dele fazia.

— Big Micky matava pessoas?

— Seria bem possível, mas estou falando sobre a maneira como ele liquidava aquelas mulheres espiritualmente. Espremia até que não sobrasse mais nada.

Ela juntou as mãos, comprimiu-as e continuou: — E o jeito como tratava os animais. É sempre a indicação. Seu matadouro era grande e sinistro, com trilhos de trem entrando e saindo. Traziam os animais vivos por um lado, espremidos em vagões, se debatendo e gemendo, e pelo outro lado o que saía eram enormes pedaços pendurados em ganchos. Vi pessoalmente porque Joe fez a gentileza de passar de carro por ali uma noite, depois que havíamos jantado na cidade. Sua ideia de diversão. Lá estávamos nós, depois de uma boa refeição, e ele decide passar pelo matadouro.

Ela passou a língua pelos lábios, como se tentasse se livrar de um gosto desagradável:

— Era tarde da noite, mas o lugar funcionava a todo o vapor. Dava para ouvir e sentir o cheiro a um quilômetro de distância. Fiquei furiosa, exigi que Joe fizesse o retorno imediatamente. Ele me atendeu, mas não antes de me falar sobre Big Micky e como ele gostava de ir ao matadouro, por volta de meia-noite, usando botas e avental de borracha e levando um bastão de beisebol. Os trabalhadores interrompiam a linha de produção, separavam alguns novilhos e leitões e deixavam-no abater quantos animais quisesse.

Ela estremeceu e arrematou: — Joe disse que era a ideia de diversão de Big Micky.

Ela se arrastou mais uma vez até a cozinha para verificar como estava Shih Tzu.

— Hope e Little Micky, depois de todos esses anos... O rapaz mais inteligente, a moça mais inteligente.

— Hope era consultora de um advogado chamado Robert Barone.

— Nunca ouvi falar.

— E quanto a estes outros nomes: Casey Locking?

Balançou a cabeça em negativa.

— Amanda ou Mandy Wright?

— Também não. Quem são eles?

— Pessoas que Hope conhecia.

— Sendo famosa, ela devia conhecer muita gente.

— Isso é parte do problema. Seu livro era polêmico. Pelo que sabemos, ela foi seguida e morta por um estranho devido ao livro.

— Polêmico em que sentido?

Expliquei o caso.

— E está dizendo que foi um best-seller?

— Isso mesmo.

— Estou embaraçada por não saber nada a respeito.

Ela se inclinou e olhou para a cadela.

— Hope disse mais alguma coisa no dia em que a visitou? — indaguei.

Ela reagira a várias perguntas diretas mudando de assunto, e fiquei esperando pela mesma atitude.

Em vez disso, ela voltou, sentou e me encarou. — Ela contou que Lottie a amarrava.

Seus lábios tremeram.

Continuei sentado, aparentemente calmo, mas com o coração disparado. — Quando? — indaguei. — Por quê?

— Quando ela era pequena e Lottie tinha de deixá-la sozinha por longos períodos. E também quando Lottie levava homens para casa.

— Amarrava-a como?

— Em seu quarto. Na cama. Na cabeceira. Lembra que eu disse que era uma cabana de dois cômodos? Um era o quarto de Hope, o outro, de Lottie. Ela usava uma coleira de cachorro e uma tranca de bicicleta para prender Hope na cabeceira da cama.

— Por quanto tempo isso aconteceu?

— Durante anos. Eu não sabia, pois Hope jamais se queixou. Graças a Deus nunca houve um incêndio. Fiquei indignada quando Hope me contou, mas ela insistiu que não havia nenhum problema, Lottie sempre deixava bastante comida, água, brinquedos, livros, um rádio, um penico. E mais tarde um aparelho de TV. Hope não parecia nem um pouco zangada ao falar a respeito. Insistiu em me dizer que não havia nada demais, Lottie apenas fazia o que achava melhor.

— Então por que ela tocou nesse assunto?

— Disse que estava preocupada com Lottie. As coisas que Lottie fizera para sustentar as duas. As coisas que Lottie ainda permitia que os homens fizessem com ela.

— Lottie ainda levava homens para casa?

— Os caras que ela conhecia do Blue Barn e de outros lugares. Os frequentadores, como Hope os chamou. A essa altura ela e Lottie haviam se mudado para uma casa de bom tamanho em Bakersfield, e o acordo era Lottie pendurar um desses avisos de não-perturbe que se encontra em hotéis na maçaneta da porta do quarto dela, sempre que estivesse trabalhando. Hope deveria entrar pela porta da cozinha, verificar a maçaneta. Se o aviso estivesse pendurado, ela tinha que ir direto para seu quarto e ficar lá até Lottie informar que não havia mais ninguém na casa.

— Mais confinamento.

Ela meneou a cabeça.

— Mesmo assim, às vezes podia ouvir o que acontecia. Esfregou os olhos e acrescentou: — E me refiro ao que ocorria além do sexo. Gritos. E às vezes havia marcas em Lottie.

— Equimoses?

— E esfoladuras de corda nos pulsos e tornozelos. Lottie costumava usar maquiagem para encobrir tudo, mas Hope percebia mesmo assim.

— Ou seja, a própria Lottie se deixava amarrar.

— Dá para imaginar? Foi por isso que eu disse *apesar* de sua vida familiar.

— Hope chegou a conversar com a mãe sobre isso?

— Ela disse que não, como se fosse uma pergunta ridícula. "Claro que não, Mrs. Campos. Ela é minha mãe!"

— Mas falou a respeito abertamente.

— Falou... mas parou de repente. Acho que queria realmente descarregar até o fim, mas não foi capaz. Nunca mais tornei a vê-la.

Mais uma vez, ela olhou para o cuco.

— Como Hope estava ao lhe contar tudo isso?

— Calma, exceto quando chorou por causa de Lottie. Preocupada com o fato de que Lottie pudesse ser muito machucada por um... cliente. Racionalizou o que Lottie fazia, dizendo que a mãe não tinha instrução nem habilidades, apenas tentava sustentar as duas da melhor maneira que conhecia. O que eu podia dizer? Encare a realidade, garota, sua mãe é uma vagabunda? Eu sabia que aquilo doía. Ela era uma prisioneira em sua própria casa... alguém poderia levar colegas para um lugar como aquele? Tentei fazê-la falar sobre seus sentimentos, mas ela se esquivou.

— Pobre garota...

— Tem razão, mas olhando-se para ela ninguém imaginaria. Linda, equilibrada, penteado perfeito, quantidade certa de maquiagem. E era óbvio que Lottie continuava gastando bastante dinheiro com as roupas da filha. Blusa de seda, um tailleur de lã muito bonito, meias de náilon, sapatos de salto. Ela podia passar por vinte anos. Uma jovem dama. E fez questão de me dizer que só tirava nota A em Bakersfield, era a primeira da turma todos os semestres.

— A escola devia ser o único lugar em que se sentia livre — comentei, percebendo que Hope percorrera caminho realmente longo. Superar o medo, a vergonha e o isolamento apenas para perder a vida numa rua escura e deserta. Senti um aperto no peito, um nó na garganta.

— É bem provável — concordou. — Foi o raciocínio que usei.

— Que usou para quê?

— Para não fazer nada. Para não denunciar. Por melhor que ela parecesse, ainda era uma menor num ambiente nocivo, e fui a única pessoa a quem ela confidenciou isso. Mas disse a mim mesma que ela encontrara seu lugar, então por que interferir? E as coisas eram diferentes naquele tempo. Como podia ter certeza de que ela não negaria tudo se eu fizesse a denúncia? Ou de que alguém me daria atenção? Porque Lottie trabalhava para Big Micky, que era muito bem relacionado com as autoridades. Se Lottie pedisse ajuda a ele, qual era a possibilidade de oferecer resistência àquilo?

— Havia algum indício de que ele era o cafetão de Lottie? Ou amante?

Ela me olhou de modo feroz, como se eu finalmente tivesse lhe proporcionado uma desculpa para se enfurecer.

— Já lhe disse antes que não estou a par desses detalhes.

— Hope falou sobre Big Micky?

— Não. Só falou sobre Lottie. Até que parou de repente, como já falei, e mudou de assunto. Tive a impressão de que a visita fora uma experiência para ela: até onde estava preparada para ir? E eu não a encorajara o suficiente... Perdi muito sono por causa disso, dr. Delaware. Pensando naquela pobre criança amarrada, no que eu deveria fazer. Depois, com todas as criaturas machucadas de que eu cuidava, dei um jeito de esquecer, até o dia de hoje.

Outro olhar para o cuco.

— E isso é tudo o que sei — falou.

Depois se levantou e se encaminhou apressada para a porta. Abriu-a, saiu para a varanda, e um coro de latidos se elevou. Quando a alcancei, ela já estava no meio do quintal, cercada pelos cães. Leopold, o bouvier, observava-me com um ar imperioso.

Pensei na rottweiler de Hope, incapaz de protegê-la, provavelmente envenenada. Hope se transformando de prisioneira em defensora dos direitos das

outras mulheres. Mas ninguém jamais a protegera.

Elsa Campos continuou até o portão da frente.

— Se descobrir quem a assassinou, encontraria tempo para me informar?

— Claro.

— Fala sério? Porque não quero esperar por nada.

— Prometo.

— Muito bem, então... vou me forçar a sair daqui, pegar o carro e ir até a biblioteca em Bakersfield, para tentar encontrar o livro de Hope. Não são muitas as crianças que saem daqui para se tornarem famosas.

A última palavra saiu estrangulada. E de repente havia lágrimas escorrendo pelas faces marcadas. Ela limpou-as com a manga.

— Adeus, dr. Delaware. Não sei se devo agradecer-lhe ou agredi-lo.

— Adeus. Obrigado por seu tempo.

Virei-me para ir embora, e ela acrescentou: — Quando tudo vier à tona, eu serei a professora idiota que não denunciou nada.

— Não há razão para que venha à tona.

— Não? Veio até aqui porque acha que a infância dela está relacionada com o assassinato.

— Talvez, no final das contas, não tenha nada a ver com o crime.

Ela deu uma risada seca e breve.

— Sabe como ela racionalizou o fato de ser amarrada? Disse que isso a tornara mais forte. Que a ensinara a se concentrar. Eu disse: "Por favor, filha, uma coisa é não se queixar, mas não me diga que isso foi para o seu próprio bem". Ela se limitou a sorrir, pôs a mão em meu ombro. Como se ela fosse a professora. Como se tivesse pena de mim por não compreender. Ainda lembro o que ela disse: "Na verdade, Mrs. Campos, não é nada demais. Tratei de me aproveitar disso, aprendendo a ter autocontrole".

16

Percorri os cinquenta quilômetros até Bakersfield em vinte e cinco minutos. Ao chegar lá, no entanto, compreendi que fora um desperdício de gasolina. Quanto tempo se passara desde que eu estivera ali pela última vez? No mínimo dez anos. A cidade mantivera um pouco de seu ambiente rural: lojas que vendiam trajes típicos do oeste, bares de caubóis muito novos e vistosos para serem as espeluncas que Elsa Campos descrevera. Mas era uma cidade grande agora, como qualquer outra. Fora homogeneizada pelos WalMarts e lanchonetes, pelo conforto limpo e frio das franquias.

Ninguém com quem falei sabia coisa alguma sobre a Brooke-Hastings Company, mas quando mencionei os matadouros para um senhor que trabalhava no balcão do Burger King, ele me lançou um olhar desconfiado e indicou o caminho até lá.

O extremo norte da cidade pouco a pouco retornava à agricultura. Ainda havia segmentos de trilhos — fragmentados, como brinquedos descartados. O mesmo se podia dizer da construção, enorme e cinzenta; tão feia que era difícil acreditar que alguém a projetara. Buracos quadrados onde antes existiam as poucas janelas. Sem telhado.

A placa com o nome Brooke-Hastings em branco estava quase ilegível. Outras placas: LINGUIÇA PURA, CARNE DE VACA E RAÇÃO, CARNE DE PRIMEIRA.

Uma cerca de arame farpado alta rodeava o cadáver de concreto.

Em todas as direções havia plantações de tomate e milho.

Camponeses encurvados trabalhavam ao longo de monótonas fileiras. Uma pessoa me viu e sorriu. Uma mexicana, ainda de joelhos, envolta por camadas de roupas apesar do calor, as mãos tão cheias de terra que pareciam modeladas em argila. Vi medo em seus olhos, ao perceber meu rosto e roupas, e a frente brilhante do Seville.

Voltei para Los Angeles.

Autocontrole.

Anos mais tarde, Hope reduzira isso a um ensaio acadêmico.

Filha de uma prostituta. Não faria sucesso no clube dos professores. Se Seacrest sabia, era óbvio o motivo de querer minimizar a história da família de Hope.

Pequeno Micky. Pequena Hope.

O rapaz mais inteligente, a moça mais inteligente.

Cerimônia na feira do condado. Sorrisos, fotos, faixas do programa estatal de desenvolvimento agropecuário conhecido como 4-H, banda de música. Era quase possível sentir o cheiro de pipoca e esterco de cavalo.

Uma garota aprisionada. Uma adolescente estudiosa ouvindo os gritos da mãe, todas as noites. Vendo as equimoses.

Cruvic, sentindo o fedor do matadouro no pai?

Os dois ligados por boas notas e grandes aspirações, o esforço pela respeitabilidade.

Amigos de escola, talvez namorados.

Colaborando. Em fertilidade, aborto, esterilização. Controle.

Big Micky se mudando para San Francisco. Envolvendo-se com casas noturnas mais estimulantes, produzindo filmes pornográficos — Robert Barone, o advogado, trabalhava na defesa de casas de pornografia. Em seu escritório em San Francisco.

Hope também trabalhara como sua consultora.

Fertilidade, aborto. O que mais?

Projetos do 4-H para adultos? Um novo tipo de matadouro?

Eu ingressara num programa 4-H nas férias quando tinha treze anos. Criação de coelhos de raça para utilização da pele, o que me atraíra porque os animais eram tosquiados, em vez de abatidos. Minha professora era a esposa do criador, uma morena bonita, séria, com mãos ásperas. Mrs. Dehmers... Susan Dehmers. Ela me advertira na primeira semana: de qual quer forma, Alexander, não se afeiçoe aos coelhos, porque não viverá com eles para sempre.

Imaginei Big Micky e seu bastão. O empacotamento e venda de mulheres como carne.

Seu filho deixando a residência cirúrgica depois de apenas um ano. Tirando uma licença para ingressar no Instituto Brooke-Hastings. Uma bela piada particular. Hope teria rido?

Cheguei em casa pouco depois das cinco horas. A casa estava vazia, e Robin deixara um bilhete datilografado na mesa de jantar:

Querido:

Espero que tudo tenha corrido bem em sua viagem. Surgiu uma ótima oportunidade para comprar bordo tirolês em Saugus. Depois tenho de entregar alguns instrumentos ao estúdio HotSound, em Hollywood. Spike e eu tentaremos chegar por volta das dez horas, mas pode ser mais tarde.

Aqui estão os telefones de onde vou estar. Se não comeu, vasculhe a geladeira. Milo ligou. Amo você.

Havia na geladeira um sanduíche de baguete, com recheio de vários ingredientes, cortado em seis pedaços. Mastiguei um, enquanto telefonava para Milo na delegacia.

Milo estava em outra ligação, e peguei uma cerveja enquanto aguardava. Quando ele atendeu, falei: — Já sei por que o controle era uma coisa tão importante para ela. Assim que terminei o relato, ele comentou: — Nada como o amor materno. Escutando através das paredes... acha que a mamãe também a envolveu com os clientes?

— Quem sabe...

— Amarrava-a para seu próprio bem... Meu Deus!

— Ela se convenceu de que era para o próprio bem, Milo. Cresceu e retornou ao que conhecia.

— Amarrada e machucada... mas quem a machucou? Seacrest ou Cruvic ou algum namorado?

— Por que não Locking?

— Por que não? — repeti.— Falou com Cruvic hoje?

— Não. Ele está fazendo de tudo para me evitar. Secretária eletrônica na casa na Mulholland... ele mora ali como inquilino. E quando liguei para o consultório, a velha enfermeira Anna atendeu com a maior frieza e mandou que eu procurasse o advogado. Adivinhe quem é?

— Robert Barone.

— Bingo! Você ganha a lavadora e a secadora. Como soube?

— Big Micky era um negociante de pornografia em San Francisco.

— Disso para meu-filho-o-médico. Como se escreve o sobrenome?

Soletrei.

— Vou verificar quais são os registros sobre ele. Obtive informações sobre o hospital em Carson para onde o filhinho foi depois de deixar Seattle. Uma dessas redes que visam apenas o lucro. O hospital teve problemas financeiros e foi vendido a uma rede maior. O diretor me disse que o Fidelity era um dos hospitais menos lucrativos da rede, e por isso foi vendido. Não consegui colocá-lo contra a parede, mas minha impressão foi a de que não era nenhuma Clínica Mayo. Portanto, você acertou quando disse que foi um rebaixamento para Little Micky. O desgraçado esquivo.

— O incidente com Ballitser o colocou sob a atenção pública — falei —, e ele tem muitas coisas que não quer que sejam investigadas: a maneira como exerce a medicina, seu histórico acadêmico cheio de altos e baixos. A herança de um gângster. E talvez o assassinato de Hope. Descobriram alguma coisa no quarto de Darrell Ballitser?

— Um tóxico... metedrina, provavelmente o que o deixou tão agitado. Mas

não havia nada que o ligasse a Hope. Portanto, a menos que ele confesse, Kasanjian poderá tirá-lo da cadeia sob fiança. E se Cruvic se mantiver retraído, a promotoria não deve se interessar em prosseguir no processo de tentativa de agressão. O que não me incomoda, diga-se de passagem, porque nunca imaginei Darrell como o Mister Calculista. Herr Doktor Cruvic parece cada vez mais apropriado a esse papel. É a melhor explicação para Hope estar morta e ele, circulando por aí. Alguma coisa terrível deve ter acontecido, e ela não quis participar. Cruvic ficou preocupado que ela pudesse falar, então tratou de silenciá-la.

— E com relação a Mandy Wright, Cruvic pode tê-la conhecido com a maior facilidade por meio dos negócios do papai.

— Exato. O Club None é exatamente o tipo de lugar que seria frequentado pelo filho de um gângster. E Mandy pode ser a peça que vai mostrar o que há por baixo do terno sob medida de Barone. Porque o pessoal de Las Vegas conseguiu algo, benditos sejam... Eles localizaram Ted Barnaby, o namorado. Ainda é crupiê de vinte-e-um, mas não em Nevada. Está bem perto daqui, em Palm Springs, um desses cassinos de reserva indígena. Darei um pulo até lá assim que despachar alguns papéis. Será uma visita de surpresa, para ver se aparece alguma coisa.

— Quer companhia?

— Não tem planos para esta noite?

— Robin vai chegar tarde. Você estava planejando passar a noite lá?

— Não. Afinal, não tenho nenhum motivo para isso. Não jogo golfe nem gosto de tomar sol. Rick saiu com o Explorer e o Porsche ficou para mim, o que significa uma hora e quinze daqui até lá e vice-versa. Quem vai me aplicar uma multa por excesso de velocidade?

17

De Los Angeles a Palm Springs são cento e noventa quilômetros em uma única e imensa rodovia interestadual, a Dez.

A primeira metade do percurso passa pelo centro da cidade, por Boyle Heights, pelas pequenas comunidades a leste — Azusa, Claremont, Upland, Rancho Cucamonga — e pelo Condado de San Bernardino, onde o ar varia do doce ao tóxico, dependendo do vento e da vontade de Deus. A vista da autoestrada é uma homogeneidade soporífera de centros comerciais, estacionamentos e o tipo de conjuntos habitacionais que se espera encontrar às margens de uma estrada. Mais para a frente se alcança as áreas agrícolas e os pátios ferroviários, perto de Fontana. Logo depois de Yucaipa o tráfego diminui de maneira considerável e o ar se torna seco e saudável. Ao chegar aos bosques de cerejeiras de Beaumont, você está atravessando uma planície de terra cinzenta e rochedos esbranquiçados, com iúcas e algarobeiras, tendo à direita as montanhas de San Bernardino, com seus picos nevados.

A estrada vazia é um convite à velocidade e a maioria das pessoas o aceita alegremente.

Durante as férias da primavera, a juventude dourada se enche de cerveja, maconha e ilusão de imortalidade, pulando na traseira de picapes, debruçando-se nas laterais de pequenos conversíveis, gritando palavrões. A maioria consegue chegar ao centro de Palm Springs, mas alguns acabam engrossando as estatísticas de acidentes em estradas. A patrulha rodoviária se mantém furtiva e vigilante e faz o melhor que pode para manter a taxa de mortalidade dentro dos limites aceitáveis.

Milo foi parado apenas uma vez, pouco antes do San Gorgonio Pass, muito depois de escurecer. Ele acelerara a cento e quarenta desde Riverside, o Porsche mal parecendo funcionar. Era um 928 branco, com cinco anos, em perfeito estado, e o jovem patrulheiro rodoviário contemplou-o com admiração. Verificou os documentos de Milo, piscando apenas uma vez, quando Milo informou que estava trabalhando em um caso de homicídio e precisava pegar uma testemunha-chave de surpresa.

Ao devolver os documentos, o patrulheiro recitou uma advertência sobre malucos na estrada e a necessidade de se manter atento, detetive, depois ficou observando enquanto nos afastávamos.

Entramos em Palm Springs às dez da noite, passando por sucessivos quarteirões com prédios residenciais de aluguel baixo, entrando em seguida no

distrito comercial.

Diferentemente de Bakersfield, pouco mudara ali. A mesma mistura estragada de lojas de artigos de segunda mão posando de negociantes de antiguidades, hotéis de beira de estrada, butiques, galerias com obras de arte horríveis. O dinheiro de verdade estava em Palm Desert e Rancho Mirage, nas ruas batizadas em homenagem a Dinah Shore e Bob Hope.

— Vamos procurar a Palm Grove Way — disse Milo. — O cassino Sun Palace.

— Isto não parece uma reserva indígena.

— O que você esperava, tendas e totens? Estes são os índios que tiveram sorte: foram expulsos para o deserto, mas por acaso encontraram em suas terras uma substância preta e brilhante, enriqueceram, aprenderam artifícios legais, lembraram que eram uma nação independente e entraram com um processo pelo direito de operar jogos. O estado acabou cedendo, mas continuou a insistir na imoralidade do jogo.

— E depois o estado passou a operar uma loteria — comentei —, o que tornou o argumento um tanto incoerente.

— Exatamente. Os índios espalhados por todo o estado estão aprendendo. Há um novo cassino em Santa Ynez. O estado continua a dificultar as coisas, demora a conceder as licenças, não permite que os índios fabriquem caça-níqueis nem que os tragam de outros estados. O que é muito importante, porque essas máquinas são as que dão mais dinheiro. Por isso, os índios as contrabandeiam em caminhões com legumes, e uma vez que estejam na reserva não há mais nada que alguém possa fazer.

— Detetive, parece que você está justificando a violação das leis.

— Há leis e leis.

— Palm Grove — avisei, apontando para o quarteirão seguinte.

Ele virou à esquerda, em outra rua comercial. Mais hotéis, uma lavanderia automática, um spa em ruínas, lanchonetes cheias de gente se empanturrando de gordura no ar quente da noite. Mais à frente, fortes luzes turquesas e amarelas no formato de um chapéu de caubói piscavam, coroando uma torre de quinze metros.

— Que bom gosto, bem?

— Quer dizer que todo o centro da cidade é uma reserva? — perguntei.

— Não. Varia de um trecho para outro. O segredo é pesquisar as escrituras, encontrar uma propriedade que um dia pertenceu a um índio, montar uma sociedade. Chegamos.

Ele entrou no amplo estacionamento de terra batida que ficava em torno do cassino.

Atrás da torre do chapéu havia uma construção térrea surpreendentemente pequena, ornamentada com mais lâmpadas azuis e amarelas e com enormes letras inclinadas que anunciavam SUN PALACE em néon laranja rodeadas por resplandecentes dedos vermelhos.

Entre a torre e o prédio havia uma área intensamente iluminada, onde fora estacionado um Camaro púrpura, novinho, com uma fita rosa amarrada em torno do capo. Um cartaz no para-brisa informava: com QUATRO VINTE-E-UNS CONSECUTIVOS VOCÊ GANHA ESTE

CARRO!

Outra placa, encostada na torre do chapéu, prometia um MANOBRISTA, mas não havia ninguém à vista, e Milo teve de procurar até encontrar uma vaga. No momento em que descíamos, um garoto corpulento, pardo, usando uma camisa pólo branca e calça preta, aproximou-se apressado.

— Ei, eu podia ter estacionado para vocês! — falou, com a mão estendida. Milo mostrou seu distintivo: — E eu podia ter entrado para os Beatles se meu nome fosse McCartney. O manobrista calou-se. Encarou-nos por mais um segundo, depois saiu correndo para abrir as portas de um Cadillac do tamanho de um iate, amarelo-urina, cheio de otimistas risonhos, bronzeados e grisalhos.

Passamos pelas portas de vidro duplas do cassino e penetramos em um mar de ruído, no instante em que um homem muito alto, vestido de preto como Johnny Cash, saía apressado. Atrás dele ia uma mulher que devia ter mais de cento e cinquenta quilos, usando um vestido florido e sandálias de praia. Parecia prestes a fazer um sermão, e o homem se mantinha bem à frente.

A porta se fechou atrás de nós, encerrando-nos ali com todo o barulho e a fluorescência ofuscante. Estávamos num pequeno tablado, com uma grade de latão, carpete verde-água e colunas de mogno envernizado dispostas ao acaso. Degraus dos dois lados desciam para a sala de jogos, um espaço de trinta por quinze metros. Mais carpete da mesma cor e colunas sob um teto com revestimento acústico. Paredes brancas, sem janelas, sem relógios...

À direita havia uma única mesa de pôquer: homens encurvados, de camisa xadrez e blusão, óculos escuros, rostos paralisados. Depois, várias fileiras de caça-níqueis, talvez mais de cem máquinas, girando, tilintando, piscando, parecendo mais orgânicas do que as pessoas que acionavam suas manivelas. As mesas de vinte-e-um ocupavam o lado esquerdo da sala, bem juntas, de tal forma que você tinha de se sentar ou continuar circulando. Os crupiês, de camisa pólo vermelha com crachás de identificação brancos, ficavam de costas um para o outro, dando as dicas, recolhendo fichas, distribuindo cartas.

Gritos e campainhas, ar impregnado de nicotina, um guichê no fundo da sala. Mas ninguém queria sair tão cedo. Os jogadores eram uma mistura de

aposentados do deserto, turistas japoneses, executivos, motoqueiros, índios e alguns libertinos à procura de mulher, tentando parecer elegantes em ternos escuros e colarinhos engomados.

Todos fingiam que ganhar era um hábito, que ali era Las Vegas. Garotas de corpo perfeito e rosto nem tanto circulavam em microvestidos brancos, equilibrando bandejas com drinques. Homens altos, vestidos de preto e branco como o manobrista, vigiavam a sala, examinando tudo como câmeras, as armas em coldres, eloquentes.

Alguém se aproximou de nós, vindo de um canto do tablado, mas logo parou. Um homem de cabelos e bigode grisalhos, num terno de um tecido lustroso cinza e gravata vermelha de crepe, em torno dos cinquenta e cinco anos, rosto flácido e comprido e lábios finos. De walkie-talkie numa das mãos, camadas de gel no penteado. Fingiu nos ignorar, não se mexeu. Mas alguma espécie de sinal deve ter sido transmitida, porque dois dos seguranças armados postaram-se junto ao tablado. Um era índio, o outro, um ruivo sardento. Ambos tinham braços musculosos, ombros encurvados e barrigas proeminentes. No cinto do índio estava gravado em letras vermelhas: GARRETT.

Pessoas entravam e saíam do prédio, num fluxo incessante. Milo chegou mais perto da grade de latão. O homem de bigode grisalho se aproximou, enquanto Garrett se virava e observava.

— Posso ajudá-los, senhores? — Voz profunda e firme.

No crachá constava: LARRY GIOVANNE, GERENTE. Milo mostrou seu distintivo na mão em concha e solicitou: — Ted Barnaby.

Giovanne não reagiu. O distintivo voltou para o bolso de Milo.

— Barnaby está trabalhando esta noite, certo?

— Ele se meteu em alguma encrenca?

— Não. Só queremos fazer algumas perguntas.

— Ele é novo aqui.

— Começou há duas semanas, na quarta-feira — retrucou Milo.

Giovanne levantou os olhos, avaliando o rosto de Milo, depois os baixou para a camisa polo verde usada por fora da calça caqui. À procura do volume da arma.

— Sem problemas? — indagou ele.

— Nenhum. Onde está Barnaby?

— Já falou com a polícia tribal?

— Não.

— Então tecnicamente não tem jurisdição aqui.

Milo sorriu: — Tecnicamente posso circular pela sala até encontrar Barnaby, me sentar à mesa dele, jogar muito devagar, derramar meus drinques e fazer

perguntas estúpidas. Depois posso segui-lo quando ele mudar de mesa.

Giovanne fez um leve sinal com a cabeça.

— O que você quer com ele?

— A namorada de Barnaby foi assassinada há seis meses. Ele não é suspeito, mas quero lhe fazer algumas perguntas.

— Também somos novos — informou Giovanne. — Abrimos há três meses e não queremos interromper o movimento, se me entende.

— Claro que entendo — respondeu Milo. — Vamos fazer o seguinte: você manda Barnaby sair quando tiver uma folga e eu fico fora do caminho.

Giovanne puxou o punho duplo e verificou a hora em um relógio de ouro.

— Os crupiês fazem turnos de trinta minutos em cada mesa. Barnaby vai mudar de mesa em cinco minutos e ter uma folga dentro de uma hora. Se não causarem problemas, darei a folga a ele mais cedo. Está bom para vocês?

— Muito bom. Obrigado.

— Cinco minutos, então. Querem jogar enquanto esperam?

Milo sorriu de novo. — Não esta noite.

— Como quiserem. Podem esperar lá fora, ao lado do Camaro, e eu mando Barnaby procurá-los. Que tal um drinque, amendoins?

— Não, obrigado. Tem distribuído muitos carros ultimamente?

— Três até agora... depois de conversarem com ele, voltem para tentar a sorte.

— Se eu tivesse alguma, bem que tentaria.

— Qual é o seu jogo?

— Polícia e ladrão — respondeu Milo.

De qualquer maneira, uma garota de microvestido nos trouxe duas cervejas. Bebemos, encostados na parede fria do cassino, atrás do carro púrpura, observando o entra-e-sai, sentindo e ouvindo o jogo lá dentro. O estacionamento parecia se estender por quilômetros, fundindo-se com a escuridão e o céu salpicado de estrelas. Roncos de motores e faróis definiam uma estrada distante, mas a maior parte do movimento era ali.

No momento em que esvaziávamos nossos copos, um homem alto e magro, de camisa vermelha, saiu do cassino e olhou para um lado e para o outro, os dedos compridos dobrando-se e esticando-se.

Não tinha nem trinta anos, cabelos louros abundantes, botas de couro preto sob a calça preta bem-passada. Braços finos, mas fortes. Uma pulseira de prata com turquesa cingia um pulso liso, e uma corrente de ouro parecia apertar um pescoço comprido, com um pomo-de-adão que subia e descia sem parar. Tinha um rosto bonito, mas a pele estragada, com tantas cicatrizes de acne que perto dele Milo parecia ter pele de bebê. Duas espinhas sobressaíam à luz, e chamava

a atenção um inchaço vermelho na têmpora direita. Trazia um pequeno Band-Aid redondo sob a orelha esquerda e crateras profundas desciam pelo pescoço. Milo largou seu copo e saiu de trás do carro: — Mr. Barnaby?

Barnaby empertigou-se e cerrou os punhos. O distintivo de Milo em sua cara fez com que recuasse.

Milo estendeu a mão e Barnaby apertou-a, com a relutância de um homem com a palma úmida. Milo começou a guiá-lo para onde havia menos iluminação, mas Barnaby resistiu. Mas depois viu o manobrista se aproximando e cedeu. Junto do carro púrpura, ele olhou para mim e o copo em minha mão.

— Mas que diabo está acontecendo? Por causa de vocês acabei de ser demitido.

— Mandy Wright.

Os olhos castanhos ficaram fixos.

— O que a polícia de Los Angeles tem a ver com isso?

Milo pôs o pé no para-choque do Camaro.

— Tome cuidado — disse Barnaby. — O carro é novo.

— Quer dizer que não está tão desolado por causa de Mandy.

— Claro que estou. Mas o que eu deveria fazer, depois de tanto tempo? E por que isso deveria ser um motivo para me demitirem?

— Falarei com Giovanne.

— Obrigado. Mas por que você veio até aqui? Por que não telefonou para minha casa?

— Por que Giovanne o demitiria?

— Ele não me demitiu, mas me lançou o olhar. Conheço o olhar. Estão fazendo de tudo para não terem problemas, e você acaba de me transformar num problema. Ele tocou no Band-Aid, apertou-o, estremeceu.

— Droga! Acabei de alugar um apartamento em Cathedral City.

Milo inclinou a cabeça na direção da entrada do cassino. — Isto aqui não é exatamente o Caesar's, Ted. Por que deixou Las Vegas depois da morte de Mandy?

— Eu... fiquei arrasado, não queria encarar as pessoas.

— Então foi embora?

— Isso.

— Para onde?

— Reno.

— E depois? ...

— Utah.

— Por que Utah?

— É de onde eu vim.

— Mórmon?

— Podemos dizer que um dia eu fui... Escute, já falei tudo o que sei aos tiras de Las Vegas. E a verdade é que não sei de nada. Algum cliente deve tê-la matado. Jamais gostei do que ela fazia, mas estava gamado, e continuei com ela. O que devo dizer a vocês agora? E por que a polícia de Los Angeles está interessada?

— Por que não voltou a Las Vegas, Ted?

— Más lembranças.

— É o único motivo?

— É motivo suficiente. Fui eu que reconheci o corpo dela. — Ele balançou a cabeça e passou a língua pelos lábios.

— Não estava evitando alguém?

— Quem eu deveria evitar?

— O assassino de Mandy.

— Um cliente? Por que eu deveria evitá-lo?

— Como sabe que foi um cliente?

— Não sei, apenas acho que foi. Mas e daí? As garotas sempre correm perigo nessa profissão... Sabe como é. Risco ocupacional. Avisei a ela.

— Ela já tinha sofrido alguma brutalidade antes?

— Uma marca aqui e ali. Nada mais grave. Até que aconteceu. — Ele tornou a tocar no Band-Aid, e esfregou o pescoço esburacado.

— Tem alguma ideia de quem a machucou antes?

— Não. Ela nunca me deu nomes... fazia parte do nosso acordo.

— E qual era esse acordo?

— Eu não me metia na vida dela, e ela me dedicava seu tempo livre.

Um sorriso torto. — Eu estava muito mais gamado por Mandy do que ela por mim. Já viu alguma foto dela? Antes do que aconteceu, é claro.

— Hã-hã — murmurou Milo.

— Deslumbrante, não achou?

— Chegaram a viver juntos?

— Nunca. E justamente isso que estou tentando dizer. Ela queria ter seu próprio apartamento, seu próprio espaço.

— Seu próprio apartamento para trabalhar.

— Isso — respondeu Barnaby, mais alto.

Ele começou a estalar os dedos, contemplou-os, com uma cara triste, e acrescentou: — Ela era incrível. Metade havaiana, metade polinésia. São as pessoas mais bonitas do mundo. No começo fiquei completamente doido por ela, queria tirá-la daquela vida. E disse: meu bem, aprenda a cartear, pois com sua aparência vai ganhar uma nota alta em gorjetas. Ela riu, disse que gostava de sua

independência, não queria ter patrão. Adorava dinheiro, apreciava as boas coisas.

— Que tipo de coisas?

— Roupas, joias, carros. Costumava trocar de carro em intervalos de poucos meses. Corvettes, Firebirds, BMWs. O último foi uma Ferrari conversível usada, que ela comprou numa daquelas agências fora da cidade onde os perdedores deixam seus carros em troca de qualquer dinheiro. Ela costumava desfilar pela Strip na Ferrari. Comentei que era a primeira mulher que eu conhecia tão gamada por carros. Ela riu, disse sou gamada por motores grandes, Teddy. É por isso que gosto de você.

As mãos recomeçaram a se mexer. — Mas vejam aonde isso a levou.

Uma van descarregou um bando de soldados na frente do cassino, todos rindo como colegiais. Barnaby empertigou-se, e olhou para a porta de vidro.

— Isso é tudo o que sei, certo? Você teve de vir até aqui porque o mesmo maluco matou alguma garota em Los Angeles de forma parecida, certo? Do mesmo jeito que liquidou Mandy.

Milo não respondeu.

— Um desses assassinos seriais, certo? — insistiu Barnaby. — Era de esperar.

— Por quê?

— Eles sempre vão atrás de prostitutas. — Franzindo as sobrancelhas. — O que Mandy era, afinal, apesar de dizer que era atriz.

— Ela disse a você que era atriz?

— Disse, mas em tom de brincadeira.

Barnaby olhou para o chão, bateu com a ponta de um pé no outro.

— Como assim?

— Ela me disse: finjo ser o que o cliente quer, Teddy. Sou uma atriz.

— Ela fez filmes pornográficos?

— Não que eu saiba.

— Não?

— Não!

— Alguma vez especificou o tipo de fingimento?

— Não.

— Ou para quem ela fingia?

— Quando eu perguntava, ela se irritava, então parei de perguntar. Como já expliquei, ela não queria misturar as coisas.

Um elo psíquico entre a garota de programa e a professora. Milo me olhou de relance.

— Mandy tinha o apartamento dela, você tinha o seu, Ted?

— Isso.

— Onde vocês se encontravam?

— Na maioria das vezes no meu apartamento.

— Nunca no dela?

— Só nas terças-feiras. Seu dia de folga. — Ele passou a língua pelos lábios. — Tenho outra namorada agora. Ela não sabe de Mandy. — Dobrando os dedos. — A única coisa que ela vai saber agora é que aluguei um apartamento, e de repente fiquei desempregado.

— Em que sua nova namorada trabalha?

— Não na mesma de Mandy. — Cerrou os punhos de novo. — Caixa, está bem? Ela trabalha na Thrifty Drug. Nem chega aos pés de Mandy em matéria de aparência, mas não me importo. Ela mora em território índio, e temos falado em viver juntos.

— Onde a conheceu?

— Aqui. Que importância tem isso? Numa festa.

— Onde conheceu Mandy?

— No cassino onde eu trabalhava. Eu era tão bom que me puseram na mesa de quinhentos dólares, e Mandy costumava ficar por ali. Jogava de vez em quando, mas eu sabia o que ela queria.

— E o que era?

— Pegar um grande apostador. Procurava a maior pilha de fichas, chegava até a mesa num vestido bem decotado, inclinava-se, soprava no ouvido do cara, essas coisas.

— E funcionava?

— O que você acha?

— Ela tinha clientes regulares?

— Não sei, cara. Posso ir agora?

— Daqui a pouco, Ted — respondeu Milo. — O que está me dizendo é que no relacionamento entre vocês dois era ela quem dava as cartas.

— Eu deixava. Porque ela era deslumbrante. Mas eu aprendi. Como se diz. Se você quer ser feliz, case com uma garota feia.

— Você e Mandy alguma vez falaram em casamento? — com certeza... Cerca de madeira branca, dois filhos e uma porra de uma caminhonete. Eu já falei... ela gostava de coisas boas.

— Roupas, joias e carros.

— Isso.

— E coca.

Barnaby tornou a cerrar os punhos. Olhou para o alto. — Não vou entrar nessa.

— Por que não?

— Você não tem direitos na reserva. Só estou falando porque gostava de Mandy. Mas posso ir embora a qualquer momento. Tenho esse direito.

— É verdade — concordou Milo. — Mas o que acontece se eu procurar a polícia de Cathedral City e falar sobre seu passado?

— Que passado?

— A polícia de Las Vegas disse que você e Mandy consumiam muito, e que você era o fornecedor dela.

— Porra nenhuma.

— Disseram que, depois que ela morreu, você passou a consumir mais ainda. Era por isso que ninguém em Las Vegas o queria de volta.

O suor no rosto esburacado de Barnaby lhe dava a aparência de um donut com uma camada de glacê. Ele nos virou as costas. As cicatrizes na nuca sobressaíam como braile.

— Por que está fazendo isso comigo?

— Não estou fazendo nada com você, Ted. Só quero saber o máximo possível sobre Mandy.

— E eu já disse tudo o que sei!

— Estou falando sobre a droga porque estou interessado no estilo de vida de Mandy.

— O estilo de vida? Qual você acha que era? Pegar homens!

— Droga significa bandidos. E bandidos machucam pessoas.

Barnaby não respondeu.

— Ela devia dinheiro a alguém? — perguntou Milo.

— Nunca mexi nas contas dela.

— Algum dos caras de quem você comprava coca se irritou com ela?

— Você é quem está dizendo que eu comprava para ela.

— Alguém se irritou com ela algum dia?

— Não que eu soubesse.

— Ela trocava sexo por coca?

— Não que eu soubesse.

— E nunca pediu a ela para fazer isso?

— Não sou cafetão.

— Apenas nas horas vagas dela, companheiro.

— Olha, a coisa não era assim. Eu não tinha nenhum controle sobre ela. Mandy era independente. Gostava de mim porque eu a escutava. Sou um bom ouvinte, entende? Trabalhando em cassino, você ouve histórias tristes o tempo todo.

— Quais eram os problemas de Mandy?

— Que eu soubesse não tinha nenhum.

— Uma garota feliz.

— Parecia ser.

— E não tem ideia de quem eram seus clientes regulares?

— Não.

— Na noite em que morreu, ela fez algum comentário sobre a pessoa com quem ia se encontrar?

Barnaby massageou o pescoço.

— Você não está entendendo. Ela nunca falava nada sobre o trabalho.

— Você disse à polícia de Las Vegas que estava trabalhando naquela noite.

— Nem precisava dizer. Dezenas de pessoas me viram. E só descobri que ela tinha morrido no dia seguinte, quando liguei para seu apartamento e um tira atendeu. Eles me pediram para ir à delegacia e depois ao necrotério para identificar o corpo.

— Ela trabalhava em algum outro lugar que não o apartamento?

— Provavelmente.

— Provavelmente?

— Se Mandy pegasse algum cara que estivesse no cassino jogando e ele estivesse hospedado no hotel, os dois provavelmente subiriam para o quarto dele.

— Se?

— Certo, quando ela pegava...

— Ela chegou a trabalhar na rua?

— Chegou. Quando não tinha grana nenhuma.

— Tem ideia de por que ela foi morta na rua?

— Provavelmente desistiu do serviço e quis largar o cliente no meio da rua e ele ficou doido.

— Ela costumava fazer isso?

— Como vou saber? Você pediu um palpite. Estou dando.

— Nunca apareceu no apartamento dela durante o horário de trabalho?

— Apareci. E ela ficou furiosa.

— Portanto, ela impunha as regras.

— Ela era a estrela, cara. — Um leve sorriso. — Uma vez, quando estávamos... ela estava de bom humor, e me disse, sei que você fica chateado pelo que faço, Teddy, mas tente não ligar, não é nada demais, apenas uma representação. Claro, respondi. Merece o Oscar. Ela riu e disse: exatamente. Deveriam me dar o Oscar pelo que faço... melhor atriz coadjuvante com as pernas abertas. Eu... isso me irritou. Não gostava de ouvir essas coisas. Mas ela achou engraçado, riu como uma doida.

— Quando ela foi esterilizada?

Barnaby baixou as mãos.

— O quê?

— Quando ela foi esterilizada... ligou as trompas?

— Antes de eu a conhecer.

— Quanto tempo antes?

— Não sei.

— Então ela contou a você.

— O assunto só surgiu porque banquei o babaca, comecei a falar que gostava de crianças, que seria maravilhoso ter um casal de filhos um dia. Ela riu... riu muito.

Barnaby tornou a passar a língua pelos lábios.

— Perguntei o que era tão engraçado. Ela falou: você é uma graça, Teddy. Vá em frente, tenha os seus pirralhos com alguma boa moça, e aproveite para ter um a mais por mim, porque eu não posso. Como assim, perguntei. E ela disse que deu um jeito. Operou. Perguntei por que ela tinha feito isso. E ela respondeu que já estava cansada da confusão, do risco, não precisava mais tomar pílulas que causavam câncer. Depois riu de novo, disse que eu devia considerar como uma despesa profissional, um custo que podia deduzir do imposto de renda. Bela piada. Não gostei, mas com Mandy ou você aceitava as coisas ou se mandava. E quando aceitava, quando ria com ela, as coisas eram maravilhosas.

— E quando não aceitava?

— Ela o chutava para escanteio.

— Portanto, Mandy foi esterilizada antes de você a conhecer. O que significa mais de um ano.

— Eu a conheci um ano e meio antes de ela morrer, e foi antes disso.

— Ela disse onde fez a operação?

Um segundo de hesitação.

— Não.

— Alguma vez mencionou o nome do médico?

— Isso, não.

— Como assim, Ted?

— O nome dele ela nunca disse.

— Ela disse mais alguma coisa a respeito dele?

— Não, mas eu o vi.

— Onde?

— No cassino.

— Quando?

— Talvez um mês antes.

— Um mês antes de Mandy ser morta?

— Isso.

— Conte como foi.

— Por quê? Ele é algum tipo de...

Milo ergueu a mão enorme.

— Conte como foi, Ted.

— Está bem, está bem. Eu estava trabalhando e a vi fazendo seu número. Circulando por lá em um vestidinho preto de frente-única, os cabelos armados, brincos de imitação de brilhantes.

Ele fechou os olhos por um segundo, preservando a imagem, tornou a abri-los, e arrumou a camisa vermelha.

— Tentei atrair sua atenção — continuou —, pensando em encontrá-la mais tarde. Ela me deu um largo sorriso, mas depois percebi que sorria para alguém atrás de mim, não para mim.

— O médico — disse Milo.

— Eu não sabia na ocasião que ele era médico. Depois Mandy me contou. Ela passou por minha mesa e foi ao encontro dele, em outra mesa de quinhentos dólares, ele estava com uma bela pilha de fichas. Disse oi para ele e um outro cara, trocaram abraços e beijos, como velhos amigos. Ele recolheu suas fichas e os três se retiraram. No dia seguinte eu lhe disse obrigado por dizer olá, e ela me falou para não ficar chateado, que conhecia o cara há muito tempo. É o médico que me operou, ela disse, devo muito a ele.

— Como assim, devia a ele?

— Talvez ele tenha feito de graça, quem sabe?

— Uma troca?

Barnaby deu de ombros.

— Como ele era? — perguntou Milo.

— Não tinha nada de especial. Trinta e cinco ou quarenta anos, baixo. Mas com essa parte grande. — Tocou no ombro. — Como quem faz muita ginástica. Cabelos curtos, quase raspados, olhos meio puxados. Roupas boas... terno, gravata e tudo mais.

— E o outro?

— Que outro?

— Você disse que havia outro cara.

— Ah, sim. Ele era velho, nada demais. Parecia doente... pele amarelada, numa cadeira de rodas empurrada pelo médico. Talvez fosse um paciente rico tendo uma última aventura. Isso acontece o tempo todo em Las Vegas. Gente completamente fodida, paraplégicos, pessoas com balão de oxigênio, fracassados sem pernas. Empurrados pelo cassino com corpos cheios de fichas. Como uma última aventura, entende?

— O que mais Mandy disse a respeito deles?
— Ela não disse nada sobre o velho.
— E sobre o médico?
— Que ele a operou, só isso.
— E que ela devia muito a ele.
— Isso. O cara é algum maluco?
— Não — respondeu Milo. — É um herói.
Barnaby parecia confuso. Milo acrescentou: — Mais alguma coisa de que se lembre?
— Não.
— Certo. Obrigado.
— Não há de quê.
— O endereço em Vista Chino é onde você mora agora?
— É, sim.
— Qual é o endereço do apartamento que está alugando?
— Qual a diferença? Fui demitido por sua causa. Não posso mais alugá-lo.
— Nunca se sabe.
Barnaby ditou a rua e o número. Enfiou as mãos nos bolsos, começou a se afastar.
— Quer que eu fale com Giovanne? — perguntou Milo.
— Não vai adiantar.
— Como preferir.
Barnaby parou. — Ei, se você quiser falar, tudo bem. Se também quiser se sentir um herói, tudo bem.

Jogamos cinco rodadas de vinte-e-um, perdemos todas, agradecemos ao gerente, pegamos a estrada de volta e atravessamos o deserto em alta velocidade. Uma lua cinzenta pairava baixo no céu, e a areia parecia neve.
— Um velho numa cadeira de rodas — comentei. — Talvez Big Micky Kruvinski?
Milo se ajeitou no banco do motorista e girou o pescoço.
— Ou talvez fosse um paciente rico. Saindo para se divertir e debitando a despesa no serviço público de saúde, como fisioterapia. Só Deus sabe que tipo de coisas Cruvic faz por dinheiro.
— O ponto principal: Cruvic conhecia Mandy.
— Cretino. Tenho de encontrar um meio de examinar seus arquivos. Barone é um especialista em construir muralhas de papel, e tudo o que temos contra Cruvic até agora é suspeita, não há nenhuma base para um mandado judicial.
— Perguntou a Barnaby sobre drogas porque acha que pode haver alguma

relação?

— Perguntei porque ele ainda é um usuário... você viu todo aquele suor, aqueles olhos? E foi a sério o que eu falei sobre os bandidos.

— Hope e cocaína? Não há nenhuma indicação de que ela algum dia tenha usado.

— Esse é o problema: não há indicação nenhuma em nada que diga respeito a Hope.

— Casey Locking poderia fornecer alguma — falei. — Ele tem uma certa ligação com Cruvic. Continuo pensando na conversa que tivemos no campus, quando ele assumiu a linha da lei e da ordem. É o comportamento padrão do psicopata: as regras se aplicam a todos, menos a mim. Talvez eu possa descobrir algo sobre ele por meio da outra aluna orientada por Hope... a que está em Londres. Vou tentar falar com ela de novo.

O Porsche passou de cento e quarenta quilômetros por hora.

— É muito estranho, Alex. O caso começa em grande estilo... professores, a turma do QI elevado, mas agora voltamos ao terreno habitual: viciados, traficantes, prostitutas, os tipos do submundo.

— Os pequenos compartimentos de Hope — comentei.

Ele pensou a respeito por dois ou três quilômetros, até que por fim acrescentou: — É verdade. Mas em que compartimento ficava a cascavel?

Paramos para tomar um café numa lanchonete vinte-e-quatro-horas, em Ontario, e chegamos a Los Angeles pouco antes das duas da madrugada. Outro bilhete fora acrescentado à pilha na mesa de jantar:

Ah, as excursões noturnas! Acorde-me se quiser.
Sua correspondente, R.

Apesar das quatro xícaras de café descafeinado, eu sentia a garganta seca do ar do deserto. Peguei uma água com gás gelada e fiquei sentado na cozinha bebendo.

Ocorreu-me que já era manhã na Inglaterra e fui à biblioteca para procurar o telefone de Mary Ann Gonsalvez. Dessa vez ela atendeu, com uma voz suave e curiosa: — Alô?

Informei quem era.

— Ah, sim. Recebi seus recados. — A voz não se alterou.

— Dispõe de tempo para conversar sobre a professora Devane?

— Acho que sim... Foi terrível demais. A polícia já tem alguma ideia de quem seja o culpado?

— Não.

— Terrível — repetiu ela. — Eu só soube uma semana depois, quando o departamento me passou um fax informando. Não pude acreditar. Mas... não sei como poderia ajudar.

— Estamos tentando obter o máximo possível de informações sobre a professora Devane. O tipo de pessoa que era. Seus relacionamentos.

— É por isso que está envolvido, dr. Delaware?

— É, sim.

— Interessante... novos usos para nossa profissão. Desculpe não ter retornado suas ligações, mas achei que não tinha nada a dizer. Ela era uma grande orientadora para mim.

Disse as últimas palavras com menos ênfase. — Para você, mas não para outra pessoa? — perguntei.

Mais uma pausa. — O que eu quis dizer foi que o estilo da professora Hope se ajustava ao meu. Sem intromissão, cuidando da própria vida. E ajudou-me a obter a bolsa para este ano na Inglaterra.

— Sem intromissão como?

— Ela me deixava fazer as coisas do meu jeito. Sou meio compulsiva, então deu certo.

— Uma autossuficiente.

Ela riu. — É uma maneira mais simpática de dizer.

— Alguém que precisasse de uma orientação maior poderia achar difícil o estilo dela?

— Creio que sim, mas isso seria apenas suposição.

— O que me diz de Casey Locking? Ele também é autossuficiente?

— Não conheço Casey. — Tensão na voz.

— Não?

— Não muito bem. Já passou por isso, dr. Delaware, sabe como o sistema funciona: três anos de curso, exames, depois a pesquisa para a tese. Alguns alunos sabem o que querem, estabelecem um vínculo com o orientador desde o início. Não era o meu caso. Entre o emprego, minha filha e as aulas, eu quase não tinha tempo.

— Que idade tem sua filha?

— Três anos. Acabei de mandá-la para a creche. Há creches excelentes aqui.

— Melhores do que em Los Angeles?

— Melhores do que as creches que eu encontrei em Los Angeles. Queria um lugar que proporcionasse algum aconchego, que fizesse mais do que simplesmente cuidar da criança. Seja como for, eu vivia afobada, correndo de um lado para o outro, então pode compreender por que não tinha tempo para ficar batendo papo com Casey ou qualquer outra pessoa.

— Teve algum contato com ele?

— Mínimo. Ele... nossos perfis eram diferentes.

— Como assim?

— Eu me interesso pelo trabalho clínico. Ele parecia não ligar para essa área.

— Pesquisa pura?

— Creio que sim.

— Ele é mesmo um pouco diferente — comentei.

— Como assim?

— O casaco de couro preto.

— Ah, sim. Ele tenta projetar uma imagem.

— Portanto, embora fossem os dois únicos orientandos da professora Devane, tinham pouco a ver um com o outro.

— Correto.

— Sabe alguma coisa sobre a pesquisa dele?

— Sei que está relacionada a autocontrole. Experiências com animais, eu acho.

— A professora Devane também não se intrometia no trabalho dele?

— Eles publicaram ensaios juntos, o que significa que deviam partilhar alguns interesses. Por que pergunta? Casey está... envolvido de alguma forma?

— Ficaria surpresa se ele estivesse?

— Claro que sim. Pensar que uma pessoa que eu conheço possa fazer algo assim seria desconcertante. Devo dizer que esta conversa começa a me incomodar, dr. Delaware. Nem mesmo posso ter certeza se é de fato quem diz ser.

— Se quiser, posso lhe dar o telefone do policial encarregado da investigação.

— Não há necessidade. Afinal, não tenho mais nada a dizer.

— Mas falar sobre Casey a incomodou.

Ela deu uma risada baixa e breve.

— Parece um comentário terapêutico, dr. Delaware.

— É um comentário acurado?

— Falar sobre qualquer pessoa me incomoda. Não gosto de fofocas.

— Quer dizer que não tem nada a ver com Casey, especificamente?

— Ele... tenho algumas impressões a respeito dele, mas não são relevantes.

— Não gosta dele?

— Prefiro não declarar nada — disse ela, um pouco mais alto.

— Ms. Gonsalvez, a professora Devane foi assassinada com a maior brutalidade. Não há nem pistas nem meios de saber o que é relevante e o que não é.

— Isso significa que Casey está sob suspeita?

— Não. Não formalmente. Mas se há alguma coisa nele que a perturba, eu gostaria de saber do que se trata. Ou posso pedir ao detetive Sturgis para ligar.

— Puxa... Isso não pode chegar aos ouvidos de Casey. Ele é... não é que eu tenha medo dele, mas é alguém cujo lado ruim eu não gostaria de ter de enfrentar.

— Já viu esse lado ruim em ação?

— Não, mas ele... já vi sua pesquisa. Não fui totalmente honesta ao dizer que achava que Casey fazia experiências com animais. Sei que ele fazia isso, porque uma noite desci por acaso ao subsolo e passei por seu laboratório. Eu estava corrigindo algumas provas e tinha de ir buscá-las no laboratório da professora, no subsolo. Deviam ser onze horas da noite, todos já tinham ido embora. Ouvi música... heavy metal... e vi uma luz pela porta entreaberta. Dei uma espiada e lá estava Casey, de costas para mim. Ele mantinha ali gaiolas com ratos, labirintos, os mais diversos equipamentos psicofisiológicos. A música estava muito alta, e ele não me ouviu. Tinha um rato na mão... entre os dedos. E apertava o pescoço do bicho. O pobre coitado se contorcia e guinchava. Era evidente que Casey o estava machucando. E depois ele começou a dançar, acompanhando o ritmo da música, enquanto beliscava o rato. O rabo estava... uma coisa horrível de se ver. Tive o ímpeto de entrar correndo e detê-lo, mas não fiz isso. Estava muito assustada, sozinha ali embaixo. Desde então acho que sempre tive medo dele... o casaco de couro, seu jeito. Já viu o anel que ele usa?

— A caveira.

— Vulgar. E imaturo. Uma vez ele me viu olhando para aquilo e contou que tinha ganhado de Hope. O que acho difícil de acreditar.

— Por quê?

— Ela era a classe em pessoa. Casey estava apenas fazendo um jogo comigo... seja como for, aquilo me incomodou por muito tempo. O rato. Continuei pensando que deveria contar a alguém... o departamento tem regras sobre o tratamento que deve ser dispensado aos animais. Mas Hope era a orientadora de Casey, eu sabia que ela gostava dele e... Sei que isso parece com uma rivalidade mesquinha entre irmãos, mas não havia a menor dúvida de que Casey era o filho predileto. Assim, se eu criasse problemas para ele, como Hope reagiria? Foi uma covardia, dr. Delaware, mas meu objetivo é obter logo o PhD, sair para o mundo, construir um bom lar para a minha filha. Hope mantinha-se fora da minha vida, e eu tinha me ajustado a isso.

— Ela se mantinha fora a ponto de ser negligente?

— Com toda a sinceridade? Houve ocasiões em que precisei da ajuda dela, mas ela não estava disponível, e às vezes isso me irritava. Por causa do meu

horário apertado, cada adiamento era um problema. Até tentei lhe dizer isso uma vez. Ela se mostrou bastante simpática, mas não deu ouvidos, então nunca mais toquei no assunto. Quando a escolhi, pensei que ela seria ideal por causa de seu feminismo. Eu estudo papéis sexuais em culturas diversas e a criação de filhos. Pensei que ela ia se entusiasmar com o tema, mas não foi o que aconteceu.

— Mas com Casey foi diferente.

— Muito diferente. Ela sempre parecia ter tempo para Casey. Não me entenda mal, pois quando nos reuníamos ela era sensacional... dava um grande apoio, demonstrava uma inteligência excepcional. E conseguiu minha bolsa de pesquisa. Mas ter sua atenção sempre foi difícil, e tornou-se impossível depois que o livro foi publicado. Na época em que vim para a Inglaterra, já começava a me sentir como uma órfã.

— Como sabe que ela passava mais tempo com Casey?

— Porque os via juntos com frequência, e ele fazia questão de me contar. "Hope e eu almoçamos juntos", "Estive na casa de Hope outro dia". Com uma alegria quase maldosa... Meu Deus, isso realmente parece ciúme entre irmãos, não parece?

— Costuma acontecer em cursos de pós-graduação.

— Imagino. Hope até o levou aos programas de TV. Casey me contou que sentou na sala de espera no estúdio, foi apresentado a celebridades. Claro que não estou querendo dizer que ela não tinha o direito de trabalhar com quem preferisse.

— Beliscar ratos... Uma alegria maldosa... Parece que ele estuda o controle de algumas maneiras bem desagradáveis.

— Isso mesmo. Eu o vejo como um tipo altamente dominante. Uma dessas pessoas que não querem se envolver com uma situação se não podem controlá-la. Mas ele é inteligente. Muito inteligente.

— Como sabe?

— Ele sempre tirou notas altas durante os três primeiros anos do curso, e lembro de alguém comentando que tinha sido o primeiro de sua turma em Berkeley.

— Mas não tinha interesse por questões clínicas.

— Justamente o oposto. Costumava menosprezar o trabalho clínico, dizia que a psicologia era presunçosa porque não contava com suficiente base científica para ajudar as pessoas. Esse ponto de vista combina muito bem com as posições de alguns figurões do departamento, portanto é bem provável que ele acabe se tornando um catedrático. E com sua inteligência e necessidade de dominar, é possível até que acabe como chefe do departamento.

— Um chefe de departamento com casaco de couro preto?

— Tenho certeza de que isso não passa de uma fase. Talvez no próximo ano ele passe a usar casacos de tweed com reforço nos cotovelos.

Continuei sentado, pensando no sofrimento do rato entre os dedos de Locking. Mister Anel de Caveira.

Um presente de Hope.

Outro formado em Berkeley.

A ligação com o norte da Califórnia... Big Micky se mudando para San Francisco porque ali podia escapar impune de coisas piores.

Quantas conexões havia? Até que ponto o caso estava ligado ao passado.

Entrei no quarto na ponta dos pés, determinado a não acordar Robin. Deitei na cama devagar, tomando o maior cuidado para não balançar o colchão.

Mas ela murmurou "Querido?" e se aninhou junto a mim.

Envolvi-a em meus braços.

18

Na manhã seguinte minha mente era como o visor de um rifle, com Locking no centro da mira.

Telefonei às nove da manhã, ainda de roupão. Ninguém atendeu em casa dele ou na sala no campus. Estaria no subsolo com os ratos?

Eu não tinha o endereço residencial, porque sua ficha desaparecera. Ele próprio a pegara? Para esconder alguma coisa?

Liguei para o departamento de psicologia, dei à minha voz um tom de autoridade contrariada e disse à secretária: — Aqui é o dr. Delaware. Preciso localizar um estudante de pós-graduação para tratar de uma questão de pesquisa. Casey Locking. A ficha que você tinha dele sumiu e você me deu o telefone, mas preciso do endereço dele.

— Um instante, doutor. — Um clique, outro. — Tenho o endereço dele: Londonderry Place, 1.391.

Depois de anotar, perguntei: — Há uma extensão no laboratório dele?

— Espere um minuto... Não, doutor, não há extensão.

— Obrigado. Qual é o código postal da Londonderry Place?

— Los Angeles 90069.

Hollywood Hills, ao norte da Sunset Strip. Um belo endereço para um estudante de pós-graduação. Agradeci de novo e fui me vestir.

Segui para a Sunset, cruzando Beverly Hills, e entrei em West Hollywood, passando por agências de talentos, escritórios de advogados criminais de altos honorários, caixas de vidro cheias de Ferraris e Lamborghinis usados. Passei pelo Roxy, pelo House of Blues e pelo Snake Pit, que já fora o Gazzarri's antes de ser destruído por um incêndio. Na Holloway avistei uma placa em magenta e bronze em que se lia CLUB NONE, em cima de um copo de néon.

Portanto, Locking morava perto do lugar onde Mandy exercera seu ofício, talvez com o último cliente.

Em seguida veio a Sunset Plaza, com suas butiques elegantes ao melhor estilo de festa do Oscar e seus cafés com mesas externas ocupadas por pretensas atrizes, sob a observação de abutres mal barbeados, esperando que elas enriquecessem ou morressem. Se alguma daquelas mulheres encontrasse trabalho no cinema, a possibilidade era de que fosse sem as roupas. De um jeito ou de outro, os homens estariam observando.

A Londonderry Place ficava um quarteirão depois do último café, o Ben Frank's, que funcionava vinte e quatro horas por dia. Era uma colina elevada fora

do tráfego mais intenso. Gramados inclinados, casas grandes, com menos estilo arquitetônico que uma parada de ônibus.

A de Locking ficava a dois quarteirões do início da ladeira, térrea, branca, inalterada desde sua construção nos anos cinquenta. Em um ponto tão alto como aquele, podia-se ter uma vista espetacular da cidade, mas a casa tinha janelas baixas e com persianas. Sagitárias, iúcas e gazânias orlavam a fachada inclinada. Degraus de concreto levavam à porta da frente e havia uma placa de uma empresa de alarmes acima do umbral.

Subi por uma longa entrada lateral para carros que ia até o fundo da casa. O espaço era suficiente para meia dúzia de veículos, mas havia apenas um estacionado ali: um BMW 530i preto. Um portão de madeira aberto deixava ver uma piscina azul com beiradas de concreto e uma espreguiçadeira. Fícus baixos e densos projetavam sua sombra.

Nada de luxuoso, mas mesmo assim o aluguel devia ser no mínimo de dois mil dólares por mês.

Subi os degraus até a porta. Não havia nenhuma correspondência ali, mas ainda era muito cedo para a entrega do dia. O carro indicava que Locking devia estar em casa.

Toquei a campainha e esperei. Música ou algo parecido chegava até a porta. Um som vigoroso, ritmado. Um vocalista gritando.

Thrash metal. A escolha de Locking para música de fundo quando atormentava o rato.

Bati com mais força na porta, toquei a campainha de novo, mas ninguém atendia. Voltei à entrada para carros, olhei para a rua. Não havia vizinhos à vista. Em Los Angeles, é raro vê-los.

Passei pelo BMW e avancei pela lateral da casa. Mais janelas com persianas.

A piscina, ao estilo dos anos cinquenta, era grande e oval, ocupando noventa por cento do quintal dos fundos. O resto era uma elevação de hera, desaparecendo à sombra de dois fícus, de vinte metros de altura e troncos enormes, com raízes grossas que avançavam sob a beira da piscina, levantando o concreto. A espreguiçadeira que vira antes estava enferrujada e havia duas outras, no mesmo estado. Não muito longe havia uma churrasqueira a gás e uma mangueira desenrolada, tão cheia de buracos que já não tinha nenhuma utilidade.

A música estava bem mais alta ali atrás.

Um toldo de fibra de vidro escurecia portas de vidro corrediças, ligeiramente abertas.

Fui até lá e espiei. O cômodo parecia um refúgio. Havia um bar bem suprido, espelhos com logotipos de cervejas, copos pendurados, cinzeiros grandes de plástico.

Nenhuma luz, exceto pelos números verdes dançando em um painel preto. Um aparelho de som de quase dois metros de altura. O CD player tocando. O volume ensurdecedor.

Tentando ignorar o barulho, apoiei a mão na porta e apertei os olhos para observar melhor. Painel de alarme num canto. Outra luz verde: desligado.

O carpete cinza era encardido. Sofás de couro preto, mesas pretas laqueadas, uma escultura acrílica de uma mulher nua se inclinando em submissão. Uma parede era ocupada por um pôster, numa moldura cromada, de uma mulher cheia de blush, com seios avantajados, vestindo uma calça de couro justa. Um gorro de motociclista cobria um dos olhos e o outro estava fechado. No lado oposto havia uma lareira de granito cinza com bordas irregulares. Sem lenha. Cadeiras pretas de estofamento macio.

Uma única caixinha de CD sobre uma delas.

A percussão era um ataque de pânico, um contrabaixo torturado, guitarras com o barulho de motores a jato. Vocais estridentes de estourar os miolos.

Nenhum sinal de Locking.

Empurrei a porta alguns centímetros mais, enfiei a cabeça e chamei: — Alguém em casa?

Cigarros, pontas e cinzas no carpete. Havia pilhas de revistas sobre uma mesa. Dei alguns passos à frente e voltei a chamar, dessa vez gritando mais alto: — Olá?

As revistas eram uma mistura de publicações de psicologia e de coisas que não exigiam um PhD para entender.

Capas coloridas: um tom rosado de mamilos, vermelho de lábios, louro de cabelos, castanho-claro de pelos púbicos. E o brilho esbranquiçado de ejaculação recente.

The Journal of Clinicai Practice e aquilo.

Em outra mesa havia uma lata de cola aberta, uma garrafa de Bacardi quase vazia, um copo com alguma coisa diluída, cor de âmbar. Um balde de gelo só com água, o drinque preparado horas antes.

Um copo. Uma festa individual.

Talvez a cuba-libre tivesse deixado Locking num estado de estupor profundo o bastante para não ouvir o barulho.

Gritei de novo.

Não houve resposta.

Tentei mais uma vez. A sala fedia a nicotina e ao hábito de comprar comida para viagem.

Os cinzeiros pretos no bar transbordavam. O logotipo de um cassino de Las Vegas estampado em um. O mesmo em que Ted Barnaby trabalhara.

A caixinha de CD na cadeira era de uma banda chamada Sepultura.

Muito engraçado. A imagem.

Desliguei o som.

Silêncio. Nenhum protesto.

— Alguém em casa?

Nada.

Não era o momento para explorar o resto da casa: metade dos habitantes de Los Angeles possui armas, e a ligação de Locking com Cruvic, mais a imagem de durão, tornava provável que fosse um deles. Se Locking conseguira dormir com todo aquele barulho, despertá-lo podia ser perigoso. No mínimo, eu era culpado de invasão de domicílio.

Virei-me para ir embora e vi algo sob um dos cinzeiros.

Uma foto Polaroid. Um canto dobrado.

Alinhada com a beira do balcão.

Posicionada.

Como se estivesse em exposição.

A foto de uma mulher.

Nua da cintura para cima, os braços esticados acima da cabeça, os pulsos amarrados à cabeceira de uma cama de madeira, o que puxava os seios pequenos para cima e esticava a pele clara sobre um tórax delicado. Deltoides contraídos, pele arrepiada.

O rosto estava coberto por um capuz de couro preto com zíperes. Dois zíperes abertos na região nasal, o zíper sobre a boca fechado. Os orifícios para os olhos também abertos. Através dos quais faiscavam dois círculos castanhos.

Mais abaixo, dois mamilos eretos beliscados por um par de mãos.

Mãos de homem.

Dois homens diferentes.

A mão da esquerda, sem pelos, o braço descoberto.

Uma pequena tatuagem de âncora no meio do antebraço.

A mão da direita, com a pele lisa e também sem pelos, saía de um punho preto canelado.

Um anel nessa mão. Uma caveira prateada, com olhos de vidro vermelho.

Inclinei-me mais sobre a foto.

E foi então que avistei Locking.

No chão, atrás do bar.

Sentado em um canto, as pernas estendidas, os braços soltos. Uma das mãos dobrada, os dedos da outra esticados.

Unhas azuis. Lábios azuis.

O anel de caveira sorria para mim.

A cabeça estava jogada para trás, de tal maneira que o pescoço se arqueava para o teto. Os ossos da face saltados, o cabelo comprido desgrenhado.

Um roupão de seda preto mal cobria o corpo magro e branco.

Branco exceto pelas manchas avermelhadas onde o sangue assentara depois que ele parara de respirar.

A boca entreaberta.

Em vida ele fora presunçoso, mas deixara este mundo parecendo surpreso.

Um buraco coberto por uma crosta no centro da testa alta.

Listras cor de ferrugem no rosto, descendo para o peito liso, criando manchas marrons na seda preta.

Sangue no carpete e na parede onde ele estava encostado.

Sangue sob o corpo.

Muito sangue; por que eu não vira antes?

Os olhos estavam semicerrados, secos, mortiços. Cílios compridos com rímel de sangue.

Eu já vira muitas mortes. Na última vez, o homem que eu matara... legítima defesa.

Podia ouvir minha respiração.

E de repente a sala tinha um cheiro azedo.

A posição da cabeça de Locking atraiu minha atenção. Deveria estar caída.

Mas estava inclinada para trás, encostada na parede, como que em uma oração.

Posicionada daquele modo?

Ao seu redor, mais fotos. E muitas. Emoldurando o cadáver. A mesma mulher, amarrada e mascarada. Fotos em close: coxas, peito, barriga e púbis.

Outras, mostrando todo o corpo, comprido, esguio e claro, com as pernas bem abertas sobre a cama com lençóis brancos.

Pernas amarradas ao pé da cama, quadris levantados, como que tentando corcovear para derrubar um cavaleiro.

Fotos dela sozinha, outras com as mesmas duas mãos. Beliscando, apertando, acariciando, abrindo, penetrando.

Closes ginecológicos.

E um close do rosto, perto da mão direita de Locking.

O capuz removido.

Cabelos louros presos.

Um rosto bonito, refinado.

A boca aberta expressando de medo ou excitação. Ou ambos. Os olhos castanhos arregalados, brilhantes, focalizados e distantes ao mesmo tempo.

Mesmo expostas daquela maneira, as emoções de Hope Devane eram difíceis

de interpretar.

Meus olhos se deslocaram para o cadáver de Locking.

Havia mais uma coisa no chão.

Uma caixa de papelão. Mais fotos. Centenas.

Letras pretas meticulosas na lateral da caixa.

ESTUDO DE AUTOCONTROLE, LOVE 4, EXAME PRELIMINAR

Quando saíra com a caixa da casa de Seacrest, Locking nem se dera ao trabalho de fechá-la. Escondera as fotos sob uma camada de impressos de computador.

Pregando uma peça nos policiais.

E Seacrest estava a par. Ele avisara Locking.

O braço tatuado. Coparticipantes.

Um zumbido me fez pular de susto.

Uma mosca verde brilhante entrou pela porta aberta. Circulou pela sala, pousou no bar, decolou de novo, inspecionou um cinzeiro, voou em minha direção. Afugentei-a com a mão e ela se desviou, foi se contemplar num espelho, voou de volta. Pairou sobre o corpo de Locking, mergulhou e pousou no abdome.

Ficou imóvel por um instante, depois foi subindo para o rosto sem vida.

Para uma crosta de sangue.

E ali ficou. Esfregou as pernas dianteiras.

Saí à procura de um telefone.

— Não é um crime — repetiu Philip Seacrest.

Era como se estivesse dando aula a seus alunos, mas Milo não era um universitário.

Uma sala de interrogatório na delegacia da zona oeste de Los Angeles. Uma câmera de vídeo ligada no automático, mas nem por isso Milo deixava de escrever. Eu estava sozinho no cubículo de observação, com café frio e imagens congeladas.

— Não, professor, não é.

— Não espero que compreenda, mas creio que a vida pessoal de cada um é justamente isso.

Milo parou de escrever.

— Quando começou, professor?

— Não sei.

— Não?

— Não foi ideia minha... nunca tive essa propensão.

— De quem era a propensão?

— De Hope. De Casey. Nunca tive certeza de qual dos dois de fato iniciou tudo.

— Quando o senhor se envolveu? — perguntou Milo, pegando uma das fotos na mesa e passando o indicador por uma ponta.

Seacrest desviou os olhos. Minutos antes, ele estava sem o paletó cinza e com a manga da camisa branca enrolada, revelando a tatuagem de âncora. Mas depois o colocara e abotoara.

Começou a passar os dedos pela barba por fazer. Sua primeira reação, ao ver as fotos, fora de choque. Depois, uma resignação de olhos cheios de lágrimas fora sucedida por uma firme determinação. Não fora preso, embora Milo tivesse lhe oferecido um advogado para assisti-lo no interrogatório. Seacrest recusara de uma maneira um tanto brusca, como que insultado pela sugestão. Com o desenrolar da entrevista, ele conseguira superar a indignação.

— Quando se envolveu, professor?

— Depois.

— Quanto tempo depois?

— Como eu podia saber, Mr. Sturgis? Já lhe disse que não tenho a menor ideia de quando eles começaram.

— Quando se envolveu, categoricamente falando?

— Há um ano, um ano e meio.

— E Locking era aluno de sua esposa há mais de três anos.

— Creio que sim.

— Portanto, a coisa pode ter começado dois anos antes do seu envolvimento.

— A coisa — repetiu Seacrest, com um sorriso amargo. — É, pode ter sido.

— E então, o que aconteceu? — indagou Milo. — Os dois chegaram um dia e anunciaram: você não imagina, andamos metidos em jogos de sadomasoquismo; gostaria de participar?

Seacrest corou, mas manteve a firmeza na voz: — O senhor não compreenderia.

— Tente me explicar.

Seacrest balançou a cabeça e girou o pescoço de um lado para o outro. O sorriso ainda não desaparecera completamente.

— Alguma coisa engraçada, professor?

— Ser trazido para cá é irracional. Minha esposa foi assassinada, e o senhor se preocupa com esse tipo de coisa.

Milo inclinou-se para a frente subitamente, fitando Seacrest nos olhos. Seacrest se surpreendeu, mas se controlou e sustentou o olhar.

— Irracional, insignificante e irrelevante.

— Responda, professor: como se envolveu?

— Eu... o senhor está certo ao dizer que era um jogo. Pois era justamente isso. Apenas um jogo. Não espero que seja tolerante com... a divergência, mas não passava disso.

Milo sorriu. — Divergência? Seacrest ignorou-o.

— Quer dizer que o convidaram para divergir com eles?

— Não. Eles... eu os surpreendi. Uma tarde, quando deveria estar dando aula. Eu me senti mal, cancelei a aula e voltei para casa.

— E encontrou os dois?

— Isso mesmo, Mr. Sturgis.

— Onde?

— Em nossa cama. — Seacrest sorriu. — O leito conjugal.

— Deve ter sido um choque e tanto.

— E o mínimo que se pode dizer.

— O que fez?

Seacrest esperou um bom tempo para responder: — Nada.

— Nada?

— Foi o que eu disse, Mr. Sturgis. Nada.

— Não ficou furioso?

— Não perguntou como me senti, mas apenas o que fiz. E a resposta é nada. Virei-me e saí.

— Como se sentiu?

Outra demora na resposta.

19

— Não sei como explicar. Não foi raiva. A raiva teria sido inútil.

— Por quê?

— Hope não reagia bem às demonstrações de raiva.

— Como assim?

— Não tolerava isso. Se eu demonstrasse raiva, a situação se tornaria uma... confrontação.

— As pessoas casadas brigam, professor. E me parece que o senhor tinha um excelente motivo.

— Quanta compreensão da sua parte, Mr. Sturgis. Acontece que Hope e eu nunca brigamos. Não condizia com nenhum dos dois.

— O que está querendo dizer com confrontação?

— Uma guerra. De silêncio. Períodos aparentemente infinitos de silêncio, intermináveis, gélidos. Exílio psicológico. Mesmo quando afirmava perdoar, Hope jamais esquecia. Eu conhecia seu repertório emocional da mesma forma que um maestro conhece uma partitura. Assim, quando deparei com os dois, mantive minha dignidade e simplesmente me retirei.

— E depois?

— E depois... — Seacrest tornou a passar os dedos pela barba. Depois alguém fechou a porta e presumi... que haviam acabado. Tenho certeza de que considera minha reação desprezível. Covarde. Uma fraqueza. Não tenho a menor dúvida de que o senhor pensa que teria reagido de uma maneira diferente. Não tenho a menor dúvida de que o senhor voltará para casa esta noite ao encontro de uma esposa submissa e filhos obedientes... provavelmente em algum lugar no Valley. Um estilo de vida encantador e convencional.

Milo recostou-se e comprimiu um dedo grosso contra os lábios.

Seacrest, repentinamente parecendo cansado, levou as mãos aos olhos, pressionou as pálpebras para baixo, deixou as mãos escorregarem pelas faces e caírem em seu colo.

— Era aceitar, Mr. Sturgis, ou...

— Ou o quê?

— Ou perdê-la. E agora eu a perdi de qualquer maneira.

Ele arriou na cadeira. Começou a chorar.

Milo esperou um bom tempo antes de perguntar: — Quer que eu vá buscar alguma coisa para beber, professor?

Seacrest balançou a cabeça em negativa. Olhou para Milo. Depois para as

fotos.

— Podemos acabar com isso? Já não ouviu o suficiente sobre o doentio mundo divergente dos intelectuais?

— Só mais algumas perguntas, por favor.

Seacrest suspirou.

— Quando descobriu sua esposa e Locking, não achou que já a perdera?

— Claro que não. Não parecia ser a...

— A primeira vez?

Seacrest apertou os lábios.

— Professor?

— É disso que tenho medo... a reputação de Hope ficar maculada. E me recuso a fazer parte disso.

— Disso o quê?

— Ficar revolvendo o passado dela.

— E se esse passado levou a seu assassinato?

— Tem certeza de que levou?

— Agora que Locking morreu, o que o senhor acha?

Não houve resposta.

— Com quantos outros homens ela fazia esses jogos, professor Seacrest?

— Não sei.

— Mas sabe que havia outros.

— Na realidade não sei, mas ela possuía... os acessórios há bastante tempo.

— Por *acessórios* está se referindo ao capuz e cordas e àqueles trajes de borracha e couro no tamanho dela que encontramos na casa de Locking?

Seacrest confirmou com a cabeça, desolado.

— Mais alguma coisa além desses itens?

— Não sei de mais nenhuma.

— Não havia chicotes?

Seacrest fungou.

— Ela não estava interessada em dor, mas apenas em...

— Apenas em quê?

— Restrição.

— Autocontrole?

Seacrest não disse nada. Milo anotou alguma coisa.

— Portanto, ela possuía os acessórios há algum tempo. Quanto tempo?

— Cinco ou seis anos.

— Três anos antes de conhecer Locking.

— É bom em contas, não é?

— Onde ela guardava os acessórios?

— No quarto.

— Em que lugar do quarto, professor?

— Numa caixa no armário. Encontrei por acaso, nunca disse a ela.

— O que mais havia na caixa?

— Fotos.

— Dela?

— Nossas. Fotos que havíamos tirado. Ela me disse que havia jogado fora. Aparentemente gostava de vê-las.

— Quem levou as fotos e os acessórios para a casa de Locking?

— O próprio Casey.

— Quando?

— Na noite em que o senhor foi até minha casa.

— Eu o vi carregar apenas uma caixa.

— Ele voltou mais tarde. Eu já tinha pedido a ele que levasse tudo antes. Logo depois de Hope ser assassinada. Tinha medo de que ocorresse algo assim.

— Por que ele não atendeu de imediato?

Seacrest balançou a cabeça em negativa.

— Disse que ia pegar, mas ficava adiando.

— Mais jogos — comentou Milo.

— Acho que sim. Ele era... um tanto calculista.

— Não gostava dele.

— Hope gostava, e isso era tudo o que importava.

— Seus próprios sentimentos não importavam?

O sorriso de Seacrest era sinistro.

— Nem um pouco, Mr. Sturgis.

— Se Locking ficava adiando, por que o senhor não jogou tudo fora?

— Aquelas coisas eram de Hope.

— E daí?

— Eu... achava que deveriam ser preservadas.

Ele passou a língua pelos lábios, e desviou os olhos.

— Eram dela enquanto estava viva, professor. Não passaram a ser suas? Então, por que dá-las a Locking?

— Como medida de segurança. Achei que a polícia poderia revistar o quarto de Hope.

— Ainda assim. Não queria manchar a reputação de Hope, mas guardou centenas de fotos daquele tipo?

— Eu as escondi — explicou Seacrest. — Em minha sala na universidade. Não que fosse preciso. Aqueles dois primeiros detetives nunca se deram ao trabalho de revistar o quarto de Hope. Nem você.

— Então levou as fotos para sua sala na universidade e depois trouxe tudo de volta para sua casa.

— Exato.

— Depois esperou que Casey Locking as tirasse de suas mãos... mas que papel as fotos representavam para o senhor!

Seacrest estremeceu.

— Que papel deveriam representar?

— É o que estou lhe perguntando. Tudo o que sei é que as guardou, em vez de destruí-las. Isso me diz que tinham alguma utilidade para o senhor.

Seacrest tornou a girar o pescoço. Acrescentou um movimento para a frente, dobrou e esticou os dedos.

— Porque, Mr. Sturgis, além da que está na capa do livro, eram as únicas fotos que eu tinha dela. Ela detestava as câmeras. Detestava tirar fotos.

— Exceto assim.

Seacrest fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Então, estas fotos eram recordações.

Seacrest cerrou os maxilares.

— Mas ainda assim deixou que Locking as levasse.

— Eu... fiquei com algumas.

— Onde?

— Em minha casa.

— Fotos especiais ou simplesmente as pegou aleatoriamente?

Seacrest levantou-se de um pulo.

— Estou colocando um ponto final nesta conversa.

— Como quiser — disse Milo. — Nesse caso, terei de obter informações com outras pessoas. Perguntar nos clubes de sadomasoquismo para saber se alguém conhecia sua esposa. Se não der nenhum resultado posso recorrer à imprensa. Talvez apareça alguém que saiba de alguma coisa.

Seacrest apontou o dedo.

— O senhor está sendo... — Ele cerrou os punhos. — Disse que seria discreto se eu viesse e falasse.

— Disse que se o senhor viesse e cooperasse.

— E exatamente o que estou fazendo.

— Acha mesmo?

Seacrest corou, da mesma maneira que eu observara em sua sala na universidade. A respiração tornou-se acelerada, até que ele fechou os olhos e pareceu se concentrar em controlá-la.

— O que mais o senhor quer? — indagou ele, depois de algum tempo. — Insisto em dizer que isso não teve nada a ver com o assassinato de Hope.

— Já ouvi, professor.

— Eu a conhecia. Melhor do que qualquer um, Ela não frequentava clubes de fetiche. Jamais admitiria algo tão...

— Plebeu?

— Vulgar... e pare de olhar para as fotos cada vez que a defendo. Eram particulares.

— Jogos particulares.

— Isso mesmo!

Seacrest avançou, bateu na mesa, derrubando no chão a maior parte das fotos. Fuzilando Milo com os olhos, como que esperando uma retaliação, pôs as mãos nos quadris e ficou assim.

Milo olhou-o por um instante, depois escreveu alguma coisa.

O pé de Seacrest estava perto de uma foto. Ele a pisou e esfregou no chão com o calcanhar.

— Particulares... — murmurou Milo. — Hope, Locking e o senhor.

— Isso mesmo. Nada ilegal... absolutamente nada! Nenhum dos dois a matou.

Eu esperava que Milo insistisse nesse ponto, mas ele se limitou a indagar: — O senhor pretende encerrar esta conversa?

— Se eu ficar, promete não expor Hope?

— Não prometo nada, professor. Mas se cooperar, farei o máximo que puder.

— Na primeira vez em que nos encontramos, o senhor disse que estávamos do mesmo lado. Que piada.

— Mostre que estamos, professor.

— Estamos?

— Quero pegar o assassino de sua esposa. E o senhor?

Seacrest avançou mais um pouco, cambaleando, conteve-se, o corpo todo tremendo.

— Se o descobrisse eu o mataria! Conheço bem os instrumentos de tortura medievais. Poderia fazer uma porção de coisas.

— O ecúleo, hein?

— Não faz ideia.

Seacrest segurou um pulso, fazendo-o parar de tremer.

— Tem alguma ideia de quem matou Locking?

— Não.

— Nem hipóteses?

Seacrest negou com a cabeça.

— Casey era... Nunca o conheci muito bem.

— Fora dos jogos.

— Isso.

— Ele levou de volta o carro de sua esposa na noite em que estive em sua casa.

— É, levou.

— Estava ajudando-o?

— Estava.

— Embora o senhor não o conhecesse direito.

— Hope conhecia.

— Por isso ele merecia guiar o carro dela.

— Isso mesmo. E eu era grato a ele.

— Por quê?

— Pelo prazer que proporcionou a Hope.

— Naquela noite ele o tratou de uma maneira formal, chamou-o de professor Seacrest. Tentando dar a impressão de que não mantinham um relacionamento pessoal.

— E não mantínhamos.

Milo levantou uma das fotos que continuavam na mesa.

— O relacionamento não era entre mim e Casey, Mr. Sturgis. Ambos os relacionamentos... tudo girava em torno de Hope. Ela era... o nexo.

— Um sol, duas luas — comentou Milo.

Seacrest sorriu.

— Muito bom. Isso mesmo, nós dois estávamos em sua órbita.

— Quem mais estava?

— Ninguém que eu soubesse.

— Não havia outros jogos?

— Nenhum que ela tivesse me contado.

— E ela contaria tudo?

— Creio que sim.

— Por quê?

— Era uma pessoa honesta.

— Com relação a tudo?

Seacrest lançou um olhar aborrecido.

— Viu as fotos. Uma pessoa pode ser muito mais honesta do que aquilo?

— Sente-se, professor.

— Prefiro continuar de pé, Mr. Sturgis.

Milo levantou-se, sorrindo, ajoelhou-se e começou a recolher as fotos do chão.

— Um jogo a três, e dois dos participantes já morreram. Não se sente ameaçado?

— Acho que sim.

— Acha?

— Não penso muito em mim.

— Não?

— Não me dou muito valor.

— Isso parece um tanto depressivo.

— Eu estou deprimido. Profundamente.

— Alguém poderia dizer que o senhor tinha um motivo para matar os dois.

— Que motivo?

— Ciúme.

— Então por que eu deixaria as fotos perto do corpo de Casey e me incriminaria?

Milo não respondeu.

— Está desperdiçando seu tempo e o meu, Mr. Sturgis. Eu amava minha esposa de uma maneira pela qual poucas mulheres alguma vez foram amadas... e me anulei por ela. Perdê-la extinguiu toda a alegria da minha vida. Eu apreciava Casey Locking porque ele contribuía para a alegria dela. Fora isso, ele não significava nada para mim.

— De onde vinha sua alegria?

— De Hope. — Seacrest alisou as lapelas do paletó. — Seja lógico: Casey foi baleado e seus testes provaram que eu não disparei uma arma recentemente. Diga-se de passagem que nunca mais toquei em nenhuma arma de fogo desde que dei baixa do serviço militar. E estava em casa na hora em que Casey foi assassinado.

— Lendo.

— Gostaria de saber qual era o livro?

— Algo romântico?

— *O paraíso perdido,* de Milton.

— O pecado original.

Seacrest abanou a mão.

— Pode se deleitar com as interpretações... Por que não chama Delaware para participar do ato? Tenho certeza de que para ele seria um prato cheio. Posso ir agora, Mr. Sturgis? Prometo que não deixarei a cidade. Se não acreditar em mim, mande um policial me vigiar.

— Não há mais nada que queira me dizer?

— Nada.

— Está certo — disse Milo. — Pode ir.

Em passos meio trôpegos, Seacrest encaminhou-se para a porta da sala de observação.

Encontrou-a trancada.

— Aquela — disse Milo, indicando a porta no lado oposto. Seacrest empertigou-se e virou para o outro lado.

Milo ajeitou a pilha de fotos e comentou: — Lendo em casa. Não representa muito em matéria de álibi, professor.

— Nunca imaginei que precisaria de um álibi.

— Voltaremos a procurá-lo mais tarde, professor.

— Espero que isso não aconteça. — Seacrest alcançou a porta, parou. — Não espero que acredite em mim, mas devo dizer que Hope nunca foi coagida ou oprimida. Ao contrário. Ela determinava as regras, ela mantinha o comando. Ser capaz de se entregar sem medo a excitava, e o prazer que ela sentia me emocionava. Admito que a princípio fiquei repugnado, mas as pessoas acabam aprendendo. Eu aprendi. Hope me ensinou.

— Ensinou o quê?

— A confiar. No fundo, Mr. Sturgis, tudo se resume a isso. Uma total confiança. Pense a respeito... confiaria em sua esposa da maneira como Hope confiava em mim?

Milo escondeu o sorriso com a mão grande e pesada.

— Sei que não adianta muito lhe pedir que mantenha essas fotos fora do vestiário da delegacia — acrescentou Seacrest —, mas pedirei assim mesmo.

— Como eu já disse, professor, se não tiverem nada a ver com o assassinato, não haverá nenhum motivo para divulgá-las.

— Posso garantir que não há nenhuma relação. São parte da vida de Hope, não da morte.

— Ele falou a verdade sobre o teste de pólvora — declarou Milo. Não disparou nenhuma arma esses dias. Mas pode muito bem ter contratado alguém para matar Locking. Talvez alguém que conheceu nos círculos de sadomasoquismo.

— Seacrest tem um bom argumento por não ter destruído as fotos. Se o tivesse feito, você nunca pensaria nele. Portanto, talvez os jogos de sadomasoquismo fossem o motivo pelo qual ele se mostrou tão evasivo.

— Por que ele guardou as fotos?

— Pode ter sido apenas pelo que ele disse. Recordações.

— Mentais ou sexuais?

— Qualquer uma. Ou ambas.

— Quer dizer que engole sua história de Mister Submisso? De que Hope era Deus, e ele a idolatrava em seu altar?

— Explicaria o casamento deles. Ela foi tão controlada quando criança que

ansiaria por alguém cujo ego pudesse subjugar por completo. Apesar do que disse Elsa Campos, ser amarrada e deixada sozinha deve ter sido algo aterrador. E ela continuou tentando superar. A passividade de Seacrest tornava-o companheiro ideal. Ele disse a Paz e Fellows que fora um solteirão convicto por anos. Talvez o motivo fosse o fato de ser uma lua à procura de um sol.

— Tentar superar... Para isso, ela se deixa ser amarrada de novo? Manipulada, machucada.

— É uma reencenação, mas dessa vez ela está no controle.

— Com seus jogos, os três bem que podiam participar do circuito de programas de entrevistas — comentou ele.

— Você está começando a parecer menos com uma lenda de West Hollywood e mais um policial burguês que tem uma esposa submissa e um estilo de vida comum.

Ele riu com vontade, como eu não via há muito tempo.

— Aquelas armas que vocês encontraram na casa de Locking... — falei. — Aquilo é armamento pesado para um estudante de pós-graduação.

— Três pistolas e um rifle. Tudo carregado, mas guardado no armário. Poder de fogo demais para a segurança de uma única pessoa.

— E toda aquela pornografia... Locking era de San Francisco. A cidade de Big Micky, o negócio de Big Micky. Quem é o dono da casa?

— Ainda não sei, mas um vizinho informou que sempre foi alugada. Vários outros inquilinos haviam morado ali antes de Locking.

— Seria interessante se fosse do mesmo dono da casa de Cruvic na Mulholland.

— Cruvic paga o aluguel a uma administradora aqui de Los Angeles... Triad ou Triton, algo assim, mas ainda não a ligamos a nenhuma pessoa. Em termos de Big Micky, o que descobri até agora é que ele tinha uma parcela considerável dos negócios sexuais... casas de shows eróticos, de massagens, serviços de acompanhantes... mas se aposentou por sérios problemas de saúde. Coração, fígado, rins, tudo ferrado. Fez dois transplantes de rins que não deram certo e acabou ficando muito mal.

— O velho que Ted Barnaby viu em Las Vegas com Cruvic tinha uma cor amarelada — lembrei.

— O que significa icterícia, problemas no fígado. Já descobriu se Mandy Wright alguma vez trabalhou em San Francisco?

— Ainda não. Mas há outra ligação com a NorCal: a mãe de Hope morreu ali. Centro Médico de Stanford, câncer no seio. Todas as contas foram pagas por uma terceira pessoa. Estamos tentando descobrir quem foi.

— Isso cheira a história — eu disse.

— PhD e ligações com gângsteres. — Ele coçou o queixo. — Detesto este caso. Há um excesso de pessoas inteligentes.

Ele me acompanhou até a porta da delegacia. Ao chegarmos na calçada, na Purdue, alguém chamou: — Detetive Sturgis?

Um enorme Mercedes sedã azul estava estacionado na zona proibida no outro lado da rua. Duas antenas de telefone celular na traseira. Um desses carros com todos os acessórios especiais que dobram o preço. A fumaça saía dos canos do escapamento de uma forma quase elegante.

O homem ao volante tinha sessenta e poucos anos, cabeça raspada e um bronzeado intenso, provavelmente em parte do sol, em parte artificial. Enormes óculos escuros, camisa branca, gravata amarela. O brilho dourado do relógio de pulso quando ele desligou o carro, saltou e atravessou a rua em passos rápidos. Mais de um metro e oitenta de altura, esguio e ágil, já devia ter feito algumas plásticas no rosto, mas o tempo fizera os pontos cederem e a papada balançava.

— Robert Barone — anunciou ele, numa voz suave, enquanto estendia a mão bronzeada. — Sei que vem tentando falar comigo, mas estive fora da cidade.

— Em San Francisco? — perguntou Milo, enquanto apertava a mão do advogado.

O sorriso de Barone foi súbito como uma má notícia, frio como sorvete.

— Para ser preciso, no Havaí. Um breve descanso entre um caso e outro. — Os óculos escuros se viraram para mim. — E você é o detetive...?

— Em que posso ajudá-lo, Mr. Barone? — indagou Milo.

— Eu ia lhe perguntar a mesma coisa, detetive.

— Fez uma viagem até aqui para oferecer pessoalmente seus serviços ao pobre e humilde Departamento de Polícia de Los Angeles?

— Do jeito que as coisas vão, vocês precisam aproveitar toda a ajuda que puderem obter... Falando sério, há um assunto que eu gostaria de discutir. Se não o encontrasse, falaria com seu tenente.

Ainda olhando para mim, ele acrescentou: — Ainda não sei seu nome.

— Holmes — disse Milo. — Detetive Holmes.

— Sherlock?

— Não, Sigmund. O que o dr. Cruvic deseja? Proteção policial, agora que Darrell Ballitser espalhou seu nome aos quatro ventos? Ou ele está disposto a confessar alguma coisa?

Barone ficou sério. A cabeça calva tinha manchas senis.

— Por que não entramos? — perguntou ele.

— Deixou seu carro numa zona de estacionamento proibido, advogado.

Barone riu. — Vou correr o risco.

— Creio que é pago para correr riscos — disse Milo —, mas não me culpe.

— Para mim: — A gente se vê mais tarde, Sig. Qualquer pesquisa que quiser fazer sobre aquele assunto é bem-vinda.

Ele se encaminhou para a entrada da delegacia, deixando Barone para trás.

20

Pesquisa. Sobre o clã Kruvinski/Cruvic.

O advogado da família se apresentando pessoalmente porque havia alguém preocupado.

Little Micky ainda era o único com uma ligação confirmada com Hope e Mandy.

Fui até a biblioteca e procurei o nome de seu pai, encontrei quinze referências a Milan V. Kruvinski, ao longo de vinte anos, todas em jornais de San Francisco.

Duas fotos mostrando um homem de pescoço grosso e cara achatada, com olhos enviezados que confirmavam a paternidade. Só que mais tosco que o filho, uma escultura menos trabalhada.

Não havia um único artigo de qualquer jornal de Bakersfield. Cidade mais tranquila, tempos mais tranquilos? Ou subornos?

A maioria dos artigos em San Francisco relacionava-se com casos de atentado ao pudor.

O "empresário do sexo e notória figura do mundo do crime" fora preso dezenas de vezes durante os anos setenta e início dos oitenta. Carne demais à mostra nos shows, contatos demais entre clientes e dançarinas, bebidas alcoólicas servidas a menores de idade.

Lembrei de uma coisa que Cruvic nos dissera em seu consultório em Beverly Hills.

O aumento dos problemas de infertilidade devido à promiscuidade das pessoas nos anos setenta.

Um conhecimento direto da fonte.

As matérias descreviam várias prisões, mas sem condenações. Muitos processos arquivados antes do julgamento.

Os promotores haviam até tentado uma manobra clássica que usavam para mandar criminosos para a prisão: uma acusação de sonegação fiscal, mas Kruvinski tivera ganho de causa ao provar que a maior parte dos seus rendimentos vinha de um patrimônio agrícola em Central Valley, inclusive algumas dessas propriedades lhe rendiam subsídios federais. Suas casas de shows na O'Farrell e na Polk Street haviam finalmente fechado, mas aparentemente não por problemas com a justiça.

Também quase não havia citações diretas; quando Kruvinski se comunicava com a imprensa, era por meio de Robert Barone. Mas encontrei uma entrevista

que já tinha dez anos, uma matéria aduladora de um colunista que parecia saído de um filme antigo, orgulhoso por ter a pulsação de San Francisco em seu bolso.

Ele conversara com Kruvinski em casa, e a reportagem ajudava a explicar por que o empresário do sexo abandonara os espetáculos ao vivo. "Passamos para o vídeo", disse o outrora robusto empresário, em seu refúgio em Sausalito, todo em sequoia e vidro, com vista para a baía. "Os homens não querem mais ir a uma casa de show erótico, não querem aturar todas as amolações.

"Com a típica generosidade de Micky K. e um sorriso eslavo largo como a baía de San Francisco, ele me ofereceu um scotch, um Chivas de 21 anos, embora não pudesse me acompanhar. Problemas de fígado. Coração. Rins. Um transplante no ano passado, seu segundo, foi uma luz no fim do túnel, mas não deu certo.

Recusei o uísque, mas Micky não quis me acompanhar na abstinência. Um afetuoso "Meu bem" trouxe da cozinha sofisticada Mrs. Micky, a bela, bronzeada, modelada pela aeróbica, ex-atriz e modelo Brooke Hastings. Ela sorria e refletia o sol de Sausalito, enquanto enxugava o rosto de Micky e murmurava doces palavras típicas de uma esposa.

"A coisa de que ele mais gosta é observar os leões-marinhos", confidenciou-me ela, enquanto servia uma dose generosa do divino Chivas. "Manda levar peixes frescos para os leões-marinhos todas as manhãs. Ele adora animais. Qualquer coisa orgânica e viva. Foi isso que me atraiu nele. Depois beijou a cabeça dele, de uma maneira que transcendia o dever conjugal. Ele sorriu e olhou por uma janela panorâmica imensa. De forma quase sonhadora, e talvez ele estivesse mesmo sonhando... quem é este redator para dizer o contrário. A ex-Miss H. passou o braço pelos ombros de Micky, que continuou olhando. Olhando e sonhando.

"Como num filme. Diferente dos filmes que ele produz, mas também sensual, à sua maneira.

"A ex-Miss H. cruzou as pernas bem torneadas, enquanto eu tomava um gole do Chivas, sentindo o calor agradável descer por minha garganta de escravo como lava escocesa. No todo, não foi um dia ruim em Xanadu. E só nos resta torcer para que Micky tenha muitos mais."

Brooke Hastings. Uma *atriz* assumindo o nome da companhia de fertilizantes do marido.

Uma piada de Kruvinski... será que ela sabia a que ele a estava comparando?

Piada de família. O filho usando o mesmo nome para o instituto onde supostamente estudara durante o ano entre as residências, depois que deixara a Universidade de Washington. Terminei de ler os outros artigos. Não havia

nenhuma referência à primeira esposa, ao filho médico ou a outros parentes. Terminava com os problemas de saúde de Big Micky, o que era bastante patético.

Onde estava o velho agora? Mudara-se para Los Angeles, a fim de que o filho pudesse cuidar dele? Na casa grande na Mulholland, escondido atrás dos portões?

Mas a ausência da função renal significava hemodiálise. Equipamento, monitoramento.

Uma clínica em casa?

Era para lá que a enfermeira Anna fora, na noite em que eu a vira no carro com Locking?

Uma enfermeira particular para um paciente muito particular?

O filho tratando do pai...

Mas ele era ginecologista. Estaria qualificado?

Um ginecologista que no início tinha a intenção de ser cirurgião.

Por que ele deixara o programa de residência da Universidade de Washington?

E o que fizera aquele ano?

Voltei para casa e liguei para Seattle.

O chefe do programa de residência cirúrgica chamava-se Arnold Swenson, mas sua secretária me informou que ele era novo ali, entrara no ano anterior.

— Lembra quem era o chefe há quatorze anos?

— Não, porque eu também não trabalhava aqui. Mas espere um instante, vou perguntar.

Segundos depois uma mulher, que pela voz parecia mais velha, entrou na linha:

— Aqui é Inga Blank. Em que posso ajudá-lo?

Repeti a pergunta.

— Era o dr. John Burwasser.

— Ele ainda trabalha aí?

— Não. Já se aposentou. Posso perguntar qual é o assunto?

— Trabalho com o Departamento de Polícia de Los Angeles num caso de homicídio. Estamos tentando obter informações sobre um de seus antigos residentes.

— Um caso de homicídio? — disse ela, alarmada. — Que residente?

— Dr. Milan Cruvic.

O silêncio dela valeu mais do que palavras.

— Ms. Blank?

— O que ele fez?

— Estamos tentando descobrir alguns antecedentes.

— Ele ficou no programa por pouco tempo.

— Mas se lembra bem dele.

Mais silêncio.

— Não posso dar o telefone do dr. Burwasser, mas se me deixar o seu, darei seu recado.

— Obrigado. Não há nada que possa me dizer sobre o dr. Cruvic?

— Lamento, mas não.

— Mas não ficou surpresa por saber que a polícia está interessada nele.

Ouvi-a limpar a garganta.

— Bem pouca coisa me surpreende hoje em dia — falou.

Sem esperar pelo retorno da ligação e calculando que Milo ainda estava com Barone, vesti short e camiseta adequados para corrida e preparei-me para descarregar a frustração suando.

O telefone tocou no momento em que eu fechava a porta. Voltei correndo e atendi antes da secretária eletrônica.

— Dr. Delaware.

— Aqui é o dr. Burwasser — disse uma voz seca num tom de irritação. Quem é você?

Comecei a explicar.

— Parece meio suspeito — declarou ele.

— Se quiser, posso pedir ao detetive Sturgis para lhe telefonar...

— Não precisa. Não vou perder meu tempo com isso. Cruvic esteve conosco por menos de um ano, há quatorze anos. Não, há cerca de quatorze anos. Um contato breve, mas memorável.

— Por que ele foi embora? — perguntei.

— Isso não é da conta de ninguém.

— Será em breve. Ele era muito ligado a uma mulher que foi assassinada e é um possível suspeito. Quanto mais esforço for necessário para obter essa informação, mais pública se tornará.

— É uma ameaça?

— De forma alguma, estou apenas expondo a realidade, dr. Burwasser. Cruvic fez alguma coisa que prejudicasse o programa de cirurgia?

Em vez de responder, ele comentou: — Não estou impressionado com o assassinato. Já vi muitas coisas ao longo dos anos.

— O que o dr. Cruvic fez?

— Ele nunca assassinou ninguém aqui.

— Assassinou alguém em outro lugar?

— Não, claro que não... A conversa está sendo gravada?

— Não.

— Não que isso importe, pois nada do que eu lhe disser será calunioso, porque é a verdade, está tudo nos registros.

— Tudo mesmo?

Houve um longo momento de silêncio.

— O que ele fez, dr. Burwasser?

— Ele roubou.

— De quem?

— Isso eu não vou dizer, porque os mortos têm direito a sua dignidade.

Levei um momento para processar essa informação.

— Ele roubou de um cadáver?

— Tentou.

— Quanto?

Ele riu de forma superficial, como se precisasse relaxar.

— É difícil dizer, pois o mercado varia.

— Joias?

— De certa forma. — Outra risada. — Joias de família. Órgãos. Surpreendemos o desgraçado tentando remover um coração. O único problema era que o doador ainda não estava morto.

— Meu Deus!

— Não seja dramático. Eu disse que não foi assassinato. O paciente era terminal... quase uma linha reta no monitor. Já estávamos prontos para desligar as máquinas e declará-lo morto, mas não conseguíamos localizar nenhum parente.

— Mas o coração ainda batia.

— Claro que sim, caso contrário por que se dar ao trabalho de removê-lo?

Firme e forte.

— Um jovem, traumatismo craniano... acidente de motocicleta. Era um turista alemão... O idiota poderia ter causado um incidente internacional.

— Para quem ele tentaria roubar um coração?

— Não para quem. Para quê. Pesquisa. Ele nos persuadiu a lhe dar um espaço de laboratório, disse que queria praticar ressecção de vesícula biliar em cachorros, escrever uma tese a respeito.

— E não era verdade?

— Ele trabalhou em alguns beagles, mas não era esse o verdadeiro motivo. O idiota se imaginava um cirurgião de transplante, o futuro Christiaan Barnard. Acabei com esse sonho irreal, apesar das pressões.

— Pressões de quem?

— Políticos da Califórnia.

A última palavra saiu com um desdém ainda maior do que a primeira.

— San Francisco?

— Isso mesmo. Muitos telefonemas de pessoas falsamente educadas. O pai dele, ao que parece, era um cara importante. Não teve importância para mim. Faça uma coisa dessas, você cai fora.

— Como ele foi apanhado?

— Uma enfermeira surpreendeu o idiota em flagrante. No meio da noite. Ele tinha um kit cirúrgico ao lado da cama do paciente, até já fizera a incisão inicial. Só Deus sabe como ele pensou que poderia escapar impune a uma coisa assim... mas já chega, isso é tudo o que vou dizer. Não preciso dessa chateação. Vá falar com Swenson.

Roubo de órgãos.

Esterilização sem o devido consentimento.

O rapaz mais inteligente.

Estabelecendo suas próprias regras. O que não era de surpreender. Afinal, ele crescera vendo o pai fazer muito pior.

Anos depois, mais delitos cirúrgicos?

Qual o papel de Hope em tudo aquilo?

Mas a mesma pergunta: por que Hope e Locking haviam sido liquidados e o próprio Cruvic não?

Apesar disso, Cruvic tinha de estar no centro de tudo. Barone aparecera na delegacia porque Cruvic sabia que o cerco estava fechando.

Com medo.

Não da polícia... temendo por si próprio. Porque o assassinato de Locking lhe dissera algo sobre o de Hope.

Revelara-lhe quem. Por quê.

Mas por que agora, e não depois do assassinato de Hope?

E o que teria deixado Cruvic na mira?

O ataque de Darrell Ballitser. O noticiário ligando-o a Hope. Seria a primeira vez que o assassino tomava conhecimento dessa ligação? Mas como podia ser possível, se o problema era de cirurgia antiética? Comecei a dar voltas e mais voltas.

Presumi que o ataque de Ballitser fizera com que o assassino focalizasse Cruvic.

Depois disso o assassino passara a vigiar Cruvic... e o vira com Locking?

Na Mulholland?

A menos que eu estivesse totalmente enganado e Cruvic tivesse matado Hope e Locking para silenciá-los, mas nesse caso por que mandar seu advogado conversar com Milo?

Quanto mais eu pensava a respeito, mais me convencia de que Cruvic era agora um alvo e sabia disso.

Escapando impune a anos de falta de ética, até que por fim ofendeu a pessoa errada.

Em conjunto com Hope e Locking.

Falta de ética... esterilização sem consentimento... roubo de órgãos.

A casa na Mulholland.

Clínica particular.

Alguma coisa em que Locking também estava envolvido...

E foi então que me ocorreu.

Muito simples.

Mas onde Mandy Wright se encaixava? Uma garota de programa... uma profissional.

Dias antes de seu assassinato ela aparecera no clube em Los Angeles. Antes disso se encontrara com Cruvic e o pai dele em Las Vegas, deixara o cassino com os dois.

Não para sexo.

Outro tipo de trabalho.

Ela dissera a Barnaby: "É como representar".

O que Milo dissera sobre o Club None... cabelos compridos e corpos perfeitos.

Mandy se ajustava a isso.

Sua companheira também?

A pobre garçonete, Kathy DiNapoli. Assassinada apenas porque servira drinques no lugar errado, na hora errada.

Corpos perfeitos.

Mandy contratada para se encontrar com alguém.

Um tipo especial de cliente.

Devagar, de uma maneira inexorável, como uma serpente que adquiria vida no calor, a corrente foi se desenrolando na minha mente.

A corrente entre Hope, Locking, Mandy, Kathy.

Uma serpente venenosa.

O programa de Morry Mayhew de que Hope participara... como era mesmo o nome daquela produtora? Suzette Band. Eu prometera lhe telefonar se descobrisse alguma coisa.

A velha troca de informações.

Mas primeiro ela teria de fazer outro pagamento.

Próxima parada: Mulholland Drive.

A estrada era bonita à luz do dia, a casa por trás do portão automático, em

estilo contemporâneo, de tijolos marrons e centelhas coloridas nos cantos flores, invisíveis no escuro.

Eu mantivera a camiseta manchada de suor, mas trocara o short por um jeans. Tinha na mão um saco de uma farmácia de Beverly Hills. Uma hora antes comprara pasta de dentes, fio dental e vitamina C para consegui-lo. O Seville, estacionado ali, era velho o suficiente para passar por um veículo de entrega, eu supunha. Eu era velho demais para ser um entregador na maioria das cidades, mas Los Angeles era cheia de fracassados.

Toquei o interfone no portão. Depois de um longo tempo ouvi uma voz: — Pois não?

— Entrega.

— Espere um instante.

Poucos minutos depois a porta da frente foi aberta e um homem de camisa preta e jeans preto saiu, olhou para mim e se aproximou, em passos lentos e arrastados.

Tinha quase quarenta anos, era baixo e forte, cabelos pretos ralos no alto da cabeça, mas compridos dos lados e atrás, presos num rabo-de-cavalo. Costeletas maiores que as de Milo, pele oleosa que brilhava, óculos de armação metálica, cara achatada.

Expressão de sono, exceto pelos olhos pequenos e redondos, que não se desviaram de mim por um instante sequer.

A camisa preta era de seda, grande e usada por fora da calça, e ele mantinha a mão direita a sua frente, como que protegendo alguma coisa. Os policiais à paisana usam a camisa por fora da calça para esconder a arma, e calculei que capangas faziam a mesma coisa.

— Pois não?

— Entrega para Mr. Kruvinski. — Estendi o saco da farmácia.

— O que há nesse saco?

— Remédios, eu acho.

— Ele recebe os remédios direto do médico.

Tentei parecer impassível.

— Deixe ver isso.

Entreguei o saco. Ele tirou um pequeno vidro âmbar, cheio de pílulas amarelas. A cor certa, mas o formato errado. Minha tabela de referências médicas indicava Imuran como uma pílula dupla, enquanto aquelas eram simples. De vitamina C. O Camisa Preta não reagiu. Como eu esperava, não era observador.

O rótulo ficou uma obra de arte. Eu o tirara, com vapor, de um vidro antigo com penicilina, apagara todos os detalhes específicos, mas deixara o nome e

endereço da farmácia, os espaços para RECEITA, DATA e MÉDICO. Tirara uma cópia, datilografara nela as novas informações e a colara no frasco. Um ótimo trabalho, embora eu não estivesse pronto ainda para falsificar dinheiro.

Ele leu o rótulo e apertou os lábios ao chegar a PRESCRITO POR: DR. M. CRUVIC. Seguido pelo número verdadeiro da licença de Cruvic, obtido no Conselho de Medicina.

A confusão vincou a testa larga.

— Acabamos de receber uma caixa grande desta mer... Quem encomendou isto?

Bingo!

Tentei parecer estúpido e irritado, em vez de exultante.

— Não sei. Só vou aonde me mandam. Quer que eu leve de volta?

Ele largou o vidro no saco e se encaminhou para a casa, levando-o.

— Ei! — protestei.

Parando logo depois, ele virou a cabeça para trás e me olhou. Os ombros eram enormes, os cotovelos enrugados. O couro cabeludo rosado aparecia entre os cabelos; o rabo-de-cavalo era horrível.

— Algum problema?

— Você tem de me pagar a entrega — continuava tentando ser realista, pois já descobrira o que queria.

Estendendo a mão livre, simulou uma arma com os dedos e apontou-a para meu rosto.

— Espere aí, cara.

Eu esperei. Até que ele entrou na casa e fechou a porta.

Voltei então correndo para o Seville e já estava partindo quando ele retornou.

Acompanhado por Anna, a enfermeira de cara esticada.

Os dois ficaram parados no outro lado do portão, perplexos, enquanto eu me mandava dali.

21

Muita coisa que se relaciona com a indústria do cinema é vazia, mundana, descaracterizada. O estúdio de escolha do elenco era tudo isso.

Uma construção térrea marrom e suja, no Washington Boulevard, em Culver City, entre um restaurante cubano de frutos do mar e uma lavanderia chinesa. O estuque era mais claro nos pontos onde houvera grafites. Sem janelas, com uma porta preta empenada.

Lá dentro havia uma sala de espera sem nenhum conforto, lotada de esperançosos de corpo perfeito de ambos os sexos, sentados em cadeiras dobráveis, lendo a Variety, sonhando com fama, fortuna e a oportunidade de cortar a garganta de algum cliente desagradável de restaurante.

A sala interna era muito maior, mas continha apenas uma mesa de jogo e duas cadeiras, sob uma iluminação barata, com um espelho todo manchado na parede do fundo.

Eu estava sentado num pequeno depósito, por trás do espelho, observando.

Havia dois diretores de elenco sentados atrás da mesa: um homem corpulento, de aspecto desleixado, rosto inchado, pele ruim e cabelos sebosos, usando uma camisa florida e calça caqui encardida; e uma mulher magra, com olhos azuis razoáveis, usando uma peruca preta óbvia e um training vermelho.

Placas com nomes em cima da mesa.

BRAD RABE, PAIGE BANDURA

Duas garrafas de Evian, um maço de Winston e um cinzeiro, mas ninguém estava fumando.

— O próximo — disse Rabe.

Um esperançoso entrou. Audição Número 6 para o papel principal masculino.

Ele olhou para Rabe e Bandura, sorriu com o que provavelmente achava que fosse simpatia.

Vi tensão, medo e desprezo.

O que ele estava pensando?

João e Maria?

Quem eram eles para julgar, ambos vestidos como típicos idiotas. Vestidos para mostrar que tinham o poder, estavam se lixando com os outros.

O esperançoso conhecia o tipo muito bem — e como conhecia.

Esperando naquele zoológico lá fora, durante três malditas horas, pelo privilégio de ser julgado por olhos que nunca se alteravam, com sorrisos de

merda, meneios de cabeça e falsas palavras de encorajamento.

O julgamento.

— Muito bem — disse Paige Bandura, lançando um olhar para seu parceiro gordo. — Que tal a cena no meio da página quarenta e seis?

— Claro. — O esperançoso ofereceu um sorriso encantador e folheou o roteiro. — Desde "Mas Celine, você e eu"?

— Não. Logo depois disso... a partir de "O que exatamente você está querendo".

O Esperançoso meneou a cabeça, respirou fundo, daquela maneira discreta da ioga que ninguém consegue perceber. Fechou os olhos, tornou a abri-los e baixou-os para o roteiro, antes de encarar os diretores. Mostrando a eles que podia memorizar instantaneamente.

Fitou nos olhos a pequena Paige, porque ela parecia estar ao seu lado.

— "O que exatamente você está querendo, Celine? Pensei que nossa amizade tivesse se tornado algo maior". Devo ler também a fala de Celine?

— Não — respondeu Paige. — Pode deixar que eu leio. Um sorriso largo, caloroso.

Talvez...

Ela pegou um roteiro na mesa de jogo e leu: — "Talvez, Dirk. Não, talvez não. Mas o problema é que preciso de um homem neste momento e você pode servir."

Uma voz sem entonação. Feia. Saindo lenta e arrastada, um tanto confusa. Os que julgavam eram inevitavelmente feios, de algum modo. O esperançoso detestava os feios.

— "É mesmo?" — disse ele, suavizando a voz. — "Porque eu acho que você sente mais do que isso, Celine. Posso sentir, e acho que você também sente. Aqui." — Tocando no coração.

O roteiro diz...— "Acha mesmo, Dirk?"

— "Acho, sim, Celine." — Ele sorriu outra vez. — O roteiro diz que ele põe a mão na...

— Não se preocupe — respondeu Paige, e deu uma risada maliciosa.

— Vamos apenas fingir. Muito bem, qual é a próxima fala de Celine... "Mas, Dirk..."

— "Sei que você sente isso aqui, Celine. Do seu eu mais profundo. O lugar onde o amor cresce."

Ele baixou os braços. Conotação de vulnerabilidade. Ficou parado ali. Esperando.

Paige tornou a sorrir para ele, virou-se para o gordo desleixado.

— Nada mau — ele por fim se manifestou.

— Eu diria que foi excelente — acrescentou Paige.

— Está bem, excelente — concordou Brad, relutante.

— Se quiserem, posso ler mais — propôs o Esperançoso. Ele e Paige trocaram olhares.

— Não será necessário — declarou ela. — Seu teste foi muito bom.

O Esperançoso deu de ombros. Como um adolescente. O sorriso largo era o de um adolescente.

Outro olhar entre ele e Paige.

— Vamos seguir adiante — disse ela. — Algumas questões práticas. O programa será bastante físico para o horário da tarde. Muitas cenas de amor... coisas ardentes. Algum problema com isso?

— Absolutamente nenhum — respondeu o Esperançoso, mas começou a sentir uma pressão acima do umbigo... algum pequeno demônio torcendo suas entranhas. Sorria. Represente!

— Estamos falando em cenas fortes — disse Brad. — E TV a cabo, então eles vão fazer algo de qualidade e há muitas cenas de corpo. Que tal tirar a camisa?

O esperançoso não respondeu. Seu batimento cardíaco subira para mais de 120. Apesar de todo o treinamento cardiovascular... porra, porra, porra.

— Algum problema? — perguntou Paige. Torcendo por ele. Talvez ele conseguisse se sair bem.

— Nenhum problema — respondeu. — Apenas tenho uma cicatriz. Algumas pessoas acham que é na verdade bastante viril...

— Uma cicatriz onde? — indagou Brad.

— Não é grande coisa...

— Onde?

— Nas costas. Brad franziu as sobrancelhas.

O esperançoso teve de pensar depressa. Jogue com a Paige Voz Feia. Banque o descontraído... represente! Talento serve para isso!

— Logo abaixo da cintura. Portanto, se a cena for apenas parcial... — Vamos ver — disse Brad. — Tire a camisa.

O Esperançoso olhou para Paige, em busca de apoio.

Ela meneou a cabeça. Os olhos com aspecto de sonolência. Perdendo o interesse. Sua vaca! Ele tirou o blusão pela cabeça.

— Vire-se e baixe o jeans o suficiente para vermos a cicatriz inteira — pediu Brad.

O Esperançoso obedeceu.

Silêncio.

Um silêncio prolongado.

E ele sabia por quê.

Os dois olhavam fixamente. Repugnados.

O Esperançoso pôs as mãos nos quadris, tentando distraí-los com uma exibição dos músculos volumosos e bem-definidos dos ombros e costas. Flexionou os tríceps, os glúteos. Uma bunda bonita, firme, ele era capaz de controlar cada músculo.

— Como aconteceu? — perguntou Brad.

— Estava escalando um paredão de rocha. Caí, rasguei as costas, tive de levar esses pontos.

— Não cicatrizou muito bem — comentou Brad. — É uma cicatriz e tanto.

E o Esperançoso compreendeu o que ele estava pensando. O que ambos pensavam: Feia.

Porque era mesmo uma cicatriz feia. Rosada, pregueada, lustrosa. Queloide fibroso.

Ainda mais saliente porque a pele ao redor era tão lisa e bronzeada.

Tão perfeita.

Um grave queloide. Uma questão de técnica cirúrgica deficiente, diziam os livros.

E de genética. Os negros tinham queloides com frequência. Na África, era até considerado um sinal de beleza. Mas eu sou branco!

O tratamento: injeções de cortisona direto no ferimento logo no início. Tarde demais então. A única esperança, mais cirurgia, o que era uma grande interrogação. Não que ele tivesse condições de fazê-la, pelo menos por enquanto. Em mais sentidos que apenas um. Tinha que tratar daquele assunto...

— Deve ter sido uma tremenda queda — comentou Brad, com presunção na voz.

Isso desencadeou o sentimento.

Como abrir uma válvula de pressão.

Uma raiva intensa, quente, fervente, como ferro sendo fundido. BorbuIhando em suas entranhas, subindo para o peito. Como um ataque do coração, mas ele já passara pelas noites de pânico, suor frio, e sabia que seu coração estava bem. Seu coração...

As mãos queriam se fechar, e ele teve de fazer um tremendo esforço para mantê-las abertas. E forçar o suor a ficar no seu interior.

Ninguém falou.

O esperançoso continuou de costas para os dois, sabendo que o menor vislumbre de sua raiva liquidaria qualquer possibilidade de conseguir um papel de bom moço.

Como se ainda houvesse uma chance. Mas continue. Nesta área é preciso

sempre continuar...

— Que montanha você estava escalando? — perguntou Paige. O esperançoso compreendeu que era uma zombaria. Certo, meu bem, obrigada. Ciao. Não precisa nos ligar. Nós ligaremos.

— Tem alguma importância? — indagou ele, baixando o blusão e virando. E quase caiu de surpresa.

Porque Brad e Paige empunhavam armas e mostravam distintivos.

— Parece mais uma cicatriz cirúrgica — disse Brad. — Parece mais alguma operação grave. Não é nessa parte das costas que fica o rim?

O Esperançoso não respondeu. Brad acrescentou: — E o Oscar vai para... Muito bem, Mr. Muscadine, estenda as mãos para as costas e não se mexa. Sorrindo. Julgando.

Um pouco da raiva deve ter vazado, porque o sorriso de Brad se apagou e os olhos verdes se tornaram ainda mais brilhantes. E também mais frios. O esperançoso nunca imaginara que o verde pudesse ser tão frio... Ele deu um passo para trás.

— Calma, companheiro — disse Brad. — Não vamos dificultar as coisas.

— Levante as mãos, Reed — disse Paige.

Sua voz era estridente, hostil, não estava mais ao lado dele. Nunca estivera.

Ele ficou imóvel. Olhando para os dois.

Pobres espécimes. Patéticos.

Ele era muito grande, muito forte, provavelmente poderia causar estrago.

Não que isso fizesse alguma diferença a longo prazo.

Mas que diabo, podia muito bem experimentar alguma satisfação naquela tarde de merda.

E partiu para cima de Paige. Porque realmente não gostava de mulheres.

Tentou um soco para quebrar o queixo dela, mas apenas conseguiu dar um tapa no rosto antes que Brad o acertasse atrás da cabeça, apagando-o por completo.

Depois que os guardas levaram Reed Muscadine, saí de trás do espelho sujo.

Milo bebeu a água mineral e ajeitou sua camisa florida.

— Bonita, hein?

A detetive Paige Bandura comentou: — Acho que combina com você, Brad.

— Acha mesmo?

— Claro. Bonita e casual. O garoto da praia.

— Casual... — Milo olhou para mim. — O que você acha?

— Creio que poderia iniciar uma nova carreira. Talvez você pudesse fazer o papel de Dirk.

— Poupe-me.

— Falo sério, gostei dessa camisa — insistiu Paige. — Se não gosta, pode doá-la para o pessoal da praia. Eles penduram camisas floridas na parede.

— Puxa... — disse Milo. — Como sabe dessas coisas, detetive Bandura?

— Namorado rico. — Ela sorriu, tirou a peruca preta e afofou os cabelos castanhos cacheados. — Precisa de mim para mais alguma coisa, Milo?

— Não. Obrigado por tudo.

— Disponha. Sempre tive vontade de representar... Como me saí, doutor?

— De onde eu estava sentado, me pareceu ótima — respondi.

— Não representava desde o colégio, uma peça sobre piratas. Queria ser a mocinha, mas me puseram de pirata.

— Você foi sensacional — menti.

O comentário a fez sorrir, e ela saiu com um certo vigor nos passos.

— Em que setor ela trabalha? — perguntei.

— Roubo de carros.

Milo sentou na mesma cadeira que ocupara como Brad. Só nós dois estávamos na sala agora. No espaço vazio, um cheiro desagradável de suor.

— Bom trabalho, Sig — disse ele.

— Foi sorte.

— Ora, você tinha uma hipótese. E sempre respeito suas hipóteses.

Uma hipótese.

Sobre o que Hope, Locking e Cruvic tinham em comum.

E a volta para o ponto de partida: o comitê de conduta.

Um caso específico. Alguém pressionado a fazer um exame de sangue.

Eu verificara.

Depois confirmei que Big Micky estava tomando Imuran, a droga antirrejeição mais usada.

Significando que ele suspendera a hemodiálise. Que recebera outro transplante de rim.

Depois disso, os detalhes afluíram na minha cabeça: as roupas de Reed Muscadine no dia em que eu conversara com ele em seu apartamento. O short curto que combinava com o calor do dia, mas um grosso blusão que não combinava. As mangas cortadas. Expondo os braços, mas cobrindo o tronco.

Mrs. Green, a dona da casa, me dizendo que ele ficara de cama por mais de um mês, com um problema nas costas.

Muscadine me dizendo mais: Decidi tentar o peso maior no banco. Senti um espasmo, como se tivesse uma faca cravada nas costas.

Escapou? Ou ele estava zombando de mim?

Representando?

Um bom ator. O aluno preferido do professor Dirkhoff. E Dirkhoff ficara

chateado porque Muscadine abandonara o curso para aceitar um emprego num seriado de televisão.

Um emprego que parecia certo.

Mas Muscadine perdera o papel.

Posso praticar Stanislavski dia e noite, mas se o corpo não está bem, meu valor de mercado...

Sem lembrar o nome do seriado de televisão. O que era improvável. Atores famintos tinham as antenas ligadas para todos os detalhes.

Mas me dizendo o suficiente para parecer verossímil.

Seria sobre espiões e diplomatas, embaixadas estrangeiras.

O que reduzia as possibilidades o suficiente para que Suzette Band me desse um nome.

Embassy Row. Ela me providenciara o telefone da diretora de elenco do seriado, Chloe Gold, e eu telefonara, apresentando-me como o novo agente de Muscadine. Indagando se Reed podia ter outra chance, porque o garoto era realmente talentoso.

Ela procurara em seus arquivos e depois me dissera: Não, obrigada. Ele foi recusado por causa de fatores físicos.

Que fatores físicos?

Você não sabe? E o agente dele.

Não entramos em...

Pergunte a ele. Tenho de desligar agora.

Fatores físicos.

O exame de sangue, não apenas pelo HIV, mas também para determinar a compatibilidade de tecido. Hope, com a influência de professora, obtendo acesso aos resultados.

Era compatível.

Não chegava a ser uma prova concreta, mas era o suficiente para se formular uma hipótese.

A verdadeira clínica de Cruvic era a casa na Mulholland Drive.

Honra teu pai...

Milo tomou o resto da água mineral e levantou os olhos para as lâmpadas fluorescentes.

— Talvez devêssemos promover uma festa de encerramento. Quem sabe se assim o departamento não me reembolsa pelo aluguel e o anúncio na Variety.

— Você pagou do seu bolso?

— O departamento não autoriza nenhuma despesa com base em hipóteses e eu não queria perder seis meses recorrendo aos canais competentes. Aquele juiz chato disse que não daria um mandado judicial para revistar os registros médicos

e o apartamento de Muscadine porque ele não gosta de hipóteses. Ou seja, se eu simplesmente avançasse para o sacana e levantasse sua camisa, seria uma revista ilegal, sem nenhuma base, e a cicatriz não contaria como prova. Nem teríamos como forçá-lo a tirar uma radiografia, para ver se faltava um rim mesmo.

— E não há muita chance de o cirurgião ter deixado registros.

— E como o sacana do Barone veio me dizer, o sacana do cirurgião está fora do país.

E, por enquanto, com tantos assassinatos na agenda, prender o Doutor Calcanhar Dolorido por irregularidade no exercício da medicina não seria uma prioridade da promotoria. Mais cedo ou mais tarde, porém, quando vazar o que ele fez, Cruvic não vai mais trabalhar nem em Beverly Hills nem em qualquer outro lugar.

— Alguma possibilidade de ele passar algum tempo na prisão?

Milo deu de ombros.

— A aposentadoria forçada pode não significar muito para ele — acrescentei. — Ele provavelmente nem precisa do dinheiro. Embora ser médico represente muito para ele em termos psicológicos. Muitíssimo. Portanto, talvez isso o atinja fundo.

— Por que diz que representa tanto?

— Ele roubou o rim de Muscadine, mas o costurou e deixou vivo. Um erro fatal para Hope, Mandy e Locking... e para ele também, se Muscadine descobrisse quem o cortou. Mas Cruvic queria se imaginar um curandeiro, não um assassino. Trabalhando um problema de infância, como também acontecia com Hope.

— Hope... — Milo balançou a cabeça de um lado para o outro. — Marcando Muscadine para entrar na faca.

— A moça mais inteligente e o rapaz mais inteligente fazendo um projeto para salvar Big Micky. Ela e Cruvic se conheciam há muito tempo. Um vínculo forte. Talvez porque Cruvic fosse alguém que compreendia o que significava ser um ótimo aluno e filho de alguém que não vivia de acordo com a lei. Ter uma vida secreta. Aposto que Big Micky pagou as contas médicas de Lottie Devane em Stanford... um dos lugares onde ele obteve um rim. E o dinheiro de consultoria que Hope recebia de Cruvic e Barone devia ser algum tipo de pensão de Big Micky. Antes do livro, quarenta mil dólares deviam fazer uma grande diferença na vida de Hope.

— A hora da recompensa — comentou. — E Mandy foi a isca. Onde Locking entra nisso?

— Não sei, mas acho que ainda vamos descobrir.

— Outro garoto inteligente. Acha que o comitê de conduta era apenas um

meio de encontrar um doador para o velho?

— Não — respondi. — Creio que Hope acreditava naquilo. Mas é bem provável que ela e Cruvic já conversassem há algum tempo sobre o que fazer por Big Micky. Sabemos pelos médicos de Stanford que ele já tentara pelos meios legais, mas era improvável que se habilitasse a outro transplante de rim, porque os dois fracassos anteriores mais sua saúde precária e sua idade indicavam um alto risco de rejeição. Talvez Cruvic e Hope tenham até considerado a possibilidade de usar uma das pacientes da clínica como doadora... esterilizá-la e depois cortar algo mais. Talvez estivessem apenas esperando pela garota certa... alguém sem nenhum vínculo familiar. E de repente Hope se depara com Muscadine, grande, forte, saudável e sem vínculos familiares. Além disso, Hope acreditava que ele era um estuprador que escaparia impune, e com isso tinha sua justificativa moral. Testaram o sangue de Muscadine, constataram que ele não tinha o vírus HIV nem outras infecções e verificaram a compatibilidade de tecido. Bingo. Não que fosse algum milagre. Quanto mais fatores de compatibilidade, melhor, mas os transplantes de rim são realizados muitas vezes com base apenas no tipo sanguíneo. Kruvinski e Muscadine eram O-positivo, o tipo mais comum.

— Meu Deus! — exclamou ele. — Tudo leva a crer que eles já tinham feito a mesma coisa antes com alguma pobre moça na clínica e fracassaram. Quando tudo isso for divulgado, podemos ficar sabendo de várias pessoas com cicatrizes e dores nas costas.

— Haveria um limite para o velho. Ele só conseguiria tolerar um determinado número de cirurgias. Aquela provavelmente era sua última chance. Por isso é que tinham de encontrar um doador ideal.

— Muscadine...

— Que a professora Steinberger nunca conheceu, porque se retirara do comitê antes de esse caso ser apresentado.

— Hope também não gostou muito de Storm, mas ele tinha vínculos familiares.

— E o pior tipo de vínculo: um pai rico mais do que disposto a armar confusão. E apesar de toda a antipatia de Kenny, sua culpa era muito mais ambígua. Talvez Hope ainda se apegasse a um senso de justiça.

— Talvez. — Ele balançou a cabeça de um lado para o outro. — Armando tudo para Muscadine fazer uma caridade involuntária. Uma colheita. Meu Deus, é uma lenda urbana que surge. Quase chego a sentir simpatia pelo desgraçado.

— Seria traumático para qualquer pessoa, mas para alguém como Muscadine... que prezava seu corpo, tentava vender sua aparência... foi muito mais. Quando conversamos em seu apartamento, ele disse que achara o exame

de sangue kafkiano. Também disse que a lesão nas costas fora como uma faca cortando-o. Brincando comigo. Ou apenas desabafando, mas sem revelar o fato.

— Terapia gratuita?

— Por que não? — falei. — Os atores não aprendem isso? Que se deve aproveitar o momento?

22

Big Micky era tudo menos grande.

Sentado à nossa frente sob um imenso carvalho. Nada crescia sob a árvore, e o chão se tornara areia. O resto do quintal era de grama impecavelmente podada, em torno de uma piscina semiolímpica de fundo preto, com um golfinho ornamental esguichando água, estátuas em pedestais, canteiros de azaleias vermelhas, mais árvores grandes.

Através da folhagem, uma vista ampla e nebulosa das montanhas de San Gabriel dizia que o dinheiro não podia comprar ar puro.

O velho era tão encolhido que fazia a cadeira de rodas parecer monstruosa. Sem ombros, sem pescoço; a cabeça pequena parecia sair direto do esterno. A pele era amarelada, os olhos castanhos, turvos, a pele ao redor, flácida, enrugada, cheia de cravos. A ponta vermelha do nariz grosseiro quase alcançava o lábio superior lívido. Os dentes arruinados faziam com que seus maxilares se mexessem a todo instante. Só os cabelos tinham vitalidade: abundantes, espessos, ainda escuros, com apenas alguns fios grisalhos.

O mandado judicial de Milo abriu o portão automático da casa na Mulholland, mas ninguém veio nos receber. Ele sacou sua arma e deixou os guardas entrarem como um exército. No momento em que alcançamos a porta da frente, ela foi aberta e o cara de rabo-de-cavalo a quem eu entregara o vidro com as pílulas se encostou no batente, tentando parecer indiferente.

Milo empurrou-o para a parede, algemou-o, revistou-o, tirou a automática e a carteira dele, leu o nome em um documento.

— Armand Jacszcyc... é, parece mesmo com você. Quem mais está em casa, Armand?

— Apenas Mr. K. e uma enfermeira.

— Tem certeza?

— Tenho — respondeu Jacszcyc. Nesse momento ele me notou e encolheu a cabeça.

Os guardas entraram. Um sargento voltou minutos depois e informou: — Não há mais ninguém. Encontramos muitas armas, um verdadeiro arsenal.

Outro guarda apareceu com a enfermeira Anna. Seu rosto esticado brilhava de suor, o peito grande era enfatizado por um suéter de angorá azul-ferrete. Ela manteve a cabeça baixa quando a levaram.

— Quero dois homens para revistarem a casa à procura de drogas — disse Milo.

— Não encontramos nenhuma droga até agora — declarou o sargento.

— Continuem a procurar. E prendam este homem por porte ilegal de arma.

Jacszcyc também foi levado e nós entramos. O centro da casa era uma sala de uns vinte metros de comprimento, as paredes revestidas por painéis de madeira escura, carpete dourado, com vários conjuntos de sofás verdes e marrons, abajures de cerâmica com cúpulas de franjas, pesadas mesas entalhadas, cheias de porcelanas e cristais comprados em lojas de souvenirs. Quadros reproduzindo palhaços e pinturas a óleo compradas na Rodeo Drive com cenas de ruas de Paris sob a chuva diziam que nem todo talento devia ser encorajado. A parede do fundo era coberta por uma cortina verde-oliva pregueada, que bloqueava o sol e. deixava o ambiente com cheiro de decadência. Uma voz estridente guinchou lá do fundo: — Onde está aquela água, Armand?

Havia uma cadeira de rodas ao lado de uma cômoda imitando o estilo Luís XIV, com a frente descabidamente marchetada. O tampo de mármore estava tomado por frascos de remédios. Não como o vidro que eu mostrara a Jacszcyc. Potes de plástico, brancos e grandes. Sem os rótulos de prescrição. Amostras das companhias farmacêuticas.

— Armand!

— Ele teve de sair — anunciou Milo. — A enfermeira Anna também.

O velho piscou, tentou se mexer. O esforço deixou-o verde, e ele arriou de volta na cadeira.

— Quem diabos são vocês?

— Polícia.

Milo mostrou seu distintivo. Dois guardas se aproximaram e ele lhes disse: — Por ali. — Apontando para a porta aberta de uma cozinha grande e marrom. O balcão estava abarrotado com garrafas de água, latas de refrigerante, embalagens de comida de restaurante, pratos e panelas sujos.

— O que estão fazendo aqui, seus idiotas?

O sotaque era interessante: a fala arrastada de um fazendeiro de Bakersfield encurtada nas sílabas finais por uma insinuação de Europa Oriental. Parecia o maestro Lawrence Welk, mas sem o bom humor.

— Quero água, idiota.

Milo encheu um copo e estendeu-o, junto com o mandado judicial.

— O que é isso?

— Mandado de busca de droga. Denúncia anônima.

O velho pegou o copo, mas ignorou o mandado.

Bebeu, mal conseguindo segurar o copo, a água escorrendo pelo queixo. Tentou colocá-lo na mesa, e não protestou quando Milo o pegou.

— Mandado de busca de droga? Alvo errado, idiota. Mas por que estou

ligando? Pode desmontar a casa. É alugada.

— Alugada de você mesmo — disse Milo. — Triage Properties. O velho juntou as mãos e fechou os olhos.

— Triage — repetiu Milo. — DBA Península Group, DBA Northern Lights Investments. A Northern Lights leva à Excalibur Properties, que leva à Revelle Recreation, que leva à Brooke-Hastings Entertainment. Seu antigo negócio pornográfico. Antes disso, seu antigo negócio de estrume e carne. Devia gostar mesmo do nome, já que o deu à esposa número dois e à instituição supostamente de caridade que abriu em San Francisco: reabilitação para prostitutas. Seu filho tratava das doenças venéreas, fazia os abortos e ajudava as mais bonitinhas a entrarem na dança?

— Prefere a assistência social do governo?

— O que mais seu filho fez durante aquele ano? Praticou sua técnica cirúrgica?

As mãos do velho tremeram um pouco.

— Vá em frente, idiota, acabe logo com isso. Depois volte a seu chefe e diga a ele que não encontrou porra nenhuma. Depois, vá para o inferno!

— Prefiro conversar.

— Sobre o quê?

— Bakersfield. San Francisco.

— Boas cidades, as duas. Se quiser saber onde comer, posso lhe indicar alguns lugares.

Milo tocou em sua barriga.

— Não é de comida que preciso.

— Dá para ver — resmungou o velho. — Você é gordo demais... Quer um conselho? Largue a carne vermelha. Veja o que aconteceu comigo.

Ele ergueu a mão com esforço, e bateu de leve na papada flácida. Ondulou como papel.

— O senhor comia muita carne? — indagou Milo.

— Ah, comia. Carne, carne e mais carne. — Uma ponta de língua roxa percorreu os lábios lívidos. — Comia a melhor. Comia também a gordura, tudo. Agora minhas artérias e todo o resto estão obstruídos, e tenho de sentar aqui e aturar idiotas como você.

— É duro — comentou Milo.

O velho riu.

— Ficou preocupado, hein?

Milo sorriu.

— Talvez. O rim novo está tornando a vida mais fácil?

Os lábios lívidos ficaram brancos.

— Também quero falar sobre seu filho — acrescentou Milo. — As férias súbitas dele.

— Vá para o inferno.

— Também obtivemos um mandado de busca para o estabelecimento dele em Beverly Hills. Supostas instalações médicas. Só que encontramos ali apenas salas cheias de vídeos pornográficos, prontos para embarque. — Outro sorriso. — E aquela sala de cirurgia. Deve ter custado uma fortuna.

O velho apertou um botão no braço da cadeira de rodas, que começou a recuar devagar.

Milo estendeu a mão e segurou-a. A cadeira rangeu, as rodas raspando no carpete.

— Ainda estamos conversando, Mr. Kruvinski.

— Quero um telefone. Tenho direito a dar uma porra de um telefonema.

— Que direito? Não está sendo preso.

— Largue a cadeira.

— Claro.

Milo apertou outro botão, travando as rodas.

— Está em maus lençóis, cretino — disse o velho. — Deixe-me ver esse papel.

Milo tornou a lhe estender o mandado e ele desdobrou-o.

— Preciso dos meus óculos.

Milo não se mexeu.

— Pegue meus óculos!

— Pareço com Armand?

Praguejando e apertando os olhos, o velho estendeu os braços, segurando o mandado com mãos trêmulas. Os braços logo perderam a força, o papel escorregou, caiu no chão.

Peguei-o e tentei entregar ao velho. Ele balançou a cabeça, recusando-o.

— Vocês não prestam. São nojentos, sem honra.

— Ah, sim, a honra entre ladrões — disse Milo. — Poupe-me dessa baboseira.

— O que você quer?

— Apenas conversar.

— Pois então procure um psiquiatra!

Milo deu uma risadinha para mim.

— Suma daqui, palhaço!

— Por que a pressa, Kruvinski? Talvez possamos ajudar um ao outro.

— Só se for no inferno!

— Talvez lá também.

Milo inclinou-se sobre ele.

— Vocês, do tipo poderoso chefão, não ligam para a palavra gratidão? Está olhando para o cara que salvou a vida do seu filho.

Alguma coisa faiscou por trás dos olhos turvos.

— Infelizmente, não pude salvar Hope Devane. Nem seu sobrinho-neto, o pequeno Casey. Mas peguei o cara que os liquidou. Detive-o antes que chegasse ao seu filho.

Os olhos turvos estavam arregalados agora. Sem piscar.

— Quem? Dê-me um nome.

Milo encostou um dedo nos lábios de Kruvinski, gentilmente.

— Isso não significa que vou esquecer o que seu filho fez. E pode apostar que o vagabundo vai usar isso como defesa. E a probabilidade é de que qualquer júri simpatize com ele. Ainda mais um dos nossos júris idiotas de Los Angeles. Ou talvez nem haja um julgamento por júri, pois a promotoria deve fazer um acordo. O que significa que mais cedo ou mais tarde o vagabundo vai deixar a prisão... e adivinhe quem ele vai procurar? Portanto, a menos que seu filho planeje permanecer em férias para sempre, terá de passar o resto da vida olhando para trás.

O velho sorriu: — Eu dou...

— Certo — disse Milo. — Você é Don Corleone.

Silêncio.

— O que você quer de mim?

— Preciso saber se seu filho operou qualquer outra pessoa em seu benefício. E qual era a ligação entre Hope e sua família. Por que você lhe pagava uma pensão?

Silêncio.

— Vai vazar de qualquer maneira. Melhor que a promotoria fique sabendo antes que a defesa.

— Ah, estamos do mesmo lado — disse o velho.

Tentou cuspir, mas saiu apenas um arroto.

— Deus me livre — disse Milo.

Uma conversa em voz baixa veio da cozinha. Depois, estalidos altos. Guardas abrindo e fechando armários.

— Silêncio! — berrou o velho, sem nenhum efeito.

— Seu pessoal já foi — informou Milo. — Algumas pessoas. Armand e a pequena Miss Anna... a ex-Storm Breeze. O mais perto que ela já chegou de uma enfermeira foi representar uma num dos seus filmes... Seu filho ensinou a ela os fundamentos dos cuidados renais?

Não houve resposta.

— Uma pequena confusão entre realidade e fantasia, Mr. K.? Como o consultório do seu filho em Beverly Hills, todos aqueles diplomas, cartões anunciando o tratamento de fertilidade, mas sem pacientes. Qualquer coisa para fazer o garoto se sentir importante, hein?

O velho cuspiu.

Milo espreguiçou-se e olhou ao redor.

— Aquela sala de operações, as máquinas de hemodiálise... Uma clínica para um único paciente. Pelo menos seu filho teve sua experiência com medicina em Santa Monica. Porque a chance de que ele volte a exercer a profissão depois que tudo isso vier à tona é zero. Presumindo que o vagabundo o deixe vivo.

Kruvinski não falou nada por um bom tempo.

— Empurre-me para fora — ordenou, por fim. — Sob aquela árvore.

A mão, que parecia uma garra, apontava para a cortina verde-oliva.

— Que árvore? — perguntou Milo.

— Por trás da cortina, idiota. Abra-a e me leve para o ar livre. A sombra do carvalho, ele disse: — Dê-me um nome.

— Não sabe o nome de seu doador?

— Não sei de nenhum doador.

— Pode ser obrigado a se submeter a um exame.

— Sob que alegação?

— Tenho certeza de que a defesa encontrará uma.

— Boa sorte.

Mãos retorcidas no colo. Os maxilares se movimentavam mais depressa.

— Quantos outros rins seu filho pegou para você?

— Está louco.

— Certo — disse Milo. — Pode bancar o durão. Outras vítimas vão se apresentar, a situação de seu filho vai se tornar cada vez pior, o vagabundo vai começar a parecer um herói. Talvez não se importe com Hope, apenas a filha de outra prostituta. Mas o pequeno Casey... tente explicar isso à avó dele, sua irmã Sônia. A polícia de San Francisco me contou que você o livrou sob fiança daquelas prisões por fabricação de metedrina em Berkeley, limpou sua ficha, providenciou para que Hope fosse sua orientadora no curso de pós-graduação. O que não foi tão difícil assim. Ele era um garoto inteligente, o primeiro da turma. Como Hope. E como seu filho. Mas veja para onde isso os levou.

O velho olhou para cima. Um fio de luz atravessou a folhagem, fazendo uma cicatriz branca e quente cortar o rosto degradado.

— Quando vier à tona que Casey morreu por causa da associação dele com seu filho, como vai explicar isso à sua irmã Sônia e à mãe dele, sua sobrinha Cheryl? Elas confiaram seu bebê a você. Como vai explicar por que ele está num

gavetão refrigerado do necrotério em vez de estar escrevendo sua tese?

O velho olhou para a piscina. O fundo preto proporcionava uma superfície espelhada, sem nenhuma visibilidade das profundezas. Dez anos antes, piscinas de fundo preto eram a moda. Até que algumas crianças se afogaram e ninguém notou.

— Vínculos de família — acrescentou Milo. — Mas Don Corleone cuidava dos seus parentes.

— Meu filho é... Você nunca terá um filho assim.

— Amém.

Os olhos turvos faiscaram.

— Vá para o inferno. Você chega aqui pensando que sabe, mas não...

— É justamente essa a questão — Milo interrompeu. — Eu não sei.

— Pensando que sabe — repetiu o velho. — Pensando que você... idiota... quero que saiba...— apontando o dedo — que ela era uma ótima pessoa, Hope. Não abra sua boca... não desrespeite pessoas que não conhece. Não... se não as conhece, cale essa boca!

— Ela era da família também?

— Eu a tornei da família. Quem diabo você pensa que pagou por seus estudos? Quem tirou a mãe dela da prostituição e pôs para dirigir uma casa noturna, horário regular, salário certo, até plano de pensão? Quem? Alguma porra de assistente social?

Ele dobrou o dedo com alguma dificuldade, virou-o, apontando para o peito afundado.

— Passei toda a minha vida ajudando pessoas. E uma das que mais ajudei foi a mãe daquela garota. Quando ela teve câncer, ajudei-a com isso também. Quando ela morreu, paguei o funeral.

— Por quê?

— Porque ela era uma boa pessoa.

— Há...

— A garota também. Uma lourinha, com aquele corpo, pensa que eu não poderia levá-la para trabalhar numa das minhas casas, se quisesse? Mas não, percebi que ela era de um nível melhor. Tinha um cérebro. Por isso eu disse a Lottie que a manteríamos longe das casas. E que faríamos com que estudasse. Imaginei que se tornaria médica, como Mike. Os dois fizeram projetos de ciências juntos, eram gênios. Ela mudou de ideia, decidiu ser analista, muito bem, é quase a mesma coisa. Eu a tratava como se fosse minha filha.

— O rapaz mais inteligente, a moça mais inteligente — falei.

O rosto enrugado virou-se para mim. — Pode apostar que sim. Meu Mike foi o garoto mais esperto que já existiu, você gostaria de ter um filho assim. Já sabia

ler aos três anos, dizia coisas que as pessoas não podiam acreditar. E você sabe de onde vem a inteligência? Dos genes. Eles provaram. Todas as crianças na minha família são muito inteligentes. Casey pulou dois anos, tem um irmão estudando física nuclear no MIT. Cheguei a este país sem nada, ninguém me deu merda nenhuma. O maior país do mundo, você é inteligente e dá duro, consegue o que quer, não como os pretos vivendo da assistência social.

— Por que tornou Hope uma pessoa da família? — perguntou Milo. — Por gostar da mãe dela?

O velho lançou-lhe um olhar furioso.

— Deixe de ter a mente tão suja. Se eu quisesse esse tipo de coisa, tinha muitas outras. Quer mesmo saber? Pois vou lhe dizer. Ela ajudou Mike. As duas ajudaram Mike. Lottie e Hope. Depois disso... — Ele cruzou os dedos indicadores. — Família.

— Ajudaram em quê?

— Ele sofreu um acidente. Em um piquenique que eu oferecia todos os anos aos empregados... um grande churrasco em meu sítio perto do rio Kern. Cachorro-quente, linguiça, os melhores bifes. — Sorrindo. — Como eu disse, sempre comia a melhor.

Ele tornou a passar a língua pelos lábios, a cabeça pendeu para trás, como que cochilando. Depois levantou-a num movimento brusco. E se retraiu. Tentei imaginá-lo andando com arrogância, pescoço grosso e musculoso, entrando no matadouro tarde da noite. Batendo com o bastão em porcos amarrados.

— Tínhamos competições — continuou ele, quase inaudível. — Corridas de saco, coisas assim. Eu contratava uma banda. Bandeiras por toda parte, a melhor festa da cidade.

Mike tinha treze anos, foi até o rio, onde a correnteza era forte. Era um grande nadador... na equipe da escola. Mas bateu com a cabeça em alguma coisa, um pedaço de madeira ou algo parecido, e afundou. Ninguém o ouviu gritar, exceto Lottie e Hope, porque as duas estavam na margem, conversando. Pularam no rio e tiraram Mike.

Foi difícil, por elas serem mulheres, e quase se afogaram também. Mike engoliu muita água, mas elas lhe fizeram respiração boca a boca, tiraram a água. Quando eu cheguei, ele já estava bem.

Umidade nos olhos vidrados.

— Desse momento em diante, ela foi uma rainha e a filha virou uma princesa! A lourinha mais linda, podia ser uma estrela de cinema, mas eu disse que usar o cérebro era melhor. Ofereci aquele prêmio de ciência. Eles ganharam. Mike sempre tirava a nota máxima, nunca precisava de ajuda com o dever de casa, praticava atletismo, natação, beisebol, tudo... foi o melhor classificado no

teste de aptidão escolar. É isso aí, Mister Tira. Nada de sujo. Apenas garotos inteligentes sendo inteligentes.

— Até que Mike se meteu numa encrenca em Seattle.

A cor saudável finalmente voltou ao rosto do velho. Um rosado em torno da boca. Clareza nos olhos... os saudáveis benefícios da ira?

— Idiotas! O que ele fez? Pegou um cadáver e tentou tirar alguma coisa boa dele!

— Um pequeno detalhe técnico. O cadáver ainda não estava morto.

— Sem ondas cerebrais, acha que alguém consegue se levantar e dançar a porra do mambo? Aquela pessoa estava tão morta quanto seu pau... fazem isso todos os dias... o que você pensa que dão aos estudantes de medicina para praticar? As porras das namoradas deles? São cadáveres. São centenas empilhadas, conservadas em salmoura como pés de porco. Os estudantes os retalham, jogam fora as partes que não querem, como se fosse lixo. Então qual foi o crime de Mike?. Não preencher os formulários certos? Grande coisa. Foi um conchavo. Não gostaram de Mike desde o primeiro dia porque meu filho era inteligente demais para eles, ensinava todo mundo, apontava os erros. Eu quis ir até lá, para dizer que era melhor pararem com aquela sacanagem, mas Mike disse que não, que estava mesmo cansado daquela gente, que todos fossem para o inferno.

— Por isso ele saiu de lá e passou um ano no programa Brooke-Hastings.

— Ora, não enche o saco! Aquilo era mesmo um programa. Aquelas crianças eram viciadas famintas na zona, sendo enrabadas nos becos por pervertidos e pretos. Nós as limpávamos, oferecíamos cuidados médicos... Mike é um excelente médico.

— Treinamento vocacional — comentou Milo. — Para que elas pudessem ser fodidas por pervertidos que pagavam a você.

O velho fez outra tentativa em vão de cuspir.

— Você sabe de tudo, idiota... se elas estavam sendo maltratadas, por que nunca fomos acusados de nada? Por que o governo sabia que nós as tirávamos do custo da assistência social. As que tinham talento, encorajávamos a ir para o palco. Qual o problema? Outras iam para a escola... devo ter mandado quinze ou vinte garotas para o colégio, curso de secretariado. E que porra você já fez pela sociedade?

— Nada — respondeu Milo, fazendo uma careta exagerada. — Sou apenas um sanguessuga do serviço público.

— É isso mesmo.

— Por que Mike trocou a cirurgia pela ginecologia? — perguntei.

— Ele gostava de trazer bebês ao mundo... fez centenas de partos. Quantas

vidas vocês já trouxeram para este mundo?

— Partos e abortos — murmurei. — E esterilizações.

— E daí? Não acha que uma mulher tem o direito de escolher?

— Para onde ele foi depois da residência no hospital Fidelity? — perguntou Milo.

— Voltou para junto de mim. Ajudava-me nos negócios, cuidava das garotas, desenvolvia sua clínica. Depois, quando fiquei doente, ele se concentrou em cuidar de mim. Tentei persuadi-lo a não fazer isso e disse: Mike, você tem sua própria vida, não se prenda a mim. Mas ele respondeu: ora, papai, tenho muita vida pela frente. vou cuidar de você.

Outro olhar rápido para a piscina. — Vá para o inferno — disse o velho, baixinho, quase afável. — Que vá você, a porra do seu mandado, sua vida. Não tem o direito de entrar aqui sob falsas alegações e insultar minha família.

— Ah, a gratidão... — murmurou Milo.

— E daí? Você me disse que o vagabundo continua bem.

— Se Mike tem antecedentes de roubar órgãos de outras pessoas, é fácil acusá-lo.

— Mike é um homem melhor do que você jamais será... a fralda suja de Mike quando ele era bebê tinha mais classe do que você jamais conseguirá. Você disse que ele roubou. Pois eu digo porra nenhuma. Os especialistas me cortaram duas vezes, puseram rins que não valiam merda nenhuma. Continuei ligado na porra da máquina, sem nenhuma veia livre, me escutando mijar o dia inteiro. Um dia apaguei e quando acordei Mike me disse que nunca mais teria de ser ligado na máquina.

— Sem mais nem menos?

— Sem mais nem menos.

— O que Hope teve a ver com isso?

— Quem diz que teve?

— Ela o visitou depois da operação?

— Por que não?

— Casey também?

— Por que não?

— O que Casey teve a ver com a operação?

— Isso é tudo. Acho melhor se mandar agora. — Acenou com a mão.

— Onde Mike se escondeu?

— Na sua terra natal?

— Ele planeja voltar algum dia?

O velho fechou os olhos.

— Como quiser — disse Milo, levantando-se.

O velho manteve os olhos fechados. E sorriu.

— Problemas podem ser resolvidos.

De volta em casa, fiquei me perguntando como o caso seria resolvido.

A promotoria achava que a manobra do estúdio fora hábil, mas talvez inexpressiva, porque provava apenas que Muscadine tinha uma cicatriz nas costas. As rodas de uma bicicleta encontrada na garagem de Muscadine se ajustavam às marcas deixadas no local do crime, mas eram pneus comuns. A agressão de Muscadine a Paige Bandura fora uma sorte, porque constituía um motivo para a polícia detê-lo por mais tempo, enquanto continuava a procurar provas.

Ele escaparia impune de quatro homicídios?

E de estupro também. Porque quanto mais eu pensava no terror e deterioração mental de Tessa Bowlby, mais tinha certeza de que Muscadine fizera alguma coisa com ela.

Hope a apoiara na ocasião.

Ela não contava com ninguém agora.

Teria retirado sua queixa na audiência porque Muscadine a aterrorizara ainda mais?

Liguei várias vezes para a casa de seus pais, ontem e hoje. Ninguém atendeu. Também deixei recados para o dr. Emerson. Ele não podia falar sobre sua paciente, mas eu tinha fatos para comunicar...

O telefone tocou.

— Dr. Delaware? Meu nome é Ronald Oster. Sou o defensor público que representa Mr. Reed Muscadine.

— Certo.

— Mr. Muscadine deseja falar com você.

— Por quê?

— Mr. Muscadine sabe que atuou como consultor da polícia neste caso, e nessa condição já o entrevistou. Ele acha que seu conhecimento psicológico ajudará o tribunal a compreender a motivação dele.

— Quer que eu o ajude a desenvolver uma defesa de redução da capacidade?

Pausa.

— Não necessariamente, doutor.

— Mas procura por algum tipo de justificativa psicológica para o que ele fez.

— Não uma justificativa, dr. Delaware. A motivação. E depois do que fizeram com Mr. Muscadine, não acha que a angústia seria significativa?

Portanto, Oster sabia do roubo do rim. Milo disse que a promotoria estava

hesitando, esperando para ver que aspecto o caso assumiria, o que seria usado como prova e teria de ser revelado nos termos da lei.

Muscadine falou da cirurgia ao advogado. Mas Muscadine ainda não tinha ideia de quem havia recebido o rim, e se a promotoria decidisse não usar essa informação, mantendo o velho em segredo, e se Oster não fizesse as perguntas certas, talvez os detalhes nunca viessem à tona. Mas o problema da defesa podia ser o mesmo da promotoria. Porque se Muscadine não confessasse, faltavam provas diretas de sua culpa: não havia armas nem testemunhas nem evidências materiais.

Quanto usar, quanto ocultar?

Leah Schwartz, assistente da promotoria, ainda não chegara a uma conclusão. Ainda falava em propor um acordo ou até mesmo em arquivar o caso. Se a denúncia não fosse apresentada ao tribunal em quarenta e oito horas, Muscadine seria solto sob fiança.

O telefonema de Oster significava que ele não percebera ainda a fraqueza do caso contra seu cliente?

— Vai conversar com ele, dr. Delaware?

— Acho que não.

— Por quê?

— Conflito de interesses.

Ele esperava por essa resposta, porque disse no mesmo instante, com uma satisfação maliciosa: — Nesse caso, dr. Delaware, sugiro que pense no seguinte: se eu intimá-lo como testemunha técnica, será pago por isso. Se eu intimá-lo e não quiser cooperar, ainda assim terei seu depoimento no tribunal, mas como testemunha comum, sem receber nenhum pagamento por isso.

— Parece que está me ameaçando.

— Não, apenas expondo as possibilidades. Para seu próprio bem.

— É bom saber que alguém se preocupa com meus interesses. Tenha um bom dia.

Telefonei para Milo e relatei a conversa.

— Era de se esperar — disse ele. — Leah informou que seu nome surgiu hoje, quando ela conversava com Oster. Ao que parece Muscadine contou a ele sobre sua visita. Oster quer dar o maior destaque ao fato de um psicólogo investigar Muscadine, como prova de que sabíamos desde o início que ele estava sob forte tensão. Agora, ele quer usá-lo, Alex. E uma tática antiga, utilizar o consultor do oponente como se fosse seu. Se ele não consegue fazer com que você mude de lado, tenta humilhá-lo no banco das testemunhas, a fim de que não tenha mais nenhuma utilidade para nós.

— Muscadine já foi acusado formalmente?

— Ainda não. Mas houve algum progresso, porque esta manhã encontramos um bom suprimento de esteroides escondido em seu apartamento. Não resta a menor dúvida de que isso também vai fazer parte da defesa, se o caso for tão longe: raiva induzida por droga. Mas pelo menos serve para deixá-lo detido por mais algum tempo. Apesar de tudo, Leah continua a pensar num acordo, porque está preocupada com a possibilidade de o júri ficar sensibilizado com a provação de Muscadine.

— O que me diz de Kathy DiNapoli? — perguntei. — Se ele a matou só porque ela o viu com Mandy Wright, ninguém ficaria sensibilizado com isso.

— Tem razão, mas não há nenhuma prova quanto a Kathy. Quando menciono o nome dela, Muscadine se limita a me dar aquele encantador sorriso de ator.

— Qual é o acordo?

— Apenas o homicídio de Hope. Leah vai insistir em crime premeditado, Oster vai dizer que não houve premeditação, e eles vão tentar chegar a um meio-termo.

— Se o caso é tão fraco, por que Oster faria um acordo?

— Ele pode não fazer. Leah está mantendo em segredo, por enquanto, a identidade de Big Micky, mas pode usá-la para assustar Muscadine: saia livre, garotão, e a Máfia vai atrás de você. Ela espera que isso convença Muscadine a aceitar uma sentença reduzida numa penitenciária federal, sob proteção.

— Um grande acordo por quatro assassinatos a sangue-frio — falei. — Mas o fato de Oster ter me procurado não significa que ele acha que o caso é mais forte do que é?

— É difícil saber. Ele é um desses advogados novos e agressivos, inspirados em Perry Mason, e se julga mais esperto do que é. Há a possibilidade de Oster pedir que o caso seja arquivado por insuficiência de provas e conseguir. Se pudéssemos encontrar uma arma, qualquer coisa concreta... mas até agora não tivemos sorte. As únicas facas no apartamento de Muscadine eram de passar manteiga e não há nenhuma arma de fogo para comparar a bala com a que matou Locking. O cara soube apagar as pistas muito bem.

— Um ator faminto... — falei. E de repente me ocorreu uma ideia. — Quando falei com Mrs. Green, a dona da casa, ela me disse que mantinha uma arma para se proteger. Também me disse que Muscadine cuidava de sua cadela quando se ausentava. O que significa que ele tinha acesso à casa. E se ele decidiu pegar uma arma emprestada em vez de comprá-la?

— Pegar emprestada e devolver?

— Por que não? Ele não ia querer alarmar Mrs. Green. E aposto que a arma é registrada. Assim, mesmo que tenha desaparecido, você ainda pode ressaltar que

Muscadine era o único com acesso. E a balística pode dizer se a bala extraída da cabeça de Locking é compatível com aquele modelo. Não seria suficiente para condená-lo, mas talvez lhe traga problemas.

— É um tiro no escuro, mas por que não? Mrs. Green... Ela consta na minha lista de pessoas para telefonar.

Milo demorou quinze minutos para me ligar de volta, e dessa vez sua voz estava melodiosa.

— American Derringer, modelo um, calibre 22, exatamente o tipo da bala tirada da cabeça de Locking. Ela não usava a arma desde que teve aulas de tiro, há dois anos. E Muscadine tinha uma chave de sua casa. Ela foi procurar a arma, que continuava na gaveta da cozinha onde a deixara, mas parecia mais limpa do que se lembrava. O que a deixou nervosa. Eu lhe disse para não tocar na arma, e ela respondeu que não mexeria nela nem com uma vara de três metros.

— Ele a limpou — falei. — Mas talvez esse cuidado não o ajude.

— Não vamos comemorar ainda, mas vou buscar a arma pessoalmente e levar para o teste de balística. Obrigado, Excelência, salaam, salaam.

— O que eu faço com o defensor público Oster?

— Tente enrolá-lo um pouco.

Duas horas mais tarde, Milo anunciou: — É a mesma arma, segundo a balística, e a promotora Schwartz quer conversar com você.

Eu conhecia Leah Schwartz de um caso anterior. Jovem e inteligente, cabelos louros crespos, olhos azuis enormes e às vezes uma língua afiada. Ela pegou o telefone como se estivesse pronta para correr uma maratona.

— Oi, de novo. Obrigada pela dica da arma. Eu deveria contratá-lo.

— Falar é mais barato.

Ela riu.

— O contribuinte agradece. Quanto a Ronnie Oster, talvez você devesse conversar com ele. Ainda mais agora que encontramos a arma.

— Por quê?

— Porque até agora Muscadine se recusou a dizer qualquer coisa sobre o crime. Talvez você possa fazê-lo contar tudo.

— Se ele contar, será confidencial.

— Não se Oster o convocar como testemunha. Ou se tomar seu depoimento. Porque agora a lei da revelação das provas, graças aos nossos eleitores, funciona nos dois sentidos. Portanto, assim que Oster conseguir alguma coisa sobre o estado mental de Muscadine, eu posso interrogá-lo e fazer com que você conte tudo o que descobriu.

— E se Oster não me chamar como testemunha?

— Por que ele não chamaria?

— Porque não sou adepto da redução da capacidade e não vou declarar que Muscadine era insano.

— Oster sabe disso, e deve ter sido por isso que mencionou angústia mental, não redução da capacidade. E admito que Muscadine teve sua angústia. Foi usado como banco de órgãos. Se você for testemunhar e falar sobre angústia mental, vamos nos divertir bastante no interrogatório, entrando em todos os detalhes. Outra coisa que você pode fazer é escrever um relatório, se Oster não for bastante esperto para pedir expressamente que não o faça. Escreva-o assim que puder, porque a partir do momento em que estiver no papel torna-se uma prova material. Se Oster incluí-lo na lista de testemunhas, ou usá-lo na audiência preliminar, quem sabe para pedir acomodações especiais para Muscadine na enfermaria psiquiátrica, o relatório escrito provavelmente será válido.

— Provavelmente?

— Vou trabalhar nisso, mas tenho confiança em meu ponto de vista.

— Ainda tenho dúvidas, Leah.

— Ninguém está lhe pedindo para mentir. O cara sofreu mesmo de angústia. Mas não o suficiente para justificar quatro assassinatos. E pela maneira como as coisas vão, só poderemos apresentar dois ao júri, de Devane e Locking. Não sei qual é a sua reação, mas eu perco o apetite só de pensar que não haverá julgamento para as mortes de Mandy Wright e DiNapoli. Mas você pode mudar isso. Use suas habilidades de terapeuta, faça Muscadine falar. Não vai se impor a ele, pois foi convidado... Oster até o pressionou a aceitar. Faça o cliente dele se abrir o bastante, e é provável que eu consiga obter um mandado para radiografá-lo.

— E se ele confessar, Oster me pedir para não pôr nada por escrito e nunca me chamar para testemunhar?

— Nesse caso, nós não perdemos nada, você ganha algum dinheiro como testemunha técnica, apresentamos apenas a bicicleta e a arma e esperamos para ver o que podemos conseguir. Mas creio que você pode fazer com que ele o use. Examine Muscadine e diga a verdade a Oster: o cliente dele passou pelo inferno. Mas não ligue para Oster imediatamente para responder que sim pois vai parecer ansioso demais. Espere um ou dois dias, depois aceite com uma certa relutância.

— Então agora sou uma peça no jogo.

Ela riu.

— Pela justiça.

23

O dr. Albert Emerson me ligou naquela noite, pouco depois das nove.

— Tessa tentou cometer suicídio — disse ele, com a mesma voz juvenil, agora séria. — Consegui que fique internada por setenta e duas horas na Flint Hills Cottages. Sabe onde fica?

— La Cañada.

— Isso mesmo. A unidade de pacientes adolescentes é uma das melhores.

— Como foi? — perguntei.

— Cortou o pulso.

— Foi para valer ou estava tentando chamar a atenção?

— Ela usou uma serra, portanto foi para valer. O pai estancou a hemorragia.

— Droga! Pedi que você me ligasse porque estava preocupado com ela.

— E eu estou ligando agora porque fico feliz com isso e os pais dela também. O que queria me dizer?

— Que eu acredito em Tessa com relação ao estupro. Achei que ela precisava ouvir isso de alguém.

— Por que agora?

— Não posso dizer. Problemas legais.

— Ah... O cara foi preso por outro estupro?

— Digamos que a história dela foi confirmada.

— Está bem. Descobrirei com minha esposa que trabalha na promotoria.

— Ela pode não saber. É de fato uma situação delicada. Prometo contar tudo assim que puder.

— Então está bem... espere um instante que o pai quer falar com você.

Um momento depois: — Doutor? Walt Bowlby falando.

— Lamento o que aconteceu com Tessa.

— Obrigado. — Sua voz era arrastada. — O dr. Emerson diz que ela vai se recuperar. Em que posso ajudá-lo?

— Só liguei para saber de Tessa.

A voz dele fraquejou. — Ela... acho que eu deveria ter acreditado no estupro.

— Não há razão para se culpar...

— O mais estranho é que ela parecia estar melhorando, passava mais tempo com Robbie, divertia-se um pouco. Mas parou tudo de repente, não queria mais brincar com ele, nem mesmo estar em sua companhia. Começou a ficar no quarto dia inteiro, com a porta fechada. Ontem fui falar com ela, encontrei-a no banheiro. Graças a Deus... Seja como for, não liguei antes porque ela não disse

mais nada sobre a professora, até hoje. Eu ia telefonar antes, mas estive muito ocupado.

— O que ela disse hoje?

— Que a professora era sua amiga de verdade porque foi a única que acreditou nela. Que o desgraçado a tinha amarrado e forçado, mas ninguém compreendeu o que ela passou, exceto a professora.

— Ele a amarrou?

— Isso mesmo. Se eu o encontrar, vou capá-lo.

— Mr. Bowlby...

— Eu sei, eu sei, minha esposa diz que sou estúpido só por pensar nisso e sei que ela tem razão. Mas pensar naquele sujeito fazendo uma coisa dessa com a minha filha... talvez haja um inferno... mas o principal é que Tessa está viva. Cuidarei do resto mais tarde. Obrigado por telefonar, doutor.

— O senhor iria se aborrecer se eu fosse falar com Tessa?

— Para quê?

— Apenas para dizer que também acredito nela.

— Por mim não há problema, mas deve falar primeiro com o Dr. Emerson.

— Ele ainda está aí?

— Acabou de sair para o corredor. Quer que eu vá chamá-lo?

— Por favor, se não for um incômodo.

— Não é incômodo nenhum. Afinal, não estou mesmo fazendo nada, andando de um lado para outro.

Cheguei a Glendale às dez e meia daquela noite e em La Cañada alguns minutos depois.

A Flint Hills Cottages ficava na Verdugo Road, já subindo os contrafortes, nos arredores de um confortável bairro residencial, indicada apenas por uma placa branca na coluna de adobe de um portão. O portão foi aberto e o homem na guarita, usando blazer e gravata, me deu um sorriso. Não havia um edifício central, apenas pequenos bangalôs em estilo hacienda, no final de um caminho de cascalho curvo, sob plátanos e cedros centenários. Uma suave iluminação exterior e buganvílias subindo pelas paredes proporcionavam ao lugar a aparência de um elegante spa.

Emerson informara que Tessa estava na Unidade C e logo a encontrei, no outro lado do estacionamento, à esquerda. A porta estava trancada, e demorou algum tempo para que uma enfermeira atendesse à campainha.

— Dr. Delaware, para Tessa Bowlby.

Ela me lançou um olhar desconfiado.

— O dr. Emerson espera por mim.

— Ele está lá atrás.

Eu a segui por um corredor amarelo. Carpete novo, cor de chocolate, litografias emolduradas mostrando flores, alguns pôsteres de shows de rock, sete portas, todas fechadas. No final, havia um posto de enfermagem, com um homem sentado. Ele me fitou e levantou-se.

— Dr. Delaware? Al Emerson.

Tinha trinta e poucos anos, cabelos castanhos ondulados, uma barba castanha espessa, meticulosamente aparada. Casaco de tweed, calça marrom de lã, camisa de cambraia, gravata azul de tricô. Seu aperto de mão foi rápido e seguro.

— Obrigado, Gloria — disse ele à enfermeira, que se retirou.

Li o nome de Tessa na ficha. A enfermaria estava silenciosa.

— Um lugar sossegado, não acha? — perguntou. — Todo o sofrimento do lado de fora.

— Como ela está?

— Começando a se mostrar arrependida, o que é bom.

— O pai continua aqui?

— Não. Ele foi embora há pouco. Esteve com ela, mas apenas por um ou dois minutos. Tessa está furiosa com ele.

— Por não acreditar nela?

— Isso agravou, mas o problema não para por aí.

— E o que geralmente acontece.

Ele meneou a cabeça, em concordância.

— São ótimas pessoas. Bem-intencionadas, sinceras. Mas simples. Não estúpidas, apenas simples.

— Ao contrário de Tessa.

— Tessa é mais complexa do que se pode imaginar. Criativa, imaginativa; uma veia artística. Gosta de lidar com questões existenciais. Nas melhores circunstâncias, seria de criação difícil. com esta família, é como entregar um Ferrari a dois competentes mecânicos de Ford.

— As pequenas brincadeiras do destino — falei. — Já testemunhei muitas. Ela vai querer falar comigo?

— Ainda não perguntei. Por que não descobrimos?

— Aparecer de repente? Nas duas vezes em que tentei, ela ficou extremamente aflita.

— Mas agora você tem uma coisa diferente para lhe dizer. E minha esposa sabe o que está acontecendo, ouviu rumores sobre um estudante preso pelo assassinato de Devane. Se for o estuprador de Tessa, seria ótimo para ela saber que ele foi preso.

— Concordo que seria, mas a promotoria deseja manter o caso em sigilo por

mais uns dois dias.

— Eu poderia convencer Tessa a continuar aqui por mais que uns dias. Ela me disse que gosta do lugar, acha repousante.

— E se ficar agitada quando falar com ela?

— Melhor aqui, onde posso cuidar disso. O pior que pode acontecer é ela ter um ataque e eu passar a noite toda a seu lado. — Um sorriso. — Meu trabalho. Claro que é melhor ficar sentado com os pés para cima, tomando uma cerveja e assistindo TV, certo?

Eu ri. Ele também, mas logo voltou a ficar sério.

— Quer tentar? — perguntou.

— Pode manter o caso confidencial?

— Ela não tem telefone, e eu não sou conhecido como fofoqueiro.

— Está bem.

— Ótimo. Vamos até lá agora. Ela está no Três.

Fora feito um esforço para que o quarto parecesse aconchegante: papel parede branco com abstrações onduladas num azul bem claro; móveis de madeira verdadeira; uma janela grande, flores num vaso. Porém, um olhar mais atento revelava que havia um acolchoado por baixo do papel de parede, os móveis não tinham quinas, o spot de luz era embutido no teto e barras de madeira externas listravam a janela. O vaso era de plástico e fixo no chão. As flores era lírios de verdade. Lírios são da mesma família que as cebolas. Não-tóxicas.

Sentada na cama, Tessa lia *The Atlantic Monthly*. Havia outras revistas empilhadas ao lado. Ela usava um blusão cinza da universidade e uma bermuda jeans. Nas duas outras ocasiões eu a vira toda de preto. Suas pernas eram compridas e finas, quase tão brancas quanto as paredes. A ponta de um curativo projetava-se do punho esquerdo do blusão.

Ela continuou a ler. Vulnerabilidade e tentativa de proteção. Muscadine interpretara como uma provocação deliberada.

— Olá de novo — disse Emerson.

Ela levantou os olhos, viu-me e aquela mesma expressão de pânico dominou seus olhos.

— Está tudo bem, Tessa — disse Emerson, indo se colocar ao lado dela. O dr. Delaware é uma boa pessoa. Eu garanto.

O lábio inferior de Tessa tremeu.

Eu sorri.

Ela baixou os olhos para a revista.

— Um bom artigo? — perguntou Emerson.

Ela não respondeu. Seu peito arfava. Emerson chegou mais perto e leu por

cima do ombro dela: — Reflorestamento da Costa Leste. — Ele leu mais um pouco. — Diz aqui que as árvores começam a voltar por conta própria. Estão permitindo uma boa notícia, para variar?

Tessa mordeu o lábio. — As árvores começam a voltar porque a economia está ruim. À medida que as indústrias fecham, as pessoas deixam as pequenas cidades e a terra volta a ficar deserta.

— Ah... — murmurou Emerson. — E o que é isso? Uma má notícia? Ou uma mistura?

— Você é quem deve me dizer.

— O que você acha?

— Que não quero falar com ele.

— Mas se importa se ele falar um pouco com você?

— Sobre o quê?

Emerson olhou para mim.

— Sobre o que Reed Muscadine fez com você— declarei.-— Sei que é verdade. Muscadine não presta e está na cadeia.

Ela ficou boquiaberta. — Por quê?

— Será duro ouvir, Tessa, mas vai acabar descobrindo muito em breve. E é o principal suspeito no assassinato da professora Devane.

Os olhos dela ficaram agitados. — Oh! — O som saiu quase como um grito animal. — Oh, oh, oh!

Ela se levantou de um pulo, a mão na cabeça, atravessou o quarto em três passos, deu meia-volta e tornou a atravessá-lo. Parou e falou: — Meu Deus... Meu Deus, Robbie!

— O que tem Robbie? — perguntou Emerson.

— Onde ele está?

— Em casa, com sua mãe, Tess.

— Como posso saber?

— Por que ele não estaria?

Ela estendeu as mãos, os dedos dobrados, tremendo.

— O telefone! — exclamou.

— Quer que eu ligue para sua casa? — indagou Emerson. — Para sua mãe lhe dizer que Robbie está bem?

— Eu quero ligar! Eu quero falar com ele!

— Já são quase onze horas, Tessa. Tenho certeza de que Robbie está dormindo.

— Tenho de falar com ele! Preciso... Por favor, dr. Emerson! Deixe-me telefonar! Por favor, por favor, por favor!— Soluçando. — Ah, por favor, deixe-me falar com meu pequeno Robbie...

— Está certo, meu bem.

Emerson tentou passar o braço pelos ombros de Tessa, mas ela recuou, no momento em que ele abriu a porta e a deixou sair, os olhos azuis dela estava marcados pela confusão.

Na recepção, ele conseguiu uma linha externa, e nós dois observamos Tessa discar.

— Mãe? Onde está Robbie? Tem certeza? Vá verificar... por favor, Por favor, mãe... apenas faça o que estou pedindo!

Ela esperou, puxando os cabelos, piscando, mexendo os ombros, beliscando uma bochecha, deslocando o peso do corpo de um pé para o outro. Emerson observava-a com uma mistura de compaixão e fascínio.

— Tem certeza... verificou se ele está respirando". O quê? Falo sério... recepção. Ele deixou, está aqui ao meu lado... claro... não, não estou cansada... eu estava lendo. Como? Ah, sim, logo, logo... tem certeza de que ele está bem, mãe? Eu sei... eu sei que você não... desculpe, mãe. Desculpe incomodá-la... o quê? Claro, claro, obrigada. Desculpe incomodá-la. Cuide bem dele. Cuide muito bem dele... também amo você.

Ela largou o telefone. Suspirou. Escondeu o rosto nas mãos. Tornou a erguê-lo.

— Vou voltar agora.

— Robbie foi o meio que Muscadine usou para pressioná-la. Ameaçou matar Robbie a menos que você retirasse a acusação na audiência.

Ela me olhou com o que parecia ser um respeito recém-adquirido. Confirmou com a cabeça.

Não fiz a pergunta seguinte: Por que não comunicou à polícia? Eu sabia a resposta: ela comunicara à polícia antes, fora despachada como mentirosa. A palavra dele contra a dela.

— Ele não pode fazer mal a Robbie agora — acrescentei. — Não pode fazer mal a mais ninguém.

Desejei estar correto. Quase torci para que Muscadine saísse livre, a fim de que Big Micky pudesse aplicar seu tipo especial de justiça... Que Deus me perdoe!

Tessa afundou na cadeira, recomeçou a chorar.

Emerson deixou-a assim por algum tempo, entregou um lenço de papel e recuou. A angústia de Tessa refletia-se nos olhos dele, mas ele era capaz de tolerar a situação. Pelo menos eu encontrara alguém a quem poderia encaminhar pacientes. Por fim ela parou de chorar e disse: — Ele a matou por minha causa.

— Não foi, não — declarei. — Não teve nada a ver com você. Foi um problema entre ele e a professora Devane.

— Eu gostaria de poder acreditar nisso.

— Vai acreditar quando os fatos forem divulgados.

— Robbie...

— Você protegeu Robbie — comentei. — À sua própria custa.

Ela não respondeu.

— A professora Devane sabia da ameaça?

Ela sacudiu a cabeça em negativa.

— Eu não podia... não queria... ela me compreendia, mas eu não queria que ela... não queria que ninguém se envolvesse em minha confusão.

— Mas contou a ela que Muscadine amarrou você.

Um longo silêncio. Um longo e lento sinal afirmativo com a cabeça. E depois ela me chocou com um sorriso súbito e radiante. Emerson também foi apanhado desprevenido. Começou a retorcer os pelos da barba.

— O que é, Tessa? — indagou ele.

— Sou uma mártir... finalmente.

24

Guiei pelas ruas tranquilas imaginando como acontecera.

Muscadine encantando-a, tratando-a bem... com toda a cortesia. Até que chegaram a seu apartamento.

E ele mudou.

Subjugando-a.

Amarrando-a.

Ela contara a Hope.

Hope a ouvira, ouvinte profissional — controlada, protetora.

Mas para ela a história significara muito mais do que apenas outro ultraje. Passara a odiar Muscadine. Pensando nele — grande, forte.

Saudável.

Um rim perfeito, grande, mais do que adequado para filtrar o lixo do corpo mirrado de um homem que a considerava da família.

Excelente.

Perfeito.

Ser amarrada.

Ela sabia qual era a sensação.

Embora nunca contasse a Tessa.

A empatia tinha limites.

Ronald Oster era jovem demais para ser tão cínico.

Talvez vinte e oito anos, com cabelos ruivos encaracolados e sardas em abundância, meio flácido em torno da barriga, usando um terno azul com colete que era um tamanho menor.

Encontrei-o na frente da cadeia do condado, perto da longa fila de mulheres que se forma todas as manhãs, esperando para visitar os presos. Algumas das mulheres olharam para nós, mas Oster não prestou a mínima atenção nelas, enquanto me lançava um olhar duro e prolongado, sem parar de fumar seu British Oval.

— Por que mudou de ideia? — perguntou ele.

— Meu advogado disse que você poderia me obrigar. Já que vou ter de perder meu tempo de qualquer maneira, é melhor ser pago por isso.

Ele continuou a me olhar espantado.

— Por falar nisso — acrescentei —, meus honorários são de trezentos e

setenta e cinco dólares por hora, incluindo o tempo do trajeto. Mandarei a conta para você, e espero receber o pagamento em trinta dias. Também espero um contrato seu dentro de três dias.

Estendi meu cartão. — Então é pelo dinheiro — disse ele, enfiando o polegar no bolso do colete.

— Preferia não fazer isso, mas se tenho mesmo, pode ter certeza de que não é por amor a seu cliente.

Ele apertou o cigarro entre os dedos.

— Vamos deixar uma coisa bem clara, doutor. Deste momento em diante, se trabalhar para qualquer um neste caso, será para meu cliente. Qualquer coisa que ele lhe disser, assim como qualquer coisa que eu lhe disser sobre ele, entra na esfera da confidencia terapêutica. Inclusive esta conversa.

— Depois que tivermos um acordo.

— Já temos. Embora em termos de pagamento eu seja um servidor público. Tudo o que posso fazer é recorrer aos canais competentes.

— Faça o melhor que puder... E uma outra exceção: se seu cliente me ameaçar de alguma forma, cairá em Tarasoff e o denunciarei imediatamente.

Isso o irritou, mas ele sorriu. — Tarasoff se aplica a ameaças contra terceiros.

— Ninguém diz que não pode se aplicar ao terapeuta.

— Sinto uma certa hostilidade, doutor.

— Autopreservação.

— Por que meu cliente o ameaçaria?

— Dizem que ele cometeu vários assassinatos. Falo apenas em termos teóricos, para que as regras sejam bem claras.

— Quer as coisas tão claras assim de todos os advogados para os quais trabalha?

— Quase não trabalho para advogados.

— Ouvi dizer que trabalha muito em casos de custódia de crianças.

— Quando isso acontece, trabalho para o tribunal.

— Entendo... então tem medo de Mr. Muscadine. Por quê?

— Não tenho especificamente medo dele, mas sou cuidadoso. Digamos que eu não chegue às conclusões que ele quer. Se ele assassinou todas aquelas pessoas, é uma indicação de que não aceita muito bem um desapontamento.

— Desapontamento? — Ele jogou longe o cigarro. — E uma maneira branda de descrever a perda de um órgão vital.

Olhei para o relógio.

— Essencialmente o cara foi violentado, dr. Delaware.

— Como ele diz que aconteceu?

— Deixarei que ele próprio conte tudo. Se eu o deixar falar com ele. Mesmo

que eu não deixe, receberá o contrato e um cheque por seu tempo hoje.

— O que significa que já estou trabalhando para você e não posso cooperar voluntariamente com a polícia.

Ele sorriu.

— Está bem — respondi, tornando a olhar para o relógio. — No que me diz respeito, quanto menos eu tiver a ver com este caso, melhor.

Ele enganchou um polegar no colete. A fila de mulheres andava lentamente, ao nosso lado.

— Isso pode não dar certo — falou.

— A decisão é sua.

— Estou interessado em sua opinião profissional porque acho que é um caso evidente de angústia mental... como a que domina as esposas espancadas. Mas não tenho certeza, tendo em vista sua história com a polícia, de que vai oferecer uma opinião imparcial.

— Se eu obtiver os dados, é o que terá. Mas se quiser alguém que possa usar como um boneco de ventríloquo, então não sou quem procura.

Ele olhou para o meu cartão.

— Ouço uma clara tendência à acusação.

— Como quiser.

— Não costuma se inclinar para o outro lado? — perguntou.

— Mantenho a mente aberta. Se você quer uma prostituta, passe de carro pelo Hollywood Boulevard e acene com uma nota de vinte.

A cor de suas sardas ficou ainda mais intensa e a pele ao redor delas adquiriu um tom rosado. Ele deu uma risada intensa.

— Isso é bom, me agrada muito. Muito bem, você é quem procuro. Porque a angústia mental do meu cliente é tão evidente que até você vai perceber. E ter alguém como você para depor será ainda mais valioso. Um consultor da polícia.

Ele estendeu a mão e trocamos um aperto. Algumas das mulheres na fila observavam, e pude apenas imaginar o que pensavam.

— Vamos ver Reed — acrescentou. — E não se preocupe, ele não pode machucá-lo.

— Terapia — disse Muscadine, sorrindo e sacudindo os cabelos compridos. — Um luxo e tanto para um ator faminto.

— Nunca fez terapia? — perguntei.

— Apenas os exercícios a que nos submetem no curso de artes cênicas. Mas provavelmente deveria ter feito.

— Por quê?

— Meus óbvios problemas emocionais. E você veio aqui para determinar

isso, não é mesmo?

— Quero saber o máximo possível a seu respeito, Reed.

— Isso é bastante lisonjeiro.

Ele tornou a sorrir e sacudir os cabelos. Não estava de uniforme — usava camiseta preta e jeans —, mas estava do outro lado do vidro. Alguns dias de prisão não haviam prejudicado sua aparência, e os músculos continuavam volumosos e bem-definidos. Devia estar fazendo flexões na cela. E era grande o suficiente para se defender.

O guarda no canto da sala de visitas virou-se para nós. Muscadine sorriu para ele também, e o guarda lhe deu as costas.

— Como o estão tratando? — perguntei.

— Nada mau, até agora. E verdade que sou um prisioneiro-modelo. Não há motivo para não ser... Devo falar sobre minha mãe? Ela era mesmo incrível.

— Mais tarde. Primeiro me fale de seu amor por animais.

O sorriso abandonou seu rosto, mas voltou no instante seguinte, um pouco mais tenso.

Eu podia até ouvir um diretor gritar: "Solte esse sentimento, Reed!"

— Os animais me amam — disse ele, cruzando as pernas.

— Sei disso. E perguntei porque notei, no dia em que o visitei, que se dava muito bem com o mastim de Mrs. Green.

— Samantha e eu somos bons amigos.

— Mrs. Green disse que Samantha é muito protetora com ela.

— É verdade.

— Mas não com relação a você.

— Eu morava ali. Pertencia àquele local. Mas você está certo. Tenho uma afinidade especial com animais. Provavelmente porque sentem que fico à vontade com eles.

— Teve muitos bichos quando era criança?

— Não. Mamãe.

— Ela não deixava você ter nenhum?

Ele balançou a cabeça, em negativa.

— Nunca. — Um sorriso/rosnado de dentes brancos. — Mamãe era uma mulher extremamente asseada.

— E depois você saiu de casa... quantos anos tinha, por falar nisso?

— Dezoito. Quando fui para a universidade.

— E voltou para casa?

— Nunca. Eu...

— Nem teve animais de estimação quando morava sozinho?

— Não podia. Os lugares que eu alugava não permitiam. E meu trabalho

impedia.

— Contabilidade.

Ele confirmou com a cabeça.

— O velho expediente das nove às cinco. Não era justo deixar um animal sozinho o dia inteiro. Quando voltei a estudar, no curso de artes cênicas, havia o mesmo problema. Trabalhei por algum tempo como cavalariço.

— É mesmo?

— Apenas por alguns meses. Uma das muitas coisas que tive de fazer para poder me dedicar ao meu ofício.

— Ator faminto.

— Sei que sou um clichê, mas o que posso fazer?

— Acho que eu também sou. Analista de Los Angeles.

Ele riu.

— Trabalhar como cavalariço deve ter aumentado bastante sua habilidade com animais — comentei.

— Claro que sim. Aprende-se como tocar neles, como falar com eles. Com animais, noventa e nove por cento da comunicação é não-verbal. Você se sente bem com você mesmo, os animais se sentem bem em relação a você. E trabalhando com eles você aprende a interpretá-los.

— A saber quais são hostis, quais são amigáveis?

— Exatamente.

— Não-verbal... Interessante. A rottweiler de Hope Devane foi fácil de interpretar?

Ele baixou os olhos para seus pés. Empurrou os cabelos para trás.

— Vamos entrar direto nisso?

— Alguma razão para não entrarmos?

— Não sei — respondeu. — Oster diz que devo falar abertamente com você, mas ele é apenas um defensor público.

— Não confia na capacidade dele?

— Ele me parece ótimo, mas...

— Não confia nele?

— Claro que confio. Bem longe. — Outro sorriso de dentes brancos. — Um pouco mais do que eu confiaria na maioria dos advogados... para ser franco, ele é mais esperto do que eu esperava de um funcionário público. E qual minha opção? Sou um ator faminto.

Fiz algumas anotações, tornei a fitá-lo.

— A rottweiler... — retomei. — Como cuidou dela... era uma cadela; não é mesmo?

— E põe cadela nisso. — Sorriso. — Dei um pouco de carne misturada com

calmante.

— Pelo portão? E ela aceitou de você?

— Sem nenhum problema — respondeu. — com uma facilidade espantosa. Porque eu já havia passado de carro e a pé em frente à casa quando ela estava solta no jardim, e ela latiu muito. Mas deve ter farejado a carne, porque ficou quieta no instante em que comecei a atravessar o gramado. E quando cheguei ao portão já estava sentada, com a língua de fora. Comeu tudo.

— Isso aconteceu durante o dia ou à noite?

— À noite. Talvez oito horas.

— Na noite em que a professora Devane foi morta?

Use a voz passiva, mantenha-o descontraído...

Ele confirmou com a cabeça. — Havia alguém em casa? — perguntei.

— Os dois. — Um sorriso largo. — Foi a beleza da situação. A rua muito escura, aquelas árvores enormes, ninguém passando por ali. Encostei a bicicleta na árvore, atravessei o gramado, dei a carne à cadela e fui embora.

Um longo silêncio. Por fim, ele falou: — Fácil, não? Concordei com a cabeça.

— Voltou mais tarde?

— Voltei.

— Quando?

— Por volta das dez. — Porque era a hora em que ela fazia sua caminhada noturna.

O sorriso desapareceu.

— Ela caminhava das dez e meia às onze e meia. O mesmo percurso, com training preto numa noite, cinza na outra. Preto, cinza, preto, cinza. Como uma máquina. Eu não sabia se ela faria a caminhada sem a cadela ou se desistiria. Mas ela saiu... Isso lhe diz o tipo de pessoa que ela era? A pobre cadela vomitando as tripas, e ela mantém sua rotina. Se ela mudasse sua programação, quem sabe, talvez eu nunca tivesse feito nada.

— É mesmo?

Ele me olhou fixamente. Abriu um sorriso ainda mais largo.

— Não. Acabaria acontecendo, mais cedo ou mais tarde.

— Constava do roteiro, hein?

Ele tornou a olhar para os pés.

— E uma boa maneira de expressar os fatos.

— Se não se importa, Reed, vamos voltar um pouco atrás.

— A quê?

— Mandy Wright.

— Mandy quem?

Sorri, cruzei as pernas.

— Ela o incomoda? Mais do que Devane?

— Não. — Ele expirou. — O que você quer saber?

— Conte-me o que aconteceu. Como a pegou.

Ele estalou os nós dos dedos alto o bastante para o guarda se virar. Jogou os cabelos para trás, penteou-os com os dedos, deixou-os cair sobre o rosto bonito e tornou a jogá-los para trás.

O guarda virou-se de novo, franziu as sobrancelhas, voltou a olhar para a parede.

— Porra...

— Ainda é difícil falar a respeito.

— É, sim... você acertou em cheio. A questão básica é a armação. A porra da audiência do comitê.

— O exame de sangue.

— Exatamente. Devane me odiava por algum motivo, deve ter decidido naquele momento que eu era o escolhido. Incrível, não acha? Como um sonho horrível... durante meses vivi um pesadelo.

— Conte-me tudo. —

— O pesadelo?

— Tudo. Começando por Mandy.

— Mandy... Mandy, a desgraçada. Ela me disse que se chamava Desirée.

— Já a conhecia antes de se encontrarem no Club None?

— Não, mas eu conhecia centenas como elas.

— Como assim?

— Mulheres de Los Angeles. Como aquela canção do Doors.

— Ela o pegou?

— Agora que penso nisso, acho que sim. Na ocasião, pensei que eu a estivesse pegando.

— Onde?

— Club None.

— Ia lá com frequência?

— Cerca de uma vez por semana. Estava fazendo um curso de representação em Brentwood, à noite, e costumava voltar para casa pela Sunset. Às vezes parava ali e tomava uma cerveja. Deviam estar me vigiando, me espreitando.

Ele começou a chorar, cobriu o rosto. — Merda — murmurou, entre os dedos enormes. — Ser uma presa.... a violação.

— Terrível.

— Revoltante.

Ele levantou os olhos.

Meneei a cabeça.

— A degradação... — falou. — Eles me diminuíram. Eu não trataria assim nem um cachorro.

Esperei um pouco para que ele recuperasse o controle.

— Portanto, foi ao Club None... viu Mandy... Desirée... e...

— Ela estava no bar, trocamos olhares, ela sorriu, inclinou-se, mostrou os peitos... peitos lindos. Fui sentar ao seu lado, começamos a conversar, passamos para uma mesa. Paguei-lhe um drinque, tomei outra cerveja. Depois ela pôs a mão em meu joelho, pediu para irmos até o apartamento dela. — Um sorriso. — Já tinha me acontecido antes.

— Foi para o apartamento dela?

— Nunca chegamos lá. Ela deve ter posto alguma coisa em minha cerveja, porque a última coisa de que me lembro foi que entramos em meu carro e depois... Meu Deus, ainda não consigo acreditar que me foderam daquele jeito!

Os ombros largos tremiam. Uma encenação? Talvez sim, talvez não.

— E depois o que, Reed?

— Depois acordei num beco a um quarteirão de minha casa, com uma tremenda dor nas costas e sentindo o fedor de lixo.

25

— A que horas?

— Por volta das quatro da manhã. Ainda estava escuro. Podia ouvir os ratos, sentir o fedor de lixo... eles me largaram ali como lixo!

Balancei a cabeça de um lado para o outro. — Inacreditável.

— Kafkiano. Tentei me levantar, não consegui. As costas doíam demais. Uma dor constante, latejante, logo acima do ilíaco. E sentia o corpo tenso, muito tenso, como se tivesse sido espremido. Estendi a mão para trás, toquei em alguma coisa... gaze. Eles me enfaixaram. Como uma múmia. E depois meu braço começou a latejar também, consegui levantar a manga e vi uma marca roxa... uma picada de injeção.

Ele tocou na parte interna do cotovelo.

— A princípio pensei que alguém havia me dopado... me dado alguma droga, embora não pudesse imaginar o motivo. Mais tarde compreendi que era anestesia. Estava tonto, nauseado, comecei a vomitar e não parava mais. Finalmente consegui me levantar, cheguei ao meu apartamento não sei como e caí na cama. Dormi o dia inteiro. Quando acordei, ainda vivia um pesadelo, a dor era insuportável e percebi que tinha febre. Fui a uma clínica pública, o médico tirou a bandagem e fez uma cara estranha. Do tipo como você pode andar por aí desse jeito? Então ele me disse: você foi operado. Não se lembra? Comecei a ficar nervoso, ele pegou um espelho para me mostrar os pontos. Como a porra de uma bola de futebol americano.

Ele mexeu mais um pouco nos cabelos, esfregou os olhos, balançou a cabeça.

— Porra, cara, foi como... você não faz ideia. Não imagina, a violação. Fritz Lang, Hitchcock. Aquele médico hippie me dizendo que eu tinha passado por uma cirurgia, e eu insistindo que não era possível. Ele deve ter pensado que eu era maluco.

— Hitchcock — murmurei.

— A trama clássica: inocente apanhado na armadilha. Só que o ator não foi avisado. Teve de improvisar.

— Horrível...

— Mais do que horror... um filme sangrento. E depois comecei a me lembrar das coisas. Desirée... Mandy. Nós dois entrando em meu carro, ela se inclinando para mim, me beijando. Enfiando a língua na minha boca. E então tudo ficou escuro, apaguei por completo.

Ele cobriu o rosto com a palma da mão.

— O médico da clínica dizendo que eu devia me acalmar, que estava com febre, era melhor ir para um hospital.

— O médico disse que tipo de operação você havia sofrido?

— Ele me perguntou se eu tinha problema de rim. Quando eu disse não, do que está falando, ele tirou uma radiografia. E me disse. Foi quando me falou que eu deveria ir para o hospital.

— E você foi?

— De que jeito? Não tenho plano de saúde.

— E os hospitais públicos do condado?

— De jeito nenhum. Esse tipo de lugar é um zoológico... e eu não queria mais nenhuma documentação. Não queria ir para lugar nenhum, porque já estava pensando.

— Em se vingar?

— Em recuperar o amor-próprio. Era só Desirée... Mandy... àquela altura. Mas eu sabia que ela tinha sido apenas a isca.

— Desconfiava da professora Devane?

— Não, ainda não. Não desconfiava de ninguém. Mas tinha certeza de que ia descobrir.

— O que você fez?

— Peguei uma receita para analgésicos e antibióticos na clínica e voltei para casa.

— Não ficou preocupado com a possibilidade de o médico comunicar o fato às autoridades?

— Ele disse que não faria isso. As pessoas daquele lugar são discretas.

— Então você voltou para casa, a fim de se recuperar. Dizendo a Mrs. Green que era apenas uma lesão nas costas. E os pontos?

Ele estremeceu. — Eu mesmo os tirei.

— Deve ter sido difícil.

— Eu me enchi de analgésicos, esfreguei Neosporin e usei um espelho. Doeu muito, mas eu não queria que mais ninguém soubesse.

— Quer dizer que não procurou outro médico?

— Nunca. Deveria, porque a cicatriz ficou horrível... virou queloide. Um dia, quando eu tiver condições, farei uma plástica.

Escrevi mais algumas coisas.

— Ainda é duro falar a respeito — comentou ele.

— Posso imaginar.

— Oster me perguntou se eu fiquei angustiado. Tive de me controlar para não rir na cara dele.

— Imagino... Não é mesmo a melhor descrição. Mas vamos seguir adiante. Como descobriu Mandy?

— Algumas semanas mais tarde... quando pude andar de novo... voltei ao Club None e encontrei a garçonete que tinha nos servido.

Ele pôs as mãos na nuca, flexionando o pescoço para os lados, para trás e para a frente.

— Meu pescoço está duro. Faço alongamento todas as manhãs, mas deve haver umidade nas paredes.

— E um prédio velho — comentei. — Portanto, você encontrou a garçonete. E depois?

Ele baixou as mãos, chegou mais perto do vidro. Sorriu. Tornou a se espreguiçar.

— Esperei até que ela deixasse o serviço. Ela estacionara o carro lá atrás... no beco... justiça poética, hein? Eu me tornara um típico gato dos becos. Miau, miau.

Ele arranhou a divisória de vidro. O guarda virou-se, olhou para o relógio na parede e avisou: — Mais vinte minutos.

— Então ela foi para o beco depois que saiu do trabalho — falei.

— E lá estava eu, esperando. — Um sorriso. — Ser o caçador é muito melhor do que ser a presa... Coloquei a mão em sua boca, um joelho na base da coluna, fazendo-a perder o equilíbrio, torci seu braço para trás... uma chave de braço. Arrastei-a para trás de uma caçamba de lixo e disse: vou tirar a mão de sua boca, meu bem, mas se você gritar eu vou matá-la. Ela começou a respirar forte... pânico. Eu falei: não faça barulho ou corto a porra da sua garganta. Embora eu não tivesse uma faca nem nenhuma outra coisa. Depois eu disse: tudo o que eu quero é uma informação sobre a garota que encontrei aqui há algumas semanas. Desirée. E ela respondeu que não conhecia nenhuma Desirée. E eu falei: talvez não seja esse o nome, mas você se lembra dela... e se lembra de mim. Porque eu tinha deixado uma boa gorjeta. Sempre deixo, pois também trabalho como garçom e sei como é. Ela ainda tentou negar, e eu disse: vou refrescar sua memória. A garota usava um vestido branco muito justo, tinha tomado um Manhattan, enquanto eu bebia um Sam Adams. Porque sei, com a minha prática de garçom, que às vezes é da bebida que você lembra, não da pessoa. Ela disse que se lembrava da garota, mas não a conhecia. Então torci seu braço mais um pouco, tapei sua boca e o nariz, deixando-a sem ar. Ela começou a sufocar, tirei a mão, e disse: vamos, meu bem, não deve sofrer pela tal garota. Porque eu reparara na maneira como ela e Mandy haviam se tratado... amigavelmente, tinha certeza de que já se conheciam.

Ela chorou, procurou ganhar tempo, ficou sufocada mais um pouco, acabou

me dizendo que o verdadeiro nome da garota era Mandy, era de Las Vegas, e que isso era tudo o que sabia, ela jurava. Torci o braço quase a ponto de quebrar, mas ela apenas choramingou e disse: por favor, acredite em mim, isso é tudo o que eu sei. Aí eu agradeci coloquei a mão em torno de sua garganta e apertei.

— Porque ela era uma testemunha.

— Por isso e porque ela tinha participado da trama. Todo o Clube None tinha. Eu devia ter voltado lá e explodido a porra do prédio. Talvez ainda fizesse isso.

— Se?

— Se não estivesse aqui.

O guarda tornou a consultar o relógio.

— Mandy de Las Vegas — murmurei. — Então você foi até lá.

— Tinha tempo de sobra. Havia largado o curso para pegar o papel em Embassy Row, mas acabei perdendo-o.

— Por causa da cicatriz.

— E só por isso. Antes de verem, eles me adoraram. Era TV a cabo e o cachê não era grande coisa, mas para mim seria uma fortuna. Já estava pensando em me mudar, talvez alugar algum imóvel perto da praia.

Ele fechou a boca, apertando-a.

— Então foi para Las Vegas — comentei de novo. — Como chegou lá?

— Peguei o ônibus. Fui de cassino em cassino. Calculei que uma prostituta tão bonita deveria trabalhar num deles. E estava certo... Sabe de uma coisa: Isso foi o mais espantoso em tudo.

— Isso o quê?

— A facilidade.

— De encontrar as pessoas?

— De encontrar e... cuidar delas. Nunca antes havia sequer chegado perto de fazer algo assim com uma pessoa, até cuidar da garçonete naquele beco. — Ele estalou os dedos. — Já tive papéis mais difíceis para representar.

— Mandy também foi fácil?

— Mais fácil ainda. Porque eu tinha mais motivação. E ela facilitou. Circulando numa Ferrari conversível. Gostava de ostentar, ainda por cima. Observei-a parar num cassino, dar uma boa gorjeta ao manobrista... Miss Importante. Segui-a por dois dias, descobri onde morava, esperei até que chegasse em casa sozinha e a surpreendi.

— Da mesma maneira? A mão tapando a boca, o joelho nas costas?

— Por que estragar uma coisa boa? Ela foi bastante estúpida para deixar a chave do lado de fora, por isso entrei direto no apartamento. A princípio ela se mostrou meio atordoada... droga ou alguma coisa parecida. Provavelmente coca,

porque tinha o nariz um pouco irritado. Encostei a faca em sua garganta e disse que a cortaria como se fosse manteiga se desse um pio...

— Desta vez levou uma faca.

— Claro.

— Tinha de ser uma faca, não é mesmo?

— Acertou em cheio. — Jogando os cabelos para trás.

— Porque...

— Reciprocidade... sincronicidade. Como aquela canção do tolice. Eles me cortaram, eu corto eles.

— Faz sentido.

— Faz um sentido perfeito. Tudo o que eu tinha de fazer para me lembrar o quanto fazia sentido era tentar encostar as pontas dos dedos nos pés ou fazer um abdominal, e sentir a dor nas costas. Pensar em Embassy Row e no que poderia ter sido.

Seus olhos tornaram-se fendas mínimas. Ele tornou a se inclinar para o vidro e acrescentou: — Dizem que a pessoa só precisa de um rim, que posso viver até os cem anos. Mas ter apenas um me deixa vulnerável. E se eu pegar uma infecção e perder o outro?

— Portanto, era tempo de fazer Mandy se sentir vulnerável.

— Não sentir, ser.

— Ser... — repeti. — E depois?

— Ela se mijou toda... Miss Profissional Durona. Amarrei-a com uma corda elástica que eu levara, iniciei o interrogatório. Ela alegou que sabia apenas que uma professora de psicologia da universidade a contratara para me atrair, despejar um sonífero em minha bebida. Que ela nunca soubera por quê. Como se isso desculpasse tudo. Perguntei que professora, e ela tentou esconder. Tapei sua boca e apertei o nariz, como fizera com a garçonete, e ela deu o nome. Que eu já sabia, que outra professora de psicologia me odiava?

— Ela contou como conhecia Devane?

— Contou. Disse que Devane já a tinha contratado antes.

— Para sexo?

— Jogos, como ela chamou. Disse que Hope gostava daquelas coisas de malucos... sadomasoquismo. Vira-a dançar em algum lugar de San Francisco e a procurara depois... coisa de louco, não é? Uma psicóloga com desvios.

— E depois?

— Depois eu a desamarrei e disse, obrigado por ser franca comigo, meu bem. Para desarmá-la psicologicamente. Levei-a para fora, na frente da casa, disse que ia deixá-la em paz se prometesse ficar de boca fechada. Ela ficou tão aliviada que até me agradeceu, tentou me beijar, mostrando a língua. Isso me

lembrou da maneira como ela me beijara em meu carro, pouco antes das luzes apagarem. Não havia ninguém na rua, por isso peguei sua mão, mantive-a imóvel, para que não pudesse me tocar. E depois meti a faca.

— Onde?

— Primeiro no coração, porque haviam partido meu coração ao saquearem meu corpo, roubando todo o meu futuro. Depois na boceta, porque foi o que ela usou para me atrair. E depois joguei-a no chão, virei-a e dei uma punhalada nas costas. Como ela fizera comigo. Logo acima do rim.

Ele estendeu a mão para trás e estremeceu.

— Nunca soube antes onde ficava o rim.

— Ainda dói?

— Sentar é doloroso. Quanto tempo ainda temos?

— Dez minutos. Portanto, depois que você descobriu o nome de Hope, por Mandy, era tempo de cuidar dela também.

— Claro.

— E usou o mesmo padrão. Coração, vagina, costas.

— Isso mesmo. A única diferença foi que Hope tentou lutar. Não que isso a ajudasse, mas me attapalhou. Eu queria lhe arrancar o nome da porra do médico, mas tive medo que ela conseguisse se desvencilhar e gritar. Por isso, tratei de liquidá-la logo de uma vez.

— Quando descobriu o nome do médico?

— Só na semana passada, quando aquele garoto o atacou e o noticiário disse que ele conhecia Devane. Uma luz acendeu. Dois mais dois. Passei a vigiá-lo também, e tive uma bonificação. O punk.

— Casey Locking.

— Meu outro juiz. Nunca tive certeza se ele também fazia parte do plano, mas desconfiei porque vivia puxando o saco de Devane. Depois que eu soube, ele virou história. Peguei sua ficha no departamento de psicologia, descobri onde ele morava. Já conhecia o endereço de Cruvic, porque eu o vira ali com o punk... aquela casa na Mulholland. Comecei a vigiar Locking.

— Deixando Cruvic para o final.

— Isso mesmo.

— Fale-me sobre Locking.

— Outro fácil... é tão fácil.

— Provavelmente é mais difícil representar.

— Com toda certeza... Onde eu estava?

— Locking.

— Ah, sim, Locking. Segui-o até sua casa, entrei, atirei nele.

— Por que uma pistola e não uma faca?

— Três razões — disse ele, satisfeito por responder. — A) Sei que a polícia se interessa pelo modus operandi e não queria que ficasse óbvio que a mesma pessoa matara ele e as mulheres. B) Punhaladas eram para as mulheres, não pareciam certas para ele. C) Eu já me livrara da faca.

— Onde?

— Joguei-a do píer de Santa Monica.

— Poderia ter comprado outra.

— Ei, já esqueceu? — disse ele. — Ator faminto.

— O que me diz das fotos emoldurando o corpo de Locking?

— Outra bonificação. Mostrar ao mundo como ela era... como todos eram. Dá para acreditar? Repulsivo!

— Qual era o seu plano para pegar Cruvic?

— Ele e o sacana usando meu rim. Acabaria descobrindo tudo, mais cedo ou mais tarde. E também faria uma pequena cirurgia, para pegar de volta o que era meu.

O guarda avisou: — Dois minutos.

Muscadine disse silenciosamente Vá se foder! para as costas do guarda, depois sorriu para mim.

— Como fomos?

— Muito bem. Aprecio sua franqueza.

— Ora, é a única maneira. Dizer a verdade. E é bom finalmente descarregar.

Oster esperava junto à porta principal da prisão. A fila ainda era comprida.

— E então? — indagou ele.

— Então o quê?

— Eu o instruí a cooperar.

— Foi o que ele fez.

— O que você achou?

— Terrível.

— Tem toda razão. Acha que se ajusta?

— Ajusta a quê?

— Intensa angústia mental.

— Claro que sim. — Sacudi a cabeça. — Não há escassez de angústia.

— Ótimo! exclamou ele. — Não podia ser melhor. Conversaremos mais tarde.

Oster se afastou apressado para entrar na cadeia.

Em vez de voltar para casa, fui até um restaurante na Sixth Street, onde pedi o almoço: uma salada Caesar, T-bone steak ao ponto para malpassado, batatas fritas, creme de espinafre, o melhor borgonha em copo da casa.

Enquanto esperava a comida, tirei um bloco da pasta.

Tomei um gole do vinho e comecei a escrever:
AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA REED MUSCADINE
PRESO 464555532
EXAMINADOR: ALEXANDER DELAWARE, PhD
Escrevi por um longo tempo.

FIM